

Julia
QUINN

A Soma de Todos os Beijos



Star Books Digital

J. M. M. M.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

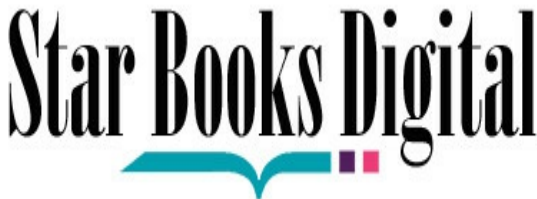


Créditos

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização



Dedicatória

Este é para mim.

E também para Paul.

Mas, principalmente para mim.

Prólogo



Londres

Muito tarde da noite.

Primavera de 1821

— Jogar Piquet favorece aqueles com uma boa memória. — O Conde de Chatteris disse, para ninguém em particular.

Lorde Hugh Prentice não o ouviu; estava muito longe, na mesa perto da janela e de forma muito relevante, um pouco bêbado. Mas Hugh ouviu a observação de Chatteris, e se não estivesse bêbado, teria pensado:

É por isso que jogo Piquet.

Ele não teria dito isso em voz alta. Hugh nunca foi o tipo de falar apenas com o propósito de ouvir sua própria voz. Mas teria pensado isso. E sua expressão teria mudado. Um dos cantos de seus lábios dele teria se contorcido, e sua sobrelanceira direita poderia ter se arqueado, apenas a simples sugestão de um movimento, mas ainda assim, o suficiente para um observador atento achá-lo presunçoso.

Embora a verdade fosse que a Sociedade Londrina era completamente desprovida de observadores cuidadosos.

Com exceção de Hugh.

Hugh Prentice percebia tudo. E se lembrava de tudo, também. Poderia se quisesse recitar Romeu e Julieta, palavra por palavra. Hamlet, também. Julio Cesar não poderia, mas apenas porque nunca teve tempo para lê-lo.

Era um talento raro o suficiente para que Hugh fosse acusado de trapaça seis vezes durante os dois primeiros meses em Eton. Logo percebeu que sua vida seria infinitamente mais fácil se propositalmente errasse uma ou duas questões nas suas provas. Não que se importasse muito com as acusações de trapaça, ele sabia que não trapaceava e não se importava com o que pensavam sobre isso, mas era incômodo, ser arrastado diante de seus professores e forçado a ficar ali e regurgitar as informações até terem certeza e sua inocência.

Aonde sua memória ajudava mesmo, no entanto, era nas cartas. Como o filho mais novo do Marquês de Ramsgate, Hugh sabia que não iria herdar praticamente nada. Era esperado que os filhos mais novos se juntassem ao exército, ao clero ou as filas dos caçadores de fortuna. Mas como Hugh não tinha disposição para qualquer uma dessas atividades, teria que encontrar outros meios de sustento. E o jogo era tão fácil quando se tinha a capacidade de recordar cada carta jogada, em ordem, a noite inteira.

O que ficou difícil foi encontrar cavalheiros dispostos a jogar, a habilidade notável de Hugh no Piquet tornou-se uma espécie de lenda, mas se os jovens estivessem bêbados o suficiente sempre tentava uma rodada. Todos queriam ser o homem a vencer Hugh Prentice nas cartas.

O problema era que, esta noite, Hugh também estava bêbado. Não era uma ocorrência comum. Nunca esteve confortável com a perda de controle que fluía de uma garrafa de vinho. Mas saiu de casa com os amigos e foram a uma taberna cara, onde as canecas eram grandes, tinha uma multidão e mulheres de notáveis seios fartos.

No momento em que chegou ao clube e pegou um baralho de cartas, Daniel Smythe-Smith, que recentemente recebeu o título de Conde de Winstead, era o melhor com o copo neste momento. Estava oferecendo descrições vívidas da dama com quem tinha acabado de copular, Charles Dunwoody estava prometendo voltar para a taberna para melhorar o desempenho de Daniel e até mesmo Marcus Holroyd, o jovem Conde de Chatteris, que sempre foi um pouco mais sério do que os outros estavam rindo tanto que quase derrubou a cadeira.

Hugh preferia a sua garçonete à de Daniel, um pouco menos carnuda; um pouco mais ágil, mas ele apenas sorriu quando foi pressionado com os detalhes. Lembrava-se de cada centímetro dela, claro, mas jamais a beijou e lhe disse que não o faria.

— Vou vencer você desta vez, Prentice! — Daniel vangloriou-se. Ele se inclinou de forma descuidada contra a mesa, seu sorriso quase cegando o resto deles. Sempre era o encantador do grupo.

— Pelo amor de Deus, Daniel. — Marcus gemeu. — De novo não.

— Não, não, eu posso. — Daniel balançou um dedo no ar, rindo quando o movimento o fez perder o equilíbrio. — Posso fazer isso desta vez.

— Ele pode! — Charles Dunwoody, exclamou. — Eu sei que pode!

Ninguém se preocupou em comentar. Mesmo sóbrio Charles Dunwoody parecia saber que muitas coisas eram falsas.

— Não, não, eu posso. — Daniel insistiu. — Porque você... — Ele apontou um dedo na direção de Hugh —... bebeu muito.

— Não tanto quanto você. — Salientou Marcus, mas soluçou quando disse isso.

— Eu contei. — Daniel disse triunfalmente. — Ele bebeu mais.

— Eu bebi mais. — Dunwoody vangloriou-se.

— Então você definitivamente deve jogar. — Disse Daniel.

Uma partida chamou a atenção e vinho foi servido, e todo mundo estava se divertindo até que...

Daniel ganhou.

Hugh piscou, olhando para as cartas na mesa.

— Eu ganhei! — Disse Daniel, com uma admiração nada desprezível. — Viu?

Hugh percorreu o baralho em sua mente, ignorando o fato de que algumas das cartas estavam atipicamente nebulosa.

— Ganhei! — Daniel disse novamente, desta vez para Marcus, seu amigo de longa data mais próximo.

— Não. — Disse Hugh, principalmente para si mesmo. Não era possível. Não era possível. Ele nunca perdeu um jogo. Durante a noite, quando estava tentando dormir, quando tentava não ouvir, sua mente poderia lembrar de todas as cartas que ele jogou naquele dia. Nessa semana, mesmo.

— Não sei como fiz isso. — Disse Daniel. — Era o Rei, mas em seguida foi um Sete e eu...

— Foi um Ás. — Hugh explodiu incapaz de ouvir outro momento de sua idiotice.

— Hummm! — Daniel piscou. — Talvez fosse.

— Deus! — Gritou o Hugh. — Alguém o faça se calar.

Precisava de silêncio. Precisava se concentrar e se lembrar das cartas. Se pudesse fazer isso, tudo terminaria logo. Era como quando chegava em casa tarde com Freddie e seu pai já estava esperando com...

Não, não... não. Isso era algo diferente. Eram cartas. Piquet. Ele nunca perdeu. Era a única coisa, a única coisa com que podia contar.

Dunwoody coçou a cabeça e olhou para as cartas, contando em voz alta. — Eu acho que ele...

— Winstead, maldito trapaceiro! — Hugh gritou as palavras que saíram espontaneamente de sua garganta. Não soube de onde veio ou o que o levou a dizer-lhes, mas uma vez que surgiram, encheram o ar, chiando violentamente acima da mesa.

Hugh começou a tremer.

— Não! — Disse Daniel. Apenas isso. Não era só isso, tinha uma mão trêmula e uma expressão confusa. Perplexo, como...

Mas Hugh não pensou nisso. Não conseguia pensar, em vez disso, ficou de pé, derrubando a mesa, enquanto se agarrava a única coisa que sabia que era verdade, que era que nunca perdia um jogo de cartas.

— Não trapaceio! — Disse Daniel, piscando rapidamente. Ele virou-se para Marcus. — Eu não sou desleal.

Mas ele tinha que ter trapaceado. Hugh manejou as cartas em sua mente outra vez, ignorando o fato de que o Valete de Paus dominaria o naipe atual, e ele estava perseguindo um Dez. E bebia um vinho em uma taça muito parecida com

a que estava quebrada a seus pés...

Hugh começou a gritar. Não tinha ideia do que estava dizendo, só que Daniel o enganou e a Rainha de Copas tropeçou e que 42 vezes 306 sempre foi 12.852, não que tivesse alguma noção do que isso tinha a ver com alguma coisa, mas havia vinho no chão agora e as cartas estavam por todos os lados, e Daniel estava lá, balançando a cabeça e dizendo:

— O que ele está falando?

— Não tem como ter conseguido um Ás. — Hugh sibilou. O Ás foi depois do Valete, que saiu junto ao Dez...

— Mas eu consegui. — Disse Daniel com um encolher de ombros. E um arrote.

— Não! — Hugh rebateu, tropeçando atrás em desequilíbrio. — Conheço todas as cartas do baralho.

Daniel olhou para as cartas. Hugh o fez também, para a Rainha de Ouros, Madeira [11](#) pingando no pescoço dela como sangue.

— Notável! — Murmurou Daniel. Olhou para Hugh. — Eu ganhei.

Gostei disso.

Estava zombando dele? Daniel Smythe-Smith, o oh, tão venerável. — Quero uma revanche. — Hugh grunhiu.

A cabeça de Daniel ergueu-se com surpresa.

— O quê?

— Nomeie seus padrinhos.

— Você está me desafiando para um duelo? — Daniel virou-se incrédulo para Marcus. — Acho que ele está me desafiando para um duelo.

— Daniel cale-se! — Marcus disse e de repente parecia muito mais sóbrio do que o resto deles.

Mas Daniel acenou-lhe e, em seguida, disse. — Hugh, não seja um idiota.

Hugh não pensou. E se lançou. Daniel saltou para o lado, mas não rápido o suficiente e os dois homens caíram. Um das pernas da mesa prensou no quadril de Hugo, mas ele mal sentiu. E bateu em Daniel, uma, duas, três, quatro até que

dois pares de mãos o puxaram para trás, para cima e fora, apenas segurando-o enquanto cuspiu sangue.

— Você é um maldito trapaceiro!

Porque ele sabia disso. E Winstead zombou dele.

— Você é um idiota! — Respondeu Daniel, tirando o sangue de seu rosto.

— Terei minha vingança!

— Oh, não, você não terá. — Daniel sibilou. — Eu terei a minha.

— No Vale Verde? — Hugh disse friamente.

— Ao amanhecer.

Houve um completo silêncio enquanto todos esperavam que qualquer um dos homens voltasse à razão.

Mas eles não o fizeram. Claro que não.

Hugh sorriu. Não podia imaginar porque tinha alguma coisa para sorrir, mas o sentiu se esgueirando ao longo de seu rosto, no entanto. E quando olhou para Daniel Smythe-Smith, viu o rosto de outro homem.

— Que assim seja.



—Você não precisa fazer isso. — Disse Charles Dunwoody, fazendo uma careta, enquanto terminava sua inspeção na arma de Hugh.

Hugh não se preocupou em responder. Sua cabeça doía demais.

— Quero dizer, acredito que estava trapaceando. Tinha que estar, porque, bem, era você, e você sempre ganha. Não sei como consegue isso, mas o faz.

Hugh mal moveu a cabeça, mas os olhos dele fizeram um arco lento em direção ao rosto de Dunwoody. Estaria Dunwoody acusando-o de trapacear agora?

— Acho que é a matemática. — Dunwoody continuou alheio à expressão

sarcástica de Hugh. — Você sempre foi assustadoramente bom nisso...

Agradável. Sempre tão agradável para ser chamado de aberração.

— ... eu sei que você nunca trapaceou em matemática. Deus sabe que nós o questionamos bastante na escola. — Dunwoody olhou para cima com a testa franzida. — Como você faz isso?

Hugh olhou fixamente. — Você está me perguntando agora?

— Oh! Não, claro que não. — Dunwoody limpou a garganta e recuou em um passo. Marcus Holroyd se dirigia para eles, presumivelmente na tentativa de pôr fim ao duelo. Hugh observou como as botas de Marcus tocavam a grama úmida. Seu passo esquerdo era mais largo que o direito, embora não muito. Provavelmente levaria mais de quinze passos para alcançá-los, dezesseis se estivesse mal humorado e procurando pará-los.

Mas este era Marcus. Ele pararia no décimo quinto passo.

Marcus e Dunwoody trocaram armas para inspeção. Hugh ficou ao lado do cirurgião, que estava cheio de informações úteis.

— Bem aqui! — Disse o cirurgião, batendo na parte superior de sua coxa. — Já vi isso acontecer. Artéria femoral. Você sangra como um porco.

Hugh não disse nada. Não iria atirar realmente em Daniel. Teve algumas horas para se acalmar, e ainda enquanto estava lívido, não viu nenhuma razão para tentar matá-lo.

— Mas se você apenas quiser algo realmente doloroso. — Continuou o cirurgião. — Não pode errar a mão ou o pé. Os ossos são fáceis de quebrar, e há um inferno de um monte de nervos. Além disso, você não vai matá-lo. E isto está muito longe de qualquer coisa importante.

Hugh era muito bom em ignorar as pessoas, mas mesmo ele não poderia resistir a isso. — A mão não é importante?

O cirurgião rolou a língua sobre os dentes e, em seguida, fez um barulho de sucção, presumivelmente para desalojar algum pedaço rançoso de comida. Ele encolheu os ombros. — Não é o coração.

Ele tinha um ponto. Hugh odiava quando pessoas irritantes tinham pontos válidos. Ainda assim, se o cirurgião tivesse juízo, iria calar o diabo.

— Só não vá para a cabeça. — Disse o cirurgião com um estremecimento.

— Ninguém quer isso, e eu não falo só sobre o pobre coitado que receberá a bala. Haverá cérebros em todos os lugares, rosto em pedaços e aberto. Uma cena do inferno no funeral.

— Esta é sua escolha de médico? — Marcus perguntou.

Hugh virou a cabeça em direção a Dunwoody. — Ele o encontrou.

— Sou um barbeiro. — O médico disse defensivamente.

Marcus balançou a cabeça e caminhou de volta para Daniel.

— Cavalheiros em suas marcas!

Hugh não sabia quem deu a ordem. Alguém que descobriu sobre o duelo e queria se gabar, muito provavelmente. Não havia muitas frases em Londres mais cobiçadas do que esta: *Eu mesmo o presenciei*.

— Apontar!

Hugh levantou o braço e apontou. Oito centímetros à direita do ombro de Daniel.

Um!

Bom Deus esqueceu-se da contagem.

— Dois!

Seu peito se apertou. A contagem. A gritaria. Foi a única vez que os números se tornaram o inimigo. A voz de seu pai, rouca em seu triunfo e Hugh, tentando não ouvir...

— Três!

Hugh recuou.

E puxou o gatilho.

— Yaaaaooooooooowwww!

Hugh olhou para Daniel com surpresa.

— Maldição, você atirou em mim! — Daniel gritou. Ele segurou o ombro, sua camisa branca amarrotada já tingida com vermelho.

—O quê? — Hugh disse para si mesmo. — Não. — Apontou para o lado.

Não muito longe para o lado, mas ele era um bom atirador, um excelente atirador.

— Oh! Cristo. — Murmurou o médico e se lançou pela lateral do campo numa corrida.

— Atirou nele. — Dunwoody engasgou. — Por que fez isso?

Hugh não tinha palavras. Daniel foi ferido, talvez até mesmo mortalmente, e ele fez isso. Fez. Ninguém o forçou. E mesmo agora, quando Daniel levantou seu braço ensanguentado, literalmente ensanguentado...

Hugh gritou quando sentiu a perna ser rasgada em pedaços.

Porque pensou ter ouvido o tiro antes de senti-lo? Sabia como funcionava. Se Sir Isaac Newton estivesse correto, o som viajava a uma velocidade de 298 metros por segundo. Hugh estava cerca de dezoito metros de Daniel, o que significava que a bala teria que viajar...

Ele pensou. E pensou.

Não conseguiu descobrir a resposta.

— Hugh! Hugh! — Veio a voz frenética de Dunwoody. — Hugh, está bem?

Hugh olhou para o rosto borrado de Charles Dunwoody. Se ele estava olhando para cima, então deveria estar no chão. Piscou, tentando definir seu mundo e colocá-lo novamente em foco. Ainda estava bêbado? Bebeu uma incrível quantidade de álcool na noite anterior, tanto antes como depois da briga com Daniel.

Não, ele não estava bêbado. Pelo menos não muito. Foi baleado. Ou pelo menos, achava que foi atingido. Sentia-se como se tivesse levado um tiro, mas não doía tanto assim. Ainda assim, explicava por que estava deitado no chão.

Ele engoliu em seco, tentando respirar. Por que era tão difícil respirar? Não foi baleado na perna? Se tivesse levado um tiro. Ainda não tinha a certeza do que aconteceu.

— Oh, meu Deus. — Veio uma nova voz. Marcus Holroyd, respirando com dificuldade. Seu rosto estava pálido.

— Faça pressão nele! — O médico gritou. — E cuidado com esse osso. Hugh tentou falar.

— Um torniquete. — Alguém disse. — Nós deveríamos fazer um

torniquete?

— Traga a minha maleta! — Gritou o médico.

Hugh tentou falar novamente.

— Não gaste sua energia. — Disse Marcus, pegando na mão dele.

— Mas não durma! — Dunwoody acrescentou freneticamente. — Mantenha os olhos abertos.

— A coxa. — Hugh resmungou.

— O quê?

— Diga ao médico... — Hugh parou ofegante por ar. — A coxa.

Sangra como um porco.

— Do que ele está falando? — Marcus perguntou.

— Eu... eu... — Dunwoody estava tentando dizer algo, mas continuava gaguejando.

— O quê? — Marcus exigiu.

Hugh olhou para Dunwoody. Ele parecia doente.

— Acredito que está tentando fazer uma piada. — Disse Dunwoody.

— Deus. — Marcus disse severamente, se voltando para Hugh com uma expressão que achava difícil de interpretar. — Seu estúpido, ao invés de... uma piada. Você está fazendo uma piada.

— Não chore. — Disse Hugh, porque parecia que ele poderia fazer isso.

— Amarre-o com mais força. — Alguém disse e Hugh sentiu algo puxar sua perna e, em seguida, apertá-la, forte, e em seguida Marcus estava dizendo:

— É melhor que você permaneça deitadoooooooooo...

E isso foi tudo.

Quando Hugh abriu os olhos, estava escuro. E estava em uma cama. Tinha se passado um dia inteiro? Ou mais? O duelo foi ao amanhecer. O céu ainda estava rosa.

— Hugh?

Freddie? O que Freddie estava fazendo ali? Não se lembrava da última vez que seu irmão colocou os pés na casa do pai deles. Hugh quis dizer o nome dele, queria dizer-lhe como estava feliz de vê-lo, mas sua garganta estava incrivelmente seca.

— Não tente falar. — Disse Freddie. Ele se inclinou para frente, sua cabeça loira familiar entrando no arco da luz de velas. Eles sempre foram muito parecidos, mais do que a maioria dos irmãos. Freddie era um pouco mais baixo, era franzino e um pouco mais loiro, mas tinham os mesmos olhos verdes no mesmo rosto anguloso. E o mesmo sorriso.

Quando sorriam.

— Deixe-me pegar um pouco de água. — Freddie disse.

Cuidadosamente, colocou uma colher nos lábios de Hugh, pingando o líquido em sua boca.

— Mais. — Hugh gemeu. Nada havia para engolir. Cada gota apenas molhava sua língua seca.

Freddie deu-lhe mais algumas colheradas e, em seguida, disse. — Vamos esperar um pouco. Não quero dar-lhe muito de uma vez.

Hugh balançou a cabeça. Não sabia o porquê, mas assentiu.

— Dói?

Sim, mas Hugh tinha a estranha sensação de que não estava doendo tanto até Freddie perguntar sobre isso.

— Ainda está aí, você sabe. — Freddie disse, apontando para o pé da cama. — Sua perna.

Claro que estava lá. Doía como o inferno. Onde mais estaria?

— Às vezes os homens sentem dor mesmo depois de perderam um membro. — Freddie disse numa pressa nervosa. — Dor fantasma, é chamado. Li sobre isso, não sei quando. Algum tempo atrás.

Então isso seria provavelmente verdade. A memória de Freddie era quase tão boa quanto a de Hugh, e seu gosto sempre foi com ciências biológicas. Quando eles eram crianças, Freddie praticamente morava do lado de fora, escavando na lama, coletando seus espécimes. Hugh o acompanhara algumas vezes, mas ficava entediado.

Hugh rapidamente descobriu que seu interesse por besouros não aumentava com o número de besouros localizados. O mesmo aconteceu com as rãs.

— Papai está lá em baixo. — Disse Freddie.

Hugh fechou os olhos. Foi o mais próximo que poderia conseguir de um aceno.

— Eu deveria trazê-lo. — Disse sem convicção.

— Não.

Um minuto mais ou menos se passaram, e Freddie disse. — Aqui, tome um pouco mais de água. Você perdeu uma grande quantidade de sangue. Por isso que se sente tão fraco.

Hugh tomou algumas colheradas mais. Doía para engolir.

— Sua perna está quebrada, também. O fêmur. O médico fixou-a, mas disse que o osso está lascado. — Freddie limpou a garganta. — Você vai ficar preso aqui por algum tempo, receio. O fêmur é o maior osso do corpo humano. Vai levar vários meses para se curar.

Freddie estava mentindo. Hugh poderia ouvir na sua voz. O que significava que demoraria muito mais que alguns meses para sarar. Ou talvez não se curasse de todo. Talvez ficasse aleijado.

Isso não seria engraçado.

— Que dia é hoje? — Hugh disse asperamente.

— Você esteve inconsciente por três dias. — Respondeu Freddie, interpretando corretamente a pergunta.

— Três dias. — Hugh ecoou. Bom Deus.

— Cheguei ontem. Corville notificou-me.

Hugh acenou com a cabeça. Imaginou que seu mordomo foi o único a permitir que Freddie fosse avisado que seu irmão tinha quase morrido.

— E Daniel? — Hugh perguntou.

— Lord Winstead? — Freddie engoliu. — Ele se foi.

Os olhos de Hugh se abriram assustados.

— Não, não, não está morto. — Freddie disse rapidamente. — Foi ferido no ombro, mas vai ficar bem. Ele só deixou a Inglaterra. O Papai tentou prendê-lo, mas você não estava morto ainda...

Ainda. Engraçado.

— ... então, bem, não sei o que o papai disse a ele. Ele veio visitá-lo no dia seguinte do acontecido. Eu não estava aqui, mas Corville disse-me que Winstead tentou se desculpar. Papai não aceitou... bem você conhece papai. — Freddie engoliu e limpou a garganta. — Acho que Lord Winstead foi para a França.

— Ele deveria voltar. — Disse Hugh com a voz rouca. Não foi culpa de Daniel. Não foi o único a desafiar para o duelo.

— Sim, bem, você pode falar com papai sobre isso. — Freddie disse desconfortavelmente. — Ele tem falado sobre caçá-lo.

— Na França?

— Não tentei argumentar com ele.

— Não, claro que não. — Quem argumentaria com um louco?

— Pensaram que talvez você morresse. — Freddie explicou.

— Entendo. — E essa foi a parte horrível. Hugh percebeu.

O Marquês de Ramsgate não conseguiu escolher seu herdeiro; a primogenitura o forçaria a dar a Freddie o título, as terras, a fortuna, quase nada estava fixado a sucessão legal. Mas se Lord Ramsgate pudesse escolher, todos sabiam que teria escolhido Hugh.

Freddie tinha vinte e sete anos e ainda não tinha se casado. Hugh mantinha a esperança de que ainda pudesse fazê-lo, mas sabia que mulher nenhuma no mundo atrairia a atenção de Freddie. Ele aceitava isso sobre seu irmão. Não entendia, mas aceitava. Apenas desejava que Freddie compreendesse que poderia ainda se casar e cumprir com seu dever e tirar toda essa maldita pressão de Hugh. Certamente havia muitas mulheres que ficariam encantadas em ter seus maridos fora de suas camas, uma vez que o berçário estivesse suficientemente povoado.

O pai de Hugh, no entanto, ficou tão desgostoso que disse a Freddie para não se incomodar com uma noiva. O título poderia residir com Freddie por alguns anos, mas tanto quanto Lord Ramsgate planejava, deveria acabar com Hugh ou seus filhos.

Não que ele alguma vez pareceu ter por Hugh muita afeição, também.

Lorde Ramsgate não era o único nobre que não via razão para cuidar dos filhos de maneira igual. Hugh seria o melhor para Ramsgate, e, portanto, Hugh era o melhor, ponto final.

Porque todos sabiam que o Marquês amava a Ramsgate, Hugh e Freddie precisamente nessa ordem.

E provavelmente Freddie não tanto.

— Gostaria de láudano? — Freddie perguntou abruptamente. — O médico disse que poderíamos lhe dar algum se você acordasse.

Se. Ainda menos engraçado do que ele.

Hugh acenou e permitiu que seu irmão mais velho o ajudasse em algo que se aproximava a uma posição sentada.

— Deus, isso é horrível. — Disse, entregando o copo de volta para Freddie, assim que bebeu o conteúdo.

Freddie cheirou os resíduos. — Álcool. — Confirmou. — A morfina é dissolvida nele.

— Exatamente o que estou precisando. — Hugh murmurou. — Mais álcool.

— Perdão?

Hugh apenas balançou a cabeça.

— Fico feliz por estar acordado. — Freddie disse num tom que forçou Hugh a perceber que não se sentou novamente depois de servir o láudano. — Vou pedir para Corville contar ao papai. Prefiro não, você sabe, se eu não tiver que...

— É claro. — Disse Hugh. O mundo era um lugar melhor quando Freddie evitava o pai deles. O mundo era um lugar melhor quando Hugh o evitava, mas alguém tinha que interagir com o velho bastardo no momento, e ambos sabiam que tinha que ser ele. Que Freddie estivesse ali, em sua antiga casa em St. James era uma prova de seu amor por Hugh.

— Vejo você amanhã. — Freddie disse, parando na porta.

— Você não precisa. — Disse Hugh.

Freddie engoliu em seco, e desviou o olhar. — Talvez depois de amanhã,

então.

Ou no próximo. Hugh não o culparia se nunca mais voltasse.

Freddie deve ter instruído o mordomo a esperar antes de notificar ao pai deles a alteração da condição de Hugh, porque quase um dia inteiro se passou antes que Lorde Ramsgate vociferasse dentro do quarto.

— Você está acordado! — Ele gritou.

Era notável como isso soava como uma acusação.

— Maldito idiota! — Ramsgate sibilou. — Quase se matou. E para quê? Para quê?

— Estou encantado de vê-lo, também, pai. — Respondeu Hugh. Estava sentado agora, a perna colocada na tala empurrada para frente como um tronco. Estava muito certo de que parecia melhor do que se sentia, mas com o Marquês de Ramsgate, nunca se deveria mostrar fraqueza.

Aprendeu isso desde o início.

Seu pai lançou lhe um olhar de desgosto, mas de qualquer forma ignorou o sarcasmo. — Você poderia ter morrido.

— Entendo.

— Acha isso engraçado? — Explodiu o Marquês.

— Por uma questão de fato. — Hugh respondeu. — Não.

— Sabe o que teria acontecido se você morresse.

Hugh sorriu brandamente. — Já ponderei sobre isso com certeza, mas será que alguém realmente sabe o que acontece depois que morremos?

Deus, como era agradável ver o rosto de seu pai inchar e ficar vermelho. Desde que ele não começasse a cuspir.

— Você leva alguma coisa a sério? — Exigiu o Marquês.

— Levo muitas coisas a sério, mas não isso.

Lorde Ramsgate aprofundou sua respiração, seu corpo inteiro tremeu de raiva. — Ambos sabemos que seu irmão nunca se casará.

— Oh, é do que se trata tudo isso? — Hugh fez sua melhor imitação de

surpresa.

— Eu não tirei Ramsgate desta família!

Hugh seguiu este desabafo com uma pausa perfeitamente cronometrada, então disse. — Ah! Vamos, o primo Robert não é tão ruim. Até o deixaram voltar para Oxford. Bem, na primeira vez.

— É isso então? — Cuspiu o Marquês. — Você está tentando se matar só para me perturbar?

— Imagino que eu possa te aborrecer com muito menos esforço do que isso. E com um resultado muito mais agradável para mim.

— Se você quer se livrar de mim sabe o que tem que fazer. — Disse Lorde Ramsgate.

— Matar você?

— Seu maldito...

— Se soubesse que seria tão fácil, eu mesmo faria...

— Casar-se com uma garota idiota e dar-me um herdeiro! — Rugiu o pai dele.

— Todas as coisas em iguais condições. — Disse Hugh, com devastadora calma. — Eu prefiro que ela não seja tola.

Seu pai tremeu com fúria e um minuto se passou antes que fosse capaz de falar. — Preciso saber que Ramsgate permanecerá na família.

— Nunca disse que não me casaria. — Disse Hugh, embora porque sentiu a necessidade de dizer isto não tinha ideia. — Mas não vou fazê-lo como quer. Além disso, não sou seu herdeiro.

— Frederick..

— Pode ainda casar. — Cortou Hugh, cada sílaba firme e segura.

Mas seu pai apenas bufou indo para a porta.

— Ah, pai. — Hugh o chamou antes que pudesse sair. — Você avisará a família de Lord Winstead que ele pode retornar em segurança à Grã-Bretanha?

— Claro que não. Ele pode apodrecer no inferno por que mim. Ou na França. — O Marquês deu uma risada sinistra. — É quase o mesmo lugar, em

minha opinião.

— Não há nenhuma razão para que ele não possa voltar. — Hugh disse com mais paciência do que pensava ser capaz. — Como nós dois podemos notar, ele não me matou.

— Atirou em você.

— Eu atirei nele primeiro.

— No ombro.

Hugh cerrou os dentes. Discutir com seu pai sempre foi muito cansativo, e ele estava muito atrapalhado com o efeito do láudano. — Foi culpa minha. — Disse.

— Não importa. — Disse o Marquês. — Ele está sobre seus dois pés. Você é um aleijado que não pode sequer ser capaz de conceber filhos agora.

Hugh sentiu seus olhos se abrirem amplamente com alarme. Ele foi baleado na perna. Na perna.

— Não acho que pensou nisso, pensou? — Seu pai provocou. — Essa bala atingiu uma artéria. É um milagre que não sangrasse até a morte. O médico acha que sua perna tem sangue suficiente para sobreviver, mas só Deus sabe quanto ao resto de você. — Ele abriu a porta aberta e lançou sua última declaração por sobre o ombro. — Winstead arruinou a minha vida.

Posso muito bem arruinar a dele.



A extensão total das lesões de Hugh não se tornaria conhecida por vários meses. Seu fêmur foi curado. Um pouco.

Seus músculos lentamente voltaram a tonificar-se. O que restou deles.

Pelo lado positivo, todos os sinais apontavam para que ainda fosse capaz de ser pai.

Não que quisesse. Ou talvez mais diretamente ao ponto, não que lhe tivesse sido apresentada uma oportunidade.

Mas quando seu pai perguntou... ou, pelo contrário, exigiu... ou, pelo contrário ainda, arrancou os lençóis na presença de um médico alemão, que Hugh não gostaria de encontrar em um beco escuro...

Hugh puxou as cobertas bem para cima, fingido mortal embaraço e deixou que seu pai pensasse que foi irremediavelmente lesado.

E o tempo todo, ao longo de toda recuperação dolorosa, Hugh ficou confinado à casa de seu pai, preso na cama e obrigado a suportar os cuidados diários de uma enfermeira, cuja marca especial de cuidados trazia à mente Átila o Huno.

Ela se parecia com ele, também. Ou pelo menos tinha um rosto que Hugh imaginou que teria origem em Átila. A verdade era que a comparação não foi muito elogiosa.

Para Átila.

Mas Átila a enfermeira, mesmo áspera e rude como podia ser, foi ainda melhor do que seu pai, que vinha todos os dias às quatro da tarde, conhaque na mão (apenas um; nenhum para Hugh), com as últimas notícias de sua caçada a Daniel Smythe-Smith.

E todo o dia, às quatro e um da tarde, Hugh pedia para seu pai parar.

Apenas parar.

Mas claro que não. Lorde Ramsgate jurou caçar Daniel até que um deles morresse.

Finalmente, Hugh estava bem o suficiente para deixar Ramsgate House. Não tinha muito dinheiro, apenas seus lucros das apostas, mas tinha o suficiente para contratar um valete e alugar um pequeno apartamento no Albany, que era conhecido como um edifício de primeira em Londres para cavalheiros de excepcional nascimento e nada excepcional fortuna.

Aprendeu por si mesmo a andar novamente. Precisava de uma bengala para qualquer distância real, mas podia cobrir um salão de baile em seus próprios pés.

Não que visitasse salões de baile.

Aprendeu a viver com a dor, a dor constante de um osso mal consolidado, o repuxar dos músculos atrofiados.

E se obrigou a visitar seu pai, para tentar conversar com ele, para lhe dizer que parasse a caçada a Daniel Smythe-Smith. Mas nada funcionou. Seu pai agarrou-se a sua fúria com dedos brancos pinçados. Ele nunca teria um neto agora e irritou-se, e era tudo culpa do Conde de Winstead.

Não importava o quanto Hugh salientasse que Freddie era saudável e poderia ainda surpreendê-los e se casar. Muitos homens que preferiam ficar solteiros à arrumar esposa. O Marquês cuspiu. Ele literalmente cuspiu no chão e disse que, mesmo que Freddie tivesse uma noiva, nunca conseguiria gerar um filho. E se o fizesse, se por algum milagre ele o fizesse, não seria qualquer criança digna de seu nome.

Não, a culpa era de Winstead. Hugh deveria ter fornecido o herdeiro para Ramsgate, e agora olhe para ele. Era um aleijado inútil. Que provavelmente não poderia gerar um filho, também.

Lorde Ramsgate nunca perdoaria Daniel Smythe-Smith, o outrora arrojado e popular Conde de Winstead. Nunca.

E Hugh, cuja única constante na vida era a sua capacidade de olhar para um problema por todos os ângulos e resolver com uma solução lógica, não sabia o que fazer. Mais do que uma vez pensou em se casar, mas apesar do fato de que parecia estar em ordem, havia sempre a hipótese de que a bala de fato tinha-lhe feito alguns estragos. Além disso, pensava quando olhava para baixo para a ruína de sua perna, que mulher o aceitaria?

E então um dia, algo despertou em sua memória, um momento fugaz daquela conversa com Freddie, logo após o duelo.

Freddie disse que não tentou argumentar com o Marquês, e Hugh disse.

— Claro que não, e então pensou, quem argumenta com um louco?

Finalmente, sabia a resposta.

Apenas outro louco.

Capítulo 1



Fensmore

Nr. Chatteris Cambridgeshire

Outono 1824

Lady Sarah Pleinsworth, veterana de três temporadas sem sucesso em Londres, olhou ao redor do salão de visitas de sua prima e anunciou. — Estou atormentada por uma epidemia de casamentos.

Suas companheiras eram suas irmãs mais jovens, Harriet, Elizabeth e Frances, que, aos dezesseis, quatorze e onze anos, não estavam na idade de se preocupar com perspectivas matrimoniais. Ainda assim, poderia pensar que ofereceriam um pouco de simpatia.

Poderia se já não estivesse familiarizada com as meninas Pleinsworth.

— Você está sendo melodramática. — Respondeu Harriet, dispensando a Sarah um olhar fugaz antes de mergulhar sua caneta na tinta e retomar seus rabiscos na escrivaninha.

Sarah virou-se lentamente em sua direção. — Você está escrevendo uma

peça sobre Henry VIII e um unicórnio e me chama de melodramática?

— É uma sátira. — Harriet respondeu.

— O que é uma sátira? — Frances intrometeu-se. — É o mesmo que um sátiro?

Os olhos de Elizabeth se alargaram com prazer perverso. — Sim! — Exclamou ela.

— Elizabeth! — Harriet repreendeu.

Frances estreitou os olhos para Elizabeth. — Não é isso?

— Deveria ser. — Elizabeth replicou. — Dado que você a fez colocar um maldito unicórnio na história.

— Elizabeth! — Sarah não se importava que a irmã tivesse praguejado, mas como a mais velha da família, sabia que deveria se importar. Ou pelo menos, mostrar uma pretensão.

— Não estava praguejando. — Elizabeth protestou. — Foi um pensamento.

Isso foi recebido com silêncio confuso.

— Se o unicórnio sangrar. — Explicou Elizabeth — Então, a peça terá pelo menos uma chance de ser interessante.

Frances engasgou. — Ah, Harriet! Você não vai ferir o unicórnio, vai?

Harriet deslizou uma mão sobre sua escrita. — Bem, não muito.

O suspiro de Frances saiu como um estrangulamento de terror. — Harriet!

— Será que é mesmo possível ter uma epidemia de casamentos? — Harriet disse alto, voltando-se para Sarah. — E se assim for, dois deles poderia qualificar isso?

— Qualificam. — Sarah respondeu sombriamente. — Caso ocorram com apenas uma semana de intervalo, e se por acaso estiver relacionado com uma das noivas e um dos noivos, e especialmente se foi forçada a ser a dama de honra em um casamento no qual...

— Você só tem que ser dama de honra uma vez. — Elizabeth interrompeu.

— Uma vez é suficiente. — Sarah murmurou. Ninguém deveria ter que caminhar pelo corredor de uma igreja com um buquê de flores, a menos que ela

seja a noiva, já tenha sido a noiva ou fosse muito jovem para ser a noiva.

Caso contrário, isso seria muito cruel.

— Acho que foi divino que Honória tenha pedido a você para ser a dama de honra. — Frances jorrou. — É tão romântico. Talvez possa escrever uma cena assim na sua peça, Harriet.

— Que boa ideia. — Respondeu Harriet. — Eu poderia introduzir um novo personagem. Vou fazê-la parecida com Sarah.

Sarah não se preocupou em virar-se em sua direção. — Por favor, não.

— Não, vai ser muito divertido. — Harriet insistiu. — Um pequeno pedacinho especial apenas para nós três.

— Há quatro de nós. — Disse Elizabeth.

— Oh, bem. Desculpe, acho que esqueci Sarah, na verdade.

Sarah considerou esse indigno comentário, então torceu seu lábio.

— Meu ponto é... — Harriet continuou. — ...que vamos sempre lembrar que estávamos aqui juntas quando pensamos nisto.

— Você poderia fazer parecida comigo. — Disse Frances esperançosa.

— Não, não. — Harriet disse, acenando para ela. — É tarde demais para mudar agora. Já tenho tudo na minha cabeça. A novo personagem deve se parecer com Sarah. Deixe-me ver... — Começou a rabiscar loucamente. — Cabelo espesso e escuro, com apenas uma leve tendência a enrolar.

— Olhos escuros, insondáveis. — Frances propôs ofegante. — Eles devem ser misteriosos.

— Com uma pitada de loucura. — Disse Elizabeth.

Sarah olhou ao redor para encará-la.

— Só estou fazendo minha parte. — Elizabeth hesitou. — E certamente vejo essa pitada de loucura agora.

— Acho que sim. — Respondeu Sarah.

— Não muito alta, nem muito baixa. — Harriet disse, continuando a escrever.

Elizabeth sorriu e juntou-se a cantilena. — Não muito magra, nem muito gorda.

Oh! Oh! Oh! Eu tenho uma! — Frances exclamou, praticamente saltando ao longo do sofá. — Não é muito rosa, não muito verde.

Isso esfriou a conversa. — Perdão? — Sarah finalmente controlou-se.

— Você não se embaraça facilmente. — Explicou Frances. — Portanto ruboriza muito raramente. E eu só vi você ficar enjoada apenas uma vez e foi quando todas nós pegamos aquele peixe ruim em Brighton.

— Por isso, o verde. — Harriet disse com aprovação. — Muito bem, Frances. Isso foi muito inteligente. As pessoas realmente ficam esverdeadas quando estão enjoadas. Gostaria de saber por que isso acontece.

— Bile. — Disse Elizabeth.

— Nós devemos ter esta conversa? — Sarah perguntou.

— Não sei por que está de mau humor. — Disse Harriet.

— Não estou de mau humor.

— Você não está de bom humor.

Sarah não se preocupou em contradizer.

— Se fosse você... — Harriet disse. — ...eu estaria flutuando no ar. Poderá caminhar até o altar.

— Eu sei. — Sarah caiu de volta no sofá, o lamento de sua sílaba final aparentemente forte demais para que permanecesse em posição vertical.

Frances se levantou e foi para o lado dela, olhando para baixo sobre o sofá. — Não quer caminhar até o altar? — Ela parecia um pouco com um pequeno pardal preocupado, com a cabeça inclinada para um lado e depois com outro pequeno movimento de pássaro perspicaz.

— Não particularmente. — Respondeu Sarah. Não a menos que fosse seu próprio casamento. Mas era difícil conversar com suas irmãs sobre isso; havia uma lacuna entre a idade delas, e havia algumas coisas que não poderia compartilhar com uma menina de onze anos de idade.

Sua mãe perdeu três bebês entre Sarah e Harriet, dois de aborto e um quando o irmão caçula de Sarah, o único menino nascido de Lord e Lady

Pleinsworth, morreu no berço, antes dos três meses de idade. Sarah tinha certeza de que seus pais ficaram desapontados por não ter um filho vivo, mas para seu credibilidade, eles nunca se queixaram. Quando mencionavam a ida do título para William, o primo de Sarah, eles não reclamavam. Só pareciam aceitar isso da maneira que era. Houve alguma conversa para que Sarah se casasse com William, para manter as coisas às claras e tudo em família (como a mãe dela colocou), mas William era três anos mais novo que Sarah. Aos dezoito anos, ele entrou para Oxford, e certamente não iria se casar dentro dos próximos cinco anos.

E não havia uma chance de que Sarah fosse esperar cinco anos. Nem um centímetro de chance. Não uma fração de uma fração de um centímetro de um...

— Sarah!

Ela olhou para cima. E bem na hora. Elizabeth parecia estar colocando um volume de poesia sobre ela.

—Não. — Disse Sarah.

Elizabeth deu uma franzida pequena de decepção e abaixou o livro. — Eu perguntei... — Ela (aparentemente) repetiu. — ...se você sabia que se os convidados chegaram.

— Acho que sim. — Sarah respondeu, embora na verdade não tivesse ideia. — Realmente não poderia dizer nada sobre aqueles que ficaram na aldeia. — Sua prima Honória Smythe-Smith ia casar-se com o Conde de Chatteris na manhã seguinte. A cerimônia seria realizada ali em Fensmore, na casa ancestral dos Chatteris no norte do distrito de Cambridgeshire. Mas até a grande casa de Lorde Chatteris não conseguiria hospedar todos os convidados que estavam chegando de Londres; alguns foram forçados a ficar em quartos nas pousadas locais.

Como família, os Pleinsworths foram os primeiros a se alocarem nos quartos em Fensmore, e chegaram a quase uma semana antes do tempo para ajudar com os preparativos. Ou talvez, mais precisamente, sua mãe estava ajudando com os preparativos. Sarah foi encarregada do trabalho de manter suas irmãs fora de problemas.

O que não estava sendo fácil.

Normalmente, as meninas eram assistidas por sua governanta, permitindo que Sarah atendesse aos seus deveres como dama de honra de Honória, mas

como aconteceu, sua governanta (agora ex-) iria se casar na próxima quinzena.

Com o irmão de Honória.

O que significava que, uma vez que fossem concluídas as núpcias de Chatteris-Smythe-Smith, Sarah (junto com metade de Londres, parecia) voltaria para as estradas e viajaria de Fensmore até a colina de Whipple, em Berkshire, para assistir ao casamento de Daniel Smythe-Smith e a Srta. Anne Wynter. Como Daniel também era um Conde, isso seria um enorme acontecimento.

Tanto quanto o casamento de Honória também iria ser.

Dois acontecimentos enormes. Duas grandes oportunidades para Sarah dançar e divertir-se e tornar-se dolorosamente consciente de que não era uma das noivas.

Ela apenas queria se casar. Isso era tão patético?

Não, pensou, endireitando sua coluna (mas não tanto que tivesse que realmente ficar para trás), não era. Encontrar um marido e ser uma mulher foi tudo o que treinou para fazer, além de tocar piano no infame Quarteto Smythe-Smith.

Que, pensando nisso, era o motivo pelo qual que estava tão desesperada para se casar.

Todos os anos, como um relógio, as quatro primas solteiras mais velhas de Smythe-Smith eram forçadas a reunir seus talentos musicais inexistentes e tocar juntas em um quarteto.

E se apresentar.

Na frente de pessoas reais. Que não eram surdas.

Um inferno. Sarah não conseguia pensar em uma melhor palavra para descrevê-lo. Estava bastante certa de que a palavra mais apropriada ainda não tinha sido inventada.

O ruído que saía dos instrumentos Smythe-Smith também só poderia ser descrito apenas por palavras, ainda a ser inventadas. Mas por alguma razão, todas as mães Smythe-Smith (incluindo a de Sarah, que nasceu uma Smythe-Smith, mesmo que agora fosse uma Pleinsworth) se sentavam na primeira fila com sorrisos beatificados em seus rostos, seguras de seus conhecimentos loucos de que suas filhas fossem prodígios musicais. E o resto do público...

Esse era o mistério.

Por que havia o restante do público? — Sarah nunca descobriria isso. Certamente, alguns tiveram que assistir somente uma vez para perceber que nada de bom poderia vir do encontro musical de Smythe-Smith. Mas Sarah examinou as listas de convidados; havia pessoas que vinham todos os anos. O que pensavam? Tinham que saber que estavam se sujeitando ao que só poderia ser denominado como tortura auditiva.

Aparentemente haveria uma palavra inventada para isso.

A única maneira de uma prima Smythe-Smith ser liberada do Quarteto Smythe-Smith era o casamento. Bem, isso e fingir uma doença desesperada, mas Sarah já fizera isso uma vez, e ela não achava que funcionaria uma segunda vez.

Ou poderia ter nascido homem. Eles não eram obrigados a aprender tocar instrumentos e sacrificar sua dignidade perante um altar de humilhação pública.

Era realmente muito injusto.

Mas voltando ao casamento. Suas três temporadas em Londres não foram fracassos completos. Só no verão passado, dois cavalheiros pediram sua mão em casamento. E mesmo que soubesse que estava, provavelmente, mandando a si mesma para mais um ano de doce sacrifício, ela recusou aos dois.

Não precisava de uma perversa e louca paixão. Era muito prática para acreditar que todas as pessoas encontravam seu verdadeiro amor, ou mesmo que todos tinham um amor verdadeiro. Mas uma dama de vinte e um anos não devia se casar com um homem de sessenta e três anos.

Quanto à outra proposta... Sarah suspirou. O cavalheiro era um sujeito extremamente afável, mas cada vez que contava até vinte, (e parecia fazê-lo com uma frequência estranha), ele pulava o número doze.

Sarah não precisava se casar com um gênio, mas realmente seria esperar muito por um marido que conseguisse contar? — Casamento. — Disse para si mesma.

—O que disse? — Frances perguntou, ainda perscrutando de cima do encosto do sofá. Harriet e Elizabeth estavam ocupadas com suas próprias atividades, o que era melhor assim, porque Sarah realmente não precisava de uma audiência além de uma menina de onze anos de idade quando anunciou:

— Tenho que me casar este ano. Se não o fizer, acredito que simplesmente

morrerei.



Hugh Prentice parou brevemente na entrada para a sala de estar, então balançou a cabeça e seguiu em frente. Sarah Pleinsworth, se seus ouvidos estavam corretos, e geralmente estavam.

Mais uma razão pela qual não queria participar deste casamento.

Hugh sempre foi uma alma solitária, e havia muito poucas pessoas cuja companhia procurava deliberadamente. Mas, ao mesmo tempo, não havia muitas pessoas que evitava, também.

Seu pai, claro.

Assassinos condenados.

E Lady Sarah Pleinsworth.

Mesmo que o primeiro encontro deles não tivesse sido um desastre loucamente tediosamente, eles nunca foram amigos. Sarah Pleinsworth era uma daquelas mulheres dramáticas dadas a discursos de hipérbole e grandiosos. Hugh normalmente não estudava os padrões de fala dos outros, mas quando Lady Sarah falava, era difícil ignorá-la.

Ela usava muitos advérbios. E pontos de exclamação.

Além disso, o desprezava. Isto não foi uma conjectura da parte dele. Ouvira-a proferir as palavras. Não que isso incomodasse; não ligava para ela, também. Só desejava que aprendesse a ficar quieta.

Como agora. Ela iria morrer se não se casasse este ano. Realmente.

Hugh balançou um pouco a cabeça. Pelo menos não teria que assistir a esse casamento.

Ele quase ficou fora deste, também. Mas Daniel Smythe-Smith insistiu e quando Hugh salientou que não era nem mesmo o casamento dele, Daniel se recostou na cadeira e disse que este era o casamento da irmã dele, e se eles iriam convencer o resto da sociedade que colocaram suas diferenças de lado,

Hugh precisava malditamente aparecer com um sorriso no rosto.

Não foi o mais gracioso dos convites, mas Hugh não se importou. Ele preferia muito mais quando as pessoas diziam o que pensavam e deixavam por isso mesmo. Mas Daniel estava certo sobre uma coisa. Neste caso, as aparências eram importantes.

Tinha sido um escândalo de proporções inimagináveis quando dois homens duelaram há três anos e meio. Daniel foi forçado a fugir do país, e Hugh passou um ano aprendendo a andar novamente. Depois houve mais um ano de Hugh tentando convencer seu pai a deixar Daniel em paz, e então outro tentando realmente encontrar Daniel uma vez que Hugh finalmente descobriu como conseguir que seu pai suspendesse seus espiões e assassinos e deixasse tudo para trás.

Espiões e assassinos. Sua existência verdadeiramente tinha descido tanto ao melodrama? Que ele pudesse refletir sobre as palavras espiões e assassinos e achá-las relevantes?

Hugh soltou um longo suspiro. Subjugou seu pai, e localizou Daniel Smythe-Smith e o trouxe de volta à Grã-Bretanha. Agora Daniel iria se casar e viver feliz para sempre, e tudo seria como deveria ter sido.

Para todos, exceto Hugh.

Olhou para a perna. Era justo. Foi ele que começou tudo. Devia ser o único a ter as repercuções permanentes.

Mas maldição hoje estava doendo. Passou onze horas numa carruagem no dia anterior, e ainda estava sentindo os efeitos colaterais.

Realmente não entendia por que precisava fazer uma aparição neste casamento. Certamente, sua presença no casamento de Daniel no mês seguinte seria o suficiente para convencer a sociedade de que a batalha entre Hugh e Daniel era notícia velha.

Hugh não ficou muito orgulhoso ao admitir que neste caso, pelo menos, se importava com o que a sociedade pensava. Não se incomodou quando as pessoas o rotularam de excêntrico, com mais aptidão em lidar com as cartas do que com as pessoas. Nem se importou quando ouviu uma matrona da sociedade dizer para outras que o achava muito estranho, e ela não permitiria que sua filha o considerasse como um potencial pretendente, caso a filha fosse se interessar, a matrona disse enfaticamente e ela nunca faria isso.

Hugh não se importou, mas se lembrava. Palavra por palavra.

O que o incomodava, no entanto, era ser lembrado como vilão. Que alguém pudesse pensar que ele queria matar Daniel Smythe-Smith, ou que se alegrou quando foi forçado a deixar o país... Isto, Hugh não podia suportar. E se a única maneira de resgatar sua reputação fosse certificar-se de que a sociedade soubesse que Daniel o perdoou, então Hugh iria participar deste casamento, e qualquer outro que Daniel considerasse apropriado.

— Oh! Lord Hugh!

Hugh parou ao ouvir o som de uma voz feminina familiar. Era a própria noiva, Lady Honória Smythe-Smith, que em breve seria Lady Chatteris. Em vinte e três horas, na verdade, se a cerimônia começasse na hora, o que Hugh tinha pouca confiança que aconteceria. Ficou surpreso, que ela estivesse fora e longe de tudo. Não era suposto que as noivas estivessem rodeadas por suas amigas e parentes, acertando os detalhes de última hora?

— Lady Honória. — Disse, mudando o aperto de sua bengala para que pudesse apresentar-lhe uma reverência de saudação.

— Estou tão feliz por você poder ter vindo assistir ao casamento. — Ela disse.

Hugh observou seus brilhantes olhos azuis por mais tempo do que outras pessoas poderiam achar necessário. Teve certeza de que estava sendo sincera.

— Obrigado. — Ele disse. Então mentiu. — Estou muito contente por estar aqui.

Abriu um largo sorriso, que iluminou o rosto dela de uma maneira única de verdadeira felicidade. Hugh não se iludia de que fosse o responsável por sua alegria. Tudo o que fez foi agir com delicadeza e assim evitar fazer qualquer coisa que tirasse sua felicidade induzida pela proximidade do casamento.

Matemática simples.

— Você apreciou seu café da manhã? — Ela perguntou.

Teve a sensação de que ela não o tinha chamado para indagar sobre sua refeição matinal, mas como devia ser óbvio que acabou de comer, ele respondeu: — Sim, muito. Aplaudo Lord Chatteris e sua cozinha.

— Muito obrigada. Este é exatamente o maior evento que se realizará em Fensmore por décadas; os funcionários estão muito agitados e apreensivos. E

encantados. — Honória apertou seus lábios timidamente. — Mas principalmente apreensivos.

Ele não tinha nada a acrescentar a isso, então esperou que ela continuasse.

Não o decepcionou. —Espero poder pedir-lhe um favor.

Hugh não poderia imaginar o que seria, mas era a noiva, e se queria pedir-lhe para ficar sobre a cabeça dele, era de seu entendimento que seria obrigado a tentar.

— Meu primo Arthur ficou doente. — Disse. — E ele iria sentar à mesa no café da manhã do casamento.

Ah, não. Não, ela não estava pedindo...

— Precisamos de outro cavalheiro, e...

Aparentemente, ela estava.

— ... tenho esperança de que possa ser você. Isso seria uma grande contribuição para pôr tudo nos eixos e deixar tudo bem.... — Ela engoliu em seco e seus olhos desviaram em direção ao teto por um momento enquanto tentava encontrar as palavras corretas. — Para tornar tudo certo. Ou pelo menos fazer parecer que tudo está bem.

Olhou-a por um momento. Não que o coração dele estivesse afundando; corações não afundavam sequer provocados por uma compressão se apertando em pânico, e a verdade era que o seu tão pouco o fazia. Não havia nenhuma razão para temer ser forçado a sentar-se à mesa principal, mas havia todas as razões para temer isso.

— Não, isso não é verdade. — Ela disse apressadamente. — Embora eu esteja preocupada e minha mãe também, podemos lhe dizer com total confiança que nós temos uma grande estima por você. Nós sabemos... quer dizer, Daniel nos disse o que você fez.

Ele olhou-a fixamente. O que, exatamente, Daniel lhe contou?

— Sei que ele não estaria aqui na Inglaterra se você não o tivesse procurado, e fico muito agradecida.

Hugh pensou quão notavelmente cortês ela estava sendo por não apontar que ele foi a razão pela qual seu irmão teve que deixar a Inglaterra em primeiro lugar.

Ela sorriu serenamente. — Uma pessoa muito sábia me disse uma vez que não são os erros que cometemos que revelam o nosso caráter, mas o que podemos fazer para corrigi-los.

— Uma pessoa muito sábia? — Ele murmurou.

— Muito bem, foi minha mãe. — Disse com um sorriso tímido. — E tenho que lhe contar que disse isso para Daniel muito mais do que para mim, mas acabei por perceber isso, e espero que ele também, pois é a verdade.

— Acredito que ele percebeu. — Hugh disse suavemente.

— Bem, então. — Honória disse, alegremente mudando de assunto e de humor. — O que me diz? Vai se juntar a nós na mesa principal? Você estará me fazendo um enorme favor.

— Será uma honra tomar o lugar do seu primo. — Disse, e supunha ser a verdade. Ele preferia nadar na neve a sentar-se em uma mesa de frente para todos os convidados do casamento, mas era uma honra.

O rosto dela se iluminou novamente, sua felicidade praticamente um farol. Era isso que casamentos fazia com as pessoas?

— Muito obrigada. — Ela disse, com evidente alívio. — Se você tivesse recusado, eu teria que pedir ao meu outro primo, Rupert, e...

— Você tem outro primo? Um que você está passando por cima a favor de mim? — Hugh podia não ter se importado em demasia com as inúmeras regras e regulamentos que atavam a sua sociedade, mas isso não queria dizer que não as conhecia.

— Ele é horrível. — Ela disse em um sussurro alto. — Sinceramente, é simplesmente terrível, e come cebolas demais.

— Bem, se esse for o caso. — Hugh murmurou.

— E... — Honória continuou. — ...ele e Sarah não se dão.

Hugh sempre considerou suas palavras antes de falar, mas nem mesmo ele foi capaz de evitar deixar escapar metade de: — Eu não ficarei ao lado de Lady Sarah. — Antes de apertar a boca firmemente.

— Perdão? — Honória perguntou.

Hugh forçou sua mandíbula a se abrir. — Não vejo porque isso seria um problema. — Ele disse firmemente.

Querido Deus, ele teria que sentar-se com Lady Sarah Pleinsworth. Como era possível que Honória Smythe-Smith não percebesse que era estupendamente má ideia?

— Obrigada, Lorde Hugh. — Honória disse efusivamente. — Agradeço sua flexibilidade neste assunto. Caso não pudesse sentá-los juntos, não haveria nenhum outro lugar para colocá-lo na mesa principal, confie em mim, eu olhei. Só Deus sabe em quais contendas poderia entrar.

— Lady Sarah? — Hugh murmurou. — Contendas?

— Eu sei. — Concordou Honória, interpretando completamente errado suas palavras. — É difícil de imaginar. Nunca tivemos uma palavra ao contrário. Ela tem o mais maravilhoso senso de humor.

Hugh não fez nenhum comentário.

Honória sorriu-lhe magnificamente. — Obrigada mais uma vez. Você está me fazendo um tremendo favor.

— Como poderia recusar?

Os olhos dela estreitaram-se com uma leve dúvida por um momento, mas pareceu não detectar o sarcasmo, o que fazia sentido, uma vez que Hugh mesmo não sabia se estava sendo sarcástico.

— Bem. — Disse Honória. — Obrigada. Vou apenas contar para Sarah.

— Ela está na sala de estar. — Disse. Honória o olhou com curiosidade, então ele acrescentou. — Ouvi-a falando enquanto eu passava. — Honória continuou a franzir a testa, então ele acrescentou: — Ela tem uma voz muito distinta.

— Não tinha notado. — Murmurou Honória.

Hugh decidiu que este seria um excelente momento para se calar e ir embora.

A noiva, no entanto, tinha outros planos.

— Bem. — Ela declarou. — Se ela está bem ali, por que não vem comigo, e vamos dizer-lhe as boas notícias.

Isso era a última coisa que queria, mas então sorriu para ele, e lembrou-se, ela é a noiva. E então seguiu.



Nos romances fantasiosos, o tipo que Sarah lia as dúzias e se recusava a pedir desculpas pelos prenúncios que vinham pintados a baldes, não a pinceladas. A heroína apertou a mão na testa e disse algo como. — Oh! Se ao menos eu pudesse encontrar um cavalheiro que irá olhar além do meu nascimento ilegítimo e dedo do pé vestigial!

Muito bem, ainda não encontrou um autor disposto a incluir um dedo extra. Mas certamente seria uma boa história. Não havia como negar que seria.

Mas voltando para ao prenuncio. A heroína faria um apelo apaixonado, e então, como se convocando diante de um talismã antigo, um cavalheiro apareceria.

Oh, se ao menos eu pudesse encontrar um cavalheiro. E lá estava ele.

E foi por isso que, depois de Sarah ter feito sua declaração (reconhecidamente ridícula) sobre morrer se não se casasse este ano, foi que olhou para a porta. Porque realmente, isso não teria sido engraçado?

Sem surpresa, ninguém apareceu.

— Hmmp! — Resmungou. — Até os Deuses da literatura tinham perdido as esperanças nela.

— Você disse alguma coisa? — Harriet perguntou.

— Oh! Se ao menos eu pudesse encontrar um cavalheiro. — Ela murmurou para si mesma. — Quem me fará infeliz e me perturbará até ao fim dos meus dias.

E então.

Claro.

Lorde Hugh Prentice apareceu.

Deus supremo haveria um fim para suas angústias?

— Sarah! — Chegou a voz alegre de Honória assim como a própria noiva que entrava pela porta ao lado dele. — Tenho boas notícias.

Sarah ficou de pé e olhou para sua prima. Então olhou para Hugh Prentice, que, havia de ser dito, de quem ela nunca gostou. Então olhou de novo para sua prima. Honória, sua melhor amiga no mundo inteiro. E sabia que Honória (sua melhor amiga do mundo todo seria quem realmente deveria ter conhecimento disso) não tinha boas notícias. Pelo menos não que Sarah considerasse boas notícias.

Ou Hugh Prentice, se sua expressão fosse qualquer indicação.

Mas Honória ainda brilhava como uma alegre lanterna, quase casada e praticamente flutuando sob seus pés quando ela anunciou. — O primo Arthur ficou doente.

Elizabeth chamou imediatamente a atenção. — Isso é uma boa notícia.

— Ora! — Disse Harriet. — Ele não é tão ruim como Rupert.

— Bem, essa parte não é a boa notícia. — Honória disse rapidamente, com um olhar nervoso em direção a Hugh, para que ele não as achasse muito completamente sedentas de sangue. — A boa notícia é que Sarah teria que se sentar com Rupert amanhã, mas agora não o fará.

Frances engasgou e pulou através da sala. — Isso significa que poderei me sentar à mesa principal? Por favor, diga que posso tomar o lugar dele! Eu adoraria acima de todas as coisas. Especialmente se você me colocar sobre um estrado, não é? Eu realmente estaria acima de todas as coisas.

— Oh! Frances. — Honória disse sorrindo calorosamente para ela. — Gostaria que pudesse ser assim, mas você sabe não há como ter crianças na mesa principal, e também, precisamos que seja um cavalheiro.

— Por isso, Lorde Hugh. — Disse Elizabeth.

— Estou contente por estar disponível. — Disse Hugh, embora fosse claro para Sarah que ele não estava.

— Não consigo dizer a você o quanto somos gratas. — Disse Honória.

— Especialmente Sarah.

Hugh olhou para Sarah.

Sarah olhou para Hugh. Parecia imperativo que ele percebesse que não estava, de verdade, grata.

E então sorriu, o palhaço. Bem, não foi realmente um sorriso. Não seria

chamado de sorriso no rosto de outra pessoa, mas seu semblante era tão pedregoso que a menor contração no canto de seus lábios era o equivalente a qualquer outra pessoa pulando de alegria.

— Certamente que ficarei encantada em me sentar ao seu lado em vez do primo Rupert. — Disse Sarah. Encantada era um exagero, mas Rupert tinha um hálito terrível, pelo menos evitaria isso com Lorde Hugh ao lado dela.

— Certamente. — Lorde Hugh repetiu, sua voz uma estranha mistura tendenciosa e arrastada que fazia com que Sarah se sentisse como se sua mente estivesse prestes a explodir. Ele estava zombando dela? Ou estava apenas repetindo uma palavra para dar ênfase? Não conseguia distinguir.

No entanto, outra característica tornava Lorde Hugh Prentice o homem mais exasperante da Grã-Bretanha. Se um estava sendo ridicularizado, esse alguém não teria o direito de saber?

—Não come cebola crua com seu chá, não é? — Sarah perguntou friamente.

Ele sorriu. Ou talvez não. — Não.

— Então está tudo certo para mim. — Ela disse.

— Sarah? — Honória disse hesitante.

Sarah virou-se para a prima com um sorriso brilhante. Nunca esqueceu aquele momento louco no ano anterior, quando conheceu Lorde Hugh. Virou-se de quente para frio em um piscar de olhos. Que se dane tudo, se ele poderia fazê-lo, ela também. — Seu casamento vai ser perfeito. — Declarou. — Lorde Hugh e eu vamos no dar otimamente bem, tenho certeza.

Honória não acreditou em suas palavras por um segundo, não que Sarah realmente pensasse que ela iria. Os olhos dela vagaram de Sarah para Hugh e novamente cerca de seis vezes no espaço de um segundo. — Ahhhhh!

— Ela limitou-se, claramente confusa sobre o constrangimento súbito. — Bem.

Sarah manteve seu sorriso fixado placidamente no rosto. Por Honória tentaria ser civilizada com Hugh Prentice. Por Honória até sorria para ele e ria das piadas dele, assumindo que fizesse piadas. Mas ainda assim, como era possível que Honória não percebesse quanto Sarah odiava Hugh? Oh! Muito bem, não o odiava. Ódio que ela reservaria para alguém verdadeiramente mal. Napoleão, por exemplo. Ou o vendedor de flores em Covent Garden, que tentou

enganá-la na semana anterior.

Mas Hugh Prentice estava além de incomodo, além de irritante. Ele era a única pessoa (além de suas irmãs) que conseguia enfurecê-la tanto que teve que literalmente segurar as mãos para baixo, para evitar bater-lhe.

Nunca ficou tão irritada quanto naquela noite...

Capítulo 2



Como eles se conheceram (A maneira que ela se lembrava.)

Um salão de Londres, na celebração do noivado do Sr. Charles Dunwoody com a Srt. Nerissa Berbrooke

Dezesseis meses antes

— Você acha o Sr. St. Clair bonito?

Sarah não se preocupou em voltar-se para Honória quando ela fez a pergunta. Estava muito ocupada observando o Sr. St. Clair, tentando decidir o que pensava dele. Ela sempre tinha preferido os homens com cabelo castanhos claros, mas não sabia que gostava da pequena trança que ele usava nas costas. Isso o fazia parecer um pirata, ou fazia parecer como se estivesse tentando se parecer com um pirata?

Havia uma enorme diferença.

— Gareth St. Clair? — Honória inquiriu. — Você quer dizer que é neto de Lady Danbury?

Isso desviou os olhos de Sarah de volta para Honória. — Ele não é! — Ela

disse com um suspiro.

— Sim, ele é. Tenho certeza disso.

— Bem, isso o leva para fora de minha lista. — Sarah disse sem hesitar alguma.

— Você sabe que admiro Lady Danbury. — Disse Honória. — Ela diz exatamente o que pensa.

— Que é precisamente por que nenhuma mulher no seu juízo perfeito iria querer se casar com um membro de sua família. Céus, Honória, e se a pessoa tiver que viver com ela? Você é conhecida por ser um pouco sincera também. — Salientou Honória.

— Seja como for... — Disse Sarah, que seria até onde iria em direção a um acordo. — ...eu não sou páreo para Lady Danbury. — Ela olhou de volta para o Sr. St. Clair. Pirata ou aspirante à pirata? Supôs que isso não importava, uma vez que ele estava relacionado com Lady Danbury.

Honória deu um tapinha no braço dela. — Dê-se um tempo.

Sarah virou-se para sua prima com um olhar sarcástico. Quanto tempo?

Até chegar aos oitenta, caso chegasse.

— Todos nós precisamos de algo a que aspirar. — Rebateu Honória.

Sarah não pode impedir um rolar dos olhos. — Minha vida tornou-se tão patética que minhas aspirações devem ser medidas em décadas, ao invés de anos?

— Não, claro que não, mas...

— Mas o quê? — Sarah perguntou desconfiada quando Honória não completou seu pensamento.

Honória suspirou. — Será que vamos encontrar maridos este ano, o que acha?

Sarah não teve coragem de formular uma resposta verbal. Um olhar triste foi tudo o que conseguiu fazer.

Honória retornou a expressão da mesma maneira e em uníssono, elas suspiraram. Cansadas, desgastadas, como se isso mantivesse os suspiros.

—Nós somos patéticas. — Disse Sarah.

—Nós somos. — Concordou Honória.

Elas observaram o salão de baile por mais alguns instantes, e então Sarah disse. — Não me importo hoje à noite, no entanto.

— Ser patética?

Sarah olhou para sua prima com um sorriso insolente. — Hoje a noite eu tenho você. A miséria adora companhia?

— Essa é a coisa engraçada. — Disse Sarah, sentindo sua testa se franzir em uma expressão zombeteira. — Hoje à noite não somos nem miserável.

— Por que, Sarah Pleinsworth... — Honória disse com humor mal disfarçado. — ...isso pode ser a coisa mais agradável que você já me disse.

Sarah riu, mas ainda assim perguntou. — Seremos solteironas juntas, velhas e instáveis no musical anual?

Honória estremeceu. —Tenho certeza que esta não foi a coisa mais legal que você já disse para mim. Eu amo o musical, mas...

— Não! — Sarah mal resistiu à tentativa de bater as mãos sobre os ouvidos dela. Ninguém pode amar aquele musical.

— Eu disse que amava o musical. — Honória esclareceu. — Não a música.

— Imploro que diga, como são diferentes? Penso que eu poderia morrer...

— Oh! Sarah. — Honória repreendeu. — Não exagere.

— Gostaria que fosse um exagero. — Sarah murmurou.

— Eu acho que é muito divertido praticar com você, Viola e Marigold. E no próximo ano será ainda melhor. Teremos a Íris conosco para tocar o violoncelo. Tia Maria disse-me que o Sr. Wedgecombe está a poucas semanas de propor a Marigold. — Honória franziu sua testa com o pensamento. — Embora não sei bem como ela sabe disso.

— Este não é o ponto. — Sarah disse com grande gravidade. — E mesmo se fosse, não vale a humilhação pública. Se você quiser passar mais tempo com suas primas, nos convide todas para um piquenique. Ou um jogo de Pall Mall.

— Não é o mesmo.

Graças a Deus. — Sarah estremeceu, tentando não se lembrar de um momento único de sua estreia no Quarteto Smythe-Smith. Até agora estava provando ser uma lembrança difícil de reprimir. Cada acorde horrível, cada olhar compassivo...

Era por isso que precisava considerar cada cavalheiro como possível cônjuge. Se tivesse que se apresentar com suas primas destoantes, mais uma vez, morreria.

E isso não era um exagero.

— Muito bem. — Sarah disse bruscamente, então endireitou os ombros para pontuar seu tom. Era hora de voltar aos negócios. — O Sr. St. Clair está fora minha lista. Quem mais está aqui esta noite?

— Ninguém. — Honória disse melancolicamente.

— Ninguém? Como isso é possível? E o Sr. Travers? Pensei que você e ele... oh! — Sarah engoliu em seco ao ver a expressão de dor no rosto de Honória. — Sinto muito. O que aconteceu?

— Não sei. Pensei que tudo estava indo tão bem. E então... nada.

— Isso é muito estranho. — Disse Sarah. O Sr. Travers não teria sido sua primeira escolha para um marido, mas parecia bastante firme. Certamente não era o tipo para deixar uma dama sem nenhuma explicação. — Tem certeza?

— No sarau da Sra. Wemberley na semana passada sorri para ele e ele então fugiu da sala.

— Oh, mas certamente você está imaginando...

— Ele tropeçou em uma mesa na saída.

— Oh! — Sarah fez uma careta. Não havia nenhuma forma de mostrar um rosto alegre diante disso. — Sinto muito. — Disse com simpatia, e era. Quão reconfortante era ter Honória ao lado dela como companheira no fracasso do mercado matrimonial, ela queria que sua prima fosse feliz.

— É provavelmente o melhor. — Honória disse, já otimista. — Partilhamos poucos interesses. Ele é na verdade bastante musical, e não sei como ele o faria nunca... oh!

— O que foi? — Sarah perguntou. Se estivessem mais perto do candelabro, o suspiro de Honória empurraria a chama bem para longe.

— Por que ele está aqui? — Honória sussurrou.

— Quem? — Os olhos de Sarah varreram a sala. — O Sr. Travers?

— Não. Hugh Prentice.

O corpo inteiro de Sarah ficou rígido de raiva. — Como ousa mostrar seu rosto? — Sussurrou. — Certamente sabia que estaríamos presentes.

Mas Honória estava balançando a cabeça. — Ele tem todo o direito de estar aqui...

— Não, ele não tem. — Sarah interrompeu. A crença de Honória em ser gentil e perdoar quando não era merecido. — O que Lorde Hugh Prentice precisa... — Sarah disse entre dentes. — ...é de uma flagelação pública.

— Sarah!

— Há um tempo e um lugar para a caridade cristã e Lorde Hugh Prentice não cruza-se com nenhum dos dois. — Os olhos de Sarah se estreitaram perigosamente quando avistou o cavalheiro que julgou ser Lorde Hugh. Eles nunca foram apresentados formalmente; o duelo ocorreu antes que Sarah tivesse entrado na sociedade, e claro, ninguém ousou torná-los conhecidos depois disso. Mas ainda assim, sabia como ele era.

Ela fez de tudo para saber como ele era.

Só conseguia ver o cavalheiro de costas, mas o cabelo era da cor correta, castanho claro. Ou talvez louro escuro, dependendo de sua disposição. Ela não podia ver se segurava uma bengala. Seu caminhar teria melhorado? A última vez que o avistou, vários meses atrás, seu mancar estava bastante acentuado.

— Ele é amigo do Sr. Dunwoody. — Honória disse, sua voz ainda baixa e frágil. — Queria felicitar seu amigo.

— Não me importo se ele queria dar ao feliz casal sua própria ilha particular Indiana. — Sarah explodiu. — Vocês também são amigos do Sr. Dunwoody. Você o conhece há anos. Com certeza Lorde Hugh está ciente disso.

— Sim, mas...

— Não dê desculpas para ele. Não me importa o que Lorde Hugh pensa de Daniel...

— Bem, eu sim. Importo-me o que todo mundo pensa de Daniel.

— Esse não é o ponto. — Sarah protestou. — Você é inocente de qualquer delito, e vocês tem sido injustiçadas desmedidamente além de qualquer conceito. Se Lorde Hugh tem um só osso decente em seu corpo, ficaria longe de qualquer reunião em que existisse uma chance de que vocês pudessem estar presentes.

— Você está certa. — Honória fechou os olhos por um momento, parecendo insuportavelmente cansada. — Mas agora não me importo. Só quero ir embora. Quero ir para casa.

Sarah continuou a olhando para o homem em questão, ou melhor, às suas costas. — Ele deve saber. — Disse, mais para si mesma. E então sentiu-se dando um passo à frente. — Vou...

— Não se atreva. — Advertiu Honória, trazendo Sarah de volta com um puxão rápido no braço dela. — Se você causar uma cena....

— Nunca causaria uma cena. — Mas claro ambas sabiam que sim. Com Hugh Prentice, ou melhor, por causa de Hugh Prentice, Sarah criaria uma cena que seria material para um conto.

Há dois anos, Hugh Prentice rompeu sua família em pedaços. A ausência de Daniel era ainda um buraco aberto nas reuniões familiares. Não podia sequer mencionar seu nome na frente de sua mãe; Tia Virginia simplesmente fingia que não ouvia e em seguida (de acordo com Honória), trancava-se no seu quarto e chorava.

O resto da família não ficou intocado, também. O escândalo após o duelo foi tão grande que Honória e Sarah foram forçadas a renunciar o que teria sido a primeira temporada em Londres. Não escapou à atenção de Sarah (nem de Honória, uma vez que para Sarah quando chegou o momento, ficou furiosa por isso, então flutuou e caiu sobre sua cama em desespero), que 1821 foi uma época extremamente produtiva, a julgar pelas mães casamenteiras de Londres. Quatorze cavalheiros elegíveis ficaram noivos e se casaram nessa temporada. Quatorze! E isso sem contar aqueles que eram muito velhos, muito estranhos ou gostavam muito de bebida.

Quem sabe o que teria acontecido se Sarah e Honória tivessem sido apresentadas à sociedade durante aquela temporada de matrimônios espetaculares. Chame-a de superficial, mas, tanto quanto concernia a Sarah, Hugh Prentice foi diretamente responsável por sua solteirice se aproximar rapidamente.

Sarah não conhecia o homem, mas o odiava.

— Sinto muito. — Honória disse abruptamente. A voz dela a chamou e soou como se estivesse lutando com um soluço. — Tenho que ir embora. Agora. E temos que encontrar minha mãe. Se ela encontrá-lo...

Tia Virgínia. O coração de Sarah despencou. Ela afundaria. A mãe de Honória nunca se recuperou da desgraça do filho único. E ficar cara a cara com o homem que causou tudo...

Sarah agarrou a mão de sua prima. — Venha comigo. — Ela insistiu. — Vou te ajudar encontrá-la.

Honória assentiu fracamente, deixando Sarah liderar o caminho. Elas serpentearam por entre a multidão, tentando equilibrar velocidade com discrição. Sarah não queria que sua prima fosse forçada a falar com Hugh Prentice, mas morreria antes que permitisse a todos pensar que estavam fugindo de sua presença.

O que significava que ela teria que ficar. Talvez até mesmo falar com ele. Sarah teria que mostrar a cara, em nome de toda a família.

— Lá está ela. — Honória disse enquanto se aproximavam das portas do salão. Lady Winstead estava de pé num pequeno punhado de matronas, conversando amistosamente com Sra. Dunwoody, sua anfitriã.

— Ela não deve tê-lo visto. — Sussurrou Sarah. Não estaria sorrindo se fosse o contrário.

— O que devo fingir? — Honória perguntou.

— Fadiga. — Sarah disse imediatamente. Ninguém terá dúvidas. Honória ficou pálida no momento em que avistou Hugh Prentice, fixando e evidenciando manchas acinzentadas sob os olhos dela.

Honória deu um aceno rápido e correu, educadamente, puxando a mãe de lado antes de sussurrar algumas palavras no ouvido dela. Sarah viu como as duas pediram desculpas e, em seguida, deslizaram para fora pela porta para a fila de espera de carruagens.

Sarah soltou um suspiro reprimido, aliviada que sua tia e prima não entrariam em contato com Lorde Hugh. Mas parecia que todo arco-íris tinha um fundo preto e sujo, e a partida de Honória significava que Sarah estava presa ali por pelo menos uma hora. Não demoraria muito tempo até que as fofoqueiras percebessem que Lorde Hugh Prentice estava na mesma sala que uma prima de Smythe-Smith. Primeiro haveria olhares e sussurros, e então todos estariam

observando para ver se cruzariam e o que fariam, e mesmo que não o fizessem, qual partiria primeiro?

Sarah julgou que precisava manter-se no salão de Dunwoody por pelo menos uma hora, não importando quem saísse primeiro. Mas antes disso, precisava ser vista tendo momentos agradáveis, o que significava que não poderia estar na extremidade da entrada do salão sozinha. Teria que encontrar um amigo com quem conversar e alguém para dançar com ela, e precisava rir e sorrir como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

E faria tudo isso ao mesmo tempo que tornaria perfeitamente claro que ela, de fato sabia que Lorde Hugh Prentice se infiltrou na festa e que ela o encontrou totalmente sob seu aviso.

Manter as aparências podia ser muito cansativo.

Felizmente, segundos depois de reentrar no salão, avistou o primo dela, Arthur. Ele era maçante como um pedaço de pau, mas era impetuosamente bonito e sempre parecia atrair atenção. Mais importante, se o puxasse pela manga e lhe dissesse que precisava dele para dançar com ela, imediatamente, faria isso, sem fazer perguntas.

Após dançar com Arthur, guiou-a em direção a um de seus amigos, que então não teve nenhuma escolha, além de solicitar sua companhia para o minueto que se seguiu, e antes que percebesse, Sarah dançou quatro vezes em sucessão rápida, três das quais com homens do tipo que fazia uma jovem parecer muito popular. O quarto foi com Sir Felix Farnsworth, que, infelizmente, nunca faria qualquer dama parecer popular.

Mas por outro lado, Sarah tornou-se o tipo de jovem que deixava os cavalheiros populares, e estava feliz em emprestar um brilho para Sir Felix, de quem ela sempre gostou muito, apesar do seu interesse infeliz pela taxidermia.

Ela não viu Lorde Hugh, mas não sabia como ele poderia ter deixado de vê-la. No momento que terminava de beber um copo de limonada com Sir Felix, decidiu que se exibiu o suficiente, mesmo que não tivesse se passado uma hora desde que Honória partiu.

Vejamos, se cada dança durou cerca de cinco minutos, com um pequeno intervalo no meio, além da breve conversa com Arthur e dois copos de limonada...

Certamente que restaurou o nome da família. Pelo menos por esta noite.

— Obrigada novamente pela dança adorável, Sir Felix. — Disse Sarah ao entregar seu copo vazio para um lacaio. — Desejo-lhe melhor sorte com aquele abutre.

— Sim, eles são muito divertidos de empalhar. — E ele respondeu com um aceno de animação. — Tudo tem haver com o bico, você sabe.

— O bico. — Ela repetiu. — Certo.

— Está indo embora, então? — Ele perguntou. — Esperava contar sobre o meu novo projeto. A víbora.

Sarah sentiu os lábios se moverem em uma tentativa de formar palavras. No entanto, quando falou, tudo o que saiu foi. — Minha mãe.

— Sua mãe é uma víbora?

— Não! Quer dizer, não é normalmente. — Oh, céus, era bom que Sir Felix não fosse um fofoqueiro, porque se isto chegasse até sua mãe... — O que eu quis dizer é que ela não é uma víbora. Jamais. Mas que preciso encontrá-la. Disse-me especificamente que desejava partir mais cedo... ehm...b... agora.

— São quase onze. — Sir Felix informou amavelmente.

Ela deu um aceno enfático. — Exatamente.

Sarah despediu-se, deixando Sir Felix com o primo Arthur, que, se ele não estivesse interessado em víboras, pelo menos teria uma boa amostra delas. Então partiu em busca de sua mãe para que ela soubesse que desejava partir antes do planejado. Elas não viviam muito longe dos Dunwoodys; se Lady Pleinsworth não estivesse pronta para partir, não deveria ser difícil que a carruagem a transportasse para casa dos Pleinsworth e em seguida, retornasse para buscar sua mãe.

Cinco minutos de procura não revelou o paradeiro de Lady Pleinsworth, no entanto, Sarah já estava resmungando para si mesma enquanto andava pelo corredor para onde achava que os Dunwoodys tinham uma sala de jogos.

— Se mamãe estiver jogando cartas... — Não que Lady Pleinsworth não pudesse perder uma guiné ou duas, ou seja, o que fosse que as matronas apostavam hoje em dia, mas ainda, pareceu-lhe bastante injusto que estivesse jogando enquanto Sarah estava salvando a família do constrangimento total.

Causado por seu primo, enquanto esteve jogando.

— Ah, ironia! — Ela murmurou. — Seu nome é...

Seu nome era...

Seu nome poderia ser...

De fato ela parou de andar enquanto franzia a testa. Aparentemente o nome da ironia era alguma palavra, em que não conseguia pensar.

— Sou patética. — Murmurou, retomando sua busca. E queria ir para casa. Onde diabo estava a mãe dela?

Uma luz suave brilhava de uma porta parcialmente aberta a poucos metros à frente. Era bastante tranquila para um jogo de cartas, mas por outro lado, a porta aberta pareceu indicar que Sarah poderia entrar sem problemas, não seria muito inapropriado.

— Mamãe! — Disse, caminhando para dentro da sala. Mas não era sua mãe.

O novo nome para ironia era aparentemente Hugh Prentice.

Ela congelou na soleira da porta, incapaz de fazer qualquer coisa, além de olhar para o homem sentado perto da janela. Mais tarde, quando revivesse cada momento horrível daquele encontro, lhe ocorreria que poderia ter ido embora. Ele não estava de frente para ela, e não a notou; não a veria, a menos que falasse novamente.

O que naturalmente o fez.

— Espero que esteja satisfeito. — Ela disse friamente.

Lorde Hugh posicionou-se ao som da voz dela. Seus movimentos eram rígidos, e inclinou-se pesadamente no braço da cadeira quando se levantou. — Perdão? — Ele disse educadamente, considerando sua expressão completamente desprovida de emoções.

Não teve nem a decência de parecer desconfortável na presença dela? Sarah sentiu as mãos recolher em duros punhos. — Você não tem vergonha?

Isto provocou um piscar de olhos, nada mais. — Isso depende da situação. — Ele finalmente murmurou.

Sarah procurou seu repertório adequado para exclamações de indignação feminina, finalmente fixando-se em: — Você, senhor, não é um cavalheiro.

Com isso, ela finalmente ganhou sua total atenção. Seus olhos verdes relva encontraram os dela, estreitando-se tão ligeiramente com o pensamento, e foi então que Sarah percebeu...

Ele não sabia quem ela era.

Engasgou.

— Agora, o que? — Ele murmurou.

Não sabia quem ela era. Arruinou a vida dela, e não sabia quem era?

Ironia, o seu nome está prestes a ser amaldiçoado.

Capítulo 3



Como eles se conheceram

(A maneira que ele recordava)

Em retrospectiva, Hugh pensou, deveria ter percebido que a jovem mulher em pé diante dele estava perturbada quando declarou que ele não era um cavalheiro. Não que isso não fosse verdade; por mais que houvesse tentado se comportar como um adulto civilizado, sabia que sua alma era negra como fuligem.

Mas realmente... — Você, senhor, não é um cavalheiro. — E diretamente na sequência. — Espero que você esteja satisfeito. — E então. — Você não tem vergonha?

Certamente, nenhum adulto de razoável inteligência e sanidade seria tão redundante. Sem mencionar banal. Ou a pobre mulher passava muito tempo no teatro ou se convenceu que era uma personagem daqueles melodramas horríveis, que todos liam ultimamente.

Sua inclinação era girar seu calcanhar bom e afastar-se, mas a julgar pelo olhar selvagem nos olhos dela provavelmente o seguiria, e ele não era exatamente a mais rápida raposa sendo caçada atualmente. Melhor enfrentar o

problema de frente, por assim dizer.

— Está indisposta? — Perguntou com cuidado. — Gostaria que eu buscasse alguém para você?

Ela gaguejou e irritou-se, suas bochechas ficando tão rosa que pode ver a cor aprofundando-se mesmo nas sombras lançada pelos castiçais. — Você... você...

Ele deu um passo discreto tomando distância. Não pensava que ela estivesse literalmente cuspiendo suas palavras, mas pela maneira que os lábios dela estavam pressionados, realmente não podia deixar de ser cuidadoso.

— Talvez você deva sentar-se? — Ele sugeriu. Apontando para um sofá nas proximidades, esperando que não almejasse que a ajudasse a chegar lá. O equilíbrio dele não era mais como foi um dia.

— Quatorze homens. — Ela sibilou.

Não conseguia nem sequer começar a pensar sobre o que ela estava falando.

— Você sabia disso? — Perguntou, e percebeu que ela estava tremendo. — Quatorze.

Ele limpou a garganta. — E só um de mim.

Houve um momento de silêncio. Um momento de silêncio abençoado.

Então ela falou.

— Não sabe quem sou, não é? — Perguntou.

Hugh observou-a mais de perto. Ela parecia vagamente familiar, mas logicamente falando, isto não significou nada. Hugh não socializava com muita frequência, mas havia tantos membros na sociedade. Eventualmente, tantos rostos que pareciam familiares.

Se tivesse permanecido na reunião desta noite por mais de alguns minutos, poderia ter descoberto a identidade dela, mas deixou o salão de baile quase tão rapidamente quanto entrou. A expressão de Charles Dunwoody mudou e ficou pálido quando Hugh ofereceu suas felicitações, deixando Hugh se perguntando se perdeu seu último amigo em Londres. Finalmente, Charles puxou-o de lado e informou-lhe que a mãe e a irmã de Daniel Smythe-Smith estavam presentes.

Não pediu para Hugh partir, mas, no entanto, ambos se conheciam a tanto

tempo que não foi preciso. Hugh fez imediatamente uma reverência e retirou-se. Ele causou dor suficiente para aquelas duas mulheres. Manter-se no baile teria sido nada menos malévolo.

Especialmente uma vez que não podia malditamente dançar bem.

Mas sua perna estava dolorida, e não conseguiu empurrar-se através da fila de carruagens e encontrar um transporte de aluguel, pelo menos não imediatamente. Então, fez seu caminho para uma sala tranquila, onde esperou sentado e descansando na solidão.

Ou não.

A mulher que entrou em seu refúgio ainda estava em pé na porta do lado de dentro da sala, sua fúria tão palpável que Hugh estava quase preparado para reexaminar suas crenças sobre a possibilidade de combustão espontânea da forma humana.

— Você arruinou a minha vida. — Ela sussurrou.

Isso sabia que não era verdade. Ele arruinou a vida de Daniel Smythe-Smith, e, por extensão provavelmente de sua irmã solteira, mas esta mulher morena na frente dele não era Honória Smythe-Smith. Lady Honória tinha o cabelo muito mais claro, e o rosto dela não era tão expressivo, embora a emoção profunda nessa mulher pudesse facilmente ter sido movida pela insanidade. Ou, agora pensando nisso, pela bebida.

Sim, era muito mais provável. Hugh não tinha certeza de quantos copos de licor seria necessário para embebedar uma mulher, aproximadamente nove, calculou, mas era evidente que conseguira isso.

— Lamento que eu tenha angustiado você. — Disse. — Mas receio que me confundi com outra pessoa. — Acrescentou em seguida, não porque quisesse, mas sim porque precisava; ela estava bloqueando o corredor e era claramente necessário algum tipo de cotovelada verbal para sair do caminho... — Se eu puder ajudar de alguma...

— Você pode me ajudar. — Ela cuspiu. — Retirando sua presença de Londres.

Ele tentou não gemer. Isso estava ficando tedioso.

— Ou deste mundo. — Disse venenosa.

— Oh, pelo amor de Cristo. — Ele jurou. Quem era essa mulher, já o tinha

feito sacrificar qualquer obrigação de falar como um cavalheiro na presença dela. — Por favor... — Curvou-se, com talento e sarcasmo de igual medida. — ...permita que eu me mate conforme seu afetuoso pedido, oh mulher sem nome cuja a vida eu destruí.

Sua boca se abriu. Bom. Ela estava sem palavras.

Finalmente.

— Ficaria muito feliz em cumprir seu pedido. — Continuou ele. — Uma vez que você saia do meu caminho. — A voz dele subiu para um rugido, ou melhor, sua versão de um rugido, que foi mais um rosnado malévolo. Esticou a bengala para o espaço vazio à sua esquerda, esperando que a sua presença fosse suficiente para convencê-la a dar um passo para o lado.

A respiração dela sugou o ar da sala em um suspiro alto digno de Drury Lane. — Você esta me agredindo?

— Ainda não. — Ele murmurou.

Ela grunhiu. — Porque eu não ficaria surpresa se tentasse isso.

—Nem eu. — Disse ele, estreitando os olhos. — Eu gostaria.

Ela ofegou novamente, desta vez um curto e pequeno sopro muito mais de acordo com o papel dela como uma jovem dama muito ofendida. — Você, senhor, não é um cavalheiro.

— Nessa altura nós já comprovamos isso. — Disse. — Agora no momento, estou com fome, estou cansado e quero ir para casa. Você, no entanto, está bloqueando meu único meio de saída.

Ela cruzou os braços e aumentou a sua postura.

Ele inclinou sua cabeça e considerou a situação. — Parece que temos duas opções. — Finalmente disse. — Pode mover-se, ou posso empurrá-la fora do caminho.

A cabeça dela balançou para o lado, o que só poderia ser descrito como uma bravata. —Gostaria de vê-lo tentar.

— Lembre-se, não sou nenhum cavalheiro.

Ela sorriu. — Porém eu tenho duas pernas boas.

Bateu levemente na bengala com carinho. — Eu tenho uma arma.

— E sou rápida o suficiente para evitá-la.

Ele sorria brandamente. — Ah, mas uma vez que você se mova, não haverá nenhuma obstrução. — Acenou um giro no ar com a mão livre. — Então poderei seguir meu caminho, e se há um Deus no nosso céu, jamais colocarei os olhos em cima de você novamente.

Ela não deu exatamente um passo para fora do caminho, mas pareceu inclinar-se levemente para um lado, então Hugh aproveitou a oportunidade para lançar sua bengala como uma barreira forçando seu caminho passando por ela. Ele fez isso, e também e em retrospecto realmente deveria ter continuado, mas então ela gritou. — Eu sei exatamente quem você é, Lorde Hugh Prentice.

Ele parou. Expirado lentamente. Mas não se virou.

— Sou Lady Sarah Pleinsworth. — Anunciou, e não pela primeira vez desejou que soubesse como interpretar melhor as vozes femininas. Havia algo no seu tom que não entendeu muito bem, um pequeno entrecortar, que poderia ter fechado a garganta dela, apenas por um milésimo de segundo.

Ele não sabia o que isso significava.

Mas sabia, e certamente não precisava ver-lhe o rosto para sabê-lo, que esperava que ele reconhecesse o nome dela. E tanto quanto desejava não reconhecê-lo, o fez.

Lady Sarah Pleinsworth, prima de Daniel Smythe-Smith. De acordo com Charles Dunwoody, ela foi muito vocal em sua fúria sobre o resultado do duelo. Muito mais do que a mãe e a irmã de Daniel que, na opinião de Hugh, teriam um clamor muito mais válido para raiva.

Hugh se virou. Lady Sarah estava parada a poucos metros de distância, sua postura firme e furiosa. Suas mãos estavam cerradas em seus lados, e seu queixo estava projetado para frente de uma maneira que fez lembrar uma criança com raiva, presa em um argumento absurdo e determinada a defender sua posição.

— Lady Sarah. — Disse com toda cortesia devida. Era prima de Daniel, e apesar do que aconteceu nos últimos minutos, estava determinado a tratá-la com respeito. — Não nos conhecemos formalmente.

— Não precisamos...

— Mas, mesmo assim... — Interrompeu antes que ela pudesse fazer outra proclamação melodramática. — ...sei quem você é.

— Aparentemente não. — Ela murmurou.

— Você é prima de Lorde Winstead. — Afirmou. — Eu conheço seu nome, se não seu rosto.

Ela deu um aceno de cabeça, o primeiro gesto que fez sugerindo civilidade. A voz dela, também, estava um pouco mais moderada quando falou novamente. Mas só um pouco. — Você não deveria ter vindo esta noite.

Ele fez uma pausa. Então disse. — Conheço Charles Dunwoody por mais de uma década. Queria felicitá-lo por seu noivado.

Isso não pareceu impressioná-la. — Sua presença foi muito angustiante para minha tia e prima.

— E por isso peço desculpas. — Era verdade, e estava fazendo tudo que podia para acertar as coisas. Mas não poderia compartilhar isso com os Smiths-Smythe até que tivesse sucesso. Seria cruel aumentar as esperanças da família de Daniel. E talvez, mais ao ponto, não poderia imaginar se eles o receberiam se fosse lhes falar.

— Você lamenta? — Lady Sarah disse com desprezo. — Acho isso difícil de acreditar.

Novamente, fez uma pausa. Não gostava de responder à provocação com uma explosão imediata. Nunca gostou, o que fez seu comportamento com Daniel mais irritante. Se não tivesse bebido, se comportaria racionalmente, e nada disso teria acontecido. Ele certamente poderia não estar ali parado em um canto escuro da casa dos pais de Charles Dunwoody, na companhia de uma mulher que tinha obviamente o procurado por nenhuma outra razão do que distribuir insultos.

— Você pode acreditar no que desejar. — Respondeu. Não lhe devia nenhuma explicação.

Por um instante ninguém falou, então Lady Sarah disse. — Elas foram embora, caso você esteja pensando nisso.

Ele inclinou sua cabeça interrogativamente.

— Tia Virginia e Honória. Elas partiam tão logo perceberam que estava aqui.

Hugh não sabia o que pretendia com o depoimento dela. Deveria se sentir culpado? Tinham desejado permanecer na festa? Ou isso foi mais um insulto? Talvez Lady Sarah tentasse dizer-lhe que era tão repulsivo que sua tia e prima

não puderam tolerar a presença dele.

Então não disse nada. Não quis dar uma resposta incorreta. Mas então algo mesquinho surgiu no cérebro dele. Um quebra-cabeça em favor da ordem. Nada mais do que uma pergunta sem resposta, mas era tão estranho e fora do lugar que tinha que saber a resposta. E então ele perguntou. — O que quis dizer antes, com quatorze homens?

A boca de Lady Sarah esticou-se em uma linha cruel. Bem, muito cruel, se tal coisa fosse possível.

— Quando me viu... — Recordou-lhe, embora, achasse que soubesse exatamente do que estava falando. — ...você disse algo sobre quatorze homens.

— Não foi nada. — Disse com desdém, mas os olhos dela desviaram um pouquinho para a direita. Estava mentindo. Ou envergonhada. Provavelmente ambos.

— Quatorze não é nada. — Estava sendo pedante, sabia, mas ela já tinha testado sua paciência em todos os sentidos, porém na matemática. Quatorze é diferente de zero, mas o ponto era, por que as pessoas mencionavam as coisas se não queriam falar sobre elas? Se não tivesse intenção de explicar o comentário, ela deveria muito bem tê-lo mantido para si mesma.

Ela deu visivelmente um passo para o lado. — Por favor. — Disse. — Vá.

Não se moveu. Ela despertou sua curiosidade e havia poucos neste mundo mais tenazes do que Hugh Prentice com uma pergunta sem resposta.

— Você passou a última hora me mandando sair do seu caminho. — Ela grunhiu.

— Cinco minutos. — Ele corrigiu. — E embora deseje muito a serenidade da minha própria casa, encontro-me curioso sobre seus quatorze homens.

— Eles não são meu quatorze homens. — Retrucou.

— Espero que não. — Ele murmurou, depois acrescentou. — Não que fosse vulgar.

A boca dela se abriu.

— Conte-me sobre os quatorze homens. — Ele cutucou.

— Eu lhe disse. — Insistiu, suas bochechas corando num tom satisfatório de rosa. — Não foi nada.

— Mas estou curioso. Quatorze homens para o jantar? Para o chá? É demais para um time de críquete, mas...

— Pare! — Ela explodiu.

Ele o fez. Arqueou a sobancelha, então.

— Se quer saber. — Ela disse, sua voz cortada pela fúria. — Houve quatorze homens que ficaram noivos com a intenção de se casar em 1821.

Houve uma longa pausa. Hugh não era um homem pouco inteligente, mas não tinha ideia do que isso tinha haver com alguma coisa. — Todos os quatorze homens se casaram? — Ele perguntou educadamente.

Ela olhou fixamente para ele.

— Você disse que quatorzes estavam prestes a se casar.

— Não importa.

— Eles o fizeram, imagino.

Ele achou que ambos foram feitos para a arte dramática, mas Lady Sarah soltou um grito de frustração. — Você não entende nada!

— Oh, pelo amor de...

— Tem alguma ideia do que você fez? — Ela exigiu. — Enquanto esta sentado em sua casa confortável, aconchegante em Londres...

— Cale-se. — Falou, só não sabia se disse isso em voz alta. Ele só queria que parasse. Parasse de falar, discutir, parasse tudo.

Mas em vez disso adiantou-se e, com um olhar venenoso, exigiu. — Você sabe quantas vidas arruinou?

Tomou fôlego. Ar, ele precisava de ar. Não precisava ouvir isto. Não dela. Sabia exatamente quantas vidas tinha arruinado, e a dela não era uma delas.

Mas ela não desistiu. — Você não tem consciência? — Sibillou.

E finalmente, ele surtou. Sem pensar duas vezes na perna, avançou até se aproximar o suficiente para sentir o calor da respiração dele. A fez recuar contra a parede, prendendo-a com nada, além da fúria de sua presença.

— Não me conhece. — Disse. — Não sabe o que penso ou o que sinto ou que medida do inferno eu convivo todos os dias da minha vida. E da próxima vez

que se sentir tão injustiçada, você, que nem sequer carrega o mesmo sobrenome de Lorde Winstead, faria bem em se lembrar que uma das vidas que arruinei foi a minha.

E então se afastou. — Boa noite. — Disse, tão agradavelmente como um dia de verão.

Por um momento pensou que finalmente tinha terminado, mas então ela disse a única coisa que poderia redimi-la.

— Eles são minha família.

Ele fechou os olhos.

— Eles são minha família. — Ela disse em uma voz embargada. — E você feriu-os além da possibilidade de restauração. Por isso, nunca perdorei você.

— Tampouco. — Ele disse as palavras exclusivamente para seus ouvidos. — Eu poderei.

Capítulo 4



Em Fensmore

*Na sala de estar com Honória, Sarah, Harriet, Elizabeth, Frances e Lorde Hugh
Diretamente onde paramos...*

Foi um momento raro o silêncio que caiu no encontro das primas Smythe-Smith, mas foi exatamente o que aconteceu depois que Lorde Hugh fez um arco educado e saiu da sala de estar.

Cinco delas, as quatro irmãs Pleinsworth e Honória, permaneceram mudas por alguns segundos, olhando uma para outra enquanto esperavam por uma quantidade adequada de tempo passar.

Quase podia ouvi-las contando, Sarah pensou, e de fato, assim que ela chegou ao dez em sua própria cabeça, Elizabeth anunciou. — Bem isso não foi muito sutil.

Honória virou. — O que você quer dizer?

— Você está tentando formar um par com Sarah e Lorde Hugh, não é?

— Claro que não! — Honória exclamou, mas o uivo de negação de Sarah

foi consideravelmente mais alto.

— Ah, mas você deve! — Frances disse com um encantador aplauso das mãos. — Eu gosto muito de Lorde Hugh. É verdade que pode ser um pouco excêntrico, mas é muito inteligente. E é um bom atirador.

Todos os olhos se viraram para Frances. — Ele atirou no ombro do primo Daniel. — Sarah lembrou-lhe.

— Ele é um bom atirador, quando está sóbrio. — Esclareceu Frances. — Daniel disse.

— Não consigo imaginar a conversa que revelou tal fato. — Honória disse. — Nem desejo isso perto do casamento. — Voltou-se resolutamente para Sarah. — Eu tenho um favor para te pedir.

— Por favor, diga que não envolve Hugh Prentice.

— Envolva Hugh Prentice. — Honória confirmou. — Preciso de sua ajuda.

Sarah fez uma grande exibição ao suspirar. Ela teria que fazer qualquer coisa que Honória pedisse; ambas sabiam disso. Mas mesmo que Sarah fosse para baixo sem uma luta, ela não iria fazê-lo sem uma queixa.

— Tenho muito medo de que ele não se sinta bem-vindo em Fensmore. — Disse Honória.

Sarah não conseguiu achar nada censurável sobre essa afirmação; se Hugh Prentice não se sentia bem-vindo, não era problema dela e merecia nada mais que isso. Mas poderia ser diplomática, quando a ocasião justificasse, então comentou. — Acho que é muito mais provável que ele se isole. Ele não é muito amigável.

— Acho mais provável que ele seja tímido. — Disse Honória.

Harriet, ainda sentada na escrivaninha, suspirou de prazer.

— Um herói taciturno. O melhor tipo! Vou incluí-lo em minha peça!

— Aquela com o unicórnio? — Frances perguntou.

— Não, aquela que pensei esta tarde. — Harriet apontou a ponta da pena na direção de Sarah. — Com a heroína que não é muito rosa ou verde.

— Ele atirou no seu primo. — Sarah retrucou, chicoteando ao redor para enfrentar sua irmã mais nova. — Ninguém lembra isso?

— Foi há muito tempo. — Disse Harriet.

— E acho que ele está arrependido. — Declarou Frances.

— Frances, você tem onze anos. — Sarah disse rispidamente. — Você não é capaz de julgar o caráter de um homem.

Frances entreabriu os olhos. — Eu posso julgar o seu.

Sarah olhou de irmã para irmã, então novamente para Honória. Ninguém percebia que pessoa horrível, Lorde Hugh era? Esquecendo por um momento (como se fosse possível) que quase destruiu sua família. Era horrível. Bastava conversar com ele por dois minutos antes de...

— Muitas vezes parece ficar desconfortável nas reuniões. — Admitiu Honória, invadindo o discurso mental e retórico de Sarah. — Mas essa é mais uma razão que saíamos do nosso caminho para fazê-lo sentir-se bem-vindo. Eu... — Honória interrompeu-se, olhou em volta da sala, fixou-se em Harriet, Elizabeth e Frances, todas elas a observando com grande e indisfarçável interesse e disse. — Com licença, por favor. — Pegou o braço de Sarah e a conduziu para fora da sala de estar, no corredor e depois para outra sala.

— Terei que ser babá de Hugh Prentice? — Sarah perguntou uma vez que Honória fechou a porta.

— Claro que não. Mas estou pedindo para que tenha certeza de que ele se sinta parte das festividades. Talvez esta noite, na sala de estar antes do jantar. — Honória sugeriu.

Sarah gemeu.

— Ele é susceptível a desligar-se num canto, em pé por si mesmo.

— Talvez goste assim.

— Você é tão boa em conversar com as pessoas. — Disse Honória. — Sempre sabe o que dizer.

— Não para ele.

— Você ainda não o conhece. — Disse Honória. — Quão terrível isso pode ser?

— Naturalmente que já o conheço. Não acho que há alguém em Londres que não o conheça. — Sarah considerou isso, em seguida, murmurou. — Patético, apesar do que parece.

— Não disse que você não o tenha conhecido, eu disse que não o conhece.
— Honória corrigiu. — Há uma grande diferença.

— Muito bem. — Disse Sarah, um tanto a contragosto. — Se você deseja separar as coisas.

Honória apenas inclinou a cabeça, forçando Sarah a prosseguir.

— Eu não sei. — Disse Sarah. — Mas o que conheci dele, particularmente não gostei. Tentei ser amável durante estes últimos meses.

Honória deu-lhe um olhar bastante descrente.

— Sim! — Sarah protestou. — Não diria que tentei muito firmemente, mas te digo, Honória, que o homem não é um conversador brilhante.

Agora Honória parecia como se fosse rir, o que só alimentou irritação de Sarah.

— Eu tentei conversar com ele. — Sarah disse entre dentes. — Porque é isso que as pessoas fazem em suas funções sociais. Mas ele nunca respondeu como deveria.

— E como deveria? — Honória ecoou.

— Ele me deixa desconfortável. — Sarah disse com uma fungada. — E estou bastante certa de que não gosta de mim.

— Não seja boba. — Disse Honória. — Todos gostam de você.

— Não. — Disse Sarah, francamente. — Todos gostam de você. Para mim, por outro lado, falta o seu tipo de coração puro e bom.

— Do que você está falando?

— Apenas que, enquanto você procura o melhor de todos, tenho uma visão muito cínica do mundo. E eu... — Fez uma pausa. Como dizer isso? — Há pessoas neste mundo que me acha muito chata.

— Isso não é verdade. — Disse Honória. Mas foi uma resposta automática. Sarah estava completamente certa de que, dando mais tempo para considerar a sua declaração, Honória iria perceber que era verdade.

Embora tivesse dito a mesma coisa de qualquer maneira. Honória era assim, maravilhosamente leal.

— É verdade. — Disse Sarah. — E isso não me incomoda. Bem, não muito, de qualquer maneira. Isso certamente não me incomoda com relação a Lorde Hugh, dado que meu sentimento é recíproco.

Honória levou um momento para analisar as palavras de Sarah, então revirou os olhos. Não muito, mas Sarah a conhecia muito bem para perder esse gesto. Era o mais próximo que sua prima adorável e gentil poderia chegar de um ataque histérico.

— Acho que deveria dar-lhe uma chance. — Disse Honória. — Você nunca teve uma boa conversa com ele.

Não havia nada de apropriado a respeito disso, pensou sombriamente. Quase chegaram a vias de fato. E certamente não sabia o que dizer a ele. Sentia-se mal toda vez que se lembrava do encontro deles na festa de noivado dos Dunwoody. Ela não fez nada além do que jorrar chavões. Até mesmo poderia ter batido os pés. Provavelmente ele pensou que era uma imbecil total, e a verdade era que, preferia que pensasse que agira como uma.

Não que se importasse com o que pensava dela. Isso seria atribuir demasiada importância à sua opinião. Mas naquele momento terrível na biblioteca de Dunwoody, e nas breves e poucas palavras que trocaram, Hugh Prentice reduziu-a a alguém que ela mesma não gostou muito.

E isso era imperdoável.

— Não me cabe dizer com quem vai ou não vai interagir. — Honória continuou depois que se tornou claro que Sarah não iria comentar. — Mas tenho certeza de que você pode encontrar forças para suportar a companhia de Lorde Hugh por um dia.

— O sarcasmo tomou você. — Sarah disse desconfiada. — Quando isso aconteceu?

Honória sorriu. — Eu sabia que podia contar com você.

— De fato. — Sarah murmurou.

— Ele não é tão terrível. — Disse Honória, batendo-lhe no braço. — Acho que ele é bastante bonito, na verdade.

— Não importa se é bonito.

Honória pulou sobre isso. — Então você acha que ele é bonito.

— Acho que é muito estranho. — Sarah devolveu. — E se você está tentando bancar a casamenteira...

— Não estou! — Honória levantou os braços em sinal de rendição simulada. — Juro. Estava apenas fazendo uma observação. Acho que ele tem olhos muito bonitos.

— Gostaria mais dele se tivesse um dedo vestigial. — Sarah murmurou.

Talvez devesse escrever um livro.

— Um vestigial... o quê?

— Sim, os olhos dele são perfeitamente agradáveis. — Sarah disse obediamente. Era verdade. Ele tinha os olhos muito bonitos, verdes como a relva, penetrantes e inteligentes. Mas olhos bonitos não faziam um futuro marido. E não, ela não via cada homem através da lente de elegibilidade, bem, não muito e certamente não ele, mas era evidente que, apesar dos seus protestos, Honória estava lançando seus pensamentos nesse sentido.

— Farei isso por você. — Disse Sarah. — Porque sabe que eu faria qualquer coisa por você. O que significa que me jogaria na frente de uma carruagem em movimento se acontecesse isso. — Ela fez uma pausa, dando tempo para Honória absorver isso antes de continuar com um grande movimento de braço. — E se eu me jogaria na frente de uma carruagem em movimento, é lógico que também consentiria uma atividade que não requer o domínio de minha própria vida.

Honória olhou para ela sem entender.

— Tais como sentar ao lado de Lorde Hugh Prentice no seu café da manhã de casamento.

Levou um momento para Honória interpretar aquilo. — Muito... lógico.

— E a propósito, são dois dias que devo sofrer em sua companhia, não um. — Ela torceu o nariz. — Só para ficar claro.

Honória sorriu graciosamente. — Então você entreterá Lorde Hugh esta noite antes do jantar?

— Entreter. — Sarah repetiu sarcasticamente. — Quer que eu dance? Porque sabe que não tocarei o piano.

Honória riu enquanto se dirigia para a porta. — Basta usar seu charme

habitual. — Disse, movendo o rosto pela sala por um último segundo. — Ele vai amar você.

— Deus me livre.

— Deus trabalha de modo estranho...

— Não de modo tão estranho.

— A dama que desdenha demais...

— Não continue. — Sarah interrompeu.

As sobrancelhas de Honória ergueram-se. — Shakespeare certamente sabia o que estava falando.

Sarah jogou uma almofada nela.

Mas errou. Estava sendo um dia daqueles.



Mais tarde naquele dia.

Chatteris organizou para aquela tarde uma disputa de tiro ao alvo e como este era um dos poucos esportes que Hugh ainda podia participar, ele decidiu ir até o gramado sul na hora marcada. Ou melhor, trinta minutos antes da hora marcada. A perna era ainda irritantemente dura, e descobriu que mesmo com a bengala para ajudá-lo, estava andando mais lentamente do que o habitual. Havia remédios para aliviar a dor, mas a pomada que foi receitada pelo médico dele cheirava a morte. Quanto ao láudano, não conseguia tolerar o embotamento mental que causava.

Tudo o que restava era bebida, e realmente uma taça ou duas de conhaque pareciam soltar o músculo e suprimir a dor. Mas raramente bebia excessivamente; bastava lembrar o que aconteceu da última vez que se embebedou. Ele também tentou o seu melhor para evitar os fantasmas até o anoitecer, no mínimo. As poucas vezes que tinha se servido e engolido algo, foi porque estava descontente com si próprio há dias.

Tinha algumas táticas com as quais media sua força. Tornou-se uma questão

de honra para sobreviver até o anoitecer, com apenas sua inteligência para combater a dor.

Escadas eram sempre o mais difícil, e parou no patamar para flexionar e esticar sua perna. Talvez não devesse se preocupar. E não tinha nem sequer feito metade do caminho para o gramado sul e o latejar maçante e familiar já estava pulsando na coxa dele. Nada seria mais sensato do que apenas se virar e retornar para seu quarto.

Mas dane-se, queria atirar. Queria segurar uma arma em sua mão e levantar o braço correto e legitimamente. Queria apertar o gatilho e sentir o recuo, mais uma vez sacudindo através do ombro. Acima de tudo, ele queria acertar no maldito alvo.

Então era competitivo. Era homem, e isso que era de se esperar.

Haveria sussurros e olhares furtivos, tinha certeza. Não passaria despercebido que Hugh Prentice estaria segurando uma pistola perto de Daniel Smythe-Smith. Mas Hugh estava perversamente ansioso por isso. Daniel também estava. Disse isto quando conversaram durante o café da manhã.

— Dez libras que conseguimos fazer alguém desmaiar. — Daniel declarou logo depois de ter feito uma imitação de falsete bastante fino de uma das patronesses do Almack, completa e com uma mão sobre o coração e uma coleção estelar de cada expressão de ultraje feminino conhecida pelos homens.

— Dez libras? — Hugh murmurou, olhando-o, com sua xícara de café. — Para mim ou para você?

— Para ambos. — Daniel disse com um sorriso insolente. — Marcus é bom nisso.

Marcus deu-lhe um olhar e voltou-se para seus ovos.

— Ele está ficando muito maçante na sua velhice. — Disse Daniel para Hugh.

Para crédito de Marcus, tudo o que fez foi revirar seus olhos.

Mas Hugh sorriu. E percebeu que estava se divertindo mais do que em qualquer outro momento que se lembrava. Se os cavalheiros iriam atirar, poderia muito bem se juntar a eles.

Levou pelo menos cinco minutos para fazer o seu caminho até o andar inferior, no entanto, e uma vez lá, decidiu que seria melhor cortar através de um

dos muitos salões de Fensmore em vez de tomar a trilha para o gramado sul.

Nos últimos três anos e meio, Hugh tornou-se extremamente hábil em esmiuçar cada atalho possível.

Terceira porta à direita, em seguida, vire à esquerda, atravessar a sala e sair pelas portas francesas. Como um benefício adicional, poderia ter um momento para descansar em um dos sofás. A maioria das damas saíram para a aldeia, por isso era improvável que alguém estivesse por ali. Segundo sua estimativa, tinha um quarto de hora antes das sessões de tiro iniciar.

A sala não era muito grande, com apenas alguns assentos arranjados. Havia uma cadeira azul de frente para ele que parecia confortável o suficiente. Não conseguia ver por cima do encosto do sofá que estava em frente dele, mas provavelmente havia uma mesa baixa entre eles. Poderia colocar a perna por um momento, e nada seria mais sensato.

Fez o seu caminho, mas provavelmente não prestou a devida atenção, pois sua bengala bateu na extremidade da mesa, o que levou diretamente sua canela a prender-se na borda da mesa, que por sua vez, levou a uma sequência de maldições muito criativas sair de sua boca enquanto se virou para sentar-se.

Foi quando viu Sarah Pleinsworth, dormindo no sofá.

Oh, merda.

Havia tido um dia melhor do que a média, não obstante a dor na perna. A última coisa que precisava era de uma audiência privada com a tão dramática Lady Sarah. Ela provavelmente iria acusá-lo de algo nefasto, seguida de uma declaração banal de ódio e concluiria com algo sobre aqueles quatorze homens que se comprometeram durante a temporada de 1821.

Ele ainda não sabia o que isto supostamente queria dizer.

Ou porque se lembrou disso. Sempre teve uma boa memória, mas realmente, não poderia o seu cérebro deixar de lembrar algo verdadeiramente inútil?

Teria que atravessar a sala sem acordá-la. Não era fácil andar nas pontas dos pés com uma bengala, mas por Deus, que seria o que faria se isso o levasse através da sala despercebido.

Bem, lá se foram suas esperanças de descansar a perna.

Cuidadosamente, passou por trás da mesa baixa de madeira, com atenção

para não tocar em nada, senão o tapete e o ar. Mas como qualquer um que tivesse caminhado sabia, o ar podia se mover, e aparentemente ele estava respirando muito forte, porque antes que conseguisse passar pelo sofá, Lady Sarah acordou de seu sono com um grito que o assustou tanto que o fez cair para trás contra outra cadeira, tombando sobre o braço estofado e pousando desajeitadamente no assento.

— O que? O que? O que está fazendo? — Ela piscou rapidamente antes de espetá-lo com o olhar. — Você!

Foi uma acusação. Sim absolutamente.

— Oh, você me deu um susto. — Disse, esfregando os olhos.

— Aparentemente. — Ele jurou sob sua respiração enquanto tentava passar as pernas para parte da frente da cadeira. — Ai!

— O que foi? — Ela perguntou com impaciência.

— Chutei a mesa.

— Porquê?

Ele fez uma careta. — Não fiz isso de propósito.

Ela pareceu só então perceber que estava descansando muito casualmente, ao longo do comprimento do sofá e, com uma afobação de movimento, endireitou-se para uma posição ereta mais apropriada. — Desculpe-me. — Disse ainda aturdida. Seu cabelo escuro estava caindo do seu penteado; e ele considerou que era melhor não apontar isto.

— Por favor, aceite minhas desculpas. — Disse com firmeza. — Não quis assustá-la.

— Estava lendo. Devo ter adormecido. Eu... ah... — Ela piscou algumas vezes mais e, em seguida, seus olhos finalmente pareceram concentrar-se. Nele. — Você estava me espionando?

— Não. — Disse, com talvez mais velocidade e fervor do que era educado. Apontou para a porta que levava lá para fora. — Estava só cortando caminho. Lorde Chatteris fez arranjos para o tiro ao alvo.

— Oh! — Ela olhou desconfiada por cerca de um segundo mais, então isto claramente deu lugar ao constrangimento. — É claro. Não há nenhuma razão pela qual você estaria esgueirando-se... quer dizer... — limpou sua garganta. —

Bem.

— Bem.

Ela esperou por um momento, então, perguntou incisivamente. — Você não planejava seguir para o gramado?

Ele olhou-a.

— Para o tiro. — Ela esclareceu.

Ele encolheu os ombros. — Estou adiantado.

Ela não parecia importar-se com essa resposta. — Está bastante agradável lá fora.

Olhou pela janela. — Sim está. — Estava tentando se livrar dele, e supôs que merecia certa medida de respeito por nem mesmo tentar esconder isso. Por outro lado, agora que estava acordada, e ele estava sentado em uma cadeira, descansando a perna, parecia não haver razão para apressar-se.

Podia suportar qualquer coisa por dez minutos, até mesmo Sarah Pleinsworth.

— Você planeja atirar? — Ela perguntou.

— Sim.

— Com uma arma?

— É assim que normalmente se faz isso.

O rosto dela contraiu-se. — E você acha isso prudente?

— Diz isso porque seu primo estará lá? Garanto que ele terá uma arma também. — Sentiu os lábios se curvarem em um sorriso sem emoção. — Será quase como um duelo.

— Por que brincar com essas coisas? — Retrucou.

Deixou seu olhar pousar muito intensamente no dela. — Quando a alternativa é o desespero, geralmente prefiro humor. Mesmo que varie para a força.

Algo cintilou nos olhos dela. Uma pitada de compreensão, talvez, mas isso foi muito rápido para certificar-se do que tinha visto. E então ela apertou os lábios, numa expressão muito empertigada, ficou claro que imaginara o breve

momento de simpatia.

— Quero lhe dizer que não aprovo. — Ela disse.

— Devidamente anotado.

— E... — Ela levantou seu queixo e se afastou um pouco — ...penso que é uma ideia muito ruim.

— Como isso difere de falta de aprovação?

Ela só fez uma careta.

Ele teve um pensamento. — Você acha ruim o suficiente a ponto de desmaiar?

Ela estalou voltando sua atenção. — O quê?

— Se você desmaiar no gramado, Chatteris perderá para Daniel e a mim dez libras, cada um.

Seus lábios formaram um *O* e então congelaram nessa posição.

Ele inclinou-se para trás e sorriu preguiçosamente. — Poderia ser persuadido a oferecer-lhe uma percentagem de vinte.

O rosto dela moveu-se, mas permaneceu sem palavras. Droga, era um bom divertimento atormentá-la.

— Não se preocupe. — Disse ele. — Nós nunca executaríamos isso.

Sua boca finalmente se fechou. Em seguida, se abriu novamente. Claro.

Devia saber que seu silêncio poderia ser apenas passageiro.

— Você não gosta de mim. — Ela disse.

— Não verdade, não. — Provavelmente devesse ter mentido, mas de alguma forma, parecia que nada menos do que a verdade teria sido ainda mais ofensivo.

—E eu não gosto de você.

—Não... — Ele disse suavemente. — ...acho que goste.

— Então por que está aqui?

— No casamento?

— Na sala. Deus, como é obtuso. — A parte final disse para si mesma, mas a audição dele sempre foi bastante acentuada.

Ele raramente usava sua lesão como um trunfo, mas parecia uma boa hora. — Minha perna. — Disse com lenta deliberação. — Dói.

Houve um silêncio delicioso. Delicioso para ele. Para ela, imaginou que era horrível.

— Peço desculpas. — Ela murmurou, olhando para baixo antes que pudesse saber a extensão do rubor dela. — Isso foi muito indelicado da minha parte.

— Não pense nisso. Você já fez pior.

Os olhos dela chamejaram.

Ele uniu as pontas dos dedos, as mãos fazendo um triângulo oco. — Me lembro de nosso encontro anterior com uma precisão desagradável.

Ela inclinou-se para frente em fúria. — Você afugentou minha prima e tia de uma festa.

— Elas fugiram. Há uma diferença. E eu nem sabia que estavam lá.

— Bem, você deveria saber.

— Clarividência nunca foi um dos meus talentos.

Ele podia ver o esforço dela para controlar o temperamento, e quando falou sua mandíbula mal se mexeu. — Sei que você e meu primo Daniel fizeram as pazes, mas sinto muito, não consigo te perdoar pelo que fez.

— Mesmo que ele o tenha feito? — Hugh perguntou suavemente.

Ela mexeu-se desconfortavelmente, e sua boca pressionou em várias expressões diferentes antes que finalmente dissesse. — Ele pode dar-se ao luxo de ser caridoso. Sua vida e felicidade foram restauradas.

— E a sua não foi. — Não era uma pergunta. Era uma afirmação e uma antipática.

Ela manteve a boca fechada.

— Diga-me. — Ele exigiu, porque inferno, era hora de chegar ao fundo da questão. — O que, exatamente, fez para você? Não para seus primos, não para seus outros primos, mas para você, Lady Sarah quaisquer que seja seus outros

nomes Pleinsworth.

Olhou para ele com rebeldia e, em seguida, ficou em pé. — Vou embora.

— Covarde. — Murmurou, sentindo-se muito bem. Mesmo que ela merecesse o respeito de um cavalheiro.

— Muito bem. — Disse a cor em suas bochechas subindo com raiva mal contida. — Era para eu fazer a minha estreia em 1821.

— O ano dos quatorze cavalheiro elegíveis. — Era verdade. Ele não se esqueceu de quase nada.

Ela ignorou isso. — Depois que você afugentou Daniel para fora do país, minha família teve que entrar em reclusão.

— Foi meu pai. — Disse Hugh rispidamente.

— O quê?

— Meu pai afugentou Lorde Winstead para fora do país. Não tive nada a ver com isso.

— Não importa.

Seus os olhos se estreitaram, e com lenta deliberação, ele disse. — Para mim importa.

Ela engoliu desconfortavelmente, toda sua postura rígida. — Por causa do duelo. — Disse, reformulando para que a culpa pudesse ser colocada novamente diretamente nele. — Não voltamos à cidade durante um ano inteiro.

Hugh sufocou uma risada, finalmente compreendeu sua cabecinha tola. Estava culpando-o pela perda de sua temporada de Londres. — E aqueles quatorze cavalheiros elegíveis estão agora totalmente perdidos para você.

— Não há nenhuma razão para ser tão debochado.

— Você não tem como saber se um deles teria proposto. — Ressaltou.

Ele gostava de coisas lógicas, e isso não... era.

— Também não há nenhuma maneira de saber que não faria. — Gritou. Sua mão voou para o peito, e ela deu um passo irregular, como surpresa com a própria reação.

Mas Hugh não sentiu nenhuma simpatia. E não pode evitar a risada cruel

que irrompeu de sua garganta. — Nunca deixa de surpreender-me, Lady Sarah. Todo esse tempo, você me culpa por sua condição de solteira. Alguma vez lhe ocorreu olhar em algum lugar mais próximo e profundo?

Deixou escapar um terrível grito estrangulado e então a mão dela foi à boca, não tanto para cobri-la, mas para manter algo dentro.

— Perdoe-me. — Ele disse, mas ambos sabiam que o que disse foi imperdoável.

— Pensei que não gostasse de você pelo que fez à minha família. — Disse ela mantendo-se tão rígida que estremeceu. — Mas isso não é tudo. Você é uma pessoa horrível.

Ele ficou muito quieto, do jeito que foi ensinado desde o nascimento. Um cavalheiro deve estar sempre no controle de seu corpo. Um cavalheiro não gesticulava, cuspiu ou se inquietava. Não sobrou muito em sua vida, mas ainda tinha isso, seu orgulho, seu comportamento. — Me empenharei para não forçar minha presença em sua companhia. — Disse firmemente.

— É tarde demais para isso. — Ela disse.

— Perdão?

Os olhos dela perfuraram os seus. — Minha prima, se você bem se lembra, solicitou que sentemos juntos na mesa do café da manhã de casamento.

Aparentemente se esqueceu de algumas coisas. Droga. Prometeu para Lady Honória. Não havia como fugir disso. — Posso ser civilizado se você puder também. — Disse.

Chocou-o então, quando lhe estendeu a mão para selar o acordo. Ele segurou-a e naquele momento, quando sua mão estava na dele, teve o impulso muito bizarro de levar os dedos dela à boca.

— Temos uma trégua, então? — Ela disse.

Ele olhou para cima.

Isso foi um erro.

Porque Lady Sarah Pleinsworth estava olhando-o com uma expressão de incomum e (tinha bastante certeza disso) transparência atípica. Os olhos dela, que sempre foram duros e frágeis quando se viravam em sua direção, estavam mais suaves agora. E os lábios, que percebeu não estavam lançando insultos, era a

perfeição absoluta, cheios e rosados, pincelados com um tipo único e certo de curvas. Eles pareciam dizer a um homem que ela conhecia coisas, que sabia como rir, e se apenas lhe oferecesse sua alma, ela iluminaria o mundo dele com um simples sorriso.

Sarah Pleinsworth.

Bom Deus, ele perdeu o juízo?

Capítulo 5



Mais tarde naquela noite.

Quando Sarah desceu para o jantar, estava se sentindo um pouco melhor sobre ter que entreter e estar próxima de Hugh Prentice antes do jantar daquela noite. A discussão que tiveram naquela tarde foi horrível e ela não conseguia imaginar que eles escolheriam tornarem-se amigos, mas pelo menos colocaram tudo em pratos limpos. Se ela foi forçada a permanecer ao seu lado até a realização do casamento, ele não pensaria que fazia isso sobre qualquer pretexto para estar em sua companhia.

E ele se comportaria corretamente também. Eles chegaram a um acordo e apesar de todos os seus defeitos, não parecia o tipo de voltar atrás na sua palavra. Seria educado, e faria uma bela exibição para Honória e Marcus, e uma vez que este mês ridículo de casamentos acabasse, eles nunca mais precisariam falar um com o outro novamente.

Depois de cinco minutos na sala de estar, no entanto, ficou deliciosamente claro que Lorde Hugh ainda não estava presente. E Sarah notou. Ninguém iria acusá-la de fugir de seu dever.

Sarah nunca gostou muito de ficar parada sozinha nas reuniões, então se

juntou a sua mãe e tias perto da lareira. Como esperado, elas se queixavam sobre os acertos do casamento. Sarah ouvia sem muita atenção; depois de cinco dias em Fensmore, não podia imaginar que havia qualquer detalhe que ainda não tivesse ouvido sobre a cerimônia a se realizar.

— É uma pena que não seja época de hortênsias. — Dizia tia Virgínia. — As que crescem nas colinas de Whipple são apenas sombra do tom de lavanda-azul que precisamos para a capela.

— É azul-lavanda. — Tia Mary corrigiu. — E você deve entender que hortênsias seria um erro terrível.

— Um erro?

— As cores são muito variadas. — Tia Mary continuou. — Mesmo em um arbusto cultivado. Você nunca seria capaz de garantir o tom correto antes do tempo, e se elas não combinarem perfeitamente com o vestido de Honória?

— Certamente ninguém espera perfeição. — Tia Virgínia respondeu.

— Não com flores.

Tia Mary fungou. — Eu sempre espero perfeição.

— Especialmente das flores. — Sarah disse com um risinho. Tia Mary nomeou suas filhas com Rose, Lavanda, Marigold, Íris e Daisy. Seu filho, a quem Sarah, pensou em particular, poderia ser a criança mais sortuda na Inglaterra, chamava-se John.

Mas tia Mary, embora geralmente bondosa, nunca teve muito senso de humor. Ela piscou algumas vezes na direção de Sarah antes de dar um pequeno sorriso e dizer. — Sim, claro.

Sarah ainda não tinha certeza se tia Mary entendeu a piada. E decidiu não continuar com o assunto. — Oh, olhe! É Íris! — Ela disse, aliviada ao ver sua prima entrar na sala. Sarah nunca foi muito próxima de Íris como era de Honória, mas as três tinham quase a mesma idade e Sarah sempre apreciou o humor mordaz de Íris. Imaginou se as duas iriam passar mais tempo juntas agora que Honória iria casar, especialmente porque compartilhavam uma profunda aversão pelo musical anual da família.

— Vá! — Sua mãe disse, acenando em direção a Íris. — Você não quer ficar aqui com as matronas.

Realmente não queria, então com um sorriso grato à sua mãe, Sarah

caminhou até Íris, que estava de pé perto da porta, obviamente procurando por alguém.

— Você viu Lady Edith? — Íris perguntou sem preâmbulo.

— Quem?

— Lady Edith Gilchrist. — Íris esclareceu, referindo-se a uma jovem dama que nenhuma das duas conhecia muito bem.

— Não é ela que recentemente ficou noiva do Duque de Kinross?

Íris assentiu, como se a perda recente de um Duque elegível fosse algo sem consequência. — Daisy já desceu? — Ela perguntou.

Sarah piscou para a súbita mudança de assunto. — Não que tenha visto.

— Graças a Deus.

Os olhos de Sarah se arregalaram pelo uso bastante rápido de Íris do nome do Senhor, mas jamais a criticaria. Não se tratando de Daisy.

Daisy era melhor em doses muito pequenas. Não havia simplesmente dúvidas sobre isso.

— Se eu sobreviver a estes casamentos sem assassiná-la, vai ser um pequeno milagre. — Íris disse sombriamente. — Um grande... ou alguma coisa.

— Avisei tia Virginia, para não colocar as duas em um quarto juntas, — Disse Sarah.

Íris descartou isso com um aceno de cabeça enquanto continuava observando a sala de estar. — Não havia nada a ser feito a respeito disso. Irmãs ficam juntas. Eles precisam manter os quartos. Estou acostumada a isso.

— Então o que está errado?

Íris se virou para encará-la, seus olhos pálidos arregalados e furiosos no rosto igualmente pálido. Sarah escutou uma vez um cavalheiro chamar Íris de incolor, ela tinha olhos azuis claros, cabelo loiro-avermelhado claro e a pele que era praticamente translúcida. Suas sobrancelhas e cílios eram sem cor, tudo nela era pálido, qualquer um reconheceria isso nela.

Íris estava tão feroz quanto se podia perceber.

— Quer tocar. — Ela fervia.

Por um momento, Sarah não compreendeu. E então, terrivelmente, ela o fez.

— Não! — Ofegou.

— Trouxe o violino dela de Londres. — Íris confirmou.

— Mas...

— E Honória já transportou seu violino para Fensmore. E claro toda grande casa tem um piano. — Íris apertou a mandíbula; obviamente estava repetindo as palavras de Daisy.

— Mas seu violoncelo! — Sarah protestou.

— Você pensaria nisso, não é? — Íris fez uma careta. — Mas não, ela pensou em tudo. Lady Edith Gilchrist está aqui, e trouxe o violoncelo dela. Daisy quer pegá-lo emprestado.

Instintivamente, Sarah virou a cabeça, procurando por Lady Edith.

— Ela não está aqui ainda. — Íris disse, inteirada do assunto. — Mas preciso encontrá-la no momento em que entrar.

— Por que Lady Edith traria um violoncelo?

— Bem, ela toca. — Íris disse, como se Sarah não tivesse considerado isso.

Sarah resistiu ao impulso de rolar os olhos. Bem, quase. — Mas por que traria aqui?

— Aparentemente, ela é muito boa.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

Íris encolheu os ombros. — Acredito que gosta de praticar todos os dias. Muitos dos grandes músicos fazem.

— Não sabia. — Disse Sarah.

Íris deu-lhe um olhar de compaixão e, em seguida, disse. — Preciso encontrá-la antes que Daisy o faça. Sob nenhuma circunstância pode emprestar seu violoncelo para Daisy em meu nome.

— Se ela é tão boa, provavelmente não irá querer emprestá-lo para ninguém. Pelo menos não para uma de nós. — Sarah fez uma careta. Lady Edith era relativamente nova em Londres, mas com certeza sabia da noite musical

Smy the-Smith.

— Peço desculpas antecipadamente por abandoná-la. — Disse Íris, mantendo seus olhos na porta aberta. — Vou provavelmente sair como um raio, até no meio da frase, no momento que vê-la.

— Posso ter que fazer isso primeiro. — Disse Sarah. — Foram designado deveres para mim mesma esta noite.

O tom dela deve ter desmentido seu desgosto, porque Íris se virou com interesse renovado.

— Serei babá de Hugh Prentice. — Disse Sarah, soando um tanto oprimida com as palavras lançadas de sua boca. Mas era um bom tipo de opressão. Se teria uma noite terrível, pelo menos poderia gabar-se sobre isso com antecedência.

— Babá para... oh, meu...

— Não ria. — Advertiu Sarah.

— Eu não ia rir. — Íris mentiu claramente.

— Honória insistiu. Acha que ele não se sentirá bem-vindo se um de nós não assegurar sua felicidade e inclusão.

— E te pediu para ser a babá dele? — Íris lançou lhe um olhar dubio, mantendo sempre uma expressão inquietante. Havia algo nos olhos de Íris, aquele aguado azul claro e os cílios tão finos que eles eram quase invisíveis.

Ela poderia ser um pouco irritante.

— Bem, não. — Sarah admitiu. — Não com tantas palavras. — Nem com todas as palavras, para ser sincera, Honória teria dito estas especificamente, mas era uma história melhor chamar-se de babá.

Em funções como estas, a pessoa teria que ter algo de bom sobre o qual queixar-se. Isso a fazia se parecer um pouco como os garotos de Cambridge que conheceu na primavera passada. Eles só ficavam felizes quando eram capazes de lamentar-se sobre a quantidade de trabalho que tinham que fazer.

— O que ela quer que faça? — Íris perguntou.

— Oh! Isto e aquilo. Terei que me sentar ao lado dele na amanhã do café de casamento. Rupert está doente. — Acrescentou como um aparte.

— Bem, isso é bom, pelo menos. — Íris murmurou.

Sarah reconheceu isto com um breve aceno, enquanto continuava. — E me pediu especificamente para entreter Lorde Hugh antes do jantar.

Íris olhou por cima do ombro. — Já chegou?

— Não. — Disse Sarah com um suspiro feliz.

— Não fique muito satisfeita. — Advertiu Íris. — Descerá. Se Honória lhe pediu para tomar conta dele, pedirá para ele, especificamente, para vir para o jantar.

Sarah olhou horrorizada para Íris. Honória disse que não estava tentando fazer um par deles dois... — Certamente não acha...

— Não, não. — Disse com um grunhido. — Ela não ousaria tentar brincar de casamenteira. Não com você.

Os lábios de Sarah se apertaram para perguntar-lhe o que quis dizer com isso, mas antes que pudesse emitir um som, Íris acrescentou. — Você conhece Honória. Ela gosta que tudo seja agradável e ordenado. Se quer que você cuide de Lorde Hugh, certificara-se de que ele esteja aqui para que tome conta dele.

Sarah considerou isto por um momento e, em seguida, assentiu. Honória é assim.

— Bem. — Afirmou, porque sempre gostou de uma afirmação. — Serão dois dias miseráveis, mas prometi para Honória, e sempre cumpro minhas obrigações.

Se Íris estivesse tomando uma bebida, teria pulverizado por toda a sala. — Você?

— O que quer dizer, comigo? — Sarah exigiu. Íris parecia que iria gargalhar com divertimento.

— Oh! Por favor. — Íris disse, em um modo desdenhoso, que só poderia adotar com a família e ainda esperar que se falassem no dia seguinte.

— Você é a última pessoa que pode pretender cumprir todas suas obrigações.

Sarah recuou profundamente ofendida. — Perdão?

Mas se Íris viu a aflição de Sarah, não notou. Ou não se importava. — Sua

memória não remonta abril passado? — Íris perguntou. — Quatorze de Abril, para ser mais precisa?

A noite musical. Sarah recuou para a tarde da apresentação. — Estava doente! — Protestou. — Não havia como eu comparecer para tocar.

Íris não disse uma palavra. Não precisava. Sarah estava mentindo, e ambas sabiam.

— Muito bem, eu não estava doente. — Sarah admitiu. — Pelo menos não tão doente.

— Ainda bem que finalmente admitiu. — Íris disse com uma voz irritantemente superior.

Sarah se moveu desconfortavelmente. Foi bom para duas delas naquela primavera, Honória e Daisy. Honória ficava feliz em tocar, enquanto estivesse com a família, e Daisy estava convencida de que estava no seu caminho para se tornar uma conhecedora. Íris e Sarah, por outro lado, conversaram muitas vezes, debatendo os diversos métodos de morte por instrumento musical.

Humor negro. Foi a única maneira que acharam para ser capazes de superar o medo.

— Eu fiz isso por você. — Finalmente disse para Íris.

— Oh! Realmente.

— Pensei que fossem cancelar a apresentação inteira.

Íris claramente não estava convencida.

— Eu fiz! — Sarah insistiu. — Quem teria pensado que mamãe iria arrastar a pobre Srta. Wynter para a apresentação? Embora isso deu muito certo para ela, não é?

A Srta. Anne Wynter, que iria se casar com o primo Daniel em duas semanas e tornar-se a Condessa de Winstead, cometeu o erro de dizer uma vez a mãe da Sarah que tocava piano. Lady Pleinsworth, aparentemente, não esqueceu isso.

— Daniel teria caído de amor pela Srta. Wynter independentemente disso. — Íris replicou. — Então não tente aliviar sua consciência com isso.

— Não estou. Estava apenas pontuando que nunca poderia ter previsto isso. — Solto um suspiro impaciente. Nada disso aconteceu da maneira que

imaginou. — Íris, você deve saber que eu estava tentando salvá-la.

— Você estava tentando salvar a si mesma.

— Estava a tentado salvar ambas. Apenas não funcionou do jeito que planejei.

Íris olhou-a friamente. Sarah esperou sua resposta, mas não o fez. Ela ficou ali, como se saboreasse por um longo tempo um doce de melado macio, esticando-o num oscilar tormentoso. Finalmente, Sarah não pode aguentar mais, e cedeu com. — Basta! Diga algo.

Íris levantou uma sobrancelha.

— Seja o que for que está tão ansiosa para me dizer. Obviamente há algo.

Os lábios de Íris se separaram e, em seguida, se fecharam como se estivesse tomando um momento para escolher as palavras corretas. Finalmente, disse. — Sabe que amo você.

Não foi o que Sarah esperava. Infelizmente, também não era o que veio a seguir.

— Eu sempre vou te amar. — Íris continuou. — Na verdade, provavelmente sempre vou gostar de você, e sabe que não posso dizer o mesmo sobre a maioria de nossos familiares. Mas você pode ser terrivelmente egoísta. E o pior de tudo é que nem sequer percebe.

Aquilo foi muito estranho, Sarah pensou. Desejou dizer alguma coisa. Ela precisava dizer alguma coisa, porque isso era o que fazia quando confrontada com algo que não gostava de ouvir. Íris não podia chamá-la de egoísta e esperar que Sarah ficasse lá parada ouvindo.

E, no entanto, era o que parecia estar fazendo.

Engoliu em seco, e sentiu sua língua passar para umedecer os lábios, mas não conseguiu formar palavras. Tudo o que podia fazer era pensar, *Não*. Não era verdade. Ela amava sua família. Faria qualquer coisa por eles. Era isso, e Íris poderia ficar ali a chamando de egoísta...

Isso incomodou profundamente.

Sarah olhou para o rosto de sua prima, sentindo o momento exato quando Íris moveu-se, como se o fato de que acabou de chamá-la de egoísta fosse a coisa mais evidente do mundo.

Como se qualquer coisa pudesse ser mais evidente.

— Lá está ela. — Íris disse rapidamente. — Lady Edith. Preciso chegar até ela antes de Daisy. — Deu um passo e, em seguida, virou-se e disse. — Falaremos sobre isso mais tarde. Se você quiser.

— Prefiro que não, obrigada. — Sarah respondeu firmemente, finalmente, transportando sua personalidade para fora de qualquer buraco que tinha acabado de pular. Mas Íris não a ouviu. Já tinha virado as costas e caminhado na direção de Lady Edith. Sarah foi deixada sozinha num canto, tão desajeitada quanto uma noiva abandonada.

E, claro foi quando Hugh Prentice chegou.

Capítulo 6



A coisa estranha para Sarah foi que, pensou que estivesse com raiva.

Pensou que ficaria furiosa com Íris, que deveria ter sido mais sensível aos sentimentos dos outros. Se Íris sentia a necessidade de chamá-la de egoísta, pelo menos poderia ter feito isso em um ambiente mais privado.

E em seguida abandoná-la! Sarah compreendia a necessidade de interceptar Lady Edith antes que Daisy caísse sobre ela, mas ainda assim, Íris deveria ter dito que sentia muito.

Mas então, enquanto Sarah ficou no seu canto, perguntando-se quanto tempo poderia fingir que não percebeu a chegada de Lorde Hugh, tomou fôlego inesperado.

E sufocou um soluço.

Aparentemente, era algo mais que raiva, e estava em grande perigo de chorar, bem ali na lotada sala de estar de Fensmore.

Virou-se rapidamente, determinada a examinar o grande retrato sombrio que estava lhe fazendo companhia. O sujeito parecia ser um cavalheiro desagradável de Flandres, do século XVII, se o conhecimento de Sarah para a

moda estivesse correto. Como ele conseguiu aquele olhar orgulhoso naquela ridícula gola plissada nunca saberia, mas estava olhando para baixo em seu nariz adunco de uma forma que lhe dizia claramente que nenhum dos primos dele se atreveria a chamá-lo de egoísta na sua cara, e se o fizessem, não iria chorar por causa disso.

Sarah curvou seus lábios e olhou para ele. Provavelmente era um testemunho da habilidade do artista que ele parecesse encará-la de volta.

— O cavalheiro fez algo para lhe ofender?

Era Hugh Prentice. Sarah conhecia sua voz bem o suficiente agora. Honória deve tê-lo enviado. Não podia imaginar por que ele poderia procurar sua companhia caso contrário.

Prometeram ser civilizados, não atenciosos.

Virou-se. Ele estava cerca de dois metros dela, impecavelmente vestido para o jantar. Exceto pela bengala. Estava gasta e riscada, a textura de madeira sem brilho pelo uso excessivo. Sarah não tinha certeza de porque achou isso tão interessante. Certamente Lorde Hugh viajava com um valete. As botas dele estavam polidas e sua gravata estava habilmente presa. Por que para sua bengala seria negado o mesmo tratamento cuidadoso?

— Lorde Hugh. — Disse aliviada que sua voz parecesse quase normal, enquanto oferecia uma pequena reverência.

Não disse nada de imediato. Ele voltou-se para o retrato, o queixo inclinado para cima enquanto observava a pintura. Sarah ficou feliz que não estivesse olhando-a com tal exame; não tinha certeza se poderia gerenciar outra dissecação dos defeitos dela logo após o primeiro.

— Essa gola parece muito desconfortável. — Disse Lorde Hugh.

— Esse foi meu primeiro pensamento também. — Sarah respondeu, antes de se lembrar que não gostava dele, e mais diretamente ao ponto, que era seu fardo para a esta noite.

— Creio que deveríamos ser gratos por vivermos em tempos modernos.

Não respondeu; não era o tipo de declaração que exigia isso. Lorde Hugh continuou a escrutinar a pintura, ao ponto de se inclinar, provavelmente para examinar as pinceladas. Sarah não sabia se ele percebeu que precisava de um tempo para recompor-se. Não podia imaginar que fizesse isso; não parecia o tipo de homem que percebesse essas coisas. De qualquer forma, estava grata.

Quando se virou para enfrentá-la, a sensação de asfixia no peito dela diminuiu e já não corria perigo de embarçar-se na frente de várias dezenas de convidados mais importantes do casamento de sua prima.

— Informo que o vinho está muito bom esta noite. — Ela disse. Foi um início abrupto para uma conversa, mas era educado e inócuo, e o mais importante, foi a primeira coisa que veio a sua cabeça.

— Você informa? — Lorde Hugh ecoou.

— Não provei nenhum. — Explicou Sarah. Uma pausa desconfortável e depois. — Na verdade, ninguém me informou. Mas Lorde Chatteris é conhecido por sua adegá. Não consigo imaginar que o vinho não seja nada além que bom.

Meu Deus, isso era uma conversa afetada. Mas não importava; Sarah faria uma batalha a respeito disso. Não iria se esquivar de seus deveres hoje à noite. Se Honória a procurasse e caso Íris a observasse.

Ninguém seria capaz de dizer que ela não mantinha suas promessas.

— Tento não beber na companhia de Smythe-Smiths. — Lorde Hugh disse, quase sem constrangimento. — Raramente termina bem para mim.

Sarah ofegou.

— Estou brincando. — Disse ele.

— É claro. — Respondeu rapidamente, mortificada por ter se revelado como tão pouco sofisticada. Deveria ter entendido a piada. Teria feito, se ainda não estivesse tão chateada com Íris.

Deus amado, disse para si mesma (e alguém mais que pudesse ouvir), por favor, faça com que esta noite chegue ao fim com uma velocidade fantástica.

— Não é interessante. — Lorde Hugh perguntou lentamente. — Tudo o que é forjado pela convenção social?

Sarah virou-se para ele, mesmo sabendo que nunca seria capaz de discernir o significado da sua expressão. Ele inclinou a cabeça para o lado, o movimento reorganizando as sombras no rosto impassível.

Ele era bonito, Sarah percebeu em uma estranha explosão de consciência. Não apenas a cor dos seus olhos. Mas também a maneira que olhava para uma pessoa, inabalável e por vezes enervante. Isso lhe dava um ar de intensidade que era difícil de ignorar. E a boca dele, que raramente sorria, ou pelo menos

raramente sorria para ela, havia algo bastante irônico sobre isto. Supôs que algumas pessoas pudessem não achar que isso fosse tão atraente, mas ela...

Achava.

Deus amado, tentou novamente, esqueça o fantástico. Nada menos do que o sobrenatural seria rápido o suficiente.

— Aqui estamos. — Continuou ele, apontando elegantemente com a mão para o resto dos convidados. — Presos em uma sala com, ah, quantos mais você diria?

Não fazia ideia aonde ele ia com isso, mas arriscou um palpite. — Quarenta?

— Certamente. — Respondeu, apesar de perceber pela varredura rápida de seus olhos por toda a sala que discordou com sua estimativa. — E esta presença coletiva significa que você... — Inclinou-se, apenas alguns centímetros — ...a quem já estabelecemos me acha repugnante, está sendo bastante educada.

— Não estou sendo educada porque há quarenta outras pessoas na sala. — Disse arqueando suas sobrancelhas. — Estou sendo educada porque minha prima me pediu.

O canto de sua boca moveu-se. Isso poderia ser divertido.

— Ela percebeu que isso poderia representar um desafio?

— Não, não percebeu. — Sarah disse firmemente. Honória sabia que Sarah não se importava em ter a companhia de Lorde Hugh, mas parecia não compreender a extensão de seu desagrado.

— Devo elogiar você, então. — Ele disse com um gesto irônico. — Por manter seus protestos para si mesma.

Algo agradável e familiar se encaixou de volta no lugar, e Sarah finalmente começou a se sentir mais como ela mesma. Seu queixo levantou-se muito orgulhoso um centímetro. — Não fiz isso.

Para sua grande surpresa, Lorde Hugh fez um barulho que poderia ter sido um riso sufocado. — E ela atrelou você comigo, de qualquer maneira.

— Preocupou-se que você poderia não se sentir bem vindo aqui em Fensmore. — Sarah disse num tipo de tom que mostrou que não era uma preocupação compartilhada.

As sobrancelhas dele subiram e novamente quase sorriu. — E ela acha que você é a pessoa certa para me entreter?

— Nunca lhe contei sobre nosso encontro anterior. — Sarah admitiu.

— Ah! — Ele assentiu de maneira condescendente. — Tudo começa a fazer sentido.

Sarah cerrou os dentes em uma tentativa mal sucedida, em grande parte para não bufar. Como odiava aquele tom de voz. Aquele tom de: *eu vejo como sua linda mente feminina funciona*. Hugh Prentice não era o único homem na Inglaterra a empregá-lo, mas ele parecia ter aperfeiçoado a habilidade na extremidade de uma navalha afiada. Sarah não conseguia imaginar como alguém tolerava sua companhia por mais alguns minutos. Sim, era bastante agradável ao olhar, e sim, ele era (foi-lhe dito) extremamente inteligente, mas por Deus, o homem era como unhas riscando a lousa.

Ela se inclinou para frente. — Isso é uma prova de meu amor por minha prima que eu ainda não achei um jeito de envenenar o seu pó dental.

Ele se inclinou para frente. — O vinho poderia ter sido um substituto eficaz. — Disse. — Se o tivesse bebido. Foi por isso que você sugeriu, não foi?

Ela se recusou a ceder terreno. — Você está louco.

Deu-lhe um encolher de ombros e se afastou como se o momento carregado entre eles nunca tivesse ocorrido. — Não fui aquele que mencionou o veneno.

Sua boca se abriu. O tom dele era precisamente o que ela poderia usar enquanto discutia o tempo.

— Irritada? — Ele murmurou educadamente.

Não tão irritada quanto perplexa. — Faz com que seja muito difícil de ser amável com você. — Disse.

Ele piscou. — Pretendia que lhe oferecesse meu pó dental?

Meu Deus, ele era frustrante. E a pior parte foi que não tinha certeza se estava brincando agora. No entanto, clareou a garganta e disse. — Você deveria conversar normalmente.

— Não sei se nós dois conseguimos conversar de maneira normal.

— Posso assegurar que eu consigo.

— Não comigo. — Desta vez ele sorriu. Tinha certeza disso.

Sarah endireitou seus ombros. Certamente o mordomo anunciaria o jantar em breve. Talvez devesse começar a oferecer suas orações a ele, uma vez que o outro ele parecia não estar ouvindo.

— Ora, Lady Sarah. — Disse o Lorde Hugh. — Você deve admitir que nosso primeiro encontro foi tudo menos normal.

Ela pressionou os lábios. Odiava reconhecer seu ponto, qualquer um dos seus pontos, na realidade, mas ele tinha um.

— E desde então. — Acrescentou. — Travamos conhecimento um punhado de vezes, e sempre de uma forma muito superficial.

— Não tinha notado. — Disse com firmeza.

— Que foi superficial?

— Que nos conhecêssemos. — Desmentiu.

— Independentemente disso. — Continuou ele. — Esta é apenas a segunda vez que trocamos mais de duas frases um com o outro. No primeiro acredito que você me instruiu a remover minha presença do mundo.

Sarah fez uma careta. Esse não foi seu melhor momento.

— E então esta noite.... — Os lábios dele se moviam em um sorriso sedutor. — ... bem, você fez menção ao veneno.

Ela nivelou um olhar insípido em sua direção. — Você deveria cuidar de seu pó dental.

Ele gargalhou com isso, e uma pequena excitação elétrica percorreu suas veias. Não conseguiu achar o melhor dele, mas definitivamente ela tinha reconhecidamente marcado um ponto. Verdade seja dita, estava começando a se divertir. Ainda não gostava dele, só em parte e por princípio, mas tinha que admitir que estivesse tendo, talvez, uma mínima quantidade de diversão.

Ele era um adversário digno.

Nem tinha percebido que queria um adversário à altura.

O que não queria dizer, Deus do céu se estivesse corando com seus próprios pensamentos iria se atirar pela janela, que o desejava. Qualquer adversário digno serviria.

Mesmo um sem olhos tão bonitos.

— Há algo errado, Lady Sarah? — Lorde Hugh perguntou.

— Não. — Respondeu. Muito rapidamente.

— Você parece agitada.

— Não estou.

— Claro. — Ele murmurou.

— Eu estou... — Interrompeu-se, em seguida, disse descontente. — Bem, agora estou.

— E eu ainda nem sequer provei. — Disse.

Sarah tinha todos os tipos de réplicas para isso, mas nenhuma que o deixaria sem uma defesa óbvia de si mesma. Talvez o que realmente quisesse era apenas um adversário um pouco menos digno. Com inteligência suficiente para mantê-lo interessante, mas não tanto que ela não conseguisse ganhar sempre.

Hugh Prentice nunca seria esse homem.

Graças a Deus.



— Bem, isto parece uma conversa inadequada! — Veio uma nova voz.

Sarah virou a cabeça, não que precisasse ver o orador para reconhecer sua identidade. Era a Condessa de Danbury, o dragão mais aterrorizante da sociedade. Ela conseguiu uma vez destruir um violino com nada além que uma bengala (e, Sarah estava convencida, prestidigitação). Mas a sua arma de verdade, como todos sabiam, era sua sagacidade devastadora.

— Inadequada, sim. — Lorde Hugh disse com uma reverência respeitosa. — Mas decrescendo a cada segundo que passa, agora que a senhora está aqui.

— Que pena. — Respondeu a senhora idosa, ajustando seu aperto na sua bengala. — Acho que conversas inadequadas podem ser muito divertidas.

— Lady Danbury. — Disse Sarah, em uma reverência. — Que bela surpresa vê-la esta noite.

— O que você está falando? — Lady Danbury exigiu. — Isto não deve ser nenhuma surpresa. Chatteris é meu bisneto. Onde mais eu estaria?

— Ehrm! — Foi tudo que saiu de Sarah antes da Condessa perguntar. — Sabe por que caminhei através da sala inteira, especificamente para me juntar a vocês dois?

— Não posso imaginar. — Disse Lorde Hugh.

Lady Danbury lançou um olhar de esguelha para Sarah, que colocou rapidamente um. — Nem eu.

— Descobri que as pessoas felizes são maçantes. Vocês dois, por outro lado, pareciam prontos a cuspir pregos. Naturalmente eu vim direto para cá. — Ela olhou de Hugh para Sarah e disse claramente. — Entreter-me.

Isso foi recebido com silêncio estupefato. Sarah deu uma olhada para Lorde Hugh e ficou aliviada ao ver que sua habitual expressão entediada estava cheia de surpresa.

Lady Danbury inclinou-se e disse em um sussurro alto. — Eu decidi gostar de você, Lady Sarah.

Sarah não tinha certeza se isso era uma coisa boa. — Decidiu?

— De fato. E então vou te dar alguns conselhos. — Ela assentiu em direção a Sarah como se concedesse uma audiência a um servo. — Você pode se sentir livre para compartilhá-lo à vontade.

Os olhos de Sarah correram para Lorde Hugh, talvez porque pensou que ele poderia vir em seu auxílio, não pode dizer.

— Em nossas conversas atuais, não obstante. — Lady Danbury continuou imperiosamente. — Tenho observado que você é uma jovem dama de inteligência razoável.

Razoável? Sarah sentiu seu nariz enrugar-se enquanto tentou imaginar isso. — Obrigada?

— Foi um elogio. — Confirmou Lady Danbury.

— Mesmo a parte razoável?

Lady Danbury bufou. — Não conheço você tão bem.

— Bem, então, obrigada. — Disse Sarah, decidindo se este seria um excelente momento para ser graciosa, ou pelo menos, obtusa. Olhou para Lorde Hugh, que parecia levemente divertido, e em seguida para Lady Danbury, quem estava olhando-a como se esperasse que dissesse algo mais.

Sarah limpou sua garganta. — Ehm, havia alguma razão para senhora desejar saber algo a meu respeito?

—O que? Oh! Sim. — Lady Danbury bateu a bengala no chão. — Apesar da minha idade avançada, eu não esqueço nada. — Ela fez uma pausa. — Exceto ocasionalmente o que acabei de dizer.

Sarah manteve em seu rosto um sorriso branco e tentou conter um torturante sentimento de pavor.

Lady Danbury soltou um suspiro dramático. — Suponho que não se pode alcançar a idade de setenta sem fazer algumas concessões a ela.

Sarah suspeitava que setenta passasse longe do alvo em pelo menos uma década, mas não havia como tornar essa opinião pública.

— O que ia dizer. — Lady Danbury continuou, sua voz cheia de um tom sofredor de quem foi infinitamente interrompido (apesar do fato de que era a única que tinha falado) é que quando você expressou surpresa com a minha presença, que ambas sabemos que não era nada mais do que uma débil tentativa de iniciar uma conversa, e eu disse, “Onde mais poderia estar?” você deveria ter dito, “Aparentemente não acha uma conversa educada muito divertida.”

Os lábios de Sarah se separaram e ali suspenso em um elíptico e atônito *O* em um total completo de dois segundos antes que dissesse. — Temo que eu não possa acompanhá-la.

Lady Danbury fixou-a com um olhar vagamente agravado antes de dizer. — Eu disse que achava que as conversas inadequadas eram muito divertidas, e você disse esse absurdo sobre estar surpresa ao ver-me, então muito justamente chamei você de tola.

— Não acredito que você a chamou de tola. — Murmurou Lorde Hugh.

— Não chamei? Bem, então pensei isso. — Lady Danbury bateu a bengala no tapete e voltou-se para Sarah. — De qualquer forma, estava apenas tentando ser útil. Nunca houve qualquer objetivo em jorrar chavões inúteis. Faz que você parecer um pouco como um poste de madeira, e você não quer isso, quer?

— Isso depende da localização do poste de madeira. — Respondeu Sarah, querendo saber quantos postes de madeira se poderia encontrar em, digamos, Bombaim.

— Muito bem, Lady Sarah. — Lady Danbury aplaudiu. — Mantenha essa língua afiada. Espero que deseje manter sua sagacidade esta noite.

— Geralmente desejo manter minha sagacidade comigo todas as noites.

Lady Danbury deu um aceno de aprovação. — E você... — Virou-se para Lorde Hugh, para o deleite da Sarah. — Não pense que esqueci de você.

— Acredito que disse que não esquecia nada. — Ele disse.

— Então não esqueço. — Lady Danbury respondeu. — Um pouco como seu pai com relação a isso, eu imagino.

Sarah ofegou. Mesmo para Lady Danbury, isto foi audacioso.

Mas Lorde Hugh provou ser mais do que o jogo dela. A expressão dele não mudou pelo menos quando disse. — Ah, mas esse não é o caso. A memória do meu pai é implacavelmente seletiva.

— Mas tenaz.

— Também implacável.

— Bem. — Lady Danbury declarou, batendo a bengala no tapete. — Creio que é hora de fazê-lo desistir.

— Tenho muito pouco controle sobre meu pai, Lady Danbury.

— Nenhum homem é de todo sem recursos.

Ele virou a cabeça em uma pequena saudação. — Não disse que eu era.

Os olhos de Sarah balançavam de um ao outro tão rápido, que estava ficando tonta.

— Esse absurdo já foi longe o suficiente. — Lady Danbury anunciou.

— Neste ponto, estamos de acordo. — Lorde Hugh respondeu, mas para os ouvidos de Sarah, eles ainda estavam discutindo.

— É bom vê-lo neste casamento. — Disse a Condessa idosa. — Espero que isso prenuncie tempos pacíficos vindouros.

— Como Lorde Chatteris não é o meu bisneto, só posso supor que fui convidado por amizade.

— Ou para ficar de olho em você.

— Ah! — Disse Lorde Hugh, um canto de sua boca deslizando em uma curva irônica. — Mas isso seria contraproducente. Seria de supor que o único ato covarde que eu poderia precisar envolveria Lorde Winstead, que, como ambos sabemos, está aqui no casamento.

Seu rosto retomou sua máscara inescrutável normal, e ele encarava Lady Danbury impassível até que ela disse. — Acredito que está foi de longe a frase mais longa que já ouvi você proferir.

— Já o ouvi proferir muitas sentenças? — Sarah perguntou.

Lady Danbury virou-se para ela com uma expressão beligerante. — Eu tinha esquecido que você estava aí.

— Estou estranhamente quieta.

— O que me leva a meu ponto original. — Declarou Lady Danbury.

— Que nós somos inadequados? — Lorde Hugh murmurou.

— Sim!

Isto, previsivelmente, foi recebido com uma pausa desconfortável.

— Você, Lorde Hugh. — Lady Danbury declarou. — Tem sido anormalmente taciturno desde o dia que você nasceu.

— A senhora estava lá? — Inquiriu.

O rosto de Lady Danbury se contraiu, mas era óbvio que apreciou a excelente réplica dele, mesmo quando dirigida para ela. — Como o aguenta? — Ela perguntou a Sarah.

— Raramente tenho que fazê-lo. — Sarah respondeu com um encolher de ombros.

— Hmmp!

— Ela foi designada a mim. — Explicou Lorde Hugh.

Os olhos de Lady Danbury estreitaram-se. — Para alguém tão pouco comunicativo, você está bastante expressivo esta noite.

— Deve ser a companhia.

— Costumo trazer para fora o melhor nas pessoas. — Lady Danbury sorriu maliciosamente e virou-se para enfrentar Sarah. — O que você acha?

— Não há dúvida que traz à tona o melhor de mim. — Proclamou-se Sarah. Ela sempre soube quando falar o que outra pessoa queria ouvir.

— Devo dizer. — Lorde Hugh disse em um tom seco. — Que penso que esta conversa esta tomando um desvio.

— Bem, poderia, não é? — Lady Danbury retrucou. — Assim você não teria que sobrecarregar seu cérebro para me acompanhar.

Sarah sentiu abrir os lábios novamente quando tentou classificar isso. Lady Danbury apenas convocava a inteligência dele? Ou estava insultando-o, dizendo que ele não acrescentou nada de interessante à conversa?

E o que significaria então que Sarah teve que sobrecarregar seu cérebro para acompanhá-la?

— Você parece perplexa, Lady Sarah. — Lady Danbury disse.

— Encontro-me fervorosamente esperando que nós sejamos em breve chamados para o jantar. — Admitiu Sarah.

Lady Danbury bufou com divertimento.

Encorajada, Sarah disse para Lorde Hugh. — Acredito que até comecei a orar pelo mordomo.

— Se houver de ter uma resposta, você certamente ouvirá a sua antes de qualquer outra pessoa. — Ele disse.

— Agora isso é outra coisa. — Anunciou Lady Danbury. — Olhe para vocês dois. Estão positivamente gracejando.

— Gracejando. — Lorde Hugh repetiu, como se não pudesse bem compreender a palavra.

— Não é tão divertido para mim como uma conversa inadequada, mas imagino que você prefira. — Lady Danbury pressionou seus lábios e olhou de relance pela sala. — Suponho que terei de encontrar outra pessoa para entreter-me agora. É um equilíbrio delicado, vocês sabem encontrar constrangimento sem estupidez. — Ela bateu a bengala no tapete, resmungou e partiu.

Sarah virou-se para Lorde Hugh. — Ela é louca.

— Ressalto que recentemente disse a mesma coisa para mim.

Sarah tinha certeza que havia mil respostas diferentes para isso, mas não conseguiu pensar precisamente em nenhuma delas antes de Íris aparecer de repente. Sarah cerrou os dentes. Ainda estava muito irritada com ela.

— Encontrei-a. — Íris anunciou, com o rosto ainda sombrio com a determinação latente. — Nós estamos salvas.

Sarah não conseguiu encontrar bondade suficiente dentro de si mesma para dizer algo brilhante e dar as congratulações. No entanto, assentiu.

Íris lançou lhe um olhar estranho, pontuado com um pequeno encolher de ombros.

— Lorde Hugh. — Sarah disse, com talvez um pouco mais de ênfase do que era estritamente necessário. — Apresento minha prima, a Srta. Smythe-Smith. A Srta. Íris Smythe-Smith. — Acrescentou, por nada menos que seu próprio sentido de aborrecimento. — Sua irmã mais velha se casou recentemente.

Íris começou claramente a perceber naquele momento que ele estava parado ao lado de sua prima. Isto não surpreendeu Sarah; quando Íris definia algo em sua mente raramente observava qualquer outra coisa que considerasse irrelevante.

— Lorde Hugh. — Disse Íris, recuperando-se rapidamente.

— Estou muito aliviado em saber que vocês estão salvas. — Disse Lorde Hugh.

Sarah sentiu certa satisfação pelo fato de Íris não parecer saber como responder.

— Da praga? — Lorde Hugh perguntou. — Peste?

Sarah só podia observar.

— Oh, já sei. — Disse em um tom mais divertido, e que jamais ouviu nele. — Gafanhotos. Não há nada como uma boa infestação de gafanhotos.

Íris piscou várias vezes e, em seguida, levantou um dedo, como se somente ela tivesse pensado em algo. — Vou deixar vocês, então.

— Claro que sim. — Sarah murmurou.

Íris deu-lhe um sorriso quase imperceptível e, em seguida, partiu, serpenteando fluidamente através da multidão.

— Devo confessar a curiosidade. — Lorde Hugh disse uma vez que Íris desapareceu de vista.

Sarah olhou para frente. Ele não era do tipo que deixava o silêncio dela detê-lo, então não parecia haver muita necessidade de resposta.

— De que destino terrível sua prima salvou você?

— Não de você, aparentemente. — Sarah murmurou antes que pudesse controlar a língua.

Ele riu, e Sarah decidiu que não havia nenhuma razão para não contar a verdade. — Minha prima Daisy, que é a irmã mais nova de Íris, estava tentando organizar uma performance especial do Quarteto Smythe-Smith.

— Por que isso seria um problema?

Sarah levou um momento de sua examinar a frase. — Você ainda não participou de uma das nossas noites musicais, não é?

— Não tive o prazer.

— Prazer. — Sarah repetiu, abaixando o queixo em direção ao pescoço enquanto tentava engolir sua descrença.

— Há algo de errado? — Lorde Hugh perguntou.

Ela abriu a boca para explicar, mas então o mordomo entrou e chamou-os para o jantar.

— Suas preces foram atendidas. — Disse Lorde Hugh ironicamente.

— Nem todas elas. — Ela murmurou.

Ele ofereceu-lhe o braço. — Sim, você ainda está presa comigo, não é?

De fato.

Capítulo 7



Na tarde seguinte

E assim, o Conde Chatteris e Lady Honória Smythe-Smith foram unidos em matrimônio. O sol estava brilhando, o vinho estava fluindo, e a julgar pelos risos e sorrisos do café da manhã de casamento (que há muito tinha se metamorfoseado em um almoço de casamento), todos estavam tendo um bom momento.

Mesmo Lady Sarah Pleinsworth.

De onde Hugh estava sentado na mesa principal (por si mesmo; todos os outros levantaram-se para dançar), ela era a própria personificação da feminilidade inglesa despreocupada. Conversava facilmente com os outros convidados, riu muitas vezes (mas nunca muito alto), e quando dançava, parecia tão incrivelmente feliz que quase iluminava a sala com seu brilho.

Há algum tempo Hugh havia gostado de dançar.

Ele tinha sido bom, também. Música não era tão diferente de matemática. Eram somente padrões e sequências. A única diferença era que pairava no ar em vez de num pedaço de papel.

Dançar era uma grande equação. Um lado era som, o outro movimento. O

trabalho dos bailarinos era torná-los iguais.

Hugh podia não ter conseguido sentir a música, como a mente do mestre do coral em Eton insistiu que deveria fazer, mas certamente compreendeu isso.

— Olá, Lorde Hugh. Gostaria de um pedaço de bolo?

Hugh olhou para cima e sorriu. Era a pequena Lady Frances Pleinsworth, segurando dois pratos. Um tinha uma gigantesca fatia de bolo, o outro uma simplesmente enorme. Ambos tinham sido generosamente recobertos com glacê de tons de lavanda e minúsculos doces violetas. Hugh viu o bolo em toda sua glória antes que ter sido cortado; imediatamente começou a se perguntar quantos ovos tal bolo pode ter exigido. Assim que provou-se ser um cálculo impossível, começou a pensar em quanto tempo teria levado para se fazer a confecção. Em seguida, passou para...

— Lorde Hugh? — Lady Frances disse, interrompendo seus pensamentos. Ela levantou um dos pratos alguns centímetros mais alto no ar, lembrando-o de por que estava ali.

— Eu gosto de bolo. — Disse ele.

Ela se sentou ao lado dele, colocando os pratos na mesa. — Você parecia solitário.

Hugh sorriu novamente. Era o tipo de coisa que um adulto nunca teria dito em voz alta. E precisamente a razão pela qual preferia muito mais estar conversando com ela do que com qualquer outro na sala. — Eu estava sozinho, não solitário.

Frances franziu a testa, considerando isso. Hugh estava prestes a explicar a diferença quando ela levantou a cabeça e perguntou. — Tem certeza?

— Sozinho é um estado de ser. — Explicou, — Enquanto que solitário é...

— Sei disso. — Disse.

Ele olhou-a. — Então receio não ter entendido sua pergunta.

Ela inclinou a cabeça para o lado. — Só estava me perguntando se uma pessoa sempre sabe quando está sozinha.

Ela era um pequeno rebento filosófico. — Quantos anos têm? — Perguntou, decidindo que não ficaria surpreso se abrisse a boca e dissesse que na verdade tinha quarenta e dois.

— Onze. — Espetou um garfo num pedaço do bolo, habilmente, pegando uma cereja entre as camadas. — Mas eu sou muito precoce.

— Claramente.

Ela não disse nada, mas a viu sorrindo ao redor do garfo enquanto dava uma mordida.

— Você gosta de bolo? — Perguntou, delicadamente, limpando o canto de sua boca com um guardanapo.

— Quem não gosta? — Murmurou, não apontando que já tinha dito que sim.

Ela olhou para baixo para seu prato intocado. — Então porque ainda não comeu o seu pedaço?

— Estou pensando. — Disse seus olhos passando por toda a sala e fixando-se na maneira de rir de sua irmã mais velha.

— Você não pode comer e pensar ao mesmo tempo? — Frances perguntou.

Era um desafio, se alguma vez ouviu um, então desviou sua atenção novamente para o monumento de bolo na frente dele, pegou um pedaço enorme, mordeu, mastigou, engoliu e disse. — 87 vezes 541 é igual a 47.067.

— Você está inventando isso. — Disse Frances instantaneamente.

Ele encolheu os ombros. — Sinta-se à vontade para verificar a resposta você mesma.

— Não posso fazê-lo muito bem aqui.

— Então você terá que tomar minha palavra como certa, não é?

— Contanto que você perceba que eu poderia verificar sua resposta se tivesse as fontes apropriadas. — Frances disse petulante. Então ela franziu a testa. — Verdadeiramente descobriu isso de cabeça?

— Sim. — Confirmou. Pegou outro pedaço de bolo. Estava realmente muito saboroso. O glacê parecia ter sido aromatizado com lavanda real.

Marcus sempre gostou de doces, lembrou.

É brilhante. Queria poder fazer isso.

— Isso ocasionalmente vem a calhar. — Comeu mais bolo. — E outras vezes não.

— Sou muito boa em matemática. — Frances disse em uma voz que expressava que era um fato. — Mas não posso fazê-lo de cabeça. Preciso escrever tudo.

— Não há nada errado com isso.

— Não, claro que não. Sou muito melhor do que Elizabeth. — Frances deu um sorriso sublime. — Ela odeia que eu seja, mas sabe que é verdade.

— Qual é Elizabeth? — Hugh provavelmente devia ter se lembrado que irmã era qual, mas a memória que capturava cada palavra em uma página nem sempre era tão confiável com nomes e rostos.

— Minha próxima irmã mais velha. Ela é às vezes desagradável, mas na maior parte nos damos bem.

— Todo mundo é ocasionalmente desagradável. — Ele disse.

Aquilo a fez dar uma pequena pausa. — Mesmo você?

— Oh! Especialmente eu.

Ela piscou algumas vezes, então deve ter decidido que preferia a tensão do início da conversa, porque quando abriu a boca mais uma vez foi para perguntar. — Você tem irmãos ou irmãs?

— Eu tenho um irmão.

— Qual é o nome dele?

— Frederick. Mas o chamo Freddie.

— Você gosta dele?

Hugh sorriu. — Sim, muito. Mas não consigo vê-lo muitas vezes.

— Por que não?

Hugh não queria pensar sobre todas as razões do por que não, então optou pela única que era adequada para os ouvidos dela. — Ele não mora em Londres. E eu sim.

— Isso é muito ruim. — Frances colocou o garfo no bolo, distraidamente desmanchando o glacê. — Talvez você possa vê-lo no Natal.

— Talvez. — Hugh mentiu.

— Oh, esqueci de perguntar. — Disse. — Você é melhor em aritmética do que ele é?

— Sou sim. — confirmou Hugh. — Mas ele não se importa.

— Nem Harriet. É cinco anos mais velha do que eu, e ainda sou melhor do que ela.

Hugh assentiu, não tendo nenhuma outra resposta.

— Ela gosta de escrever peças. — Continuou Frances. — Não liga para os números.

— Deveria. — Disse Hugh, voltando a olhar a celebração do casamento. Lady Sarah agora estava dançando com um dos irmãos Bridgerton. O ângulo era tal que Hugh não poderia ter certeza de com qual.

Lembrou-se que três dos irmãos eram casados, mas um ainda não.

— É muito boa nisso. — Disse Frances.

Ela é, Hugh pensou, ainda observando Sarah. Dançava lindamente.

Quase se poderia esquecer de sua boca irascível enquanto dançava assim.

— Está até mesmo colocando um unicórnio no próximo.

— Um uni... — O quê? — Hugh voltou-se para Frances, piscando.

— Unicórnio. — Ela deu-lhe um olhar assustadoramente firme. — Você está familiarizado com eles?

Bom Deus, estava zombando dele? Ficaria impressionado se não fosse tão patentemente ridículo. — É claro.

— Sou louca por unicórnios. — Frances disse com um suspiro feliz. — Acho que eles são brilhantes.

— Inesistentemente brilhantes.

— Assim nós pensamos. — Ela respondeu com drama adequado.

— Lady Frances. — Hugh disse em sua voz mais didática. — Você deve estar ciente que os unicórnios são criaturas da mitologia.

— Os mitos tinham que vir de algum lugar.

— Eles vieram da imaginação dos trovadores.

Ela encolheu os ombros e comeu o bolo.

Hugh estava pasmo. Estava realmente debatendo a existência dos unicórnios com uma menina de onze anos de idade?

Tentou encerrar o assunto. E descobriu que não podia. Aparentemente, estava debatendo a existência de unicórnios com uma menina de onze anos de idade.

— Nunca houve um avistamento registrado de um unicórnio. — Disse, e para sua grande irritação, percebeu que soava afetado e inflexível assim como Sarah Pleinsworth foi arrogante sobre seus planos de atirar em alvos com o primo dela.

Frances levantou seu queixo. — Nunca vi um leão, mas isso não significa que eles não existam.

— Você pode nunca ter visto um leão, mas centenas de outras pessoas o fizeram.

— Você não pode provar que algo não existe. — Ela rebateu.

Hugh pausou. Ela o tinha ali.

— Um fato. — Ela disse presunçosamente, reconhecendo o exato momento que ele foi forçado a capitular.

— Muito bem. — Disse, dando-lhe um aceno de aprovação. — Não posso provar que os unicórnios não existam, mas não pode provar que sim.

— É verdade. — Ela disse graciosamente. Sua boca se apertando e então fez uma pequena torção enervante. — Gosto de você, Lorde Hugh.

Por um segundo parecia exatamente como Lady Danbury. Hugh se perguntou se deveria estar com medo.

— Você não fala comigo como se eu fosse uma criança. — Ela disse.

— Você é uma criança. — Ressaltou. Ela usou a forma do subjuntivo do verbo ser, o que implicaria que não era realmente uma criança.

— Bem, sim, mas você não fala comigo como se fosse uma idiota.

— Você não é idiota. — Disse. E ela tinha usado o subjuntivo corretamente

desta vez. Mas não fez menção a isso.

— Eu sei. — Estava começando a soar um tanto exasperada.

Ele olhou-a por um momento. — Então qual é o seu ponto?

— Só que... ..oh, olá, Sarah. — Frances sorriu por cima do ombro de Hugh, presumivelmente para a atual desgraça da existência dele.

— Frances. — Veio a voz agora familiar de Lady Sarah Pleinsworth. — Lorde Hugh.

Ele levantou-se, apesar de ter sido difícil, com sua perna.

— Oh, você não precisava... — Sarah começou.

— Quero fazê-lo. — Hugh interrompeu bruscamente. O dia em que ele já não pudesse levantar-se na presença de uma dama estaria... — Bem, sinceramente não quis refletir sobre isso.

Ela deu um firme, e possivelmente envergonhado sorriso, então andou ao redor dele sentou-se na cadeira ao lado de Frances. — Sobre o que os dois estavam conversando?

— Unicórnios. — Frances respondeu prontamente.

Os lábios de Sarah reuniram-se no que parecia ser uma tentativa de manter uma cara séria. — Mesmo?

— Realmente. — Disse Hugh.

Ela limpou a garganta. — E vocês chegaram a alguma conclusão?

— Só que concordamos em discordar. — Disse. Ele acrescentou um sorriso plácido. — Como tantas vezes acontece na vida.

Os olhos de Sarah se estreitaram.

— Sarah não acredita em unicórnios, também. — Disse Frances. — Nenhuma das minhas irmãs crê. — Ela deu um pequeno suspiro triste. — Estou completamente sozinha em minhas esperanças e sonhos.

Hugh viu Sarah virar os olhos e, em seguida, disse. — Tenho uma sensação, Lady Frances, de que a única coisa em que está sozinha é ser de ser banhada com o amor e a devoção de sua família.

— Oh, não estou sozinha nisso. — Frances disse brilhantemente. — Embora

como a mais jovem, desfrute de determinados benefícios.

Sarah bufou.

— É verdade, então? — Hugh murmurou, olhando na direção dela.

— Ela seria muito horrível se não fosse tão intrinsecamente maravilhosa. — Disse Sarah, sorrindo para a irmã com óbvia afeição. — Meu pai a mimia muito.

— É verdade. — Disse Frances alegremente.

— O pai de vocês está aqui? — Hugh perguntou com curiosidade. Não achava que já houvesse conhecido Lorde Pleinsworth.

— Não. — Respondeu Sarah. — Considera muito longe uma viagem para Devon. Raramente sai de casa.

— Ele não gosta de viajar. — Frances expôs.

Sarah assentiu. — Estará no casamento de Daniel, no entanto.

— Levará os cães? — Frances perguntou.

— Não sei. — Respondeu Sarah.

— Mamãe vai...

— ...matá-lo, eu sei, mas...

— Cães? — Hugh interrompeu-as. Porque realmente, tinha que perguntar.

As duas irmãs Pleinsworth olharam-no como se tivessem esquecido que ele estava lá.

— Cães? — Repetiu.

— Meu pai. — Sarah disse, delicadamente, escolhendo o caminho certo através de suas palavras. — Gosta muito de seus cães de caça.

Hugh olhou para Frances, que assentiu.

— Quantos cães? — Hugh questionou. Parecia uma pergunta lógica.

Lady Sarah parecia relutante em admitir um número, mas sua irmã mais nova não tinha tais escrúpulos. — Cinquenta e três na última contagem. — Disse Frances. — Mas é provável que tenha mais agora. Eles estão sempre tendo filhotes.

Hugh falhou em achar uma resposta adequada.

— Claro que não poderá transportá-los todos em uma carruagem. — Acrescentou Frances.

— Não. — Hugh conseguiu uma resposta. — Não imagino que possa.

— Ele diz muitas vezes que se encontra em melhor companhia com os animais do que os seres humanos. — Disse Sarah.

— Não posso dizer que discordo. — Disse Hugh. Viu Frances abriu a boca para falar e rapidamente a silenciou com um dedo apontado. — Unicórnios não contam.

— Eu ia dizer... — Disse com fingida afronta. — ...que desejo que ele traga os cães.

— Você está louca? — Sarah exigiu.

Assim como Hugh murmurou. — Todos os cinquenta e três deles?

— Provavelmente não trará todos. — Frances disse para Hugh antes de se virar para Sarah. — E não, não estou louca. Se ele trouxer os cães, terei com quem brincar. Não há outras crianças aqui.

— Você tem a mim. — Hugh encontrou-se dizendo.

As duas irmãs Pleinsworth ficaram totalmente silenciosas. Hugh tinha a sensação que isto não era uma ocorrência comum.

— Suspeito que você tenha uma tarefa difícil em recrutar-me para uma brincadeira de Laranjas e Limões. — Ele disse com um encolher de ombros.

— Mas ficarei feliz por fazer algo que não necessite muito do uso de minha perna.

— Oh! — Disse Frances. Ela piscou algumas vezes. — Obrigada.

— Esta foi a conversa mais divertida que tive em Fensmore. — Ele disse.

— Sério? — Frances perguntou. — Mas não foi Sarah que foi designada para mantê-lo entretido?

Houve um silêncio muito constrangedor.

Hugh limpou a garganta, mas Sarah falou primeiro. — Obrigada Frances. — Ela disse com grande dignidade. — Aprecio por você tomar meu lugar na mesa

enquanto dançava.

— Ele parecia solitário. — Disse Frances.

Hugh tossiu. Não porque estava com vergonha, mas porque era... droga, não sabia o que estava sentindo naquele momento. Foi condenadamente desconcertante.

— Não que estivesse solitário. — Frances disse rapidamente, lançando-lhe um olhar conspirador. — Mas parecia assim. — Ela olhou de um lado para o outro entre sua irmã e Hugh, só aparentemente agora percebendo que poderia ter sido apanhada no meio de um momento desconfortável. — E ele precisava de bolo.

— Bem, todos nós precisamos de bolo. — Hugh determinou. Poderia pouco se importar se Lady Sarah fosse atingida, mas não havia nenhuma necessidade que Lady Frances se sentisse pouco à vontade.

— Preciso de bolo. — Anunciou Sarah.

Foi apenas algo para manter a conversa. — Não pegou nenhum pedaço? — Frances perguntou com espanto. — Ah, mas você deve. Esta absolutamente brilhante. O laçao me deu um pedaço com flores extras.

Hugh sorriu para si mesmo. Flores extras, de fato. A decoração tinha deixado a língua de Lady Frances roxa.

— Eu estava dançando. — Sarah lembrou-lhe.

— Oh, sim, claro. — Frances fez uma careta e virou-se para Hugh. — É outra grande tristeza ser a única criança em um casamento. Ninguém dança comigo.

— Asseguro-lhe que o faria. — Disse com toda a seriedade. — Mas, infelizmente... — Ele fez um gesto para a bengala.

Frances deu um aceno simpático. — Bem, então, estou muito feliz de ter sido capaz de sentar-me aqui com você. Não é divertido ficar sentado sozinho, enquanto todo mundo está dançando. — Ela levantou e virou-se para sua irmã. — Devo pegar um pedaço de bolo para você?

— Ah, não será necessário.

— Mas você disse que queria um pouco.

— Ela disse que precisava de um pouco. — Disse Hugh.

Sarah olhou-o como se lhe tivesse brotado tentáculos.

— Lembro-me das coisas. — Disse simplesmente.

— Vou te buscar bolo. — Frances decidiu e saiu.

Hugh entreteve-se contando para ver quanto tempo levaria para Lady Sarah interromper o silêncio e conversar com ele depois que sua irmã se afastou. Quando chegou à quarenta e três segundos (mais ou menos; não tinha um cronômetro para uma medida exata) percebeu que teria que ser o adulto da dupla, e disse. — Você gosta de dançar.

Ela mexeu-se, e quando se virou para ele, percebeu imediatamente pela expressão dela que enquanto contando uma pausa constrangedora da conversa, ela simplesmente estava sentada em um silêncio sociável.

Achou isso estranho. E talvez até mesmo inquietante.

— Sim. — Disse abruptamente, ainda piscando com surpresa. — A música é deliciosa. Realmente faz alguém levantar-se e... perdão. — Ela corou, da mesma maneira que todos faziam quando falavam algo que possivelmente se referia a sua perna ferida.

— Eu gostava de dançar. — Disse, mais para ser do contra.

— Eu... ah... — Ela limpou sua garganta. — Ehrm!

— É difícil agora, é claro.

Os olhos dela assumiram uma expressão vaga de alarme, então sorriu placidamente e tomou um gole do seu vinho.

— Pensei que você não bebesse na presença dos Smythe-Smith. — Ela disse.

Ele tomou outro gole, o vinho estava muito bom, assim como prometeu na noite anterior, e virou-se para ela com toda a intenção de responder com uma brincadeira seca, mas quando a viu sentada ali, sua pele ainda úmida e rosa por seus esforços recentes, algo se transformou dentro dele e o pequeno nó de raiva que trabalhou tão duro para manter enterrado explodiu e começou a sangrar.

Ele nunca iria dançar de novamente.

Nunca iria montar um cavalo ou subir em uma árvore ou andar a passos largos proposadamente através de uma sala e tirar uma dama de sobre seus pés. Havia mil coisas que nunca mais faria, e quando achava que seria um homem

que o lembraria disso, um homem capaz que pudesse caçar, boxear e fazer todas aquelas coisas malditas que um homem estava destinado a fazer, mas não, tinha que ser ela, Lady Sarah Pleinsworth, com seus belos olhos e pés ágeis, e cada maldito sorriso que concedeu a seus parceiros de dança naquela manhã.

Ele não gostava dela. Realmente não o fazia, mas por Deus, teria vendido um pedaço de sua alma imediatamente depois de dançar com ela.

— Lorde Hugh? — A voz dela era calma, mas detinha um pequeno traço de impaciência, apenas o suficiente para alertá-lo que estava em silêncio por muito tempo.

Ele tomou mais um gole de seu vinho, mais que um gole, desta vez, na verdade, e disse. — Minha perna dói. — Não doía. Não muito, de qualquer forma, mas bem que poderia tê-lo feito. Sua perna parecia ser a razão para tudo em sua vida, certamente um copo de vinho não seria uma exceção.

— Oh. — Ela mexeu-se em sua cadeira. — Sinto muito.

— Não sinta. — Disse, talvez mais bruscamente do que pretendia. — Não é culpa sua.

— Sei disso. Mas ainda posso sentir muito que você sinta dor.

Ele deve ter lhe dado um olhar duvidoso, porque ela recuou defensivamente e disse. — Eu não sou desumana.

Examinou-a de perto, e de alguma forma seus olhos mergulharam abaixo da linha do pescoço aos planos delicados de sua clavícula. Podia ver cada respiração, cada pequeno movimento ao longo de sua pele. Limpou a garganta. Ela era definitivamente muitíssimo humana.

— Perdoe-me. — Ele disse com firmeza. — Eu era da opinião de que você pensava que meu sofrimento não era mais do que merecido.

Os lábios dela se separaram, e podia praticamente ver declaração dele atravessando sua mente. Seu desconforto era palpável, até que finalmente ela disse. — Posso ter me sentindo assim, e não consigo imaginar que jamais vou pensar caridosamente sobre você, mas estou tentando ser menos... — Parou, e a cabeça dela moveu-se desajeitadamente como se procurasse as palavras. — Estou tentando ser uma pessoa melhor. — Ela finalmente disse. — Não quero que sinta dor.

As sobrancelhas dele levantaram-se. Esta não era a Sarah Pleinsworth com quem estava familiarizado.

— Mas não gosto de você. — De repente ela deixou escapar.

Ah. Lá estava ela. Hugh realmente teve algum conforto em sua rudeza. Estava se sentindo inexplicavelmente cansado, e não tinha energia para descobrir isto profundamente, uma nuance adicional de Sarah Pleinsworth.

Ele podia não gostar da jovem senhorita excessivamente dramática que fez declarações grandiosas e ruidosas, mas certamente, no entanto... preferia-a.

Capítulo 8



Ela realmente podia ver a sala inteira lá de cima na mesa principal, Sarah pensou. Isso dava a oportunidade de olhar muito descaradamente (como se fazia em eventos como estes) para a noiva. A noiva feliz, vestida em seda de lavanda pálida e um sorriso radiante. Alguém poderia, talvez, atirar dardos dos olhos para aquela noiva feliz (sem nenhuma intenção, é claro, que a noiva feliz realmente visse aqueles olhos dardejantes). Mas era, afinal de contas, culpa de Honória que Sarah estivesse presa ali, sentada ao lado de Lorde Hugh Prentice, que, depois de aparentemente ter conversado agradavelmente com sua irmã mais nova, transformou-se em uma pessoa desagradável e ranzinza.

— Consigo trazer o melhor de você, não é? — Sarah murmurou sem olhar para ele.

— Você disse alguma coisa? — Ele perguntou. Ele não a olhou, também.

— Nada. — Ela mentiu.

Ele mexeu-se na cadeira, e Sarah olhou para baixo tempo suficiente para perceber que ajustava a posição de sua perna. Parecia ficar mais confortável quando a estendia diante dele. Percebeu isso na noite passada durante o jantar. Mas considerando que aquela mesa esteve cheia de hóspedes, esta estava

bastante vazia, exceto pelos dois, e havia espaço suficiente para...

— Não está doendo. — Disse sem se virar nem mesmo um centímetro na direção dela.

— Perdão? — Disse, já que não estava olhado para sua perna. Na verdade, depois que havia reparado que estava a segurava muito reto, ela observara muito propositadamente por pelo menos seis outras vezes.

— A perna. — Disse Hugh. — Agora já não dói.

— Oh! — Estava na ponta da língua para retrucar que não perguntou sobre sua perna, mas mesmo ela sabia quando as boas maneiras pediam moderação. — O vinho, eu suponho. — Finalmente disse. Ele não bebeu muito, mas se dizia que ajudava com a dor, quem era para duvidar dele?

— É difícil de dobrar. — Disse ele. E então a olhou, direto e em cheio. — Caso você esteja se perguntando.

— Claro que não. — Disse rapidamente.

— Mentirosa. — Disse baixinho.

Sarah ofegou. Claro que estava mentindo, mas era uma mentira educada. Considerando do que a chamou, com toda certeza isso também não foi cortês.

— Se você quer saber sobre isso. — Disse Hugh, cortando um pedacinho de bolo com o lado de seu garfo. — Pergunte.

— Muito bem. — Sarah disse bruscamente. — Está faltando em você algum grande pedaço de carne?

Ele engasgou com seu bolo. Isto lhe deu uma enorme satisfação.

— Sim. — Ele disse.

— De que tamanho?

Parecia que ele podia sorrir novamente, o que não foi sua intenção. Olhou para baixo em sua perna. — Eu diria que cerca de dez centímetros cúbicos.

Ela cerrou os dentes. Que tipo de pessoa responderia em centímetros cúbicos?

— Mais ou menos o tamanho de uma laranja pequena. — Acrescentou. Condescendente. — Ou um morango um pouco maciço.

— Eu sei o que é centímetro cúbico.

— Claro que sim.

E o bizarro era que não pareceu nem um pouco condescendente quando disse isso.

— O seu joelho foi ferido? — Perguntou, porque com os diabos, agora estava curiosa. — É por isso que não consegue dobrá-lo?

— Posso dobrá-lo. — Respondeu. — Apenas não muito bem. E não, não houve nenhuma lesão no joelho.

Sarah esperou alguns segundos e, em seguida, disse, essencialmente entre os dentes. — Por que, então, não pode dobrá-lo?

— O músculo. — Disse, deixando um de seus ombros subir e descer em um encolher de ombros. — Suspeito que não estique da forma como deveria, uma vez que está faltando dez centímetros cúbicos, do que você chamou isto? — A voz dele ficou desagradavelmente divertida. — Ah sim, um pedaço de carne.

— Você me disse para perguntar. — Ela grunhiu.

— Sim, eu disse.

Sarah sentiu sua boca se apertar. Estava tentando fazê-la sentir-se como uma pessoa impertinente? Se houvesse qualquer regra oficial da sociedade de como uma dama deveria se comportar com um homem parcialmente aleijado, não foi ensinado para ela. Estava bastante certa, porém, que deveria fingir que não notou sua enfermidade.

A menos que precisasse de auxílio. Nesse caso, deveria notar o fato de mancar, porque seria imperdoavelmente e insensível afastar-se e vê-lo tropeçar. Mas de qualquer forma, provavelmente não deveria fazer perguntas.

Tal como por que não conseguia dobrar a perna.

Mas mesmo assim. Não era seu dever como cavalheiro não fazê-la sentir-se mal por isso, quando ela equivocou-se?

Honória devia-lhe uma por isso. Honória provavelmente devia três.

Três do que, ela não estava certa, mas algo grande. Algo muito grande.

Eles ficaram sentados ali por um minuto ou mais e, em seguida, Hugh disse. — Não acho que sua irmã voltará com o bolo. — Ele acenou ligeiramente com a

cabeça. Frances estava valsando com Daniel. A expressão em seu rosto era de prazer absoluto.

— Ele sempre foi seu primo favorito. — Sarah comentou. Ainda não estava realmente olhando para Hugh, mas meio que o sentiu assentir em concordância.

— Ele tem uma maneira fácil com as pessoas. — Disse Hugh.

— É um talento.

— De fato. — Tomou um gole do seu vinho. — Aquele que você possui tão bem, eu entendo.

— Não com todo mundo.

Ele sorriu ironicamente. — Você se refere a mim, presumo.

Ficou na ponta de sua língua dizer, claro que não, mas ele era muito inteligente para isso. Em vez disso manteve-se em silêncio sepulcral, sentindo-se muito tola. Uma tola rude.

Ele riu. — Você não deve castigar-se pelo seu fracasso. Sou um desafio para a mais afável das pessoas.

Virou-se para olhar para o rosto dele com absoluta confusão. E descrença. Que tipo de homem diria tal coisa? — Você parece se dar bem com Daniel. — Finalmente respondeu.

Uma de suas sobrancelhas subiu quase como em desafio. — E, no entanto. — Disse, inclinando-se levemente em direção a ela. — Atirei nele.

— Para sermos justos, vocês estavam duelando.

Ele quase sorriu. — Você está me defendendo?

— Não. — Ela estava? Não, simplesmente estava conversando. Que, segundo ele, supostamente o fazia bem. — Diga-me. — Disse. — Você quis acertá-lo?

Ele congelou, e por um momento Sarah pensou que foi longe demais. Quando ele falou, foi com espanto tranquilo. — Você é a primeira pessoa a me perguntar isso.

— Isso não é possível. — Porque realmente, tudo não dependia daquele detalhe?

— Não acredito que só percebi neste momento, mas não, ninguém nunca pensou em perguntar se eu queria matá-lo.

Sarah segurou sua língua por alguns segundos. Justamente isso. — Bem, você quis?

— Atirei para matá-lo? Não, claro que não.

— Você deve contar isso.

— Ele sabe.

— Mas...

— Disse que ninguém nunca perguntou. — Interrompeu. — Não disse que eu tinha oferecido explicações.

— Espero que o disparo em você também tenha sido acidental.

— Nenhum de nós estava com nossas mentes no lugar naquela manhã. — Disse, com um tom totalmente desprovido de expressão.

Ela assentiu. Não sabia o porquê, na realidade não estava concordando com nada. Mas foi como se devesse responder. Como se ele merecesse uma resposta.

— Não obstante. — Disse Lorde Hugh, olhando para frente. — Fui aquele a desafiá-lo para um duelo, e quem atirou primeiro.

Ela olhou para a mesa. Não sabia o que dizer.

Ele falou novamente, em voz baixa, mas com convicção inconfundível. — Nunca culpei seu primo por minha lesão.

E então, antes que pudesse sequer pensar como reagir, Lorde Hugh se levantou tão abruptamente que sua perna ferida esbarrou na mesa, espirrando um pouco de vinho para fora de uma taça esquecido por alguém. Quando Sarah olhou para cima, viu-o estremecer.

— Está tudo bem? — Perguntou com cuidado.

— Estou bem. — Disse em uma voz brusca

— Claro que está. — Ela murmurou. — Os homens sempre estão bem.

— O que é isso quer dizer? — Ele retrucou.

— Nada. — Mentiu e ficou de pé. — Você precisa de ajuda?

Seus olhos cintilaram com fúria pelo que lhe perguntou, mas assim que ele começou a dizer. — Não. — Sua bengala bateu no chão.

— Deixe-me pegar para você. — Disse Sarah rapidamente.

— Eu posso...

— Já peguei. — Disse entre dentes. Meu Deus, o homem tornava tudo tão difícil que mal podia comportar-se como um ser humano atencioso.

Ele deixou escapar um suspiro e então, mesmo que estivesse claramente relutante em fazê-lo, disse. — Obrigado.

Ela entregou-lhe a bengala e então, cuidadosamente, perguntou. — Posso acompanhá-lo até a porta?

— Não é necessário. — Disse bruscamente.

— Para você, talvez. — Retrucou.

Isso pareceu despertar sua curiosidade. Uma de suas sobrancelhas subiu questionando, e Sarah disse. — Acredito que está ciente de que fui encarregada de seu bem-estar.

— Você realmente deveria parar de me elogiar, Lady Sarah. Isso vai subir para minha cabeça.

— Não vou me esquivar de minha obrigação.

Olhou-a por um longo instante, então enviou um olhar penetrante em direção aos vinte e poucos convidados do casamento que no momento estavam dançando.

Sarah respirou profundamente tentando não morder sua isca. Provavelmente não deveria tê-lo abandonado na mesa, mas tinha se sentindo feliz e gostava de dançar. Certamente Honória não tinha a intenção de que permanecesse ao seu lado a cada momento do casamento. Além disso, havia várias outras pessoas ao lado dele na mesa quando se levantou. E retornou quando percebeu que estava sozinho com apenas Frances por companhia.

Embora, verdade fosse dita, ele parecia preferir Frances.

— É estranho. — Murmurou. — Ser a obrigação de uma jovem mulher. Não posso dizer que já tive esse prazer.

— Fiz uma promessa a minha prima. — Sarah disse em uma voz firme.

Para não falar de Íris e seus modos de julgá-la. — Como cavalheiro você deve permitir que eu, pelo menos tente cumprir essa promessa.

— Muito bem. — Disse, e a voz dele não estava zangada. Nem resignada, ou divertida, ou qualquer coisa que pudesse discernir. Ofereceu o braço, como qualquer cavalheiro, mas ela hesitou. Deveria tomá-lo? Isso o colocaria fora de seu equilíbrio?

— Você não me derrubará. — Ele disse.

Tomou o braço dele.

Ele inclinou sua cabeça na direção dela. — A menos, claro, que me empurre.

Ela sentiu-se corar.

— Ora, vamos, Lady Sarah. — Disse, olhando-a com uma expressão condescendente. — Certamente você pode apreciar uma piada. Especialmente quando for às minhas custas.

Sarah forçou seus lábios em um sorriso tenso.

Lorde Hugh riu, e dirigiu-os para a porta, progredindo mais rápido do que esperava. Seu mancar era pronunciado, mas claramente descobriu a melhor forma de compensar isso. Deve ter reaprendido a andar, percebeu com espanto. Deve ter levado meses, talvez anos.

E isso deve ter sido doloroso.

Algo parecido com admiração começou a palpar dentro dela. Ele era ainda rude e irritante e ela certamente não desfrutava de sua companhia, mas pela primeira vez desde aquele fatídico duelo há três anos e meio, Sarah achou que o admirava. Era forte. Não, não daquela maneira, *que se observaria em quão facilmente poderia levantar uma jovem dama sobre um cavalo*, apesar de saber que era forte neste sentido também. Estava com a mão no braço dele, e não havia nada suave nele.

Hugh Prentice era forte por dentro, onde verdadeiramente contava. Tinha que ser, para recuperar-se de uma lesão como essa.

Engoliu em seco, seus olhos procurando o foco em algum lugar do outro lado da sala enquanto continuava passo a passo ao lado dele. Sentia-se inquieta, como se o chão de repente inclinasse cinco centímetros para a direita ou ar estivesse escasso. Passou os últimos anos detestando este homem, e embora essa

raiva não a consumisse, tinha de alguma forma, a definido.

Lorde Hugh Prentice foi sua desculpa. Foi a constante dela. Quando o mundo desmoronou e se alterou ao seu redor, ele permaneceu o constante objeto de repulsa dela. Foi frio, cruel e sem consciência. Arruinando a vida de seu primo e nunca se desculpando por isso. Era horrível, de uma forma que significava que nada mais na vida poderia ser tão ruim.

E agora encontrou algo dentro dele para admirar? Isso não se parecia com ela. Honória era quem encontrava o lado bom das pessoas; Sarah guardava rancor.

E não mudava de ideia.

Só que, aparentemente, o fazia.

— Dançará com toda satisfação em seu coração uma vez que a deixe? — Lorde Hugh perguntou de repente.

Sarah estava tão perdida no tumulto de seus pensamentos que a voz dele repercutiu muito alto nos ouvidos dela. — Honestamente não pensei a respeito. — Disse.

— Deveria. — Disse calmamente. — Você é uma bailarina adorável.

Seus lábios se separaram em surpresa.

— Sim, Lady Sarah. — Disse. — Isso foi um elogio.

— Nem sei o que fazer com ele.

— Recomendaria aceitá-lo graciosamente.

— E você se baseia em experiência pessoal?

— Certamente que não. Quase nunca aceito elogios com graça.

Olhou-o, à espera de um olhar astuto, talvez até mesmo um travesso, mas seu rosto permaneceu impassível, como sempre. Nem sequer estava olhando-a.

— Você é um homem muito estranho, Lorde Hugh Prentice. — Disse calmamente.

— Eu sei. — Disse conduzindo-os ao redor do enorme tio-avô de Sarah (e sua esposa extremamente alta) para chegar até a porta do salão de baile. Antes que pudessem fazer sua fuga, no entanto, foram interceptados por Honória, que

ainda estava irradiando tanta felicidade que Sarah achou que as bochechas dela deveriam doer de tanto sorrir. Frances estava de pé ao seu lado, segurando a mão dela e desfrutando do brilho da noiva.

— Vocês não estão se recolhendo tão cedo! — Honória exclamou.

E então, só para provar que era impossível fazer uma saída despercebida em uma sala cheia dos Smythe-Smith, Íris de repente se materializou do outro lado de Honória, corada e sem fôlego pela dança escocesa que terminou naquele momento.

— Sarah. — Íris disse com um riso alegre. — E Lorde Hugh. Juntos.

Novamente.

— Ainda. — Hugh corrigiu, para grande mortificação de Sarah. Deu a Íris uma reverência educado, então se virou para Honória e disse. — Foi um casamento maravilhoso, Lady Chatteris, mas tenho de ir ao meu quarto para descansar.

— E devo acompanhá-lo. — Sarah anunciou.

Íris proferiu uma risada.

— Não para o quarto dele. — Ela disse rapidamente. Bom Deus. — Só até as escadas. Ou talvez... — Precisava de ajuda nas escadas? Deveria oferecê-lo? — Er, subir as escadas, se você...

— Até onde quiser me levar. — Ele disse, sua declaração benevolente foi claramente na intenção de provocar.

Sarah apertou os dedos no braço dele, esperando que fosse até o ponto da dor.

— Mas não quero que vocês saiam ainda. — Exclamou Honória.

— Eles formam um lindo casal. — Íris disse com um sorriso.

— Você é muito gentil, Íris. — Sarah disse entre dentes.

— Adorei revê-lo Lorde Hugh. — Disse Íris, com uma reverência um tanto rápida. — Receio que vocês terão que me desculpar. Prometi para Honória que iria encontrar o primo Rupert e dançar com ele. Devo manter meus compromissos, você sabe! — Ela deu um aceno alegre e afastou-se.

— Graças a Deus por Íris. — Disse Honória. — Não sei o que Rupert comeu

esta manhã, mas ninguém quer ficar perto dele. É reconfortante saber que posso contar com minhas primas.

E o punhal que Íris cravou no coração de Sarah fez nitidamente uma pequena torção. Se Sarah pensou que poderia livra-se de Lorde Hugh tão cedo, estava claramente errada.

— Você deveria agradecê-la mais tarde. — Honória continuou, dirigindo suas palavras para Sarah. — Sei o quanto você e o primo Rupert não... ah.... — Sua voz foi sumindo quando se lembrou que Lorde Hugh estava de pé em frente a ela. Nunca foi educada para expor as diferenças da família em público, mesmo que o tivesse deixando ciente do desentendimento no dia anterior. — Bem. — Declarou, depois de limpar a garganta. — Agora não precisa dançar com ele.

— Porque Íris o fará. — Frances afirmou prestativamente, como se Sarah não compreendesse o suficiente disso.

— Precisamos realmente ir. — Disse Sarah.

— Não, não, você não pode. — Honória disse. Pegou as mãos de Sarah nas suas. — Quero que fique aqui. Você é minha prima mais querida.

— Só porque sou muito jovem. — Frances disse para Hugh de lado.

— Por favor. — Honória disse, em seguida, e virou seu rosto em direção a Hugh. — E você também, Lorde Hugh. Significaria muito para mim.

Sarah cerrou os dentes. Se fosse qualquer outra pessoa, teria se libertado de seus braços e fugido. Mas Honória não estava tentando brincar de casamenteira. Ela não era tão astuta, e mesmo se fosse, nunca seria tão óbvia. No entanto, a felicidade da noiva era tal que desejava que todos fossem tão felizes quanto ela, e imaginava que ninguém poderia ser mais feliz se não permanecessem naquela sala.

— Desculpe, Lady Chatteris. — Lorde Hugh murmurou. — Mas temo que preciso descansar minha perna.

— Ah, então nesse caso você deve ir para a sala de estar. — Honória respondeu instantaneamente. — Nós serviremos bolo lá para os hóspedes que não desejam dançar.

— Sarah não comeu do bolo! — Frances exclamou. — Ia pegar um pouco para ela.

— Tudo bem, Frances. — Sarah assegurou-lhe. — Eu...

— Oh, você deve provar o bolo. — Honória disse. — A Sra. Wetherby trabalhou com o cozinheiro por semanas para obter a receita certa.

Sarah não duvidou. Honória era louca por doces; sempre foi.

— Acompanharei você. — Disse Frances.

— Seria adorável, mas...

— E o Lorde Hugh também pode vir!

Diante disso, Sarah virou-se para Frances com desconfiança. Honória simplesmente poderia estar tentando fazer todo mundo entrar em êxtase, como ela estava, mas os motivos de Frances raramente seriam tão puros.

— Muito bem. — Sarah aquiesceu quando percebeu que na realidade era função de Lorde Hugh responder.

— Eu e Marcus iremos para a sala de estar em breve para cumprimentar as pessoas de lá. — Disse Honória.

— Como desejar milady. — Hugh disse com um floreio. Nada na voz dele traiu sua irritação ou impaciência, mas Sarah não se deixou enganar. Estranho que com apenas um dia já o conhecia tão bem ao ponto de perceber que estava absolutamente furioso. Ou pelo menos, um pouco irritado.

E ainda que seu rosto estivesse tão inexorável como sempre.

— Vamos? — Murmurou. Sarah assentiu, e continuaram em direção à porta. Uma vez no corredor, no entanto, ele fez uma pausa e disse. — Você não precisa me acompanhar à sala de estar.

— Oh, sim. — Murmurou, pensando em Íris, que estava esfregando isso em sua cara, e Honória, quem não o fazia, e mesmo Frances, que esperava que estivesse lá quando voltasse com o bolo. — Mas se quiser se retirar transmitirei suas desculpas.

— Prometi a noiva.

— Assim como eu.

Olhou-a por um momento e além do confortável, então disse. — Suponho que não é o tipo que rompe suas promessas?

Ele teve sorte que tinha soltado seu braço. Ela provavelmente teria partido o osso dele em dois. — Não.

Novamente, olhou para ela. Ou talvez não tivesse sido um olhar, mas era muito peculiar a maneira que tão frequentemente deixava seus olhos permanecer em seu rosto antes que falasse. Fazia isso com outras pessoas, também; notou na noite anterior.

— Muito bem, então. — Ele disse. — Acredito que estão a nossa espera na sala de estar.

Ela olhou-o, então virou-se para frente. — Gosto de bolo.

— Você pretendia negar-se um pedaço de bolo meramente para me evitar? — Perguntou enquanto continuavam pelo corredor.

— Não exatamente.

Ele deu-lhe um olhar de soslaio. — Não exatamente?

— Iria retornar ao salão de baile uma vez que você se recolhesse. — Admitiu. — Ou teria ido para meu quarto. — Um momento depois ela acrescentou. — E não estava tentando evitá-lo.

— Não?

— Não, eu... — Ela sorriu para si mesma. — Não exatamente.

— Não exatamente? — ele repetiu. Mais uma vez.

Não esclareceu. Não podia, porque não estava certa sobre o que dizer. Só que, talvez, já não o detestasse completamente mais. Ou pelo menos não o suficiente para negar-se o bolo.

— Tenho uma pergunta. — Ela disse.

Ele inclinou a cabeça, indicando que deveria prosseguir.

— Ontem, quando estávamos na sala de estar, quando você, erh...

— A acordei? — Ele facilitou.

— Sim. — Ela disse, se perguntando por que sentia vergonha de dizer.

— Bem, depois, quero dizer. Você disse algo a cerca de dez libras.

Ele riu num som baixo, rico que nasceu no fundo de sua garganta.

— Você queria que eu fingisse desmaiar. — Lembrou-lhe.

— Você faria? — Ele perguntou.

— Fingir um desmaio? Espero que sim. É um talento que toda mulher deve possuir. — Ela atirou-lhe um sorriso insolente e, em seguida, perguntou. — Marcus realmente ofereceu dez libras se desmaiasse no gramado?

— Não. — Lorde Hugh admitiu. — O seu primo Daniel achava que a visão de nós dois armados com pistolas poderia ser suficiente para uma dama desmaiar.

— Não só eu. — Ela se sentiu compelida a esclarecer.

— Não só você. E então Daniel anunciou que Lorde Chatteris nos pagaria a cada um dez libras se conseguíssemos fazê-lo.

— Marcus concordou com isso? — Sarah não conseguia pensar nele fazendo algo assim, exceto possivelmente pulando num palco e dançando.

— Claro que não. Pode imaginar tal coisa? — Então Lorde Hugh deu um sorriso, um realmente verdadeiro, que se curvou mais do que apenas nos cantos de sua boca. Chegava aos olhos dele, brilhando naquelas profundidades verdes, e por um momento terrível, mas impressionante, chegou a ficar quase bonito. Não, não era isso. Ele sempre foi bonito. Quando sorria, tornava-se...

Adorável.

— Oh, meu Deus. — Ofegou, saltou para trás. Nunca beijou um homem, nem nunca quis, e estava começando com Hugh Prentice?

— Há algo de errado?

— Ehm! Não, que quer dizer, sim. Quero dizer, havia uma aranha!

Ele olhou para baixo no piso. — Uma aranha?

— Ela foi por ali. — Disse rapidamente, apontando para a esquerda. E para a direita, também.

Lorde Hugh franziu a testa, inclinando-se em sua bengala, enquanto seu corpo balançava para um lado, para dar uma olhada melhor no fim do corredor.

— Sinto pavor delas. — Disse Sarah. Não era bem verdade, mas quase.

Certamente não gostava de aranhas.

— Bem, não a vejo agora.

— Devo buscar alguém? — Disse ela, pensando que uma viagem por toda a casa, talvez até o quarto dos criados, poderia não ser uma má ideia. Se não pudesse ver Hugh Prentice, esta loucura toda acabaria, não é? — Você sabe. — Continuou inventando enquanto prosseguia, prolongando o assunto. — Para procurá-la e pô-la para fora. E matá-la. Meu Deus, pode haver um ninho.

— Tenho certeza que as criadas de Fensmore nunca permitiriam tal coisa acontecer.

— Não obstante. — Ela guinchou. E então estremeceu, porque o grito foi horrível.

— Talvez seja mais fácil chamar um lacaio? — Ele acenou para a sala de estar, que estava a poucos metros de distância.

Assentiu, porque é claro que estava certo, e ela já se sentia voltar ao normal. Seu coração estava desacelerando, e enquanto não olhasse para boca dele, a vontade de beijá-lo iria embora. Na maior parte das vezes.

Ela endireitou os ombros. Podia fazer isso. — Obrigada por sua gentil escolta. — Disse e entrou na sala de estar.

Estava vazia.

— Bem, isso é muito estranho. — Ela disse.

Os lábios de Hugh pressionaram-se. — De fato.

— Não estou certa... — Sarah começou, mas não tinha que pensar no que dizer em seguida, porque Lorde Hugh se virou para ela com os olhos levemente apertados.

— Sua prima... — Ele começou. — Ela não...

— Não! — Exclamou Sarah. — Quero dizer, não. — Disse em uma voz muito mais adequada. — Íris, talvez, mas não Hon... — Interrompeu-se.

A última coisa que queria era que pensasse que qualquer um dos Smythe-Smith estavam tentando uni-los.

— Olha! — Disse sua voz saindo clara e alta. Gesticulou em direção a uma mesa à esquerda. — Pratos vazios. Havia pessoas aqui. Desapareceram somente agora.

Ele não disse nada.

— Devemos nos sentar? — Perguntou desajeitadamente.

Ainda não disse nada. Virou a cabeça, porém, para enfrentá-la mais diretamente.

— E esperar? — Sugeriu. — Desde que combinamos? — Sentiu-se ridícula. E involuntariamente inquieta. Mas agora tinha a sensação de que teria que provar algo a si própria, que podia ficar na mesma sala que ele e sentir-se perfeitamente normal.

— Frances espera nos encontrar aqui. — Acrescentou, já que Lorde Hugh aparentemente ficou mudo. Supôs que estivesse pensando, mas realmente, ele não conseguia pensar e conversar ao mesmo tempo? Ela fazia isso o tempo todo.

— Depois de você, Lady Sarah. — Disse. Finalmente.

Ela caminhou até um sofá azul e dourado, o mesmo, notou, no qual dormiu no dia anterior quando ele a despertou. Ficou tentada a olhar para trás, enquanto andava para se certificar de que não precisava de sua ajuda. O que era ridículo, porque sabia que não precisava de sua ajuda, pelo menos não para um esforço tão simples como este.

Mas queria fazê-lo, e quando finalmente chegou ao sofá e sentou-se, ficou inexplicavelmente aliviada por ser capaz de olhá-lo. Ele estava apenas a alguns passos atrás, e um momento depois, sentava-se na cadeira azul que ocupou no dia anterior.

Déjà vu^[2], pensou, salvo que tudo estava diferente agora. Tudo, exceto onde estavam sentados. Passara apenas um dia, e o mundo dela virou de cabeça para baixo.

Capítulo 9



— Déjà vu. — Lady Sarah brincou, e Hugh estava pensando exatamente isso, exceto que não estava do mesmo jeito. A mesa não estava no mesmo lugar que no dia anterior. Achou que estivesse mais perto quando se sentou.

— Aconteceu alguma coisa? — Ela perguntou.

Ele teve a sensação de que estava franzindo a testa. — Não, apenas que... — Mexeu-se na cadeira. Quão difícil seria mover a mesa? Ainda estava coberta com pratos meio vazios que os servos não perceberam que estavam prontos para ser removido. Mas certamente poderia empurrá-los para o lado...

— Oh! — Lady Sarah disse de repente. — Você precisa esticar a perna. É claro.

— Acho que a mesa não está no mesmo lugar onde estava. — Ele disse.

Olhou para a mesa e depois de volta para ele.

— Ontem havia espaço para estender minha perna. — Esclareceu.

— Então você terá. — Ela disse rapidamente. Levantou-se, e ele quase gemeu. Colocou as mãos nos braços da cadeira, preparando-se para ficar em pé,

mas Lady Sarah colocou suavemente uma mão sobre a dele e disse. — Não, por favor, não faz sentido você ter que levantar.

Olhou para a mão dela, mas tão rapidamente quanto apareceu, desapareceu e ela começou a mover os pratos para outra mesa.

— Não. — Disse, não encontrando nenhuma alegria em vê-la realizando tarefas domésticas em seu nome.

Ignorou-o. — Logo. — Disse, colocando suas mãos nos quadris enquanto inspecionava a mesa parcialmente limpa. Ela olhou para cima. — Seria mais confortável colocar seu pé no chão ou na mesa?

Deus do céu. Não podia acreditar que ela estava mesmo perguntando isso. — Não vou colocar meu pé sobre a mesa.

— Você faria isso na sua casa?

— Claro, mas...

— Então já respondeu minha pergunta. — Disse petulante, voltando-se para os pratos sujos.

— Lady Sarah, pare.

Continuou limpando e não se incomodou em olhar para ele. — Não.

— Insisto. — Era muito estranho. Lady Sarah Pleinsworth estava limpando os pratos sujos e se preparando para mover a mobília. Ainda mais surpreendente foi que estava fazendo isso para ajudá-lo.

— Fique quieto e deixe-me ajudá-lo. — Disse com firmeza, também.

Os lábios dele se separaram com surpresa, e ela deve ter tomado um pouco de prazer com seu espanto, porque seus lábios formaram um sorriso, que depois transformou num sorriso presunçoso.

— Não sou indefeso. — Ele murmurou.

— Não acho que você seja. — Seus olhos escuros brilharam, e quando ela virou-se para a tarefa de retirar os pratos, a compreensão trovejou através dele como um vento quente do deserto.

Eu a quero.

Prendeu sua respiração.

— Tem algo errado? — Ela perguntou.

— Não. — Resmungou. Mas ainda a queria.

Ela olhou para cima. — Você soou engraçado. Como se... bem, não sei o que. — Retomou a retirada dos pratos, falando enquanto trabalhava. — Talvez como se estivesse sentido dor.

Hugh guardou silêncio, tentando não olhar enquanto se movia pela sala de estar. Querido Deus, o que estava acontecendo com ele? Sim, ela era muito atraente, e sim, o corpete de veludo de seu vestido foi ajustado de tal forma que um homem não poderia evitar estar ciente da exata, exatamente perfeita, forma dos seios dela.

Mas esta era Sarah Pleinsworth. Ele a odiava a menos de vinte e quatro horas atrás. E ainda poderia odiá-la um pouco.

E ele por desgraça não sabia muito bem por que sentia esse vento quente do deserto. De onde diabos veio isso?

Sarah arrumou o último prato e se virou para olhá-lo. — Acho que o que precisamos fazer é colocar o seu pé em cima da mesa e em seguida, puxar a coisa toda em sua direção pare que possa apoiar o resto da sua perna.

Não se mexeu durante um momento. Não podia. Ele ainda estava tentando descobrir o que diabo estava acontecendo.

— Lorde Hugh. — Disse com expectativa. — Sua perna?

Não havia como impedi-la, ele percebeu, então transmitiu um pedido de desculpas em silêncio para seus anfitriões e repousou seu pé beneficiando-se da mesa.

Sentiu a perna alongar-se bem.

— Espere. — Sarah disse, voltando para o lado da mesa. — Não está apoiando o joelho. — Moveu-se para o lado dele e puxou a mesa mais para perto, porém arrumando tudo pra ficar numa diagonal. — Oh, desculpe. — Disse ela, manobrando ao redor do encosto da cadeira dele. — Só um momento.

Ela deu um passo para o lado através do espaço entre o sofá e a cadeira dele, apertando-se em um local bem próximo a ele. Eles não estavam se tocando, mas podia sentir o calor dela, pulsando fora de sua pele.

— Se você me der licença. — Ela disse em voz baixa.

Ele virou a cabeça.

Realmente não devia ter feito isso.

Lady Sarah inclinou-se para poder suspender um pouco, e aquele vestido... a curva do decote... tão perto dele...

Mexeu-se na cadeira novamente, e desta vez não tinha nada a ver com sua lesão.

— Pode você levá-la um pouco? — Sarah perguntou.

— O quê?

— Sua perna. — Ela não o estava olhando, graças a Deus, porque não conseguia parar de olhá-la. A sombra entre os seios estava tão perto, e o perfume dela estava girando ao redor dele, limões e madressilva e algo muito mais mundano e sensual.

Ela dançou a manhã toda. Ofegante e cansada com o esforço. Apenas o pensamento de que fazia tudo isso para ele de forma desesperada, achou que poderia parar de respirar.

— Precisa de ajuda? — Ela perguntou.

Querido Deus, sim. Não esteve com uma mulher desde sua lesão, e a verdade era que não quis isso realmente. Tinha as mesmas necessidades que qualquer homem, mas era tão difícil imaginar que alguém o desejaria com sua perna arruinada que não se permitiu sentir isso por qualquer outra pessoa.

Até agora, quando isso o atingiu como...

Oh! Inferno, não um vento quente do deserto qualquer. Mas nada além que aquele vento quente do deserto.

— Lorde Hugh. — Sarah disse impacientemente. — Você me ouviu? Se levantar a perna, será mais fácil para eu puxar a mesa.

— Desculpe. — Ele murmurou, levantou a perna alguns centímetros.

Ela puxou a mesa, mas a parte superior da bota raspou e pegou um pouco, forçando-a dar um passo para manter seu equilíbrio.

Ela estava tão perto agora que poderia estender a mão e tocá-la. Seus dedos apertaram os braços da cadeira, para que não cedesse ao desejo.

Queria tocar a mão dela, para sentir os seus dedos enroscar-se ao redor dele, e então queria levá-la aos lábios. Iria beijar o interior de seu pulso, sentir sua pulsação vibrando sob sua pele pálida.

E então... oh, querido Deus, este não era o momento para um devaneio erótico, mas ele não pode evitar. Então levantaria os braços dela acima da cabeça, o movimento arqueando as costas, para que quando apertasse seu corpo contra o dele, iria senti-la toda, cada porção e curva. E então chegaria por debaixo de sua saia e deslizaria a mão na perna para a curva sensível de seu quadril.

Queria conhecer a temperatura exata dela, e depois queria sentir mais uma vez, quando estiver quente e corada com o desejo.

— Aqui estamos. — Disse ela endireitando-se para trás. Era quase impossível pensar que estava alheia a sua angústia, que não sabia que ele estava a centímetros de perder o controle.

Ela sorriu, por ter conseguido deixar a mesa na posição que queria. — Está melhor?

Ele assentiu não confiando em si mesmo para falar.

— Você está bem? Está um pouco corado.

Oh, meu Deus.

— Posso lhe trazer mais alguma coisa?

Você!

— Não! — Deixou escapar, muito alto. Como diabos aquilo aconteceu? Estava encarando Sarah Pleinsworth como um colegial excitado, e tudo no que conseguia pensar era no contorno dos lábios dela, na cor.

Queria conhecer a textura.

Ela colocou uma mão na testa dele. — Posso? — Perguntou, mas já estava tocando nele, antes que terminasse seu questionamento.

Ele assentiu. O que mais poderia ter feito?

— Você realmente não parece bem. — Murmurou. — Talvez quando Frances chegar com o bolo, podemos pedir-lhe para buscar uma limonada. Você pode achá-la refrescante.

Balançou a cabeça novamente, forçando sua mente para se concentrar em Frances. Que tinha onze anos. E gostava de unicórnios.

E não deveria, sob quaisquer circunstâncias, entrar na sala enquanto estivesse em tal estado.

Sarah tirou a mão de sua testa e fez uma careta. — Você está um pouco quente. — Disse. — Mas não muito.

Ele não conseguia imaginar como aquilo seria possível. Momentos atrás achou que poderia ficar em chamas.

— Estou bem. — Disse ele, quase a interrompendo. — Só preciso de mais bolo. Ou limonada.

Ela olhou-o como se tivesse brotado uma orelha extra. Ou mudado para uma cor diferente.

— Tem alguma coisa errada? — Ele perguntou.

— Não. — Disse ela, embora não pareceu como se tivesse sido totalmente sincera. — Só que não soou você mesmo.

Tentou manter seu tom leve, quando lhe disse. — Eu não sabia que nos conhecíamos bem o suficiente para fazer essa afirmação.

— Isso é curioso. — Concordou se sentando. — Acho que é exatamente isso... não importa.

— Não, me diga. — Ele insistiu. Conversar seria uma ideia muito boa. Manteria sua mente fora de outras coisas, e mais importante, garantiria que ela estivesse sentada no sofá e não de inclinada em sua cadeira.

— Muitas vezes pausa antes de falar. — Ela disse.

— Isso é um problema?

— Não, claro que não. É só... diferente.

— Talvez eu goste de considerar minhas palavras antes de usá-las.

— Não. — Ela murmurou. — Não é isso.

Uma pequena risada escapou dos lábios dele. — Está dizendo que não considero minhas palavras antes de usá-las?

— Não. — Disse, rindo, por sua vez. — Tenho certeza de que você o faz.

Você é muito inteligente, como tenho certeza que sabe que sei.

Isso o fez sorrir.

— Na verdade não posso explicar. — Ela continuou. — Mas quando você olha para uma pessoa... não, não vamos ser desnecessariamente vagos... quando olha para mim antes de falar, há frequentemente um momento de silêncio, e eu não acho que é porque está procurando e selecionando suas palavras.

Observava-a atentamente. Agora ela ficou em silêncio e parecia como alguém que estivesse tentando decidir o que pensava. — É algo em seu rosto. — Finalmente disse. — Ele simplesmente não fica como se estivesse tentando decidir o que dizer. — De repente ela olhou para cima, e a expressão contemplativa deixou seu rosto. — Me desculpe isso foi muito pessoal.

— Nenhum pedido de desculpas é necessário. — Disse calmamente. — O nosso mundo está cheio de conversas sem sentido. É uma honra participar de uma que não é.

As bochechas dela assumiram um leve rubor de orgulho, e desviou o olhar quase timidamente. Percebeu que ele, também, a conhecia bem o suficiente para saber que isso não era uma expressão frequente no rosto dela.

— Bem. — Disse ela, cruzando as mãos no colo. Limpou a garganta e, em seguida, fez novamente. — Talvez devêssemos... Frances!

O último foi dito com grande fervor e, ele pensou ter detectado algum alívio.

— Desculpe ter demorado tanto tempo. — Frances disse assim que entrou no cômodo. — Honória jogou seu buquê, e não queria perder isso.

Sarah endireitou-se como um raio. — Honória jogou o buquê quando eu não estava lá?

Frances piscou algumas vezes. — Suponho que sim. Mas eu não me preocuparia com isso. Você nunca iria ultrapassar Íris.

— Íris correu? — A boca de Sarah se abriu, e Hugh só poderia descrever a expressão no seu rosto como uma mistura de horror e satisfação.

— Ela pulou. — Frances confirmou. — Harriet foi derrubada no chão.

Hugh cobriu a boca.

— Não sufoque seu riso por minha causa. — Disse Sarah.

— Não sabia que Íris tinha alguém definido para ela. — Disse Frances, olhando para o bolo. — Pode me dar um pedaço do seu, Sarah?

Sarah fez um gesto com a mão para seguir em frente e respondeu. — Eu não acho que ela tenha.

Frances lambeu um pouco de glacê da extremidade do seu garfo. — Talvez ache que o buque de noiva apressará a descoberta de seu verdadeiro amor.

— Se esse fosse o caso. — Sarah disse ironicamente. — Eu poderia ter pulado na frente da Íris.

— Você sabe como se formou a tradição de atirar o buquê da noiva? — Hugh perguntou.

Sarah balançou a cabeça. — Você me pergunta porque sabe, ou está me perguntando porque quer saber?

Ele ignorou o leve sarcasmo e disse. — Noivas são consideradas de boa sorte, e há muitos séculos as mulheres jovens que queriam um pouco de sorte tentavam literalmente arrancar um pedaço do vestido da noiva.

— Isso é bárbaro! — Frances exclamou.

Ele sorriu para sua explosão. — Só posso deduzir que alguma alma inteligente percebeu que se a noiva poderia oferecer um pedaço diferente do seu sucesso romântico, poderia ser benéfico para sua saúde e bem-estar.

— Eu diria que sim. — Disse Frances. — Pense em todas as noivas que devem ter sido pisoteadas.

Sarah riu e estendeu a mão para pegar o que restava de seu bolo. Frances fez progressos significativos sobre o glacê. Hugh começou a dizer-lhe para pegar o dele; Já comeu um pedaço enquanto a observava dançar. Mas com a perna em cima da mesa, não podia se dobrar para frente o suficiente para deslizar o prato na frente dela.

Então apenas observou quando ela deu uma mordida e ouvia enquanto Frances tagarelava sobre nada em particular. Sentiu-se extraordinariamente satisfeito, e pode mesmo fechar os olhos brevemente, até que ouviu Frances diz.

— Você tem um pouco de glacê.

Ele abriu os olhos.

— Bem aqui. — Frances estava dizendo para Sarah, apontando para sua

própria boca.

Não havia nenhum guardanapo; Frances não pensou em levá-los. A língua de Sarah correu para fora de sua boca e lambeu o canto dos lábios.

Sua língua. Seus lábios.

Sua ruína.

Hugh puxou o pé de cima da mesa e ficou desajeitadamente de pé.

— Tem alguma coisa errada? — Sarah perguntou.

— Por favor, dê minhas desculpas à Lady Chatteris. — Disse com firmeza. — Sei que ela queria que a esperasse, mas realmente preciso descansar minha perna.

Sarah piscou com a confusão. — Não estava justam...

— Isso é diferente. — Ele interrompeu, nem sequer pensou que não fosse isso realmente.

— Oh! — Ela disse, e isso foi muito ambíguo. Poderia ter se surpreendido ou focado satisfeita ou mesmo desapontada. Não conseguia discernir a diferença. E a verdade era que ele não deveria querer ser capaz de entender, porque não tinha nada que cobiçar uma mulher como Lady Sarah Pleinsworth.

Nenhuma companhia, de qualquer modo.



Na manhã seguinte

No pátio de entrada de Fensmore formou-se uma longa fila de carruagens, enquanto os convidados do casamento preparavam-se para partir de Cambridgeshire e viajar para o sudoeste de Berkshire, mais especificamente a Whipple Hill, a casa do Conde de Winstead. Seria, como Sarah disse uma vez, *A Grande e Terrível Caravana da Aristocracia Britânica*. (Harriet estava com uma pena na mão, insistiu que tal termo exigia ser anotado).

Como Londres estava um pouco fora do caminho, alguns dos convidados que foram relegados as pousadas nas proximidades escolheu voltar para a cidade. Mas a maioria elegeu transformar a comemoração dupla em uma festa itinerante de três semanas de duração entre as casas.

— Bom Deus. — Lady Danbury declarou ao receber seus convites para ambos os casamentos. — Realmente pensam que vou reabrir minha casa na cidade por dez dias entre casamentos?

Ninguém ousava salientar que a propriedade rural de Lady Danbury estava localizada em Surrey, que ficava diretamente entre Fensmore e Whipple Hill e mais próxima que Londres.

Mas o ponto de Lady Danbury foi válido. A sociedade era vasta e distante nesta época do ano, com a maioria das pessoas no norte ou oeste, ou mais pertinente, em algum lugar diferente de Cambridgeshire e Berkshire e entre esses pontos. Quase ninguém viu razão para abrir suas casas em Londres para permanecer menos de duas semanas, quando poderiam apreciar a hospitalidade de outra pessoa.

Embora verdade fosse dita, essa opinião não era compartilhada por todos.

— Recorde-me. — Hugh disse para Daniel Smythe-Smith enquanto caminhavam pelo hall de entrada de Fensmore. — Por que não vou voltar para casa?

Seria uma viagem de três dias de Fensmore a Whipple Hill, duas se alguém quisesse forçá-la, o que ninguém fez. Hugh supôs que levaria menos tempo no total em uma carruagem do que retornar a Londres e depois partir para Berkshire uma semana mais tarde, mas ainda assim, seria uma viagem louca. Alguém (Hugh não tinha certeza de quem, certamente não foi Daniel; nunca teve cabeça para essas coisas) traçou a rota, marcando todas as pousadas (juntamente com quantos quartos possuíam) e descobriu onde todos deveriam dormir.

Hugh esperava que ninguém que não planejasse assistir os casamentos de Chatteris - Smythe-Smith - Wynter estivesse fora nas estradas esta semana porque não haveria um quarto disponível.

— Você não vai para casa porque sua casa é maçante. — Daniel disse com um tapa nas costas. — E não possui uma carruagem, então se fosse retornar para Londres, teria que encontrar um lugar com uma das amigas da minha mãe.

Hugh abriu a boca para falar, mas Daniel não terminou ainda. — E isso é para não falar de quando chegar a Whipple Hill direto de Londres. Pode haver somente espaço no quarto da antiga babá de minha mãe, mas se não quiser, você pode tentar reservar um assento na carruagem do correio.

— Você faria isso? — Hugh perguntou.

Daniel levantou um dedo, como se tivesse alguma coisa a dizer e, em seguida, trouxe-o para baixo. — Sim. — Ele disse.

— Você é um homem cruel.

— Falo a verdade. — Respondeu Daniel. — Além disso, porque não quer ir à Whipple Hill?

Hugh poderia pensar em um motivo.

— As festividades começam assim que chegarmos. — Daniel continuou. — Deve ser uma contínua e magnífica frivolidade até o casamento.

Era difícil imaginar um homem com uma alma mais leve e mais cheia de alegria do que Daniel Smythe-Smith. Hugh sabia que parte disso era devido às núpcias de Daniel com a bela Srta. Wynter, mas sinceramente, Daniel sempre foi um homem que fazia amigos facilmente e ria com frequência.

Sabendo que destruiu a vida de um homem, Hugh achava que isto foi mais difícil quando Daniel foi exilado para a Europa. Hugh ainda estava espantado que Daniel tivesse retornado a sua posição na Inglaterra com graça e bom humor. A maioria dos homens teria queimado por vingança.

Mas Daniel lhe agradeceu. Ele agradeceu-lhe por encontrá-lo na Itália e por cancelar a caça às bruxas de seu pai, e então finalmente, agradeceu por sua amizade.

Não havia nada, Hugh pensou, que não faria por esse homem.

— O que você faria em Londres, afinal? — Daniel perguntou, acenando para Hugh para que o seguisse para baixo no pátio de entrada. — Sentar-se e fazer somas em sua cabeça?

Hugh lançou-lhe um olhar.

— Eu provoco porque admiro.

— Sério.

— É uma habilidade brilhante. — Insistiu Daniel.

— Mesmo que isso tenha feito você levar um tiro e fugir para fora do país? — Hugh perguntou. Era verdade o que disse a Lady Sarah, às vezes o humor negro era a única escolha.

Daniel parou no meio do caminho, e sua expressão ficou sombria.

— Você sabe. — Disse Hugh. — Que minha aptidão com números é precisamente a razão pela qual sempre me destaquei nas cartas.

Os olhos de Daniel pareceram escurecer, e quando piscou-os, seu rosto assumiu um ar de resignação tranquila. — Está feito, Prentice. — Disse. — Acabou, e nossas vidas estão restauradas.

A sua está, Hugh pensou e, em seguida, odiou-se por pensar assim.

— Nós dois fomos idiotas. — Daniel disse calmamente.

— Ambos fomos idiotas. — Hugh respondeu. — Mas só um de nós chamou para o duelo.

— Eu não tinha que aceitar.

— Claro que sim. Você não teria sido capaz de mostrar sua cara se tivesse recusado. — Um estúpido código de honra entre os jovens cavalheiros de Londres, mas era sagrado. Se um homem foi acusado de roubar, teria que se defender.

Daniel colocou a mão no ombro de Hugh. — Eu o perdooi, e você, acho que já me perdoou.

Hugh não tinha, de fato, mas isso foi porque não havia nada para perdoar.

— O que me pergunto. — Daniel continuou suavemente. — É se já perdoou a si mesmo.

Hugh não respondeu, e Daniel não o pressionou. Em vez disso, sua voz retornou ao seu anterior tom jovial, e declarou. — Vamos para Whipple Hill. Iremos comer, alguns de nós beberá e todos ficaremos felizes.

Hugh deu um breve aceno. Daniel já não bebia. Disse-lhe que não o fazia desde aquela fatídica noite. Hugh, às vezes, pensava que deveria seguir seu exemplo, mas havia noites em que precisava de algo para aliviá-lo da dor.

— Além disso. — Daniel disse. — Tem que chegar cedo, de qualquer forma. Decidi que deve se juntar a festa de casamento.

Isso o parou e deixou Hugh frio. — Perdão?

— Marcus será meu padrinho de casamento, é claro, mas acho que preciso de mais alguns cavalheiros para me defender. Anne tem uma verdadeira frota de damas.

Hugh engoliu, desejando que não fosse tão terrivelmente desconfortável aceitar tal honra. Porque era uma honra, e queria dizer estar grato, e isso significava muito para ele, e esqueceu o quão estabilizadora era a sensação de ter um verdadeiro amigo.

Mas tudo o que conseguiu foi um aceno espasmódico. Não mentiu para Sarah no dia anterior. Não sabia como aceitar elogios graciosamente. Ele supunha que teria que se achar merecedor deles.

— Então está resolvido. — Disse Daniel. — Ah e a propósito, encontrei um lugar para você na minha carruagem favorita.

— O que isso significa? — Hugh perguntou desconfiado. Eles saíram de casa e estavam quase no final da escada para o pátio.

— Vamos ver. — Disse Daniel, ignorando a sua pergunta. — Bem... ali. — Ele acenou com um movimento de sua mão para uma pequena carruagem preta a quinta na fila do pátio de entrada. Não havia nenhum adereço, mas era claramente bem feita e cuidada. Provavelmente a segunda carruagem de uma das famílias nobres.

— De quem é esse transporte? — Hugh exigiu. — Diga-me que não me colocou com Lady Danbury.

— Eu não o coloquei com Lady Danbury. — Daniel respondeu. — Embora verdade seja dita, ela provavelmente seria uma excelente companheira de viagem.

— Quem, então?

— Suba e veja.

Hugh passou uma tarde inteira e mais de uma noite tentando se convencer de que seu desejo louco por Sarah Pleinsworth foi trazido por uma loucura momentânea que foi trazida por... alguma coisa. Talvez por outra loucura mais momentânea. No entanto, isso aconteceu e outro dia inteiro perto dela não poderia ser uma boa ideia.

— Winstead. — Disse com uma voz de aviso. — Não é sua prima. Estou lhe dizendo, eu já tenho...

— Você sabe quantas primas tenho? Você acha que poderia evitar todas elas?

— Winstead.

— Não se preocupe, o coloquei com a melhor de todas, prometo.

— Por que me sinto como se estivesse sendo conduzido ao matadouro?

— Bem. — Daniel admitiu. — Você estará em desvantagem.

Hugh virou. — O quê?

— Aqui estamos!

Hugh olhou para cima quando Daniel abriu a porta.

— Ladies. — Daniel disse grandiosamente.

Dela saiu uma cabeça. — Lorde Hugh!

Era Lady Frances.

— Lorde Hugh.

— Lorde Hugh.

E suas irmãs, aparentemente. Embora não, até onde Hugh poderia dizer, Lady Sarah.

Hugh finalmente exalou.

— Algumas das minhas melhores horas tem sido gastas com estas três damas. — Disse Daniel.

— Acredito que a jornada de hoje será de nove horas. — Hugh disse secamente.

— Serão nove horas excelentes. — Daniel inclinou-se mais perto. — Mas se posso dar um conselho. — Ele sussurrou. — Não tente acompanhar tudo o que elas dizem. Você vai ter vertigem.

Hugh parou encima do degrau. — O quê?

— Entre! — Daniel deu-lhe um empurrão. — Nos veremos quando pararmos para o nosso almoço.

Hugh abriu a boca para protestar, mas Daniel já tinha batido a porta.

Hugh olhou de relance para o interior da carruagem. Harriet e Elizabeth sentavam-se viradas para frente, uma grande pilha de livros e artigos no banco entre elas. Harriet estava tentando equilibrar uma mesa de colo sobre os joelhos e tinha uma pena enfiada sobra a orelha.

— Não foi maravilhoso que Daniel o colocasse na carruagem com a gente? — Frances disse, assim que Hugh se estabeleceu em seu assento ao lado dela. Ou melhor, um pouco antes dele ter sentado; estava começando a perceber que ela não era uma criança particularmente paciente.

— De fato. — Hugh murmurou. Supôs que deveria estar grato, na verdade. Melhor Lady Frances que uma Lady idosa ou um Lorde com um charuto. E

certamente as irmãs seria toleráveis.

— Pedi para ele especialmente. — Continuou Frances. — Tive um bom momento no casamento ontem. — Ela virou-se para suas irmãs. — Comemos bolo juntos.

— Eu vi. — Disse Elizabeth.

— Você se importa de viajar de costas? — Frances perguntou. — Elizabeth e Harriet ficam enjoadas se o fizerem.

— Frances! — Elizabeth protestou.

— É verdade. O que seria mais embaraçoso, Lorde Hugh contando que você fica enjoada viajando de costas, ou realmente ficar doente por viajar de costas na carruagem?

— Prefiro a primeira opção. — Disse Hugh.

— Vai tagarelar durante todo o caminho? — Harriet perguntou. Das três, ela parecia mais com Sarah. O cabelo dela era alguns tons mais claros, mas o formato do seu rosto era o mesmo, assim como seu sorriso. Olhou para Hugh com uma pitada de vergonha. — Peça perdão. Me dirigia as minhas irmãs, claro. Não a você.

— Não pense nisso. — Ele disse com um leve sorriso. — Mas como acontecerá, não pretendo tagarelar todo o caminho.

— Estou planejando escrever. — Continuou Harriet, movendo um pequeno maço de papéis na sua mesa de colo.

— Você não pode fazer isso. — Disse Elizabeth. — Vai cair tinta em todos os lugares.

— Não, não vou. Estou desenvolvendo uma nova técnica.

— Para escrever na carruagem?

— Trata-se de usar menos tinta. Prometo. Alguém lembrou de pegar biscoitos? Sempre fico com fome antes de pararmos para almoçar.

— Frances trouxe alguns. E sabe que mamãe vai ter um ataque se cair tinta em...

— Cuidado com os cotovelos, Frances.

— Sinto muito, Lorde Hugh. Espero que não ter doído. E eu não trouxe nenhum biscoito. Pensei que Elizabeth iria fazê-lo.

— Você se sentou sobre minha boneca?

— Oh, que confusão. Sabia que deveria ter comido um grande café da manhã. Pare de olhar assim para mim. Não vou deixar cair tinta sobre a roup...

— Sua boneca está aqui. Como alguém faz para usar menos tinta?

Hugh poderia apenas observar com espanto. Ali parecia haver dezesseis conversas diferentes acontecendo ao mesmo tempo. Com apenas três participantes.

— Bem, só anotarei as ideias principais...

— As principais ideias tem unicórnios?

Hugh foi completamente incapaz de descobrir quem estava dizendo o que, até isso.

— Não os unicórnios novamente. — Elizabeth gemeu. Olhou para Hugh e disse. — Por favor, perdoe minha irmã. Ela é obcecada por unicórnios.

Hugh olhou de relance para Frances. Ela ficou rígida de raiva e estava olhando para a irmã. Não a culpava; o tom de Elizabeth foi tão de irmã mais velha e como foi dito pareceu duas partes de condescendência e uma de escárnio. Na realidade não usaria isso contra ela, pois teria sido igual a ela nesta idade, tinha certeza. De súbito foi tomado por uma vontade de ser herói de uma menina.

Não conseguia se lembrar da última vez que foi o herói de alguém.

— Gosto muito de unicórnios. — Disse.

Elizabeth olhou atordoada. — Gosta?

Ele encolheu os ombros. — Todos não gostam?

— Sim, mas você não acredita neles. — Disse Elizabeth. — Frances acha que eles são reais.

Com o canto do olho viu Frances olhando-o nervosamente.

— Certamente não posso provar que eles não existem. — Disse.

Frances soltou um grito.

Elizabeth parecia como se tivesse ficado olhando para o sol há muito tempo.

— Lorde Hugh. — Frances disse. — Eu...

— Mamãe!

Frances parou no meio da frase e todos olharam para a porta da carruagem. Era a voz de Sarah, do lado de fora da carruagem, e ela não parecia feliz.

— Acha que vai viajar com a gente? — Elizabeth sussurrou.

— Bem, ela caminhou até aqui. — Harriet respondeu.

Lady Sarah. Na carruagem. Hugh não tinha certeza se poderia imaginar uma tortura mais diabólica.

— É aqui com suas irmãs ou com Arthur e Rupert. — Disse a voz de Lady Pleinsworth. — Sinto muito, mas nós simplesmente não temos espaço...

— Não vou conseguir sentar com você. — Disse Frances para Hugh se desculpando. — Não vai caber três do outro lado.

Lady Sarah se sentaria ao lado dele. Aparentemente haveria uma tortura muito mais diabólica.

— Não se preocupe. — Harriet lhe garantiu. — Sarah não fica enjoada viajando de costas.

— Não, está bem. — Todos escutaram Sarah dizer. — Não me importo de viajar com elas, mas eu esperava...

A porta foi escancarada. Sarah já estava na metade da escadinha, de costas para carruagem enquanto continuava a falar com a mãe dela. — É só que estou cansada, e...

— É hora de partir. — Lady Pleinsworth cortou firmemente. Deu a sua filha um pequeno empurrão. — Não serei aquela que segurará todo mundo.

Sarah soltou um suspiro impaciente enquanto entrava na carruagem e virou-se e...

Viu-o.

— Bom dia. — Disse Hugh.

Sua boca se abriu em surpresa.

— Deixe-me passar. — Resmungou Frances. Levantou-se e mudou-se para o outro lado da carruagem, tentando tirar o lugar na janela de Elizabeth antes de acabar de braços cruzados, no centro.

— Lorde Hugh. — Disse, claramente sentindo-se perdida. — Eu, ehm... o que faz aqui?

— Não seja rude. — Frances repreendeu.

— Não estou sendo rude. Estou surpresa. — Sentou-se no lugar que Frances desocupou. — E curiosa.

Hugh lembrou-se que ela não fazia ideia do que aconteceu no dia anterior. Porque nada aconteceu. Foi tudo coisa da cabeça dele. E talvez de algumas outras partes de seu corpo. Mas o importante era que não sabia, e nunca saberia, porque isto estava para acabar.

Loucura momentânea, por definição, é momentânea.

Mesmo assim, não precisou de algum esforço para deixar de notar que o quadril dela estava somente a poucos centímetros do seu.

— A que devemos o prazer de sua companhia, Lorde Hugh? — Sarah perguntou enquanto tirava sua touca.

Ela definitivamente não sabia. Caso contrário não haveria como ter usado a palavra prazer.

— Seu primo informou-me que tinha reservado um lugar na melhor carruagem da viagem. — Disse.

— Da caravana. — Frances corrigiu.

Tirou os olhos de Sarah para olhar para a irmã mais nova. — Perdão?

— A Grande e Terrível Caravana da Aristocracia Britânica. — Frances disse petulantemente. — É como nós chamamos.

Sentiu-se sorrir, e quando tomou um fôlego, soou como uma risada. — Isso... é excelente. — Ele disse, finalmente se decidindo por uma palavra.

— Sarah pensou nisso. — Frances disse com um encolher de ombros.

— Ela é muito inteligente, você sabe.

— Frances. — Advertiu Sarah.

— Ela é. — Frances disse na pior imitação de um sussurro que Hugh nunca escutou.

Os olhos de Sarah se agitaram de um lado para outro, como faziam quando estava desconfortável, e então finalmente inclinou-se para olhar pela janela. — Nós já não deveríamos ter partido?

— A Grande e Terrível Caravana. — Ele murmurou.

Virou-se para ele com suspeita em seus olhos.

— Eu gosto. — Ele disse simplesmente.

Seus lábios se separaram, e ela tinha aquele olhar, como se estivesse planejando uma frase longa, mas em vez disso, disse. — Obrigada.

— Oh, aqui vamos nós! — Frances disse alegremente.

As rodas da carruagem começaram a girar abaixo deles. Hugh sentado permitiu o movimento embalá-lo em quietude. Nunca foi propenso a viajar de carruagem antes de sua lesão. E quando o fazia sempre adormecia. E ainda fazia isto, o único problema era que não havia espaço suficiente para estender a perna, e doeria como o diabo no dia seguinte.

— Vai ficar tudo bem? — Lady Sarah perguntou em voz baixa.

Ele inclinou a cabeça na direção dela e murmurou. — Tudo bem?

Os olhos dela passaram fugazmente por sua perna.

— Ficarei bem.

— Não é precisa esticá-la?

— Vamos parar para o almoço.

— Mas...

— Vou ficar bem, Lady Sarah. — Cortou, mas para sua própria surpresa, suas palavras não tinha nenhuma mordida de defesa. Limpou a garganta. — Obrigado pela preocupação.

Os olhos dela se estreitaram, e ele poderia dizer que estava tentando decidir se acreditava nele. Não queria dar-lhe qualquer motivo para pensar que ele não estivesse nada além que perfeitamente confortável, então olhou preguiçosamente para as três irmãs mais jovens Pleinsworth, espremidas em uma fileira. Harriet

estava batendo o final de uma pena contra a sua testa, e Elizabeth puxou para fora um pequeno livro. Frances estava inclinando-se atrás dela, tentando ver pela janela.

— Nós nem sequer saímos do pátio. — Disse Elizabeth, não tirando os olhos de seu livro.

— Eu só quero ver.

— Não há nada para ver.

— Haverá.

Elizabeth virou uma página com precisão nítida. — Você não vai ficar assim o tempo todo... ow!

— Foi um acidente. — Frances insistiu.

— Ela me chutou. — Harriet disse, para ninguém em particular.

Hugh assistiu o intercâmbio com algum humor, bem ciente de que o que era divertido agora seria torturante se durasse uma hora.

— Por que não tenta ver pela janela de Harriet? — Elizabeth disse.

Frances suspirou, mas fez como a irmã dela sugeriu. Um momento depois, no entanto, ouviram o som de papel amassando.

— Frances! — Harriet gritou.

— Desculpe-me. Só quero olhar pela janela.

Harriet olhou suplicante para Sarah.

— Não posso. — Disse Sarah. — Se acha que você está desconfortável agora, pense como seria apertado comigo em vez de Frances.

— Frances, fique quieta. — Harriet disse bruscamente, e voltou para os papéis em sua mesa de colo.

Hugh sentiu Sarah cutucá-lo levemente com seu cotovelo, e quando se virou, ela acenava com os olhos em direção a mão dela.

Um... dois... três...

Discretamente, estava contando os segundos, cada dedo, estendendo-se no tempo.

Quatro... cinco...

— Frances!

— Sinto muito!

Hugh deu uma espiada em Sarah, cujo sorriso fraco era decididamente presunçoso.

— Frances, você não pode continuar se inclinando sobre mim desse jeito. — Elizabeth estourou.

— Então deixe-me sentar na janela!

Todos os olhos, viraram-se para Elizabeth, que finalmente soltou um bufo extremamente irritado quando se encolheu no meio da carruagem para permitir Frances deslizar até a janela. Hugh assistiu com interesse enquanto Elizabeth mexia-se muito mais do que o necessário para encontrar uma posição confortável, reabriu seu livro e olhou para as palavras.

Ele olhou para Sarah. Retornou o olhar com uma expressão que dizia, espere só.

Frances não decepcionou.

— Estou entediada.



Sarah suspirou dividida entre diversão e constrangimento pelo que Lorde Hugh estava prestes a testemunhar, uma briga clássica das Pleinsworth.

— Pelo amor de... Frances! — Elizabeth olhou para sua irmã mais nova, como se pudesse arrancar-lhe a cabeça. — Não faz mais do que cinco minutos desde que nós trocamos de lugar!

Frances deu um encolher de ombro impotente. — Mas estou entediada.

Sarah voltou um olhar para Hugh. Ele parecia estar tentando não rir. O que supunha ser o melhor que poderia esperar.

— Nós não podemos fazer algo? — Frances implorou.

— Eu já estou. — Elizabeth disse entre dentes, segurando o livro dela.

— Você sabe que não foi o quis dizer.

— Oh, não! — Harriet gritou.

— Sabia que você iria derramar a tinta! — Elizabeth gritou. Então soltou um guincho. — Não derrame em mim!

— Pare de se mexer tanto!

— Eu posso ajudar! — Frances disse com entusiasmo, saltando para a briga.

Sarah estava prestes a intervir quando Lorde Hugh se adiantou, agarrou Frances pela gola e puxou-a através da carruagem, onde a depositou sem a menor cerimônia no colo de Sarah.

Isso foi bastante magnífico, realmente.

Frances ficou boquiaberta.

— Você deve ficar de fora disso. — Ele aconselhou.

Sarah, entretanto, estava lidando com um cotovelo em seus pulmões.

— Não consigo respirar. — Ofegou.

Frances ajustou sua posição. — Melhor? — Perguntou alegremente.

A resposta de Sarah foi uma grande golfada de ar. De alguma maneira conseguiu girar a cabeça para o lado de modo que encarou Lorde Hugh. — Deveria cumprimentá-lo por seu desprendimento excepcional, exceto que agora me parece que perdi toda a sensação em minhas pernas.

— Bem, pelo menos está respirando. — Ele disse.

E então, que o céu a ajudasse começou rir. Havia algo tão ridículo sobre estar sendo cumprimentada por estar respirando. Ou talvez fosse que a pessoa teria que rir quando a melhor coisa sobre sua situação era que ainda podia respirar.

E assim o fez. Ela riu. Riu tanto e por tanto tempo que Frances deslizou fora se seu colo para o chão. E então continuou rindo até as lágrimas correrem por seu rosto, Elizabeth e Harriet pararam com sua briga e olharam atônitas.

— O que há de errado com Sarah? — Elizabeth perguntou.

— Foi algo sobre ter dificuldade para respirar. — Disse Frances no chão.

Sarah soltou um gritinho de riso, em seguida, apertou seu peito, ofegante. — Não consigo respirar. Gargalhou.

Como toda boa risada, era contagioso, e em pouco tempo toda a carruagem estava rindo, até mesmo Lorde Hugh, quem Sarah nunca poderia imaginar rindo assim. Ah, ele sorriu e ocasionalmente riu, mas logo em seguida, quando a

carruagem dos Pleinsworth seguiu para o Sul em direção a Thrapstone, estava tão desfeito, como o resto delas.

Foi um momento glorioso.

— Oh meu... — Sarah finalmente conseguiu dizer.

— Nem sei sobre o que estamos rindo. — Disse Elizabeth, ainda sorrindo de orelha a orelha.

Sarah terminou limpando as lágrimas de seus olhos e tentou explicar. — Foi... — Ela disse. — Ah, deixe pra lá, nunca seria tão engraçado se repetisse.

— Limpei a tinta. — Pelo menos, Harriet disse. Ela franziu a testa envergonhada. — Bem, exceto minhas mãos.

Sarah olhou e fez uma careta. Apenas um dos dedos de Harriet parecia ter sido poupado.

— Você parece que teve a peste. — Disse Elizabeth.

— Não, acho que isto está no seu pescoço. — Harriet respondeu, tomando sem qualquer tipo de ofensa. — Frances, você deve sair do chão.

Frances olhou para Elizabeth, que tinha deslizado de volta para o assento junto à janela. Elizabeth suspirou e mudou-se para o centro.

— Vou ficar entediada novamente. — Frances disse tão logo se acomodou.

— Não, você não vai. — Hugh disse com firmeza.

Sarah virou-se para olhá-lo, divertida e impressionada. Um homem corajoso por assumir as meninas Pleinsworth.

— Nós encontraremos algo para fazer. — Ele anunciou.

Esperou-o perceber que essa resposta nunca poderia ser suficiente. Aparentemente, suas irmãs estavam pensando o mesmo, pelo menos dez segundos se passaram antes que Elizabeth lhe perguntasse. — Você tem alguma sugestão?

— Ele é brilhante com os números. — Disse Frances. — Pode realizar monstruosamente enormes cálculos de cabeça. Já o vi fazer isso.

— Não posso imaginar que você vai achar divertido questionar-me em matemática por nove horas. — Ele disse.

— Não, mas pode ser divertido pelos próximos dez minutos. — Disse Sarah, e quis dizer cada palavra. Como era possível que não soubesse isso sobre ele? Sabia que era muito inteligente; Daniel e Marcus ambos disseram.

Também sabia que foi considerado imbatível nas cartas. Depois de tudo o que aconteceu, não havia nenhuma maneira que não pudesse sabê-lo.

— Quão monstruosamente grande? — Perguntou, porque na verdade, ela queria saber.

— Pelo menos quatro dígitos. — Disse Frances. — Isso foi o que fez no café da manhã do casamento. Foi brilhante.

Sarah olhou para Hugh. Ele parecia corar. Bem, talvez só um pouco. Ou talvez não. Talvez ela só quisesse vê-lo corar. Havia algo muito atraente sobre a noção disso.

Mas então capturou algo na expressão dele. Ela não sabia como descrevê-lo, exceto que de repente sabia...

— Você pode calcular mais do que quatro dígitos. — Ela disse com admiração.

— É um talento. — Disse. — O que me causou tantos problemas quanto benefícios.

— Posso questionar você? — Sarah perguntou, tentando segurar um pouco a ansiedade de sua voz.

Inclinou-se na direção dela com um pequeno sorriso. — Só se puder questioná-la também.

— Desmancha prazeres.

— Posso lhe dizer o mesmo.

— Depois. — Disse com firmeza. — Irá mostrar-me mais tarde. — Estava fascinada por este talento recém revelado de Lorde Hugh. Certamente ele não se importaria em calcular uma pequena equação. Havia feito para Frances.

— Podemos ler uma das minhas peças. — Sugeriu Harriet. E começou a vasculhar o maço de papéis no colo. — Tenho uma que comecei ontem à noite. Vocês sabem aquele com a heroína, que não é muito rosa...

— E nem muito verde! — Frances e Elizabeth terminaram animadamente.

— Oh! — Sarah disse com grande consternação. — Oh! Oh! Oh! Oh! Não. Lorde Hugh virou-se para ela com algum divertimento.

— Não muito rosa nem muito verde? — Ele murmurou.

— É uma descrição de mim, receio.

— Eu... entendo.

Ela lançou lhe um olhar. — Ria. Você sabe que quer fazê-lo.

— Ela também não é muito magra nem gorda. — Frances disse amavelmente.

— Não é na verdade a Sarah. — Explicou Harriet. — Apenas uma personagem que modelei por meio dela.

— Muito perto. — Acrescentou Elizabeth. Com um sorriso.

— Aqui está. — Disse Harriet, segurando um pequeno maço de papéis atravessando a carruagem. — Tenho apenas uma cópia, então você vai ter que compartilhar.

— Esta obra-prima tem um nome? — Hugh perguntou.

— Ainda não. — Respondeu Harriet. — Descobri que muitas vezes devo completar uma peça antes de saber como chamá-la. Mas vai ser algo muito romântico. É uma história de amor. — Fez uma pausa, a boca dela torcendo com o pensamento. — Embora não tenho certeza que vai ter um final feliz.

— Este é um romance? — Lorde Hugh disse com uma peculiaridade duvidosa no seu rosto. — E estou destinado a ser o herói?

— Não podemos realmente usar Frances. — Harriet disse sem qualquer tipo de sarcasmo. — E eu só tenho um exemplar, se Sarah é a heroína, você tem de ser o herói, uma vez que está sentado ao lado dela.

Ele olhou para baixo. — Meu nome é Rudolf?

Sarah quase lançou uma risada.

— Você é espanhol. — Disse Harriet. — Mas sua mãe era inglesa, então ele fala perfeitamente.

— Tenho um sotaque?

— É claro.

— Não posso imaginar por que perguntei. — Ele murmurou. E então se virou para Sarah. — Oh, olhe. Seu nome é Mulher.

— Estigmatizada novamente. — Sarah brincou.

— Ainda não pensei num nome apropriado. — Harriet explicou. — Mas não queria parar o manuscrito inteiro. Pode levar semanas para pensar no nome certo. E então posso ter esquecido todas as minhas ideias.

— O processo criativo é uma coisa peculiar, de fato. — Lorde Hugh murmurou.

Sarah continuou lendo mais a frente enquanto Harriet estava falando, e desenvolveu sérias dúvidas. — Não estou certa de que isto seja uma boa ideia. — Disse, puxando a segunda página fora do maço para que pudesse ler ainda mais.

Não, definitivamente não era uma boa ideia.

— Leitura em uma carruagem em movimento é sempre um risco. — Sarah disse rapidamente. — Especialmente viajando de costas.

— Você nunca enjoa. — Elizabeth lembrou-lhe.

Sarah olhou para frente na página três. — Eu poderia.

— Você não precisa realmente fazer as coisas a risca. — Disse Harriet. — Isto não é uma verdadeira interpretação. É apenas uma leitura.

— Eu deveria estar lendo mais à frente? — Lorde Hugh perguntou para Sarah.

Sem dizer nada, entregou-lhe a página dois.

— Ah.

E a página três.

— Ah.

— Harriet, nós não podemos fazer isso. — Disse Sarah com firmeza.

— Oh, por favor. — Harriet suplicou. — Seria tão útil. Esse é o problema com a escrita de peças teatrais. É preciso ouvir as palavras sendo ditas em voz alta.

— Você sabe que nunca fui boa em atuar em suas peças. — Disse Sarah.

Lorde Hugh olhou para ela inquisitivamente. — Sério?

Algo sobre sua expressão não caiu bem para ela. — O que isso significa?

Ele encolheu os ombros levemente. — Só que você é muito dramática.

— Dramática? — Não gostou da maneira que soou.

— Ora! — Disse, com muito mais condescendência do que era saudável em uma carruagem fechada. — Certamente não se vê como tranquila e dócil.

— Não, mas não sei chegaria tão longe, até o tão dramática.

Olhou para ela por um momento, então disse. — Você gosta de proclamar.

— É verdade, Sarah. — Harriet colocou. — Você faz isto.

Sarah virou a cabeça e fixou um olhar no rosto da irmã, o que foi uma maravilha que não tivesse murchado no local.

— Eu não farei isso. — Disse, cerrando sua boca.

— É só um beijo. — Harriet exclamou.

Só um beijo?

Os olhos de Frances se abriram quase na mesma largura da boca dela.

— Você quer que Sarah beije Lorde Hugh?

Só um beijo. Nunca poderia ser só um beijo. Não com ele.

— Eles não iriam realmente beijar-se. — Disse Harriet.

— Alguém consegue fingir beijar? — Elizabeth perguntou.

— Não, — Sarah disse. — Não consegue.

— Nós não contaremos a ninguém. — Implorou Harriet.

— Isto é altamente inapropriado. — Disse Sarah em voz firme. Virou-se para Lorde Hugh, que não tinha proferido nenhuma palavra há algum tempo. — Certamente você concorda comigo.

— Certamente que sim. — Disse suas palavras estranhamente entrecortadas.

— Ah. Você entende que não interpretaremos isto. — Sarah empurrou as

páginas para Harriet, que as recolheu com grande relutância.

— Você faria isso se Frances lesse a parte de Rudolf? — Harriet perguntou em uma voz baixa.

— Você disse...

— Eu sei, mas realmente quero ouvir em voz alta.

Sarah cruzou os braços. — Nós não interpretaremos a peça, e ponto final.

— Mas...

— Eu disse que não. — Sarah explodiu, sentindo os últimos remanescentes de seu controle se partindo em dois. — Não vou beijar Lorde Hugh. Aqui não. Agora não. Nunca!

Um silêncio consternado caiu dentro da carruagem.

— Peço perdão. — Sarah murmurou. Podia sentir um rubor subir do pescoço até a ponta de sua cabeça. Esperou que Lorde Hugh falasse algo terrivelmente esperto e cortes, mas não proferiu uma palavra. Nem mesmo Harriet, Elizabeth ou Frances.

Finalmente, Elizabeth fez um ruído estranho com a garganta e disse. — Então vou apenas ler meu livro.

Harriet arrumou seus papeis.

Até mesmo Frances virou-se para a janela e olhou para fora sem dizer uma palavra sobre tédio.

Quanto a Lorde Hugh, Sarah não sabia. Não teve coragem de olhá-lo. Sua explosão foi feia, o insulto imperdoável. Claro, não iriam se beijar na carruagem. Eles não teriam se beijado mesmo se realizassem a peça em uma sala de estar. Como Harriet disse haveria algum tipo de narração, ou talvez apenas se inclinassem (mas manteriam um respeitável seis centímetros de distância) e beijariam o ar.

Mas já estava tão consciente dele, que de certa forma isto a confundia tanto quanto enfurecia. Bastou apenas ler que seus personagens se beijariam...

Foi demais.

A viagem continuou em silêncio. Frances finalmente adormeceu. Harriet olhava para o espaço. Elizabeth continuou lendo, embora de vez em quando

olhasse para cima, os olhos dela passando rapidamente de Sarah para Hugh e de volta novamente. Depois de uma hora, Sarah achou que Lorde Hugh poderia ter caído no sono, também; não se moveu uma única vez desde que ficaram em silêncio, e não podia imaginar que fosse confortável para sua perna permanecer na mesma posição por tanto tempo.

Mas quando arriscou uma espiada, estava acordado. O único sinal que a viu olhando-o foi uma pequena mudança nos olhos dele.

Ele não disse nada.

Nem ela.

Finalmente, sentiu a carruagem desacelerar, e quando olhou pela janela, viu que eles estavam se aproximando de uma pousada com uma alegre e pequena placa que dizia, *The Rose and Crown, est. 1612*.

— Frances. — Ela disse, estava feliz por ter uma razão lógica para falar. — Frances, é hora de acordar. Nós estamos parando.

Frances piscou grogue e inclinou-se sobre Elizabeth, que não proferiu uma queixa.

— Frances, está com fome? — Sarah insistiu. Inclinou-se para frente empurrado seu joelho. A carruagem parou completamente e tudo em que Sarah conseguia pensar era em uma fuga. Ela tinha tentado tanto manter-se calma, ficando quieta. Era como se não tivesse respirado há horas.

— Oh. — Frances finalmente disse com um bocejo. — Eu adormeci?

Sarah assentiu.

— Estou com fome. — Disse Frances.

— Você devia ter se lembrado dos biscoitos. — Disse Harriet.

Sarah a teria repreendido por um comentário tão mesquinho, exceto que foi um alívio ouvir algo tão perfeitamente normal.

— Não sabia que era para eu trazer os biscoitos. — Lamentou Frances, ficando de pé. Era pequena para sua idade e conseguia fazê-lo sem precisar se agachar na carruagem.

A porta do carro se abriu e Lorde Hugh pegou sua bengala e saiu sem dizer uma palavra.

— Você sabia. — Disse Elizabeth. — Eu te disse.

Sarah foi para a porta.

— Você está pisando no meu manto! — Frances uivou.

Sarah olhou para fora. Lorde Hugh estava estendendo a mão para ajudá-la.

— Não estou pisando em nada.

Sarah pegou a mão dele. Ela não sabia o que mais poderia fazer.

— Saia de cima da minha... oh!

Houve um grito, e então alguém tropeçou com força em Sarah. Ela caiu para frente, a mão livre, balançando descontroladamente procurando equilíbrio, mas sem sucesso. Caiu primeiro sobre um degrau, e depois para o chão duro, levando Lorde Hugh para baixo com ela.

Soltou um grito com o estilhaço de dor que atravessou seu tornozelo.

Acalme-se, disse a mesma, era só surpresa. Foi como arrancar um dedo do pé. Doeu como o inferno por um segundo, e então percebeu que foi a surpresa mais do que tudo.

Então prendeu a respiração e esperou que a dor diminuísse.

Isso não aconteceu.

Capítulo 12



Por um momento, Hugh pensou estar inteiro novamente.

Não estava inteiramente certo do que aconteceu dentro da carruagem, mas momentos depois Sarah colocou sua mão quente na dele, soltou um grito e veio caindo em sua direção.

Estendeu os braços para pegá-la. Foi a coisa mais natural do mundo, exceto que era um homem com uma perna em ruínas, e homens com pernas arruinadas nunca devem esquecer quem são.

Pegou-a, ou pelo menos achou que o fazia, mas a perna não pode apoiar seus pesos combinados, não quando amplificado pela força de sua queda. Não teve tempo para sentir dor; seu músculo simplesmente se abateu, e sua perna dobrou embaixo dele.

Então realmente não importou se a pegou ou não. Os dois caíram no chão, e por um momento, Hugh não pode fazer nada além de gemer. O impacto tinha sugado o ar de seu corpo e a perna dele...

Mordeu o interior da bochecha. Forte. Estranho como uma dor poderia diminuir a intensidade de outra. Ou pelo menos normalmente funcionava. Desta

vez isso não aconteceu. Ele provou o sangue e ainda sentiu a perna atravessada por agulhas.

Praguejando baixinho, se obrigou a apoiar as mãos e joelhos para que pudesse chegar até Sarah, que estava deitada no chão ao lado dele.

— Está bem? — Perguntou com urgência.

Assentiu, mas era aquele tipo espasmódico, sem foco no balançar com a cabeça, que queria dizer que não, ela não estava bem.

— É sua perna?

— Meu tornozelo. — Gemeu.

Hugh se ajoelhou ao lado dela, a perna dele, gritando em agonia por estar dobrada. Precisava entrar em Rose and Crown com Sarah, mas primeiro devia verificar se ela quebrou o osso. — Posso? — Disse, suas mãos flutuando perto de seu pé.

Ela assentiu, mas antes que pudesse tocá-la, foram cercados. Harriet saltou da carruagem e Lady Pleinsworth veio correndo da Pousada, e Deus sabe quem mais estava pressionando e empurrando-o para longe. Finalmente, Hugh ergueu-se sobre seus pés com dificuldade, apoiando-se fortemente em sua bengala.

Sentia o músculo de sua coxa como se alguém lhe tivesse espetado uma faca ardente, mas mesmo assim, era um tipo familiar de dor. Não fez nada de novo para a perna, parecia dizer-lhe; tinha só empurrado-a para o limite.

Dois cavalheiros chegaram ao local, primos de Sarah, pensou, e então Daniel estava lá, afastando-os.

Assumindo o controle.

Hugh observava enquanto verificava o tornozelo dela, em seguida, ele ajudou Sarah que colocou seus braços em volta do pescoço dele.

E ainda viu como Daniel afastou a multidão e carregou-a para dentro.

Hugh nunca seria capaz de fazer isso. Esqueça a equitação, dança e a caça e todas aquelas coisas que lamentou desde que uma bala mutilou sua coxa. Nada disso parecia importar mais.

Ele nunca iria acolher uma mulher em seus braços e carregá-la.

Nunca tinha se sentido menos homem.

Entrou em The Rose e Crown.



Uma hora mais tarde

— Quantas?

Hugh olhou para cima enquanto Daniel deslizava para o banquinho ao lado dele no bar da Pousada.

— Quantas canecas? — Daniel esclareceu.

Hugh tomou um gole de sua cerveja e depois outro, porque isso foi o que esvaziou sua caneca. — Não o suficiente.

— Você está bêbado?

— Infelizmente, não. — Hugh sinalizou para o homem da estalagem pedindo outra.

O homem o olhou. — Um para você também, milorde?

Daniel balançou a cabeça. — Chá, se tiver. Ainda é cedo.

Hugh sorriu.

— Todo mundo está na sala de jantar. — Disse Daniel.

Todos duzentos de nós, Hugh quase disse, mas então se lembrou que eles estavam se separando entre pousadas para o almoço. O que supôs deveria ser grato pelo pequeno favor. Apenas um quinto do grupo de viagem teria visto sua humilhação.

— Você quer se juntar a nós? — Daniel perguntou.

Hugh olhou para ele.

— Acho que não.

O homem empurrou outra caneca de cerveja na frente de Hugh. — O chá estará pronto em breve, milorde.

Hugh levou a caneca aos lábios e bebeu cerca de um terço em um gole só. Não havia álcool suficiente naquilo. Estava bebendo há muito tempo para levar sua mente para o nada.

— Ela quebrou a perna? — Perguntou. Não tinha a intenção de fazer perguntas, mas isso ele tinha que saber.

— Não. — Disse Daniel. — Mas é uma entorse desagradável. Está inchado, e está com muita dor.

Hugh acenou com a cabeça. Sabia tudo sobre isso. — Poderá viajar?

— Penso que sim. Nós teremos que colocá-la em uma carruagem diferente. Ela precisará elevar a perna.

Hugh tomou outro longo gole.

— Eu não vi o que aconteceu. — Disse Daniel.

Hugh ficou imóvel. Lentamente, virou-se para seu amigo. — Porque você está me perguntando isso?

— Só quero saber o que aconteceu. — Disse Daniel, sua boca se torcendo em descrença pelo exagero de Hugh.

— Caiu da carruagem. Não consegui pegá-la.

Daniel olhou-o por alguns segundos e, em seguida, disse. — Oh, pelo amor de Deus, não está culpando a si mesmo, não é?

Hugh não respondeu.

Uma das mãos de Daniel acenou para frente questionando. — Como poderia pegá-la?

Hugh agarrou a extremidade do balcão do bar.

— Inferno. — Murmurou Daniel. — Isso não é sempre sua perna. Eu provavelmente não a teria pego, também.

— Não. — Hugh retrucou. — Você a teria pego.

Daniel ficou quieto por um momento, então disse. — Suas irmãs estavam brigando. Aparentemente, uma delas esbarrou nela dentro da carruagem. Foi por isso que caiu.

Não importava por que caiu, Hugh pensou, e pegou outra bebida.

— Então tem a ver muito mais de como foi lançada.

Hugh prendeu sua atenção em sua bebida por um longo tempo, até grunhir.
— Você quer dizer algo?

— Ela deve ter vindo da carruagem com uma força considerável. — Disse Daniel, e Hugh supôs que lhe estava falando com uma voz paciente. Mas Hugh não estava a fim de dar vantagem para a paciência. Estava com vontade de beber, de sentir pena de si mesmo e arrancar fora a cabeça de quem fosse estúpido o suficiente para aproximar-se. Terminou sua cerveja, bateu com sua caneca, sinalizando por outra. O homem foi rápido em cumprir.

— Tem certeza que você quer beber isso? — Daniel perguntou.

— Muita.

— Se me lembro bem... — Disse Daniel com uma voz terrivelmente calma.
— ...uma vez você me disse que não bebia até o anoitecer.

Daniel achava que Hugh tinha esquecido? Pensou que Hugh ficaria sentado ali bebendo cerveja ruim após cerveja ruim se houvesse outra maneira de acabar com a dor? Não era só a perna desta vez. Diabos, como é que poderia ser um homem quando a maldita perna não conseguia segurá-lo?

Hugh sentiu seu coração acelerar em fúria, e ouviu sua respiração sair em sopros curtos e irritados. Havia cem coisas diferentes, que poderia ter dito a Daniel naquele momento, mas falou a única coisa que verdadeiramente expressava o que sentia.

— Desapareça.

Houve um longo silêncio e, em seguida, Daniel desceu do banquinho. — Você não está em condições de viajar o resto do dia em uma carruagem com minhas primas mais novas.

Hugh franziu os lábios. — Por que diabos acha que estou bebendo?

— Vou fingir que você não me disse isso. — Daniel falou baixinho. — E sugiro que quando você estiver sóbrio faça o mesmo. — Ele andou até a porta. — Sairemos em uma hora. Mandarei alguém informar qual carruagem você poderá tomar.

— Deixe-me aqui. — Disse Hugh. Por que não? Não precisa estar em Whipple Hill imediatamente. Poderia muito bem ficar repousando em Rose and Crown por uma semana.

Daniel sorriu sem humor. — Você gostaria disso, não é?

Hugh encolheu os ombros, tentando ser insolente. Mas tudo o que conseguiu foi perder o equilíbrio, e quase se deslizar de seu banquinho.

— Uma hora. — Disse Daniel e se afastou.

Hugh caiu sobre sua bebida, mas sabia que em uma hora, estaria na frente de Rose and Crown, se preparando para a próxima etapa da viagem. Se qualquer outra pessoa, qualquer pessoa entre todas, tivesse se posto diante dele e lhe ordenado estar pronto em uma hora, ele teria marchado para fora da pousada e nunca voltado.

Mas não Daniel Smythe-Smith. E suspeitava que ele soubesse disso.



Whipple Hill

Nr. Thatcham, Berkshire

Seis dias depois

A viagem para Whipple Hill foi nada menos que miserável, mas agora que estava ali, ocorreu a Sarah que talvez tivesse sorte em ter passado seus primeiros três dias com um tornozelo inchado presa na carruagem Pleinsworth. A viagem poderia ter sido cheia de chacoalhadas e cotoveladas, mas pelo menos ela tinha uma razão lógica para ter permanecido sentada. Mais o importante foi que, todo mundo estava preso em seus lugares sobre seus traseiros.

Agora não mais.

Daniel estava determinado que a semana que antecedia o seu casamento deveria ser lendária, e tinha planejado cada imaginável diversão e entretenimento. Haveria excursões e adivinhação, dança e uma caçada, e pelo menos doze outros passatempos maravilhosos que seriam revelados quando fosse necessário. Sarah não se colocaria diante dele para oferecer aulas de malabarismo no gramado. Que, a propósito, soube que ele poderia fazê-lo. Havia aprendido sozinho quando tinha doze anos em uma feira itinerante que passou pela cidade.

Sarah passou seu primeiro dia na residência presa no quarto que estava compartilhando com Harriet com o pé apoiado em travesseiros. Suas outras irmãs foram visitá-la, assim como Íris e Daisy, mas Honória ainda estava em Fensmore, aproveitando alguns dias de privacidade com o marido antes de seguir viagem. E embora Sarah apreciasse seus parentes parando para entretê-la, ficava menos encantada com as contas sem fim de todos os eventos incrivelmente fabulosos que ocorriam do lado de fora da porta de seu quarto.

Seu segundo dia em Whipple Hill passou da mesma forma, exceto que Harriet teve pena dela e prometeu ler todos os cinco atos de Henry VIII e o Unicórnio Condenado, que foi recentemente rebatizado de A Pastora, o Unicórnio e Henry VIII. Sarah não conseguia entender por que, não havia menção de uma pastora em nenhum lugar. Ela cochilou por apenas alguns minutos. Certamente não poderia ter perdido um personagem suficientemente crucial para merecer uma menção no título da peça.

O terceiro dia foi o pior. Daisy levou seu violino.

E Daisy não conhecia peças curtas.

Então, quando Sarah acordou no seu quarto dia em Whipple Hill, jurou para si mesma que iria descer a escada e se juntar ao resto da humanidade ou morrer tentando.

Realmente, jurou isso. E deve tê-lo feito com grande convicção, porque a criada empalideceu e benzeu-se.

E ao fazê-lo foi apenas para descobrir que metade das mulheres partiram para a aldeia. E a outra metade estava prestes a ir também.

Os homens planejavam caçar.

Foi bastante humilhante chegar ao café da manhã nos braços de um laçao (ela não especificou como iria descer a escadaria), assim quando todos os outros hóspedes haviam partido, levantou-se e deu um passo cautelosamente. Poderia pôr um pouco de peso no tornozelo desde que fosse cuidadosa.

Então se inclinou contra uma parede.

Talvez fosse para a biblioteca. Poderia encontrar um livro, sentar-se e ler. Não seria preciso usar seus pés para nada. A biblioteca não era tão longe.

Deu mais um passo.

O que não era inteiramente atravessar da casa.

Ela gemeu. A quem estava tentando enganar? Neste ritmo levaria metade do dia para chegar à biblioteca.

O que precisava era de uma bengala.

Parou. Isso a fez pensar em Lorde Hugh. Não o via fazia quase uma semana. Supôs que não deveria ter achado isso estranho, pois eles eram apenas dois em meio a mais de uma centena de pessoas que fizeram a viagem de Fensmore para Whipple Hill. E sem falar que ele não a visitou enquanto esteve convalescendo em seu quarto.

Ainda assim, estava pensando nele. Enquanto ficava deitada na cama com o pé sobre os travesseiros, se perguntou por quanto tempo foi obrigado a fazer o mesmo. Quando se levantou no meio da noite e se arrastou até o penico, começou a se perguntar... e, em seguida, ela amaldiçoou a injustiça biológica de tudo isso. Um homem não teria necessidade de rastejar para o penico, precisaria? Ele provavelmente poderia usar a maldita coisa na cama.

Não que estivesse imaginando Lorde Hugh na cama.

Ou usando um penico, para esse assunto.

Mas ainda assim, como conseguiu fazer isso? Como é que ainda o fazia? Como conseguia fazer as tarefas diárias da vida sem querer arrancar seus cabelos e gritar para os céus? Sarah odiava ser tão dependente de todos. Ainda esta manhã teve que pedir para uma criada encontrar sua mãe, que então decidiu que um laçao seria a pessoa adequada para levá-la até embaixo para o café da manhã.

Tudo o que queria era ir para algum lugar com seus próprios pés. Sem informar ninguém de nenhum de seus planos. E se ela tivesse que sofrer com as agulhadas de dor toda vez que colocasse o peso em seu pé, então que assim fosse. Valeria a pena só para sair do seu quarto.

Mas voltando para Lorde Hugh. Sabia que a perna dele incomodava após usá-la muito, mas sentiria dor a cada vez que dava um passo? Como era possível que não lhe perguntasse isso? Eles caminharam juntos, certamente não por longas distâncias, mas ainda assim, ela deveria ter procurado saber se ele estava com dor. Deveria ter perguntado.

Mancou um pouco mais ao longo do corredor, então finalmente desistiu e se sentou em uma cadeira. Eventualmente, alguém apareceria. Uma criada... um laçao... era uma casa com muitas ocupações.

Ela se sentou, tocando uma melodia na perna com as mãos. Sua mãe teria um ataque se a visse assim. Uma dama foi feita para ficar parada. Uma dama deveria falar suavemente e rir musicalmente e fazer todo o tipo de coisas que nunca tinham vindo naturalmente para Sarah. Era notável, realmente, que amasse sua mãe tanto. Por vários motivos, elas deveriam querer matar uma a outra.

Depois de alguns minutos Sarah ouviu alguém se movendo ao virar um canto. Deveria chamar? Precisava de ajuda, mas...

— Lady Sarah?

Era ele. Não sabia por que ficou tão surpresa. Ou contente. Mas estava.

A última conversa deles foi horrível, mas quando viu Lorde Hugh Prentice vindo em sua direção pelo corredor, ficou tão feliz por vê-lo que aquilo foi espantoso.

Chegou ao lado dela, em seguida, olhou para cima e para baixo no corredor. — O que está fazendo aqui?

— Descansando, receio. — Ela chutou o pé para fora dez centímetros ou mais. — Minhas ambições ultrapassaram a minha capacidade.

— Você não deveria estar por aí.

— Passei três dias praticamente amarrada à minha cama.

Foi sua imaginação, ou de repente ele estava um pouco desconfortável?

Ela continuou falando. — E antes disso mais três dias presa em uma carruagem...

— Assim como todos nós.

Irritada pressionou os lábios. — Sim, mas o resto de vocês foi capaz de sair e andar por aí.

— Ou mancar. — Ele disse secamente.

Seus olhos voaram para o rosto dele, mas qualquer que fosse as emoções dele se escondeu atrás de seus olhos, não podia interpretá-las.

— Devo a você um pedido de desculpas. — Ele disse com firmeza.

Ela piscou. — Por quê?

— Eu a deixei cair.

Olhou-o por um momento, totalmente atordoada que pudesse culpar-se por algo que tão obviamente foi um acidente.

— Não seja ridículo. — Ela assegurou-lhe. — Não importa o porquê, eu teria caído. Elizabeth estava pisando na bacia de Frances, ela puxou e Elizabeth mexeu o pé dela, e... — Acenou com a mão. — Bem. Não se preocupe. De alguma forma foi Harriet que trombou em mim. Se tivesse sido apenas Frances, ousou dizer que poderia ter sido capaz de recuperar o equilíbrio.

Ele não disse nada, e ainda assim se viu incapaz de interpretar a expressão dele.

— No degrau, sabe. — Ela se ouviu falando. — Foi quando machuquei meu tornozelo. Não quando caí. — Não fazia ideia porque isto poderia fazer diferença, mas nunca foi talentosa em censurar suas palavras quando estava nervosa.

— Devo-lhe um pedido de desculpas também. — Acrescentou hesitante.

Olhou-a interrogativamente.

Ela engoliu. — Fui muito cruel com você na carruagem.

Começou a dizer alguma coisa, provavelmente. — Não seja tola... — Mas o interrompeu.

— Exagerei. Era muito... constrangedora, a peça de Harriet. E só quero que soubesse que teria agido da mesma forma com qualquer um. Então, realmente, você não deve sentir-se ofendido. Pelo menos, não pelo lado pessoal.

Bom Deus, ela estava balbuciando. Nunca foi boa em pedir desculpas.

Na maioria das vezes ela simplesmente se recusava a dar-lhes.

— Você vai se juntar aos cavalheiros para caçar? — Deixou escapar.

O canto da boca dele se apertou e suas sobrancelhas subiram para uma expressão irônica, quando disse. — Não posso.

Tola estúpida, o que estava pensando? — Sinto muito. — Disse. — Isso foi muito insensível de minha parte.

— Você não precisa dar voltas ao redor disso, Lady Sarah. Sou coxo. É um fato. E certamente não é sua culpa.

Ela assentiu. — Ainda assim, peço desculpas.

Por um segundo, pareceu inseguro sem saber o que fazer, então, em uma voz baixa, disse. — Desculpas aceitas.

— No entanto não gosto dessa palavra. — Ela disse.

As sobrancelhas dele se levantaram.

— Coxo. — Ela torceu o nariz. — Faz você parecer um cavalo.

— Você tem outra alternativa?

— Não. Mas não é meu trabalho resolver os problemas do mundo, apenas indicá-los.

Olhou-a.

— Estou brincando.

E então, finalmente, ele sorriu.

— Bem. — Ela disse. — Acho que estava só brincando um pouco. Não tenho uma palavra melhor para isso, e provavelmente não posso resolver os problemas do mundo, embora para ser justa, ninguém me deu a oportunidade de fazê-lo. — Olhou para cima com os olhos maliciosamente apertados, quase o desafiando a comentar.

Para sua grande surpresa, ele apenas riu. — Diga-me, Lady Sarah, o que planeja fazer com você mesma esta manhã? De alguma forma duvido que sua intenção seja ficar neste corredor sentada o dia todo.

— Pensei que poderia ler na biblioteca. — Admitiu. — É bobagem, eu sei, já que é o que fiz em meu quarto nos últimos dias, mas estou desesperada para estar em qualquer lugar, menos naquele quarto. Penso que leria em um guarda-roupa só para mudar de cenário.

— Seria uma interessante mudança de cenário. — Disse.

— Escuro. — Ela concordou.

— Lanoso.

Apertou seus lábios, no que acabou por ser uma tentativa fracassada de segurar o riso. — Lanoso? — Ela repetiu.

— Isso é o que encontraria no meu armário.

— Encontro-me alarmada por uma visão de ovelhas. — Ela fez uma pausa e, em seguida, fez uma careta. — E com o que Harriet poderia fazer com tal cena em uma de suas peças.

Ele levantou uma mão. — Vamos mudar de assunto.

Inclinou a cabeça para um lado, em seguida, percebeu que estava sorrindo animadamente. Então parou de sorrir. Mas ela ainda se sentia inexplicavelmente flertando.

Então ela sorriu novamente, porque gostava de sorrir e da sensação de flertar, e acima de tudo, porque sabia que na verdade saberia que não estava flertando com ele. Porque não estava. Estava se sentindo coquete. Foi o resultado por ter ficado presa naquele quarto durante tanto tempo com ninguém mais que suas irmãs e primas.

— Você estava caminhando para a biblioteca. — Ele disse.

— Estava.

— E você iniciou a caminhada da...

— Sala de café da manhã.

— Você não foi muito longe.

— Não. — Ela admitiu. — Não fui.

— Talvez ocorresse isso com você.... — Perguntou em tom cuidadoso.

— ...porque não deveria estar andando com este pé?

— Sim, uma dificuldade de fato.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Orgulho?

Ela deu-lhe um aceno triste de confirmação. — Tarde demais para isso. — O que faremos agora?

Olhou para o tornozelo traidor. — Suponho que preciso encontrar alguém para me levar até lá.

Houve uma longa pausa, tempo suficiente para ela olhar para cima. Mas ele tinha se afastado, então tudo o que viu foi seu perfil. Finalmente, limpou a garganta e perguntou. — Você gostaria de pegar emprestada minha bengala?

Os lábios dela se separaram em surpresa. — Mas não precisa dela?

— Não para distâncias mais curtas. Ajuda... — Disse, antes que pudesse apontar que nunca o viu sem ela. — ... mas não é estritamente necessário.

Estava prestes a aceitar sua sugestão; até mesmo esticou-se para pegá-la, mas então parou, porque era o tipo de homem para fazer algo estúpido em nome do cavalheirismo. — Você consegue andar sem a bengala. — Disse, olhando diretamente nos seus olhos. — Mas isso significa que sua perna vai doer depois?

Ficou bastante quieto, e então disse. — Provavelmente.

— Obrigada por não mentir para mim.

— Eu quase o fiz — Admitiu.

Ela se permitiu um pequeno sorriso. — Eu sei.

— Tem que usá-la agora, você sabe. — Agarrou o centro da bengala e estendeu-a para que o punho estivesse ao seu alcance. — Minha honestidade não deve ficar sem recompensa.

Sarah sabia que não deveria permitir que fizesse isso. Podia querer ajudá-la agora, mas mais tarde naquele dia, a perna dele ficaria mal. Desnecessariamente.

Mas de alguma forma, sabia que recusar poderia causar-lhe muito mais dor do que a perna lhe daria mais tarde. Ele precisava ajudá-la, percebeu isso.

Ele precisava ajudá-la muito mais do que necessitava de ajuda.

Por um momento mal conseguia falar.

— Lady Sarah?

Olhou para cima. Estava observando-a com uma expressão curiosa e seus olhos... como era possível que seus olhos ficassem bonitos cada vez que o via? Não estava sorrindo, a verdade era que ele não sorria muitas vezes. Mas viu nos olhos dele. Um brilho de calor, de felicidade.

Não esteve ali naquele primeiro dia em Fensmore.

E isso a atordoou até a ponta de seus dedos do pé, e o quanto desejava que isso nunca desaparecesse.

— Obrigada. — Disse decisivamente, mas em vez da bengala, estendeu sua mão em direção a dele. — Me ajuda?

Nenhum deles estava usando luvas, e a súbita explosão de calor na pele dela a fez tremer. A mão dele envolveu firmemente a sua e com um pequeno puxão, encontrou-se em seus pés. Ou pé, na realidade. Estava se equilibrando sobre o bom.

— Obrigada. — Disse novamente, um pouco alarmada com a forma como parecia ter perdido o fôlego.

Sem dizer nada, estendeu a bengala, e ela aceitou, enrolando os dedos ao redor do punho liso. Sentia quase íntimo, segurando o objeto que praticamente se tornou uma extensão do corpo dele.

— É um pouco alta para você. — Ele disse.

— Posso fazer isso. — Testou um passo.

— Não, não. — Disse. — Você precisa se inclinar nela um pouco mais. Assim. — Ele deu um passo para trás dela e colocou sua mão sobre a dela no punho da bengala.

Sarah parou de respirar. Estava tão próximo que podia sentir a respiração dele, quente e cócegas na ponta de sua orelha.

— Sarah? — Murmurou.

Ela assentiu, precisando de um momento para encontrar sua voz novamente. — Eu acho que consigo agora.

Ele afastou-se e por um momento tudo o que pode sentir foi a perda de sua presença. Foi surpreendente e desconcertante, e...

E estava frio.

— Sarah?

Sacudiu-se para fora de seu estranho devaneio. — Sinto muito. — Murmurou. — Colecionador de lâ.

Ele sorriu ironicamente. Ou talvez tenha sorrido tola. Um amigável, mas ainda um sorriso tolo.

— O que foi isso? — Ela nunca o viu sorrir assim.

— Só me perguntando onde o armário está.

Levou um momento, estava certa de que entenderia instantaneamente se

não tivesse ficado tão confusa e então ela sorriu de volta. E então. — Você me chamou de Sarah.

Ele fez uma pausa. — Sim chamei. Peço desculpas. Foi feito inconscientemente.

— Não. — Disse rapidamente, saltando as palavras finais dele. — Está tudo bem. Eu gosto disso, acho.

— Você acha?

— Sim. — Ela disse com firmeza. — Nós somos amigos agora, acho.

— Acha. — Desta vez ele definitivamente estava sorrindo tolamente.

Lançou lhe um olhar sarcástico. — Você não pode resistir a isso, poderia?

— Não. — Murmurou. — Acho que não.

— Isso foi tão terrível que seria quase bom. — Ela disse.

— E isso foi como um insulto ou quase me sinto elogiado.

Sentiu seus lábios se apertarem nos cantos. Estava tentando não sorrir, era uma batalha de inteligência, e de alguma forma sabia que se risse, perderia. Mas ao mesmo tempo, perder não seria uma perspectiva tão terrível. Não no presente.

— Vamos. — Disse com gravidade simulada. — Vamos ver se você caminha até a biblioteca.

E ela o fez. Não foi fácil, e não foi indolor na verdade, não deveria ter saído por aí ainda, mas o fez.

— Você está indo muito bem. — Disse enquanto eles se aproximavam de seu destino.

— Obrigada. — Disse ridiculamente satisfeita com seu elogio. — É maravilhoso. Esta independência. Foi horrível ter que depender de alguém para me carregar. — Olhou por cima do ombro dele. — É assim que você se sente?

Seus lábios se curvavam em uma expressão irônica. — Não exatamente.

— É mesmo? Por que... — Sua garganta quase fechou. — Esqueça. — Que idiota era. Claro que isso não tinha o mesmo sentido para ele. Ela estava usando a bengala para levá-la ao longo do dia. Ele nunca ficaria sem aquilo.

Daquele momento em diante já não se perguntou por que ele não sorria frequentemente. Em vez disso, admirou-se que ainda o fizesse.



Sala de estar azul, Whipple Hill

Às oito da noite

Quando ia a compromissos sociais, Hugh nunca sabia o que era pior: chegar cedo e esgotar-se por ter que se levantar cada vez que uma dama aparecia, ou chegar tarde, apenas para ser o centro das atenções enquanto mancava pela sala. Esta noite, no entanto, sua lesão tomou a decisão por ele.

Não mentiu quando disse a Sarah que a perna dele provavelmente doeria naquela noite. Mas ficou feliz por ela ter aceito a bengala. Isso foi, pensou com uma surpreendente falta de amargura, o mais próximo que chegaria um dia de arrastá-la em seus braços e levá-la para um lugar seguro.

Era patético, mas um homem tinha que levar seus triunfos onde podia.

Quando entrou na grande sala de estar de Whipple Hill, a maioria dos outros convidados já estavam presentes. Cerca de setenta pessoas, com certeza se julgasse pela multidão. Mais da metade da chamada caravana foram acomodados em pousadas nas proximidades; divertiam-se na casa durante o dia, mas à noite partiam.

Não se deu ao trabalho de fingir que estava olhando para ninguém, além de Sarah no momento em que mancou através da porta. Eles passaram grande parte do dia em companhia um do outro tranquilamente na biblioteca, ocasionalmente conversando, mas a maioria das vezes lendo. Ela exigiu que demonstrasse sua genialidade matemática (palavras dela, não dele), e ele obedeceu. Sempre odiou, fazer isso, quando exigido, mas Sarah olhou e escutou com tanta alegria e óbvio espanto que não foi capaz de deixar-se sentir o desconforto habitual.

Havia a julgado mal, percebeu. Sim, era dramática e dada a grandes pronunciamentos, mas não era a debutante superficial que pensou uma vez. Também estava começando a notar que a antipatia dela por ele não foi totalmente sem mérito. Havia a ofendido, inadvertidamente, mas ainda assim o fizera. Era um fato que teria aquela primeira temporada em Londres, se não fosse por seu duelo com Daniel.

Hugh não iria tão longe ao ponto de concordar que tinha arruinado a vida dela, mas agora que a conhecia melhor, não parece improvável que Lady Sarah Pleinsworth poderia ter agarrado um daqueles agora lendários quatorze cavalheiros.

Não poderia, no entanto, levar-se a se arrepender.

Quando a encontrou, foi na verdade a risada dela que o atraiu, estava sentada em uma cadeira no meio da sala com o pé apoiado sobre um pequeno divã. Uma de suas primas estava lhe fazendo companhia, aquela pálida. Íris era o nome dela. Ela e Sarah pareciam ter um estranho, um pouco competitivo, relacionamento. Hugh nunca seria ousado ao ponto de pensar que entendia mais do que três coisas sobre as mulheres (e provavelmente nem mesmo aquelas muitas), mas estava claro para ele que aquelas duas realizavam conversas completas com nada mais do que os olhos apertados e inclinação da cabeça.

Mas, por agora pareciam estar tendo um momento alegre, por isso caminhou até lá e fez uma reverência educado.

— Lady Sarah. — Disse: — Srta. Smythe-Smith.

Ambas as damas sorriram e o cumprimentaram em troca.

— Não vai se juntar a nós? — Sarah disse.

Sentou-se na cadeira à esquerda de Sarah, aproveitando a oportunidade para estender a perna na frente dele. Geralmente tentava não dar-se a conhecer, fazendo isso em público, mas ela sabia que ficaria mais confortável desta maneira, e diretamente ao ponto, sabia que não seria tímida sobre lhe dizer como

deveria se sentar.

— Como está seu tornozelo esta noite? — Perguntou-lhe.

— Muito bem. — Ela respondeu, em seguida, franziu seu nariz. — Não, isso é uma mentira. Esta bastante terrível.

Íris riu.

— Bem, isto é. — Sarah disse com um suspiro. — Acho que me exercitei demais esta manhã.

— Pensei que tivesse passado a manhã na biblioteca. — Disse Íris.

— Passei. — Disse. — Mas Lorde Hugh muito gentilmente me emprestou sua bengala. Caminhei por toda a casa por conta própria. — Franziu a testa para o pé. — Embora depois disso não fiz absolutamente nada com ele. Não sei por que está tão miserável.

— Este tipo de lesão leva tempo para se curar. — Disse Hugh. — Pode ter sido mais do que um simples entorse.

Ela fez uma careta. — Fez um som horrível quando torci no degrau. Um pouco como algo deslocando.

— Oh, isso é terrível. — Íris disse com um estremecimento. — Por que não disse nada?

Sarah apenas encolheu os ombros, e Hugh disse. — Isso não é um bom sinal, receio. Certamente não é nada permanente, mas indica que a lesão pode ser mais profunda do que pensamos inicialmente.

Sarah soltou um suspiro dramático. — Suponho que terei que aprender a conceder audiências em meu quarto como a Rainha da França.

Íris olhou para Hugh. — Advirto você, ela é muito importante.

Ele não duvidou disto.

— Ou... — Sarah continuou os olhos dela assumindo um brilho perigoso. — ... poderia fazer com que alguém me arranjasse uma liteira para me carregar nela.

Hugh riu de sua extravagância. Isso era exatamente o tipo de coisa que em uma mera semana atrás o teria feito cerrar os dentes ao extremo. Mas agora que a conhecia melhor, não poderia deixar de achar divertido. Tinha uma maneira

bastante singular de manter as pessoas sob sua atenção com facilidade. O que correspondia ao que disse antes: era um talento.

— Devemos alimentá-la com uvas em um cálice de ouro? — Íris gracejou.

— Mas é claro. — Sarah respondeu, segurando sua expressão arrogante por cerca de dois segundos antes de abrir um sorriso.

Todos riram, então, e provavelmente foi por isso que nenhum deles percebeu Daisy Smythe-Smith, até que estava praticamente em cima deles.

— Sarah. — Ela disse oficiosamente. — Poderia ter uma palavra?

Hugh levantou-se. Não teve a chance de conversar com esta Smythe-Smith ainda. Parecia jovem, ainda na escola, mas velha o suficiente para descer para jantar em um evento familiar.

— Daisy. — Sarah disse em saudação. — Boa noite. Você já foi apresentada ao Lorde Hugh Prentice? Lorde Hugh, esta é a Srta. Daisy Smythe-Smith. Ela é irmã de Íris.

Claro. Ouviu falar desta família. O buquê Smythe-Smith, alguém havia as chamados assim. Não conseguia lembrar todos os seus nomes. Daisy, Íris, provavelmente uma Rose e Marigold. Esperava que nenhuma tivesse sido chamada açafraão.

Daisy fez uma reverência rápida, mas claramente não tinha nenhum interesse nele, pois imediatamente virou a cabeça loira encaracolada de volta para Sarah. — Já que você não pode dançar hoje à noite. — Disse sem rodeios. — Minha mãe decidiu que vamos tocar.

Sarah empalideceu, e Hugh de repente se lembrou daquela primeira noite em Fensmore, quando começou a lhe contar algo sobre musicais da família dela. Foi interrompida antes que pudesse terminar. Nunca soube o que iria dizer-lhe.

— Íris não será capaz de se juntar a nós. — Continuou Daisy, alheia à reação de Sarah. — Nós não temos nenhum violoncelo, e Lady Edith não foi convidada para este casamento, não que isso nos teria feito bem. — Disse com uma fungada ofendida. — Foi muito cruel, ela não nos emprestar seu violoncelo em Fensmore.

Hugh observou quando Sarah lançou um olhar desesperado para Íris. E ela, observou, respondeu com nada além de simpatia. E horror.

— Mas o piano está perfeitamente afinado. — Daisy disse. — E é claro que

trouxe meu violino, então vamos fazer um dueto disto.

Íris retornou a expressão de Sarah com uma de suas próprias. Elas estavam tendo mais uma daquelas conversas silenciosas, Hugh pensou, intraduzível para qualquer pessoa do sexo masculino.

Daisy seguiu em frente. — A única questão é o que tocar. Proponho Mozart Quarteto n.º 1, uma vez que não tivemos tempo para treinar. — Ela se virou para Hugh. — Nos apresentamos no início deste ano.

Sarah fez um som de asfixia. — Mas...

Mas Daisy estava falando sem interrupções. — Suponho que você se lembra de sua parte?

— Não! Eu não. Daisy, eu...

— Reconheço. — Daisy continuou. — Que há apenas duas de nós, mas não acho que isso vai fazer a diferença.

— Não? — Íris perguntou, olhando vagamente enjoadas.

Daisy dirigiu a sua irmã um olhar glacial. Um olhar glacial, Hugh observou, que ainda conseguiu impregnar-se com um grau surpreendente de condescendência e aborrecimento.

— Vamos simplesmente seguir em frente sem o violoncelo ou segundo violino. — Ela anunciou.

— Você toca o segundo violino. — Disse Sarah.

— Não quando há apenas uma violinista. — Daisy respondeu.

— Isso não faz sentido. — Íris expôs.

Daisy soltou um sopro altamente agravado de ar. — Mesmo se eu tocar a segunda parte, como fiz na primavera passada, ainda continuarei a ser a única a violinista. — Esperou por concordância e, em seguida, continuou de qualquer forma. — Que, por conseguinte, me fará o primeiro violino.

Mesmo Hugh sabia que não funcionaria dessa forma.

— Não se pode ter um segundo violino, sem um primeiro. — Daisy disse impacientemente. — É numericamente impossível.

Ah não, Hugh pensou, ela não iria trazer números para isto.

— Não posso tocar hoje à noite, Daisy. — Disse Sarah, com um aceno lento horrorizado de sua cabeça.

Os lábios de Daisy comprimiram-se. — Sua mãe disse que sim.

— Minha mãe...

— O que Lady Sarah quer dizer. — Hugh interrompeu suavemente. — É que ela já prometeu sua noite para mim.

Parecia que ele estava desenvolvendo um gosto por bancar o herói. Até mesmo para damas que não tinham onze anos de idade e eram apaixonadas por unicórnios.

Daisy olhou-o como se ele estivesse falando outra língua. — Não entendo.

Pela expressão no rosto de Sarah, ela também não. Hugh ofereceu seu sorriso mais brando e disse. — Eu, também não posso dançar. Lady Sarah se ofereceu para sentar-se comigo durante toda a noite.

— Mas...

— Tenho certeza de que Lorde Winstead fez arranjos para música de hoje à noite. — Continuou Hugh.

— Mas...

— E raramente tenho alguém para me fazer companhia em noites como estas.

— Mas...

Meu Deus, a garota era persistente.

— Receio que simplesmente não posso permitir que quebre a promessa dela comigo. — Disse Hugh.

— Oh! Nunca poderia fazer isso. — Sarah falou finalmente assumindo seu papel. Deu a Daisy um encolher de ombro impotente. — É uma promessa.

Daisy positivamente se enraizou no chão, seu rosto se contorcendo quando começou a perceber que se frustrou completamente. — Íris... — Começou.

— Não vou tocar o piano. — Íris praticamente gritou.

— Como sabia que ia te perguntar isso? — Daisy disse com uma careta petulante.

— Você é minha irmã desde que nasceu. — Íris respondeu com irritação. — Claro que sabia o que iria sugerir.

— Todas nós tivemos que aprender a tocá-lo. — Daisy lamentou.

— E então todas nós paramos de tomar lições quando mudamos para os de cordas.

— O que Íris está tentando dizer. — Disse Sarah, com um olhar em direção a Hugh antes de se virar firmemente para Daisy. — É que as habilidades dela no piano nunca poderiam se igualar as suas no violino.

Íris soltou um som que parecia suspeitamente um sufocar, mas quando Hugh olhou-a, ela disse. — É verdade, Daisy. Você sabe que é verdade. Eu só me envergonharia.

— Muito bem. — Daisy finalmente capitulou. — Acho que poderia apenas realizar algo sozinha.

— Não! — Sarah e Íris gritaram ao mesmo tempo.

E realmente foi um grito. Muita gente se virou na direção deles, e Sarah foi forçada a pôr no rosto um sorriso envergonhado e dizer. — Sinto muito.

— Por que não? — Daisy perguntou. — Estou feliz em fazê-lo, e não há nenhuma escassez de solos de violino para escolher.

— É muito difícil dançar ao som de um único violino. — Íris disse rapidamente.

Hugh não sabia se isso era verdade, mas certamente não iria questioná-la.

— Suponho que você está certa. — Daisy disse. — É realmente muito ruim. Este é um casamento da família, afinal de contas, e seria muito mais especial estar com família que tocar música.

Não era apenas que isso fosse à única coisa altruísta que ela disse; isso foi completamente altruísta, e quando Hugh arriscou um olhar de relance, Sarah e Íris, ambas usavam expressões um tanto envergonhadas em seus rostos.

— Haverá outras oportunidades. — Disse Sarah, embora não foi tão longe ao ponto de oferecer maiores detalhes.

— Talvez amanhã. — Daisy disse com um pequeno suspiro.

Nem Sarah nem Íris disseram uma única palavra. Hugh não estava certo

que elas respiravam.

O sino soou para o jantar, e Daisy partiu. Quanto Hugh levantou-se, Sarah disse. — Você deve entrar com Íris. Daniel disse que me levaria. Devo dizer que estou grata. — O nariz dela se franziu. — É muito estranho que um laçao faça isso.

Hugh começou a dizer que esperaria até que Daniel chegasse, mas o homem em questão surgiu com precisão impecável, como de costume, e Hugh mal ofereceu seu braço para Íris antes que Daniel estivesse puxando Sarah nos dele e a carregado para sala de jantar.

— Se não fossem primos. — Íris disse naquele tom seco que Hugh estava começando a perceber era exclusivamente dela. — Isso teria sido muito romântico.

Hugh olhou-a.

— Eu disse se não fossem primos. — Protestou. — De qualquer forma, está tão desesperadamente apaixonado pela Srta. Wynter que não notaria se todo um harém caísse nu do teto.

— Oh, ele notaria. — Disse Hugh, já que tinha certeza que Íris estava tentando ser provocante. — Simplesmente não faria nada a respeito.

Quando Hugh entrou na sala de jantar com a mulher errada em seu braço, ocorreu-lhe que ele, também, não faria nada a respeito.

Se um harém nu caísse do teto.



Mais tarde naquela noite.

Depois do jantar

— Você percebe. — Sarah disse para Hugh. — Que ficará preso comigo agora e pelo resto da noite.

Estavam sentados no gramado, sob as tochas que de alguma forma conseguia fazer o ar ficar quente o suficiente para ficar do lado de fora, com apenas um casaco. E um cobertor.

Eles não eram os únicos que estavam aproveitando a noite. Uma dúzia de cadeiras e sofás foram espalhados na grama do lado de fora do salão de baile e em determinado momento cerca de metade deles estavam cheios. Sarah e Hugh eram as únicas pessoas que tinham os seus como residência permanente, no entanto.

— Se você sequer pensar em sair do meu lado. — Sarah continuou. — Daisy vai me encontrar e arrastar-me para o piano.

— E isso seria tão horrível? — Perguntou.

Ela lançou-lhe um olhar firme e disse. — Garantirei que lhe seja enviado um convite para a próxima noite musical.

— Estou ansioso por isso.

— Não. — Disse. — Não estará.

— Isto tudo parece muito misterioso. — Disse, inclinando-se para trás confortavelmente em sua cadeira. — Sei por experiência própria que muitas jovens damas estão ansiosas para mostrar sua habilidade no piano.

— Nós... — Disse parando para encontrar um pronome que apenas qualificasse com ênfase. — ...somos extraordinariamente terríveis.

— Você não pode ser tão ruim assim. — Insistiu. — Se fosse, não estaria se apresentando em musicais anuais.

— Isso pressupõe a lógica. — Fez uma careta. — E gosto. — Não parecia não haver nenhuma razão para não oferecer a verdade nua e crua. Ele descobriria em breve, caso se encontrasse em Londres na época errada do ano.

Hugh riu, e Sarah inclinou a cabeça para o céu, não querendo desperdiçar outro pensamento sobre a infame noite musical da família dela. A noite estava linda demais para isso. — Tantas estrelas. — Ela murmurou.

— Você gosta de Astronomia?

— Na verdade não. — Ela admitiu. — Mas gosto de olhar para as estrelas em uma noite clara.

— Aquela ali é Andrômeda. — Ele disse, apontando para uma constelação de estrelas que Sarah pensou que particularmente lembrava um tridente embriagado mais do que qualquer outra coisa.

— Que tal aquele? — Ela perguntou, gesticulando em direção a um rabisco

que parecia com a letra W. Cassiopeia.

Ela moveu seu dedo um pouco para a esquerda. — E esse?

— Nada que eu saiba. — Admitiu.

— Alguma vez já contou todas? — Perguntou.

— As estrelas?

— Você conta todo o resto. — Brincou.

— As estrelas são infinitas. Nem conseguiria contar tanto.

— Claro que pode. — Disse, sentindo-se adorável e travessa, ao mesmo tempo. — Não poderia ser mais simples. Infinito menos um infinito, infinito mais um.

Olhou-a com uma expressão que lhe disse que ele sabia que estava sendo ridícula. Mas, ainda assim disse. — Isso não funciona dessa maneira.

— Deveria.

— Mas isso não acontece. Infinito mais um ainda é infinito.

— Bem, isso não faz sentido. — Suspirou alegremente, puxando o cobertor mais firmemente ao seu redor. Ela adorava dançar, mas verdadeiramente, não podia imaginar por que alguém escolheria permanecer no salão de festas, quando podiam estar no gramado, celebrando os céus.

— Sarah! Hugh! Que deliciosa surpresa!

Sarah e Hugh trocaram um olhar enquanto Daniel caminhava até eles, sua noiva rindo vinha junto. Sarah ainda não havia se adaptado completamente à mudança iminente da Srta. Wynter da posição de governanta de suas irmãs a Condessa de Winstead e prima delas em breve. Não que Sarah estivesse sendo esnobe sobre isso, ou pelo menos achava que não estava. Esperava que não fosse. Gostava de Anne. E gostava o quão feliz Daniel ficava quando estava com ela.

Era apenas tudo muito estranho.

— Onde está Lady Danbury quando precisamos dela? — Hugh disse.

Sarah virou-se para ele com um sorriso curioso. — Lady Danbury?

— Certamente devemos dizer algo sobre isto não ser uma surpresa em tudo.

— Oh! Não sei. — Sarah disse com um largo sorriso. — Tanto quanto sei, ninguém aqui é seu sobrinho-bisneto.

— Vocês ficaram aqui por toda noite? — Daniel perguntou uma vez que ele e Anne chegaram perto.

— Na verdade ficamos. — Confirmou Hugh.

— Vocês não estão com frio? — Anne perguntou.

— Nós estamos bem cobertos. — Disse Sarah. — E se realmente não posso dançar, estou muito feliz por estar aqui no ar fresco.

— Vocês formam um belo casal esta noite. — Disse Daniel.

— Acredito que este seja o cantinho dos aleijados. — Hugh colocou secamente.

— Pare de dizer isso. — Sarah repreendeu.

— Oh! Desculpe. — Hugh olhou para Daniel e Anne. — Ela vai se curar é claro, então não poderá ser admitida nessa categoria.

Sarah sentou-se para frente. — Não foi isso que quis dizer. Bem, foi, mas não inteiramente. — Então, porque Daniel e Anne os olhava com certa confusão, ela explicou. — Esta é a terceira, não, a quarta vez que ele diz isso.

— Cantinho dos aleijados? — Hugh repetiu e mesmo nas tochas podia ver que ele estava se divertindo.

— Se você não parar de dizer isso, juro que vou embora.

Hugh arqueou uma sobrancelha. — Você não acabou de dizer que estou preso com você pelo resto da noite?

— Não deve chamar-se de aleijado. — Sarah retrucou. A voz dela estava ficando muito passional, mas era completamente incapaz de moderá-la.

— É uma palavra terrível.

Hugh, previsivelmente, era prosaico. — Se aplica.

— Não. Não se aplica.

Ele riu. — Você vai me comprar um cavalo novo?

— Isto é muito mais interessante do que qualquer coisa que esteja

acontecendo lá dentro. — Daniel disse a Anne.

— Não. — Anne disse com firmeza. — Não é. E certamente não é da nossa conta. — Puxou o braço dele, mas Daniel estava olhando ansiosamente para Sarah e Hugh.

— Poderia ser assunto nosso. — Disse ele.

Anne suspirou e revirou os olhos. — Você é um fofoqueiro. — Então disse algo a ele, Sarah não conseguiu ouvir, e Daniel relutantemente permitiu que o arrastasse para longe.

Sarah os viu ir, um pouco confusa pelo desejo óbvio de Anne de sair, achou que eles precisavam de privacidade? Que estranho. Ainda assim, não tinha terminado com aquela conversa, então se voltou para Hugh e disse. — Se você quiser, pode chamar a si mesmo de coxo. — Disse, — Mas te proíbo chamar-se de aleijado.

Recuou surpreso. E, talvez, divertido. — Você me proíbe?

— Sim. Eu o faço. — Engoliu desconfortável pela explosão de emoções dentro dela. Pela primeira vez naquela noite, eles estavam completamente sozinhos no gramado, e sabia que se permitisse que a voz dela ficasse mais baixa, ainda a teria ouvido. — Ainda não gosto de coxo, mas pelo menos é um adjetivo. Caso se considere um aleijado, é como se isso fosse tudo o que é.

Olhou-a por um longo instante antes de levantar-se e cruzar a curta distância para a cadeira dela. Ele se inclinou para baixo, e então, em uma voz tão baixa que não estava certa de que já o tinha ouvido falar, disse. — Lady Sarah Pleinsworth, pode me conceder o prazer desta dança?

Hugh não estava preparado para o olhar em seus olhos. Seu rosto inclinou-se em direção ao dele e os lábios dela se separaram com um suspiro e naquele momento, teria jurado que o sol se punha e nascia no seu sorriso.

Inclinou-se, quase perto o suficiente para um sussurro. — Se não sou, como você diz, um aleijado, então devo ser capaz de dançar.

— Você tem certeza? — Ela sussurrou.

— Nunca saberei se não tentar.

— Não serei muito graciosa. — Disse com tristeza.

— É por isso que você é a parceira perfeita.

Estendeu a mão e colocou a mão na dele. — Lorde Hugh Prentice, será uma honra dançar com você.

Cuidadosamente, moveu-se para a borda de sua cadeira, em seguida, permitiu que a puxasse para os pés dela. Ou melhor, para o pé. Foi quase cômico, estava encostado na cadeira e inclinou-se sobre ele, e não conseguiam parar seus sorrisos que se estenderam para risos.

Quando ficaram na posição vertical e razoavelmente equilibrados, Hugh ouviu notas da música flutuando para fora ao longo da brisa da noite.

Ele ouviu uma quadrilha.

— Acredito que ouço uma valsa. — Ele disse.

Ela olhou-o, prestes a emitir uma correção. Colocou um dedo sobre os lábios dela. — Deve ser uma valsa. — Disse e viu o instante em que ela entendeu. Eles nunca dançariam uma típica dança escocesa, um minueto ou quadrilha. Mesmo uma valsa exigiria uma inovação considerável.

Estendeu a mão e pegou sua bengala de onde estava descansando ao lado da cadeira dele. — Se eu colocar minha mão aqui. — Disse, se apoiando no punho. — E você colocar a sua sobre a minha...

Ela seguiu seu exemplo, e ele colocou a outra mão na parte baixa das costas dela. Sem nunca deixar de olhá-la nos olhos, moveu então sua mão para o ombro dele. — Assim? — Sussurrou.

Ele assentiu. — Assim.

Isso foi curioso, a valsa mais estranha que podia se imaginar. Em vez de um casal de mãos entrelaçadas, elegantemente arqueadas diante deles, ambos colocaram seu peso sobre a bengala. Não como muita força, eles não precisavam de tanto apoio, não enquanto tinham um ao outro. Ele cantarolava no tempo de três quartos, lhe dando uma leve pressão nas costas, movendo a bengala sempre que estava na hora de se virar.

Não dançava há quase quatro anos. Não tinha sentido a música fluir através de seu corpo, nem saboreado o calor da mão de uma mulher na sua. Mas esta noite... era mágico, quase espiritual, e sabia que nunca haveria um modo em que pudesse agradecê-la por este momento, por restaurar os pedaços de sua alma.

— Você é muito gracioso. — Disse, olhando-o com um sorriso enigmático. Este foi o sorriso que ela usou em Londres, tinha certeza disso. Quando dançou em um baile, quando olhou para um pretendente e retribuiu um elogio, foi assim

que sorriu. Isso o fez se sentir positivamente normal.

Nunca pensou que ficaria muito grato por um sorriso.

Abaixou sua cabeça na direção dela e fingiu estar lhe contando um segredo.
— Tenho praticado há anos.

— Você o faz agora?

— Oh, não é possível! Devemos tentar outra vez?

— Oh sim, vamos.

Juntos levantaram a bengala, balançando-a suavemente para a direita, então pressionou a ponta para baixo na grama.

Ele se inclinou. — Esperei o momento apropriado para liberar meu talento para o mundo.

As sobrancelhas dela levantaram-se. — O momento apropriado?

— A parceira adequada. — Corrigiu.

— Sabia que havia uma razão pela qual cai daquela carruagem. — Riu e olhou para cima com um brilho travesso nos olhos dela. — Você não vai dizer que sabia que tinha um motivo para que não me pegasse?

Sobre isto, no entanto, não poderia ser simplista. — Não. — Disse com força e tranquilamente. — Nunca.

Estava olhando para baixo, mas podia ver pela curva das bochechas dela que ficou contente. Após alguns momentos, ela disse. — Você amorteceu minha queda.

— Parece que sou bom para alguma coisa. — Respondeu feliz por estar de volta a suas brincadeiras e provocações. Era um lugar mais seguro para estar.

— Oh, eu não sei sobre isso, Milorde. Suspeito que você é bom para muitas outras coisas.

— Você acabou de me chamar de “Milorde”?

Desta vez, quando sorriu, ouviu algo na respiração dela, antes que disse.

— Parece que chamei.

— Não consigo imaginar o que fiz para merecer tal honra.

— Oh, não é uma questão do que tem feito para merecê-lo. — Disse. — Mas o que eu acho que você fez para merecê-lo.

Por um momento parou de dançar. — Isto pode explicar o porquê eu não entendo as mulheres.

Nisso ela riu. — É apenas uma das muitas razões, tenho certeza.

— Você me ofende.

— Pelo contrário. Não conheço nenhum homem que realmente deseja entender as mulheres. Do que você gostaria de reclamar?

— Napoleão?

— Está morto.

— O tempo?

— Você já fez isso, não que pudesse encontrar qualquer queixa hoje.

— Não. — Concordou, perscrutando as estrelas. — Está uma noite muito boa.

— Sim. — Ela disse suavemente. — Está.

Deveria estar satisfeito com isso, mas sentia-se ganancioso, e não queria que a dança acabasse, então permitiu que sua mão envolvesse mais fortemente as costas dela e disse. — Ainda não me disse o que você pensa que fiz para merecer a honra de me chamar de “Milorde”.

Olhou-o com olhos insolentes. — Bem, se fosse completamente honesta, poderia admitir que apenas saiu da minha boca. Isso dá um ar de flerte a essa declaração.

— Você me subjuga.

— Ah, mas não vou ser completamente honesta. Em vez disso, vou recomendar que você procure saber por que estava me sentindo cortejada.

— Levarei em conta essa recomendação.

Ela cantarolou baixinho enquanto eles giravam.

— Você vai me perguntar, não é?

— Só se você quiser.

Ele capturou o olhar dela e segurou-o. — Eu quero.

— Muito bem, estava me sentindo cortejada porque...

— Espere um momento. — Interrompeu, porque ela merecia, depois de fazer-lhe perguntar. — É hora de outro giro.

Executaram perfeitamente, quer dizer, eles não caíram.

— Você estava dizendo... — Ele indagou.

Olhou-o com falsa gravidade. — Deveria afirmar ter esquecido minha linha de pensamento.

— Mas você não vai.

Ela fez uma carinha de pena. — Ah, mas acho que esqueci.

— Sarah.

— Como você faz meu nome soar como uma ameaça?

— Na realidade não importa se isso soa como uma ameaça. — Disse.

— Só importa se você acha que isso soa como uma ameaça.

Seus olhos se arregalaram, e ela explodiu em risos. — Você ganhou. — Disse, e tinha certeza de que ela teria jogado suas mãos para o alto em sinal de derrota se eles não estivessem ainda dependendo um do outro para ficar em pé.

— Penso que sim. — Ele murmurou.

Isso foi curioso, a valsa mais estranha que podia se imaginar, e foi o momento mais perfeito da vida dele.



Várias noites depois, bem depois do anoitecer, no quarto de hóspedes compartilhado pelas Ladies Sarah e Harriet Pleinsworth

— Você vai ler a noite toda?

Os olhos de Sarah, que percorriam num excesso de velocidade, ao longo das páginas de seu romance com o mais prazeroso abandono, congelaram num lugar com a palavra científica *forsítia*.^[3] — Porque... — Disse em voz alta (com considerável agravamento)... — faz essa pergunta sobre o campo de domínio da atividade humana? Claro, não vou ler a noite toda. Alguma vez existiu um ser humano que tenha lido durante toda a noite?

Essa foi uma pergunta que se arrependeu imediatamente, porque fez com que Harriet se deitasse na cama ao seu lado, e se havia alguém no mundo que responderia, provavelmente seria Harriet.

E ela o fez.

— Bem, eu não vou. — Sarah murmurou, mesmo que já tivesse dito. Era importante obter a última palavra em um argumento fraternal, mesmo que isso significasse que estaria se repetindo.

Harriet virou-se para o lado dela, amassando seu travesseiro sob a cabeça.
— O que você está lendo?

Sarah suspirou e deixou seu livro cair fechado ao redor de seu dedo indicador. Esta não era uma sequência estranha de eventos. Quando Sarah não conseguia dormir, lia romances. Quando Harriet não conseguia dormir, ela importunava Sarah.

— Srta. Butterworth e o barão louco.

— Já não leu isso antes?

— Sim, mas gosto de relê-lo. É bobagem, mas gosto. — Reabriu o livro, plantou os olhos na palavra *forsíta*, e preparou-se para seguir em frente.

— Você viu Lorde Hugh hoje à noite no jantar?

Sarah prendeu seu dedo indicador de novo no livro. — Sim, claro que sim. Por quê?

— Nenhuma razão em particular. Achei que estava muito bonito. — Harriet tinha jantado com os adultos nessa noite, para o desgosto de Elizabeth e de Frances.

O casamento seria agora, daqui a três dias, e Whipple Hill tinha uma enxurrada de atividades. Marcus e Honória (Lorde e Lady Chatteris, Sarah lembrou-se) tinham chegado de Fensmore corados, risonhos e deliberadamente felizes. Teria sido suficiente para fazer com que Sarah quisesse amordaçá-los, exceto que estava um bom momento, rindo e gracejando com Lorde Hugh.

Era a coisa mais estranha, mas era o primeiro rosto em que pensava quando acordava pela manhã. Procurava-o durante o café da manhã, e sempre parecia encontrá-lo lá, seu prato quase cheio como para indicar que chegou há pouco instantes antes dela.

Todas as manhãs permaneciam ali. Eles mesmos diziam que era porque não poderiam participar de muitas atividades que foram planejadas para o dia (embora, na verdade, o tornozelo de Sarah estivesse muito melhor, e mesmo que uma caminhada até a aldeia estivesse ainda fora de questão, não havia nenhuma razão que não pudesse jogar boliche no gramado).

Demoravam-se ali, e ela fingia saborear seu chá, porque se realmente bebesse tanto quanto as horas que normalmente se sentavam a mesa seria forçada a interromper a conversa.

Não chegava a refletir sobre o fato de que uma conversa contada em horas possivelmente não poderia ser interpretada como curta.

Permaneciam ali, e a maioria das pessoas pareciam não perceber. Os outros convidados iam e vinham, pegando a comida no aparador, bebendo seu café e chá e saindo. Às vezes Sarah e Hugh se juntavam a uma conversa, às vezes não.

E finalmente, quando se tornou óbvio que tinha passado da hora dos servos limparem a sala café da manhã, Sarah subia e mencionava casualmente onde pensava levar seu livro para ler mais tarde.

Nunca dizia que planejava se juntar a ela, mas sempre o fazia.

Eles se tornaram amigos, e se ocasionalmente se pegava olhando para a boca dele, pensando que todo mundo tinha que ter um primeiro beijo, e se não seria adorável que o dela fosse com ele... bem, mantinha tais pensamentos para ela mesma.

Estava fugindo de romances, no entanto. A biblioteca de Whipple Hill era extensa, mas infelizmente faltavam livros do tipo que Sarah gostava de ler. A Srta. Butterworth foi guardado desordenadamente entre A Divina Comédia e A Megera Domada.

Olhou novamente para baixo. A Srta. Butterworth ainda não tinha conhecido o seu Barão, e Sarah estava ansiosa para o enredo avançar.

Forsítia... forsítia...

— Você acha que estava bonito?

Sarah soltou um gemido irritado.

— Você acha que Lorde Hugh estava bonito? — Harriet insistiu.

— Não sei, parecia o mesmo. — A primeira parte foi uma mentira;

Sarah sabia, e ela havia o achado dolorosamente bonito. A segunda parte era verdade e foi provavelmente a razão pela qual o achou tão bonito para começar.

— Acho que Frances caiu de amores por ele. — Disse Harriet.

— Provavelmente. — Sarah concordou.

— É muito gentil com ela.

— Sim, ele é.

— Ensinou-a a jogar piquet esta tarde.

Deve ter sido enquanto estava ajudando Anne com a prova final de seu vestido, pensou Sarah. Não podia imaginar quando ele teria encontrado tempo.

— Não a deixou ganhar. Imagino que ela pensou que deixaria, mas penso que gostou que ele não o fizesse.

Sarah soltou um suspiro forte, longo e sofrido. — Harriet, sobre o que é tudo isso?

Harriet ergueu seu queixo surpresa. — Eu não sei. Só estava conversando.

— No... — Sarah procurou em vão por um relógio — ...que horas são?

Harriet ficou em silêncio por um minuto. Sarah conseguiu avançar na leitura da palavra *forsitia* para pombo, antes que sua irmã falasse novamente.

— Acho que ele gosta de você.

— Do que está falando?

— Lorde Hugh. — Harriet disse. — Acho que gosta de você.

— Ele não gosta de mim. — Retrucou Sarah, e não foi que estivesse mentindo; era mais por que esperava que o que afirmou fosse mentira. Porque sabia que estava caindo de amor por ele, e se não se sentisse da mesma forma por ela, não sabia como poderia suportar.

— Acho que você está errada. — Disse Harriet.

Sarah resolutamente voltou para os pombos da Srta. Butterworth.

— Você gosta dele?

Sarah estourou. Não havia nenhuma maneira dela falar sobre isso com sua irmã. Isto tudo era muito recente e também particular, e toda vez que pensava nisso, sentia-se como se fosse irromper para fora de sua pele. — Harriet, com certeza não terei essa conversa agora.

Harriet fez uma pausa para pensar sobre isso. — Você conversará sobre isso amanhã?

— Harriet!

— Oh, bem, não direi mais uma palavra. — Harriet fez uma grande exibição ao se virar na cama, puxando metade das cobertas de Sarah no

processo.

Sarah soltou um grunhido, uma óbvia demonstração de irritação foi dada, em seguida, puxou as cobertas e voltou-se para seu livro.

Só que não conseguia se concentrar.

Seus olhos pousaram na página trinta e três, o que pareceu horas. Ao lado dela, Harriet finalmente parou de farfalhar e sossegou sua respiração desacelerando claramente, em seguida ouviram-se roncoss pacíficos.

Sarah se perguntou o que Hugh estava fazendo, e se já teve dificuldade para adormecer.

Ela se perguntava o quanto sua perna doía quando foi para a cama. Se lhe doía durante a noite, se ainda doía pela manhã? Será que já acordou com dor?

Perguntou-se como chegou a ser tão talentoso em matemática. Ele explicou uma vez, depois que implorou para calcular alguns números ridiculamente longos, como enxergava os números em sua cabeça, só que não chegava a vê-los, eles meio que se organizavam até que soubesse a resposta. Ela não tinha nem tentado fingir que o compreendia, mas continuou a fazer perguntas, porque era tão adorável quando estava frustrado.

Sorria quando estava com ela. Não achava que ele sorrisa muitas vezes antes.

Seria possível se apaixonar por alguém em tão pouco tempo? Honória conheceu Marcus toda a sua vida antes que se apaixonasse por ele. Daniel tinha alegado amor à primeira vista pela Srta. Wynter. De alguma forma que quase parecia mais lógico do que a jornada de Sarah.

Supôs que poderia deitar-se na cama a noite toda e duvidar de si mesma, mas estava se sentindo muito inquieta, então saltou para fora da cama, caminhou até a janela e empurrou para o lado as cortinas. A lua não estava cheia, mas estava além da metade, e a luz prateada brilhava na grama.

Orvalho pensou, e percebeu que já havia calçado os chinelos. A casa estava quieta, e sabia que não deveria sair de seu quarto, e nem sequer foi porque o luar estivesse chamando...

Era a brisa. As folhas a muito havia caído das árvores, mas os minúsculos pontos nas extremidades dos ramos eram leves o suficiente para agitar e balançar. Um pouco de ar fresco, isso era tudo o que precisava. Ar fresco e do vento roçando no seu cabelo. Já fazia anos desde que lhe foi permitido usá-lo

solto, fora de seu quarto, e apenas queria ir lá fora e...

E existir.



Na mesma noite

Um quarto diferente

Sono nunca era fácil para Hugh Prentice. Quando era uma criança pequena, isso acontecia porque estava escutando. Não sabia por que o berçário em Ramsgate não ficava em algum canto longínquo como em todas as outras casas, que já tinha visto, mas não era, e isso significava que de vez em quando, e nunca quando se esperava (o que não era verdade, pois eles sempre esperavam), Hugh e Freddie ouviam sua mãe gritar.

A primeira vez que Hugh ouviu, ele pulou da cama, apenas para ser parado pela mão de Freddie.

— Mas mamãe...

Freddie balançou a cabeça.

— E papai... — Hugh ouviu a voz de seu pai, também. Parecia irritado. E então riu.

Freddie balançou a cabeça novamente, e o olhar nos olhos dele foi o suficiente para convencer Hugh, que era cinco anos mais novo, a voltar para sua cama e cobrir as orelhas.

Mas não fechava os olhos. Se perguntassem no dia seguinte, teria jurado que não tinha nem piscado. Ele tinha seis anos, e mesmo assim jurou um monte de coisas impossíveis.

Quando viu sua mãe naquela noite antes do jantar, parecia como se nada estivesse errado. Na realidade soou como se sua mãe tivesse sido ferida, mas não tinha nenhuma contusão, e não parecia doente. Hugh começou a perguntar-lhe sobre isso, mas Freddie lhe pisou o pé.

Freddie não fazia coisas assim sem um motivo; Hugh manteve a boca fechada.

Para nos meses seguintes Hugh observou seus pais cuidadosamente. Foi só então que percebeu, quase nunca os via juntos na mesma sala. Se faziam as refeições juntos na sala de jantar, não sabia; as crianças comiam no berçário.

Quando os observava juntos, era muito difícil determinar qual poderia ser seus sentimentos de um para com o outro; não era como se falassem um com o outro. Meses se passavam, e Hugh quase poderia imaginar que tudo estava perfeitamente bem.

E então ouviam novamente. E sabia que tudo não estava tão perfeitamente bem. E que não havia nada que pudesse fazer sobre isso.

Quando Hugh tinha dez anos, sua mãe sucumbiu a uma febre causada por uma mordida de cachorro (e uma pequena mordida, ficou feia muito rapidamente). Hugh ficou triste por ela, tanto quanto poderia chorar por alguém que via durante vinte minutos todas as noites, e finalmente parou de escutar todas as noites enquanto tentava adormecer.

Mas a essa altura não importava. Hugh não podia mais dormir porque estava pensando. Deitava-se em sua cama, e sua mente acordava, corria e girava, e geralmente fazia tudo exceto se acalmar. Freddie disse que ele precisava imaginar sua mente como uma página em branco, o que na verdade fez Hugh rir, porque se havia uma coisa que nunca seria capaz sua mente era duplicar uma página em branco. Hugh via números e padrões todos os dias, nas pétalas de uma flor, na cadência dos cascos de um cavalo no chão. Alguns desses padrões chamavam sua atenção imediatamente, mas o resto permanecia no fundo de sua mente até que estivesse quieto e na cama. Era quando eles se arrastavam de volta e de repente tudo era adicionado e subtraído e reorganizado e Freddie achava que poderia dormir com isso?

(Freddie não dormia, por uma questão de fato. Depois Hugh contou o que se passava em sua cabeça quando tentava adormecer, Freddie nunca mais mencionou a página em branco.)

Agora havia muitas razões para não pegar facilmente no sono. Às vezes era a perna, com sua irritante contração nos músculos. Às vezes era sua natureza desconfiada, forçando-o a manter um olho metafórico em seu pai, em quem Hugh nunca confiou completamente, apesar de sua atual vantagem em suas batalhas. E às vezes era a mesma coisa, sua mente cantarolando números e padrões, incapaz de se desligar.

Mas Hugh tinha uma nova hipótese: ele não conseguia dormir porque simplesmente tinha se acostumado a este tipo particular de frustração. De

alguma forma treinou seu corpo a pensar que deveria ficar ali como uma pedra por horas antes de finalmente desistir e descansar. Teve muitas noites sem nenhuma explicação razoável para sua insônia. Sua perna podia se sentir quase normal, e seu pai nem sequer um ponto em sua mente e ainda o sono o iludia.

Ultimamente, no entanto, era diferente.

Ainda não estava achando fácil adormecer. Provavelmente nunca faria isso. Mas o motivo...

Essa era a diferença.

Nos anos desde sua lesão, houve abundância de noites que se encontrou acordado e desejando uma mulher. Ele era um homem, e com exceção de sua estúpida coxa esquerda, todas as outras partes dele estavam em funcionamento. Não havia nada de anormal nisso, apenas que era muito desconfortável.

Mas agora que a mulher tinha um rosto e um nome, e mesmo que Hugh se comportasse com decência perfeita ao longo do dia, quando estava deitado na sua cama à noite, sua respiração ficava irregular e seu corpo queimava. Pela primeira vez em sua vida, ansiava pelos números e padrões que atormentavam sua mente. Em vez disso, tudo em que conseguia pensar era naquele momento alguns dias antes, quando Sarah tropeçou no tapete da biblioteca e que a pegou antes que caísse. Por um momento de êxtase, os dedos dele roçaram contra a lateral de seu seio. Estava usando um vestido de veludo, e Deus sabia o que mais por baixo, mas sentiu as curvas dela, a suavidade, e o desejo que vinha crescendo dentro dele tornou-se desenfreado.

E assim não estava particularmente surpreso quando rolou irregularmente em sua cama, pegou seu relógio de bolso e viu que era três e meia da manhã. Havia tentado ler, o que às vezes o fazia cochilar, mas não funcionou. Passou uma hora fazendo muitas equações chatas em sua cabeça, mas que não fizeram efeito nenhum. Finalmente, admitiu a derrota e caminhou até a janela. Se não conseguia dormir, ao menos poderia olhar para algo que não fosse o interior das pálpebras.

E lá estava ela.

Ficou atordoado e ainda não de todo surpreso. Sarah Pleinsworth esteve assombrando seus sonhos por mais de uma semana, é claro, que estaria lá fora no gramado no meio da noite, na única vez que ficou na sua janela. Havia algum tipo de lógica insana nisso.

Então piscou fora de seu estupor, porque o que diabos ela estava fazendo?

Era três e meia da manhã, e se ele poderia vê-la de sua janela, pelo menos duas dúzias de outros também poderiam. Hugh soltou uma série de palavras que teria feito qualquer marinheiro orgulhoso enquanto caminhava para o armário e arrancava um par de calças.

E sim, poderia caminhar a passos largos quando absolutamente necessário. Não era bonito e sentiria isso mais tarde, mas fez a proeza. Alguns momentos depois, estava mais ou menos vestido (e as partes que estavam, menos, foram cobertas por seu casaco), e se movendo através dos salões de Whipple Hill tão rapidamente quanto podia, sem acordar a casa inteira.

Parou momentaneamente na porta dos fundos. A perna estava quase em espasmos, e sabia que se não parasse e a agitasse, entraria em colapso sob seus pés. O atraso deu-lhe tempo para observar com seu olhar através do gramado, procurando por ela. Estava usando um casaco, mas não cobria completamente seu roupão branco, então deveria ser fácil de encontrar...

Ele a viu. Sentada na grama, assim parecia uma estátua. Estava abraçando os joelhos ao peito, olhando para o céu com uma expressão de serenidade que tiraria o fôlego dele, se já não estivesse tão destruído pelo medo e fúria, e agora pelo alívio.

Hugh percorreu o caminho lentamente, favorecendo a perna agora que a velocidade não era mais a essencial. Devia estar perdida em seus pensamentos, pois não pareceu ouvi-lo. A cerca de oito passos, no entanto, ouviu sua respiração bruscamente suspensa, e ela se virou.

— Hugh?

Ele não disse nada, apenas continuei andando em sua direção.

— O que faz aqui? — Ela perguntou, lutando para levantar-se.

— Poderia perguntar a mesma coisa para você. — Retrucou.

Recuou surpresa por sua exibição de raiva. — Não conseguia dormir, e eu...

— Então pensou em passear aqui fora às três e meia da manhã?

— Eu sei que parece tolice...

— Tolicie? — Demandou. — Tolicie? Você está malditamente brincando comigo?

— Hugh. — Esticou sua mão para colocar no braço dele, mas se afastou

dela.

— Se não tivesse visto você? — Exigiu. — E se outra pessoa a tivesse visto?

— Eu teria ido para dentro. — Disse, seus olhos procurando os dele com tal expressão de perplexidade que quase vacilou. Não poderia ser tão ingênua. Correr pela casa, ele, que em alguns dias, mal podia andar, tinha corrido através desta maldita casa monstro, incapaz de apagar a lembrança dos gritos de sua mãe.

— Você acha que todas as pessoas no mundo têm as melhores intenções no coração? — Perguntou.

— Não, mas acho que cada pessoa está aqui o faz e...

— Há homens neste mundo que machucam as pessoas, Sarah. Há homens que ferem as mulheres.

O rosto dela ficou pálido, e não disse nada.

E Hugh tentou então muito dificilmente não se lembrar.

— Olhei pela minha janela. — Ele ofegou. — Olhei para fora de minha janela às três e meia da manhã, e lá estava você, deslizando através do gramado como uma espécie de fantasma erótico.

Os olhos dela se arregalaram, e eles poderiam ter se enchido com alarme, mas ele estava muito longe para notar.

— E se não fosse eu? — Ele agarrou seus braços, os dois, os dedos, mordendo a carne dela. — E se alguém a visse, e se alguém mais tivesse vindo aqui fora, com intenções diferentes...

Seu pai nunca pediu permissão para as mulheres da vida dele.

— Hugh. — Sarah sussurrou. Estava olhando para sua boca. Bom Deus, ela olhava a boca dele, e seu corpo se sentiu como se tivesse sido incendiado.

— O que... e se... — A língua dele parecia grossa, e sua respiração já não era a mesma, e ele não tinha certeza se sabia o que estava dizendo.

E então ela pegou o lábio inferior entre os dentes, e praticamente podia imaginar a raspagem suave disso através de seus próprios lábios e então...

Ele se foi.

Esmagou-a nele, sua boca tomando a dela sem nenhuma sutileza, sem delicadeza, nada mais que paixão crua e necessidade. Uma de suas mãos se enroscou no cabelo dela, e a outra percorria suas costas, encontrando a curva exuberante de seu traseiro, puxando-a para perto.

— Sarah. — Gemeu, e uma parte dele percebeu que estava tocando-o, também. Suas pequenas mãos estavam atrás de sua cabeça, segurando-o contra ela e seus lábios se suavizaram e abriram, e fazia pequenos sons que o atravessou como um relâmpago.

Nem uma vez rompeu o beijo, tirou o casaco dele e o deixou cair no chão. Ajoelharam-se e então a deitou de costas e ele estava sobre ela, e ainda a beijava, forte e profundamente, como se pudesse permanecer neste momento para sempre, contanto que seus lábios nunca saíssem dela. A camisola era de algodão branco, projetado para dormir, não para a tentação, mas deixava a superfície lisa de seu peito nua, e logo estava arrastando seus lábios em sua pele cremosa, imaginando quão perto poderia chegar aos seus seios perfeitos sem levantar a borda do seu corpete nos dentes e rasgar a maldita coisa completamente.

Os quadris dela se mexeram, e gemeu o nome dela novamente enquanto encontrava-se entre as pernas dela. Estava lutando contra sua calça e não tinha ideia se sabia o que isso significava, mas não foi capaz de perguntas cautelosas. Arqueou-se contra ela, sabendo muito bem que mesmo através de sua roupa, o sentiria em seu núcleo.

Ela soltou um pequeno suspiro à pressão, e as mãos dela ficaram ferozes contra ele, afundando em seu cabelo antes de deslizar para baixo de suas costas e sob a camisa para fora da calça.

— Hugh. — Sussurrou, e sentiu um dedo ao longo da linha da coluna dele. — Hugh.

Com uma força de vontade que não sabia que possuía, se afastou, apenas o suficiente para que pudesse olhá-la nos olhos. — Eu não vou... não vou... — Meu Deus, era difícil arrancar até mesmo uma única palavra. Seu coração batia forte e suas entranhas estavam se torcendo, e metade do tempo não tinha certeza que ainda estava respirando.

— Sarah. — Começou novamente. — Eu não vou tomá-la. Não agora, prometo. Mas tenho que saber. — Não queria beijá-la novamente, mas quando o olhou, arqueou seu pescoço, e foi como se tivesse sido possuído. Sua língua encontrou o vão de sua clavícula, e foi lá que finalmente conseguiu pronunciar as

palavras. — Preciso saber. — Repetiu, e se afastou mais uma vez, para ver o rosto dela. — Você quer isto?

Olhou-o em confusão. Seu desejo dizia tudo sobre ela, mas precisava ouvi-la dizer.

— Quer isto? — Perguntou, sua voz num apelo rouco. — Você me quer?

Os lábios dela se separaram, e assentiu. E sussurrou. — Sim.

Hugh deixou sua respiração sair de seu corpo em um suspiro irregular. A magnitude do presente dela de repente lhe bateu. Estava se abrindo para ele... e confiando nele. Não pretendia reivindicar sua virtude, e não queria, pelo menos não esta noite. Mas desejava esta mulher mais do que desejou algo em sua vida, e não era suficientemente cavalheiro para abotoar sua calça e mandá-la para o quarto dela.

Estendeu uma mão para baixo, até que encontrou a bainha de sua camisola. Ela ofegou enquanto seu dedo deslizava por baixo, mas o som ficou perdido sob seu próprio gemido quando correu sua mão ao longo da pele quente da perna dela.

Ninguém jamais a tocou ali. Ninguém nunca arrastou sua mão e a subiu acima de seu joelho. Aquele ponto agora era dele.

— Você gosta disso? — Sussurrou, apertando levemente.

Ela assentiu com a cabeça.

Moveu-se um pouco mais para cima, ainda longe do centro dela, mas mudou seu aperto um pouco para que seu polegar acariciasse a pele macia no interior da perna dela. — Você gosta?

— Sim. — Foi apenas um som, mas ele ouviu.

— Que tal isso? — A outra mão, aquela que esteve brincado com os cabelos dela, segurou-lhe o seio através de sua camisola.

— Oh! Meu... oh, Hugh.

Ele a beijou lentamente, profundamente. — Isso foi um sim?

— Sim.

— Quero ver você. — Disse, arrastando seus lábios na orelha dela. — Quero ver cada centímetro seu, e sei que não verei, não agora, mas quero um pouco de

você. Entende?

Ela balançou a cabeça.

— Confia em mim?

Ela esperou até que seus olhos se encontrassem. — Com a minha vida.

Por um momento ele não pode sequer mover-se. As palavras dela chegaram nele, agarraram seu coração, e apertaram. E depois que elas fizeram isso, se moveu mais abaixo. Pensava que a desejava antes, mas isso não era nada comparado à luxúria primordial que tomou conta dele com as suas três palavras ditas suavemente.

Minha, ele pensou. Ela é minha.

Com os dedos trêmulos, desamarrou o lacinho que mantinha seu decote modesto, e se perguntou que pessoa insensatamente tola tinha pensado colocar tal coisa numa camisola que não foi feita para seduzir. Era um laço e começou a desembrulhá-la.

Com um pequeno puxão de seus dedos, abriu seu presente, e com mais um empurrãozinho a camisola dela foi deslizando para baixo, descobrindo um seio perfeito. Seu decote não tinha afrouxado o suficiente para mostrar-lhes os dois, mas havia algo intensamente erótico sobre ter só um.

Lambeu os lábios e lentamente puxou seu olhar de volta para os olhos dela. Ele não disse uma palavra, e não desviou o olhar do rosto dela quando pegou com a mão e levemente colocou a palma sobre seu mamilo.

Não perguntou se gostou. Não precisava. Ela sussurrou seu nome, e antes que pudesse dizer uma palavra, assentiu com a cabeça.

Minha, pensou novamente, e foi a coisa mais incrível, porque até recentemente, assumiu que não iria encontrar ninguém, que nunca haveria uma mulher que iria chamar de sua.

Suavemente, beijou os lábios dela. Em seguida o nariz, então cada um de seus olhos, um por vez. Isso tudo estava estourando para fora, estava se apaixonando por ela, mas nunca foi um homem de falar sobre seus sentimentos, e as palavras sufocaram em sua garganta. Então a beijou pela última vez, verdadeira e profundamente, esperando que ela reconhecesse o que significava: uma oferenda de sua própria alma.

Seu, pensou. Eu sou dela.

Capítulo 15



Sarah estava ciente de que não deveria ter saído para fora no meio da noite. Não tinha permissão para sair de sua casa em Londres sem um acompanhante, sabia muito bem que um passeio pós-meia-noite em Berkshire era igualmente proibido.

Mas esteve tão inquieta, então... sentia-se mal em sua própria pele, e quando pulou para fora da cama e tocou seus pés no tapete, sentiu seu quarto muito pequeno. A casa tornou-se muito pequena. Precisava se mover, sentir o ar da noite na sua pele.

Nunca se sentiu assim antes, e realmente, não tinha explicação para isso. Ou melhor, não havia nenhuma.

Mas agora sim.

Ela precisava dele. Hugh.

Apenas não tomou conhecimento.

Em algum ponto entre a viagem de carruagem, o bolo e a valsa louca no gramado, Sarah Pleinsworth caiu de amor pelo último homem que jamais deveria ter desejado.

E quando ele a beijou...

Tudo o que queria era mais.

— Você é tão linda. — Murmurou, e pela primeira vez em sua vida, Sarah realmente acreditava que fosse.

Ela tocou o rosto dele. — E você também.

Hugh sorriu para ela, um sorriso meio bobo que lhe dizia que não acreditava nela por um segundo.

— Você é. — Insistiu. Tentou transmitir severidade a seu rosto, mas nada poderia diminuir o sorriso dela. — Você terá que acreditar em minha palavra.

Ainda assim, não falou. Olhou-a como se ela fosse algo precioso e a fez sentir-se preciosa naquele momento, tudo o que queria no mundo era que ele sentisse a mesma coisa.

Porque não fazia. Ela sabia que não o fazia.

Ele disse coisas... pequenas coisas, realmente, apenas um estranho comentário aqui e ali que certamente não esperava ficar na memória de ninguém. Mas Sarah escutou. E se lembrava. E sabia... Hugh Prentice não era feliz. Pior, achava que não merecia ser.

Ele não era o tipo de homem que buscava a grandes multidões. Não queria ser um líder entre os homens. Mas Sarah também sabia que Hugh não desejava ser um seguidor. Sua natureza era ferozmente independente, e não se importava em ficar sozinho.

Mas ele ficou mais do que só nos últimos anos. Esteve sozinho, com apenas seu esmagador sentimento de culpa lhe fazendo companhia. Não sabia o que Hugh fez para convencer seu pai a permitir que Daniel retornasse para a Inglaterra em paz, e não podia imaginar o quão difícil foi para Hugh viajar para a Itália, encontrar Daniel e trazê-lo de volta.

Mas fez tudo isso. Hugh Prentice fez tudo o que era humanamente possível para fazer a coisa certa, e ainda não estava em paz.

Era um homem tão bom. Defendia garotinhas e unicórnios. Dançava com uma bengala. Não merecia ter sua vida definida por um único erro.

Sarah Pleinsworth nunca fez nada pela metade e sabia que, se amava este homem, isso significava que iria dedicar sua vida a fazê-lo entender um simples

fato.

Ele era precioso. E merecia cada gota de felicidade que aparecesse no caminho.

Ela estendeu a mão e tocou os dedos nos lábios dele. Eram macios, e maravilhosos, e se sentiu honrada só por sentir a respiração dele em sua pele. — Às vezes no café da manhã... — Sussurrou. — ... não consigo parar de olhar para sua boca.

Ele tremeu. Amava que pudesse fazê-lo tremer.

— E seus olhos... — Continuou encorajada por sua reação. — Mulheres matariam para ter olhos dessa cor, sabia?

Ele balançou a cabeça e algo em sua expressão, confusão e dominação, a fez sorrir com alegria pura. — Acho você lindo. — Ela sussurrou. — E espero que... — O seu coração disparou, e prendeu o próprio lábio inferior entre os dentes. — Espero que a minha seja a única opinião que importa.

Ele inclinou-se e tocou levemente seus lábios. Beijou-lhe o nariz, em seguida, sua testa e então, após um longo momento manteve seus olhos no dela, beijou-a novamente, desta vez não se prendendo em nada.

Sarah soltou um gemido, o som rouco ficando preso na boca. Seu beijo era faminto, voraz, e pela primeira vez em sua vida, entendeu a paixão.

Não, isso era mais do que paixão.

Isto era necessidade.

Ele precisava dela. Podia sentir isso em todos os movimentos dele. Podia ouvir em sua respiração, forte e densa. E a cada toque de mão, cada movimento de sua língua estava alimentando essa mesma necessidade nela. Ela não sabia que era possível ansiar por outro ser humano com tal intensidade.

Os dedos dela encontraram a bainha de sua camisa, e deslizou a mão sob a borda, deslizando suavemente sobre a pele. Os músculos dele saltaram sob seu toque, e respirou fundo, ar sussurrado em sua face como um beijo.

— Você não sabe. — Ele murmurou. — Não sabe o que faz comigo.

Ela podia ver a paixão em seus olhos, isso a fez sentir-se feminina e forte. — Conte-me. — Sussurrou e arqueou o pescoço para levar-se até lábios dele para um beijo suave e fugaz.

Por um momento pensou que poderia fazê-lo. Mas apenas balançou a cabeça e murmurou. — Isso seria a morte para mim. — Então a beijou novamente, e não se importou com o que fazia a ele, contanto que continuasse fazendo a mesma coisa com ela.

— Sarah. — Disse levantando os lábios dos dela apenas tempo suficiente para sussurrar seu nome.

— Hugh. — Sussurrou de volta, e ela pode ouvir-se sorrir em sua própria voz.

Ele recuou. — Você está sorrindo.

— Não posso parar. — Admitiu.

Tocou o rosto dela, olhando-a com tanta emoção que por um momento ela esqueceu-se de respirar. Foi amor que viu nos olhos dele? Sentia o amor, mesmo que ele não dissesse as palavras.

— Temos que parar. — Disse ele, e gentilmente puxou sua camisola de volta ao seu devido lugar.

Sarah sabia que estava certo, mas ainda assim sussurrou. — Gostaria que nós pudéssemos ficar.

Hugh soltou uma risada rouca, quase como se estivesse com dor. — Oh, você não tem ideia do quanto desejo a mesma coisa.

— Ainda demora horas até o amanhecer. — Disse suavemente.

— Não vou arruinar sua reputação. — Disse, levando a mão dela à boca. — Não assim.

Uma bolha de alegria flutuou dentro dela. — Isso significa que você pretende arruinar-me de outra maneira?

Seu sorriso ficou quente enquanto a levantava e a puxava sobre os próprios pés. — Gostaria muito de fazê-lo. Mas não deveria chamar isso de arruinar. Ruína é o que acontece com uma reputação, não o que acontece entre um homem e uma mulher. Ou pelo menos... — Acrescentou, sua voz baixando sensualmente. — ... não é o que acontecerá entre nós.

Sarah estremeceu de prazer. O corpo dela se sentia tão vivo, ela se sentia tão viva. Não sabia como conseguiu voltar para casa. Os pés dela queriam correr, e seus braços desejava envolver-se ao redor do homem ao lado dela e sua voz

queria rir e lá no fundo...

Lá no fundo...

Ela estava tonta. Vertiginosa de amor.

Ele acompanhou-a até a porta. Não havia ninguém por ali, contanto que eles ficassem quietos, não tinham nada a temer.

— Vejo você amanhã. — Disse Hugh, levantando sua mão aos lábios.

Ela assentiu, mas não disse nada. Não conseguia pensar em uma palavra grande o suficiente para capturar tudo que estava em seu coração.

Estava apaixonada. Lady Sarah Pleinsworth estava apaixonada.

E era grande.



Na manhã seguinte

— Algo está errado com você.

Sarah piscou o sono de seus olhos e olhou para Harriet, que estava empoleirada na beirada de sua cama de dossel, observando-a com desconfiança considerável.

— O que você está falando? — Sarah resmungou. — Nada está errado comigo.

— Você está sorrindo.

Isto lhe pegou de surpresa. — Não posso sorrir?

— Não é a primeira coisa que faz pela manhã.

Sarah decidiu que poderia não haver uma resposta adequada e voltou para sua rotina matinal. Harriet, no entanto, estava no modo de completa curiosidade e a seguiu para o lavatório, os olhos estreitos, cabeça inclinada e deixando escapar duvidosos e pequenos, hummms, em intervalos irregulares.

— Há alguma coisa está errada? — Sarah perguntou.

— Há?

Deus do céu, e as pessoas a chamavam de dramática. — Estou tentando lavar meu rosto. — Disse Sarah.

— Com toda certeza, você deve fazê-lo.

Sarah mergulhou as mãos na bacia, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa com a água, Harriet cutucou seu próprio rosto mais perto ainda, fazendo manobras entre as mãos e o nariz de Sarah.

— Harriet, o que há de errado com você?

— O que está errado com você? — Harriet, rebateu.

Sarah deixou que a água escorresse por entre os dedos. — Não faço ideia do que está falando.

— Você está sorrindo. — Acusou Harriet.

— Que tipo de pessoa acha que sou, que não possa acordar de bom humor?

— Oh, você pode. Simplesmente não acredito que você é capaz constitucionalmente.

Era verdade que Sarah não era conhecida por ser uma pessoa da manhã.

— E está corada. — Acrescentou Harriet.

Sarah resistiu ao impulso de jogar água no rosto de sua irmã e em vez disso, espirrou algumas gotas. Secou-se com uma pequena toalha branca e, em seguida, disse. — Talvez seja porque fui forçada a me exceder discutindo com você.

— Não, não acho que foi isso. — Harriet disse, ignorando completamente seu sarcasmo.

Sarah passou por ela. Se seu rosto não estivesse ruborizado antes, certamente estaria agora.

— Algo está errado com você. — Harriet afirmou, correndo atrás dela.

Sarah fez uma pausa, mas não se virou. — Está me seguindo até o penico?

Houve uma batida muito gratificante de silêncio. Seguido de. — Er, não.

Como os ombros erguidos, Sarah marchou para a pequena sala de banho e

fechou a porta.

E trancou. Realmente, não duvidaria que Harriet contasse até dez, decidisse que Sarah teve tempo mais que suficiente para completar seus assuntos e entrasse lá dentro.

No momento em que a porta foi fechada com segurança impedindo uma invasão, Sarah virou-se, inclinou-se contra ela e soltou um longo suspiro.

Oh querido céu!

Oh querido céu!

Estava realmente tão fundamentalmente diferente depois da noite passada que sua irmã mais nova poderia vê-lo no rosto?

E se parecia tão diferente depois de uma noite de beijos roubados, o que aconteceria quando...

Bem, supôs que isso fosse tecnicamente... supunha.

Mas o coração dela disse que seria, quando acontecesse. Iria passar o resto de sua vida com Lorde Hugh Prentice. Simplesmente não havia jeito de permitir que acontecesse de maneira diferente.

Quando Sarah desceu para o café da manhã (com Harriet queimando em seus calcanhares e questionando cada sorriso seu), ficou claro que o tempo tinha virado. O sol, que tinha passado a última semana descansando amigavelmente no céu, havia recuado atrás de ameaçadoras nuvens cinza, e o vento assobiava com a ameaça de uma tempestade que se aproxima.

A excursão dos cavalheiros (uma viagem a cavalo para o sul do rio Kennet) foi cancelada, e Whipple Hill ficou vertiginosa com a energia não gasta de aristocratas entediados. Sarah havia se acostumado a ter a maior parte da casa para si mesma durante o dia, e para sua surpresa, encontrou-se ressentida com que sentia ser uma intrusão.

Para complicar as coisas, Harriet tinha aparentemente decidido que sua missão do dia era ser sua sombra, e questionar, Sarah a cada movimento. Whipple Hill era grande, mas não o suficiente quando sua irmã mais nova ficava curiosa, determinada e, talvez mais importante ainda, ciente de todos os cantos da casa.

Hugh estava no café da manhã, como sempre, mas havia sido impossível para Sarah conversar com ele sem Harriet, inserindo-se na conversa. Quando

Sarah foi para a pequena sala de estar para ler seu romance (como mencionou casualmente que planejava fazer no café da manhã), escutou Harriet na escrevinhinha, as páginas de seu atual trabalho, espalhando-se diante dela.

— Sarah. — Harriet disse brilhantemente. — Que fantástico encontrá-la aqui.

— Fantástico de que maneira? — Disse Sarah, sem qualquer tipo de inflexão. A irmã nunca foi hábil na arte de subterfúgio.

— Vai ler? — Harriet perguntou.

Sarah olhou para o romance em suas mãos.

— Você disse que ia ler. — Harriet lembrou. — Depois do café da manhã.

Sarah olhou para trás em direção à porta, considerando quais poderiam ser suas outras opções para a manhã.

— Frances está à procura de alguém com quem jogar laranjas e unicórnios. — Disse Harriet.

Isso encerrou tudo. Sarah sentou-se no sofá e abriu a Srta. Butterworth. Folheou algumas páginas, procurando onde parou, então franziu o cenho. — Isso é mesmo um jogo? — Perguntou. — Laranjas e unicórnios?

— Ela diz que é uma versão de laranjas e limões. — Harriet disse.

— Como é que unicórnios substituem os limões?

Harriet encolheu os ombros. — Não que alguém precise de limões reais para jogar.

— Ainda assim, isso faz arruinar a rima. — Sarah balançou a cabeça, convocando o poema infantil de sua memória. — Laranjas e unicórnios dizem os sinos de St. ... — Olhou para Harriet para a inspiração.

— Clunicorns?

— De alguma forma, acho que não.

— Moonicorns.

Sarah inclinou a cabeça para o lado. — Melhor. — Decidiu.

— Spoonicorns? Zoomicorns.

E... isso foi o suficiente. Sarah virou-se para o seu livro. — Terminamos agora, Harriet.

— Parunicorns.

Sarah nem podia imaginar de onde aquilo tinha vindo. Mas, ainda assim, se viu cantarolando enquanto lia.

Laranjas e limões dizem os sinos de St. Clements.

Enquanto isso, Harriet estava murmurando para si mesma na escrivania. — Xyloonicorns pontoonicorns...

Você me deve cinco péni dizem os sinos de St. Martins.

- Oh! Oh! Oh! Já sei! Hughnicorns!

Sarah congelou. Isso não podia ignorar. Com grande deliberação, colocou o dedo indicador em seu livro para marcar o lugar e olhou para cima. — O que você acabou de dizer?

— Hughnicorns. — Harriet respondeu, como se nada pudesse ter sido mais comum. Deu a Sarah um olhar astuto. — Denominado Lorde Hugh, é claro. Ele parece ser um tema frequente das conversas.

— Não para mim. — Sarah disse imediatamente. Lorde Hugh Prentice podia atualmente ocupar cada pensamento seu, mas não conseguia se lembrar de uma vez sequer ter iniciado uma discussão a respeito dele com a irmã.

— Talvez o que eu quis dizer. — Harriet adului. — Foi que ele é um assunto frequente de suas conversas.

— Não é a mesma coisa?

— Ele é um participante frequente em suas conversas. — Harriet corrigiu sem perder o ritmo.

— Gosto de conversar com ele. — Sarah disse, porque nada de bom poderia vir se negasse isso. Harriet saberia tirar vantagem disso.

— De fato. — Disse Harriet, os olhos apertados, como um detetive. — Isso nos leva a perguntar se ele também é a fonte de seu atípico bom humor.

Sarah deu um pequeno bufo. — Estou começando a me ofender, Harriet. Desde quando sou conhecida por falta de bom humor?

— Todas as manhãs de sua vida.

— Isso é muito injusto. — Sarah disse, uma vez que estava bastante certa de que nada de bom poderia vir ao negar isso, tampouco.

Em geral, nunca foi bom negar algo que era indiscutivelmente verdadeiro. Não com Harriet.

— Acho que você gosta de Lorde Hugh. — Harriet declarou.

E porque Sarah estava lendo Srta. Butterworth e o Barão Louco, em que os barões (loucos ou não) sempre apareciam nas portas no momento em que alguém pronunciava seu nome, ela olhou para cima.

Nada.

— Isso é uma mudança refrescante. — Murmurou.

Harriet olhou em sua direção. — Você disse alguma coisa?

— Só estava maravilhada com o fato de que Lorde Hugh não apareceu na porta no momento em que disse o seu nome.

— Você não é tão sortuda. — Harriet disse com um sorriso.

Sarah revirou os olhos.

— E só para ser mais precisa, creio que disse que gosta de Lorde Hugh.

Sarah virou-se para a porta. Porque realmente, jamais teria a mesma sorte duas vezes.

Ainda sem Hugh.

Bem. Isso era novo e diferente.

Ela bateu os dedos contra o seu livro por um momento, e então disse em voz baixa, — Ah, como gostaria de poder encontrar um cavaleiro que irá me olhar além de minhas três irmãs incomodas e meu... — Por que não? —

...dedo vestigial.

Olhou para a porta.

E lá estava ele.

Ela sorriu. Mas considerando todas as coisas, deveria parar com esse negócio de dedo vestigial. Seria apenas sua sorte se acabasse a dar à luz a um bebê com um dedo extra.

— Estou interrompendo? — Perguntou Hugh.

— Claro que não. — Disse Harriet com grande entusiasmo. — Sarah está lendo, e eu estou escrevendo.

— Então, estou interrompendo.

— Não. — Harriet deixou escapar. Olhou para Sarah procurando por ajuda, mas Sarah não viu nenhuma razão para interceder.

— Não preciso de silêncio para escrever. — Harriet explicou.

As sobrancelhas dele subiram em questão. — Você não pediu as suas irmãs para não falar na carruagem?

— Oh, isso é diferente. — E então, antes que alguém pudesse perguntar como, Harriet virou-se para Hugh e perguntou. — Você não vai se sentar e se juntar a nós?

Deu um aceno educado e entrou na sala. Sarah observou enquanto caminhava ao redor de uma poltrona. Estava dependendo de sua bengala mais fortemente do que o habitual, podia vê-lo em sua marcha. Franziu a testa, em seguida, lembrou-se que ele correu todo o caminho de seu quarto na noite anterior. Sem a bengala.

Esperou até que se sentasse no outro lado do sofá, em seguida, perguntou em voz baixa. — A sua perna está incomodando?

— Só um pouco. — Colocou sua bengala para baixo e esfregou distraidamente o músculo. Sarah se perguntou se sequer notava quando fazia isso.

Harriet de repente saltou sobre seus pés. — Acabei de me lembrar de algo. — Deixou escapar.

— O quê? — Perguntou Sarah.

— É... ehm... alguma coisa... Frances!

— O que tem Frances?

— Oh, nada, realmente, apenas... — Juntou seus papéis e pegou todo o maço, dobrando algumas folhas no processo.

— Cuidado aí. — Hugh avisou.

Harriet olhou para ele sem expressão.

— Você está amassando. — Disse ele, apontando para o papel.

— Oh! Certo. Mais uma razão para que deva sair. — Deu um passo para o lado da porta, e depois outro. — Então vou seguir o meu caminho...

Sarah e Hugh se viraram para vê-la partir, mas apesar de todos os protestos dela, parecia pairar perto da porta.

— Você precisa encontrar Frances? — Perguntou Sarah.

— Sim. — Harriet girou sobre as pontas dos pés, virou-se novamente, e disse. — Certo. Adeus, então. — E finalmente saiu.

Sarah e Hugh se entreolharam por alguns segundos antes de rirem.

— O que foi que ab... — Ele começou a dizer.

— Desculpe! — Harriet gritou, correndo de volta para a sala. — Esqueci-me de uma coisa. — E correu até a mesa, pegou absolutamente nada que Sarah pudesse ver (embora, para ser justa, Sarah não tinha uma visão clara dali), e correu para fora, fechando a porta atrás dela.

A boca de Sarah se abriu.

— O que foi isso?

— Isso foi a pequena atrevida. Ela só fingiu ter esquecido alguma coisa para que pudesse fechar a porta.

Hugh arqueou uma sobrancelha. — Isso incomoda você?

— Não, claro que não. Nunca pensei que pudesse ser tão tortuosa. — Sarah fez uma pausa para reconsiderar isso. — Não importa, mais o que eu estava dizendo? É claro que é muito tortuosa.

— O que acho interessante. — Disse Hugh. — É por que sua irmã estava tão determinada que nós ficássemos a sós. Com a porta fechada. — Acrescentou significativamente.

— Ela me acusou de gostar você.

— Oh, ela o fez? Qual foi a sua resposta?

— Acredito que evitei dar uma.

— Bem pensado, Lady Sarah, mas não sou tão facilmente subjugado.

Sarah aproximou um pouco mais para o lado dele no sofá. — É mesmo?

— Oh, não. — Respondeu, estendendo a mão para pegar a mão dela na sua. — Se eu fosse perguntar a você se gosta de mim, posso garantir-lhe que não iria escapar tão facilmente.

— Se fosse me perguntar se gosto de você. — Sarah disse, permitindo que a puxasse mais para perto. — Eu poderia não querer escapar.

— Poderia? — Ele repetiu, com a voz caindo para um sussurro rouco.

— Bem, poderia precisar ser um pouco persuadida...

— Só um pouco?

— Um pouco pode ser tudo o que preciso. — Disse, deixando escapar um pequeno suspiro quando seu corpo entrou em contato com o dele. — Mas poderia querer na verdade muito mais.

Seus lábios roçaram os dela. — Posso ver que tenho um trabalho talhado para mim.

— Sorte a minha, você nunca me pareceu o tipo de homem que foge de um trabalho árduo.

Ele sorriu de maneira faminta. — Posso assegurar-lhe, Lady Sarah, que vou trabalhar muito duro para garantir o seu prazer.

Sarah achou que isso soou realmente muito agradável.

Capítulo 16



Sarah não estava certa de quanto tempo eles se beijaram. Poderiam ter sido cinco minutos, poderiam ter sido dez anos. Tudo o que sabia era que a boca de Hugh era muito perversa, e mesmo que não tivesse removido ou mesmo afastado nem uma única peça de suas roupas, as mãos dele foram hábeis e atrevidas.

Ele a fez sentir coisas, coisas impertinentes, que começavam na barriga e escorria através dela como chama derretida. Quando os lábios dele estavam em seu pescoço, queria esticar-se como um gato, arqueando-se até todos os músculos de seu corpo ficar quente e suave. Queria arrancar as sapatilhas e correr os dedos ao longo de suas panturrilhas. Desejava curvar as costas e pressionar seus quadris contra os dele e, em seguida, permitir que suas pernas se tornassem doces e flexíveis, para que ele pudesse se acomodar entre elas.

Ele a fez querer fazer coisas que nenhuma mulher nunca falaria, coisas que nenhuma dama deveria sequer pensar.

E ela adorou isso. Não tinha realizado qualquer um destes impulsos, mas amava que quisesse fazê-lo. Adorava essa sensação de abandono, este desejo insano de atraí-lo cada vez mais para perto, até que se fundissem. Nunca tinha sequer beijado um homem antes, e agora tudo em que podia pensar era em quão

perfeito foi sentir as mãos dele em sua pele nua na noite anterior.

— Oh! Hugh. — Suspirou quando seus dedos encontraram a curva da coxa e apertou através da musselina macia do vestido. Ele esfregou seu polegar em círculos preguiçosos, a cada movimento, levando-o mais próximo de sua área mais privada.

Querido Deus, se poderia fazê-la sentir-se assim através de seu vestido, o que aconteceria quando realmente tocasse a pele dela?

Sarah estremeceu com o pensamento, atordoada por como estava animada só de pensar nisso.

— Não tem ideia. — Hugh murmurou entre beijos. — Do quanto gostaria que nós estivéssemos em qualquer lugar, além desta sala.

— Em qualquer lugar? — Perguntou provocativamente. Com uma das mãos desordenando os cabelos castanhos claros dele, deliciando-se em como era fácil bagunçá-los.

— Em algum lugar com uma cama. — Beijou a bochecha dela, depois o pescoço, depois a pele macia na base da garganta. — E uma porta trancada.

O coração de Sarah pulou com suas palavras, mas ao mesmo tempo, seu comentário despertou uma lasca de bom senso. A porta para a pequena sala estava fechada, mas não estava trancada. Sarah nem sequer pensou que pudesse ser trancada, e mais ao ponto, sabia que deveria estar destrancada. Qualquer um que tentasse abrir a porta e a encontrasse bloqueada imediatamente gostaria de saber o que estava acontecendo lá dentro, o que significava que a menos que um deles quisesse encarar uma queda de três metros para fora da janela, não haveria tanto escândalo como se alguém tivesse simplesmente entrado pela porta destrancada.

E enquanto Sarah tinha a intenção de se casar com Lorde Hugh Prentice (uma vez que pedisse, e ele iria, e se não o fizesse, ela iria fazê-lo), não gostava muito de imaginar um casamento induzido por um escândalo há poucos dias do casamento de seu primo.

— Temos que parar. — Ela disse, sem muita convicção.

— Eu sei. — Mas não deixou de beijá-la. Pode ter abrandado um pouco, mas não parou.

— Hugh...

— Eu sei. — Disse novamente, mas antes que se afastasse a maçaneta da porta girou decisivamente, e Daniel caminhou rapidamente, dizendo algo sobre estar procurando Anne.

Sarah ofegou, mas não havia nenhuma maneira que pudesse corrigir a situação a tempo. Hugh estava com mais da metade do corpo em cima dela, havia pelo menos três grampos de cabelo no chão, e...

E, bem, Hugh estava com mais da metade do corpo em cima dela.

— Que diabos? — Daniel olhou em choque congelando antes que seu natural raciocínio rápido se situasse e ele chutasse a porta atrás dele.

Hugh ficou de pé com mais velocidade do que Sarah teria pensado nessas circunstâncias. Libertada de seu peso, sentou-se, instintivamente cobrindo os seios com os braços, mesmo que seu vestido não tivesse um único botão sequer desfeito.

Mas se sentiu exposta. Ainda podia sentir o calor do corpo de Hugh contra o dela, e agora Daniel estava olhando-a com uma expressão de tanta fúria e decepção que não conseguia encontrar seus olhos.

— Confiei em você, Prentice. — Disse Daniel em voz baixa, ameaçadora.

— Não nisto. — Hugh respondeu, e até mesmo Sarah ficou surpresa com a falta de gravidade em seu tom.

Daniel investiu contra ele.

Sarah saltou sobre os pés. — Pare! Não é o que você está pensando!

Isso era o que sempre se dizia nos romances, afinal de contas.

— Muito bem. — Disse, observando as expressões incrédulas de ambos os homens. — É o que está pensando. Mas você não pode bater nele.

Daniel rosnou. — Ah, não posso?

Sarah colocou a mão no peito dele. — Não. — Disse com firmeza, em seguida, virou-se para Hugh com um dedo apontado. — E você também não.

Hugh encolheu os ombros. — Eu não estava tentando.

Sarah piscou. Ele parecia surpreendentemente relaxado, considerando todas as coisas.

Ela virou-se para Daniel. — Isto não é da sua conta.

O corpo de Daniel ficou rígido com sua fúria, e mal conseguia controlar sua voz quando disse. — Vá para seu quarto, Sarah.

— Você não é meu pai. — Retrucou.

— Estou malditamente bem aqui representando seu pai até que ele chegue. — Daniel quase cuspiu.

— Oh, você é o único que não pode falar nada. — Ela zombou. A noiva de Daniel morara com os Pleinsworths, afinal. Sarah sabia muito bem da perseguição romântica dele e que Anne não era totalmente casta.

Daniel cruzou os braços. — Isto não é sobre mim.

— Não foi até você invadir a sala.

— Se isso o faz sentir melhor. — Disse Hugh. — Planejava pedir para Lorde Pleinsworth a mão dela, assim que ele chegasse.

Sarah girou sua cabeça para trás. — Essa é a minha proposta?

— Culpe a ele. — Hugh respondeu com um aceno de cabeça em direção a Daniel.

Mas, em seguida, Daniel fez algo inesperado. Deu um passo em direção a Hugh, nivelou um olhar duro no rosto dele e disse. — Você não vai pedir para Lorde Pleinsworth a mão dela. Não dirá sequer uma palavra até que diga a verdade para ela.

A verdade? Sarah olhou de Daniel para Hugh e de novo. Várias vezes. Mas ela poderia até mesmo não estar lá, uma vez que eles sequer a notaram. E pela primeira vez em sua vida, manteve a boca fechada.

— O quê... — Hugh disse, seu temperamento finalmente inflamado. — ...quer dizer com isso?

— Você sabe muito bem. — Daniel fervia. — Acredito que não esqueceu a barganha que fez com o diabo.

— Quer dizer aquela que salvou a sua vida? — Hugh rebateu.

Sarah deu um passo atrás em alarme. Não sabia o que estava acontecendo, mas a aterrorizava.

— Sim. — Daniel confirmou com uma voz sedosa. — Essa mesma. Não acha que uma mulher deva saber disso antes de aceitar sua oferta?

— Saber? — Sarah perguntou inquieta. — O que você está falando? — Mas nenhum dos homens lhe dispensaram nem mesmo num olhar.

— O casamento é um compromisso de vida. — Daniel disse em uma voz medonha. — Uma vida inteira.

A mandíbula de Hugh ficou rígida. — Este não é o momento, Winstead.

— Não é o momento? — Daniel ecoou. — Não é o momento? Quando diabos será o momento certo?

— Cuidado com a língua. — Hugh explodiu.

— Ela é minha prima.

— Ela é uma dama.

— Ela está aqui. — Sarah disse fracamente, levantando uma mão.

Daniel virou-se para encará-la. — Quando ofendi você?

— Nunca? — Sarah perguntou desesperada para quebrar a tensão na sala.

Daniel fez uma careta para sua patética tentativa de humor e voltou-se para Hugh. — Dirá a ela? — Perguntou. — Ou eu faço?

Ninguém disse uma palavra.

Vários segundos se passaram, em seguida, Daniel seguiu em direção a Sarah com uma rapidez que quase deixou tonta. — Você se lembra. — Disse em um terrível tom de voz. — O quão furioso o pai de Lorde Hugh ficou após o duelo?

Sarah assentiu, mesmo que não tivesse certeza de que esperava uma resposta. Não havia sido apresentada na sociedade na época do duelo, mas escutou sua mãe sussurrando sobre isso com suas tias. Lorde Ramsgate enlouqueceu, disseram. Estava positivamente desequilibrado.

— Você já se perguntou... — Daniel continuou ainda naquele tom terrível que agora percebia era dirigido a Hugh, mesmo que suas palavras fossem ditas para ela. — ...como Lorde Hugh conseguiu convencer seu pai a me deixar em paz?

— Não. — Sarah disse lentamente, e isso era verdade. Ou pelo menos tinha sido até poucas semanas atrás. — Eu presumi... não sei. Você voltou, e isso foi tudo o que importava.

Sentia-se como uma idiota. Por que não quis saber o que Hugh fez para resgatar Daniel? Deveria ter perguntado?

— Você já conheceu Lorde Ramsgate? — Daniel perguntou-lhe.

— Tenho certeza de que sim, em algum momento. — Disse Sarah, os olhos indo nervosamente de Hugh para Daniel. — Mas eu...

— Ele é um bastardo. — Daniel rosnou.

— Daniel! — Sarah nunca ouviu usar tais palavras. Ou este tom. Olhou para Hugh, mas ele apenas encolheu os ombros e disse.

— Não tenho objeção a tal caracterização.

— Mas... — Sarah lutou por palavras. Não viu seu pai muitas vezes; raramente ele deixava Devon, e agora mais frequentemente que Sarah era carregada por todo sul da Inglaterra por sua mãe, na busca interminável de um marido adequado. Mas era o pai dela e o amava, e não poderia imaginar ficar parada enquanto alguém o chamava de nomes tão horríveis.

— Nem todo mundo tem um pai genial e bondoso com cinquenta e três cães de caça. — Disse Hugh.

Sarah esperava que estivesse interpretando erroneamente a nota de condescendência que estava assentada sobre suas palavras.

— O que isso tem a ver com tudo? — Perguntou com irritação.

— Isso significa que meu pai é um idiota. Significa que ele é um filho da puta doente que machuca as pessoas e sim gosta de fazê-lo. Significa... — Hugh se aproximou, sua voz fria e furiosa — ...que ele é completamente louco, não importa que tipo de face veste para o resto da humanidade, e não há nenhuma, repito, nenhuma conversa lógica quando tem os dentes preso em algo ou alguém.

— Em mim. — Daniel esclareceu.

— Em qualquer coisa. — Hugh retrucou. — Mas sim, está incluído. Quanto a você. — Por outro lado, ele disse à Sarah, sua voz, transformando-se desconfortavelmente normal. — Ele gostaria.

Ela se sentiu enjoadada.

— O título de sua família data dos Tudors, e você provavelmente tem um dote decente. — Hugh apoiou um quadril contra o braço do sofá e estendeu sua perna ferida na frente dele. — Mas principalmente, você está bem de saúde e em idade fértil.

Sarah só podia olhar.

— Meu pai vai adorá-la. — Finalizou com um encolher de ombros.

— Hugh. — Sarah começou. — Eu não... — Mas não sabia como terminar sua declaração. Não reconhecia este homem. Ele estava duro e quebradiço, e o jeito que a descreveu deixou-a com uma sensação de ser um pano sujo e torcido.

— Não sou nem mesmo seu herdeiro. — Disse Hugh, e Sarah podia ouvir algo se mexendo na voz dele. Uma coisa como raiva, algo pronto para atacar.

— Ele não deveria nem mesmo se importar se minha noiva pode reproduzir corretamente. — Hugh continuou, cada sílaba mais cortada que o anterior. — Ele tem Freddie. Deve fixar suas esperanças nele continuo dizendo a ele...

Virou-se de repente afastando-se, mas não antes de Sarah ouvi-lo amaldiçoar baixinho.

— Nunca conheci seu irmão. — Disse Daniel, depois de quase um minuto de silêncio estrangulado na sala.

Sarah olhou para ele. Sua testa se franziu, e percebeu que Daniel estava mais curioso do que surpreso.

Hugh não se virou. Mas disse, em um tom monótono, estranho. — Ele não se move nos mesmos círculos que você frequenta.

— H... Há algo errado com ele? — Sarah perguntou hesitante.

— Não! — Hugh trovejou, girando ao redor tão rapidamente que perdeu o equilíbrio e quase caiu no chão. Sarah atirou-se para frente para estabilizá-lo, mas Hugh estendeu o braço para afastá-la. — Estou bem. — Grunhiu.

Mas não estava. Podia ver que ele não estava.

— Não há nada de errado com meu irmão. — Disse Hugh, sua voz baixa e precisa, mesmo quando prendeu sua respiração. — Ele é perfeitamente saudável, perfeitamente capaz de conceber uma criança. Mas... — Os olhos dele foram significativamente em direção de Daniel — ...não é susceptível a se casar.

Os olhos de Daniel se nublaram, e ele deu um aceno de entendimento.

Mas não, Sarah. — O que isso significa? — Estourou, porque inferno, era como se eles estivessem falando em um idioma diferente.

— Não é para os seus ouvidos. — Daniel disse rapidamente.

— Ah, é assim? — Perguntou. — Então, “diabos, bastardo e filho da puta doente”, é?

Se não estivesse tão furiosa, teria tomado alguma satisfação da maneira que os dois homens vacilassem.

— Ele prefere homens. — Hugh disse secamente.

— Nem sei o que isso significa. — Sarah vociferou.

Daniel deixa escapar uma maldição amarga. — Oh, pelo amor de Cristo, Prentice, ela é uma dama. E minha prima.

Sarah não podia imaginar o que isso teria a ver com alguma coisa, mas antes que pudesse perguntar, Daniel deu um passo em direção a Hugh e grunhiu. — Se você disser mais uma palavra, juro que o esquartejarei.

Hugh o ignorou, seus olhos nunca deixando Sarah. — Do jeito que eu prefiro você. — Disse com lenta deliberação. — Meu irmão prefere homens.

Olhou-o, sem entender, e depois. — Ah! — Olhou para Daniel, embora não soubesse por que. — Isso é mesmo possível?

Ele desviou o olhar, suas bochechas queimando vermelhas.

— Confesso não entender Freddie. — Disse Hugh, cada palavra deliberadamente escolhida. — Ou porque ele é como é. Mas é meu irmão, e eu o amo.

Sarah não sabia como responder. Olhou para Daniel para orientação, mas estava de costas.

— Freddie é um bom homem. — Continuou. — E ele foi...

Sarah virou-se para ele. A garganta dele estava trabalhando convulsivamente, e não achava que já o tivesse visto tão desfeito.

— Foi a única razão pela qual sobrevivi na minha infância. — Hugh piscou, e então realmente sorriu melancolicamente. — Embora imagine que diria a

mesma coisa sobre mim.

Querido Deus, Sarah pensou, que tipo de homem era o pai deles?

— Ele é... não como eu sou. — Hugh disse engolindo em seco. — Mas é um bom homem, tão honrado e gentil como você jamais saberá.

— Tudo bem. — Sarah disse lentamente, tentando absorver todas as informações. — Se diz que ele é bom, e que deveria amá-lo como um irmão, o farei. Mas o que isso tem a ver com... com tudo isso?

— Foi por isso que meu pai ficou tão obcecado na vingança contra seu primo. — Respondeu Hugh, acenando com a cabeça na direção de Daniel. — É por isso que ainda é.

— Mas você disse...

— Posso mantê-lo em xeque. — Hugh interrompeu. — Não posso mudar seus pensamentos. — Mudou seu peso, e Sarah pensou que ter visto uma centelha de dor através dos olhos dele. Seguiu o olhar dele para a bengala, deitada sobre o tapete perto do sofá. Deu um passo em direção a ela, mas antes que pudesse fazer mais nada, correu para recuperá-la para ele.

A expressão em seu rosto quando lhe entregou não foi de gratidão. Mas o que queria dizer-lhe engoliu amargamente e falou em vez disso, para a sala no geral. — Disseram-me que no dia do duelo, não sabiam se eu iria sobreviver.

Sarah olhou para Daniel. Ele deu um aceno austero.

— Meu pai é acredita que... — Hugh parou de falar, e soltou um suspiro cansado, resignado. — E pode estar certo. — Finalmente continuou, como se estivesse aceitando isso para si mesmo. — Que Freddie nunca se casará. Sempre pensei que poderia, embora... — Novamente, suas palavras sumiram.

— Hugh? — Sarah disse suavemente, depois que quase um minuto tinha se passado.

Ele se virou e olhou-a, então a expressão dele endureceu. — Não importa o que eu pensava. — Disse com desdém. — Tudo o que importa é o que meu pai pensava, e que está convencido que devo ser o único a fornecer um herdeiro para a próxima geração. Quando Winstead quase me matou... — Encolheu os ombros, deixando Sarah e Daniel tirar suas próprias conclusões.

— Mas ele não te matou. — Disse Sarah. — Então você ainda pode...

Ninguém falava.

— Er, você pode, não é? — Finalmente perguntou. Não era momento para ser uma dama ingênua e recatada.

Ele riu sombriamente. — Não tenho nenhuma razão para supor o contrário, embora confesse não ter assegurado a meu pai esse fato.

— Bem, você não acha que deveria ter feito? — Perguntou. — Ele teria deixado Daniel em paz...

— Meu pai. — Hugh cortou bruscamente. — Não deixa a vingança facilmente.

— De fato. — Disse Daniel.

— Ainda não entendo. — Sarah disse. O que isso tinha a ver com Hugh ter trazido Daniel da Itália?

— Se você quiser se casar com ele. — Disse Daniel para ela. — Não ficarei no seu caminho. Eu gosto de Hugh. Sempre gostei dele, mesmo quando nos enfrentamos naquele maldito campo de duelo. Mas não vou permitir que se casem sem saber a verdade.

— Que verdade? — Exigiu Sarah. Estava muito cansada deles falando ao redor desta questão, quando nem sabia qual era o problema.

Daniel olhou-a por um longo instante, então voltou sua atenção para Hugh. — Diga-lhe como você convenceu seu pai. — Disse com uma voz cortada.

Ela olhou para Hugh. Ele estava encarando algum ponto sobre seu ombro. Era como se ela nem estivesse ali.

— Conte a ela.

— Meu pai não ama nada mais além que o título de Ramsgate. — Hugh disse em um tom estranhamente monótono. — Não sou nada mais que um meio para um fim, mas ele acredita que sou seu único meio, e assim sou inestimável.

— O que isso significa? — Ela perguntou.

Voltou-se para ela, piscando como se estivesse trazendo o foco. — Você não entende? — Disse suavemente. — Quando se trata de meu pai, a única coisa com a qual tenho para negociar é a mim mesmo.

A inquietação de Sarah começou a crescer.

— Redigi um contrato. — Hugh disse-lhe. — Explicando exatamente o que aconteceria se seu primo se encontrasse com qualquer mal.

O olhar de Sarah deslizou para Daniel e, em seguida, de volta para Hugh. — O quê? — Perguntou com o temor na voz dela ameaçando tirar a respiração do corpo. — O que acontecerá?

Hugh encolheu os ombros. — Eu me matarei.



— Não é realmente isso. — Disse Sarah. A voz dela estava afetada, seus olhos cautelosos. — O que você disse que iria acontecer?

Hugh lutou contra a vontade de cravar os polegares em suas têmporas. Sua cabeça começou a latejar, e estava bastante certo de que o único remédio seria o alegre estrangulamento de Daniel Smythe-Smith. Pela primeira vez, tudo na vida de Hugh estava dando certo, tudo ia perfeitamente bem, e Daniel tinha que meter sua cabeça onde não foi chamado. Quando não era necessário.

Não era assim que Hugh tinha a intenção de ter essa conversa.

Ou talvez não tivesse a intenção de tê-la jamais, uma pequena voz dentro dele tentou dizer. Não havia sequer pensado nisso. Estava tão apaixonado por Lady Sarah, tão absolutamente encantado com a felicidade de se apaixonar que não deu um pensamento para o acordo com seu pai.

Mas certamente, sim certamente ela podia ver que teve nenhuma outra opção.

— Isso é uma piada? — Sarah exigiu. — Porque se for, não é engraçado. O que você verdadeiramente disse que aconteceria?

— Ele não está mentindo. — Disse Daniel.

— Não. — Sarah balançou a cabeça, horrorizada. — Isso não pode ser verdade. É um absurdo. É loucura, é...

— Era a única coisa que poderia convencer meu pai a deixá-lo em paz. — Hugh disse bruscamente.

— Mas você não quis dizer isso. — Disse com desespero em sua voz. — Porque você mentiu para ele, não é? Foi apenas uma ameaça. Uma ameaça vazia.

Hugh não respondeu. Não tinha ideia se quis dizer isso. Ele tinha um problema, não, foi golpeado por um problema, e viu apenas uma maneira de resolvê-lo. Na verdade, ficou satisfeito consigo mesmo. E achou que o plano foi brilhante.

Seu pai nunca arriscaria perdê-lo antes de ver Hugh dar-lhe uma nova geração de homens Prentice para vagar na terra. Embora uma vez que isso acontecesse, meditou, todas as apostas estavam fora. Se o Marquês tivesse um ou dois netos saudáveis sob seu poder, provavelmente não iria sequer piscar se Hugh se matasse.

Bem, poderia piscar uma vez, apenas para manter as aparências. Mas depois que Hugh se fosse apenas muita água rolaria por debaixo da ponte.

Ah, foi grandioso quando tinha se apresentado a seu pai com esse contrato. Talvez também fosse um filho da puta doente, mas a visão de seu pai tão abatida, tão totalmente sem recurso ou réplica...

Foi magnífico.

Havia vantagens por ser considerado como um canhão solto e percebeu isso. Seu pai vociferou, criticou e virou a bandeja de chá, e enquanto Hugh só o observava com aquela diversão única, quase clínica, que nunca falhou para enfurecer o Marquês.

E então, depois que Lorde Ramsgate declarou que Hugh nunca cumpriria uma ameaça tão absurda, finalmente olhou para seu filho. Ele realmente, verdadeiramente olhou-o. Viu o sorriso vazio insolente, a resolução inflexível no seu queixo, e o Marquês ficou tão pálido que seus olhos pareciam murchar em suas órbitas.

Ele assinou o contrato.

Depois disso, Hugh não deu mais atenção ao assunto. Pode fazer uma piada inapropriada ocasionalmente (sempre teve um senso de humor negro), mas tanto quanto estava preocupado, ele e o pai estavam num impasse estável de destruição mutuamente assegurada.

Em outras palavras, não havia nada para se preocupar. E não entendia porque ninguém parecia perceber isso.

Claro que os únicos que sabiam sobre o contrato eram Daniel e Sarah, pessoas inteligentes, raramente ilógicas em suas decisões.

— Por que não me responde? — Sarah perguntou com a voz aumentando com pânico. — Hugh? Diga-me que você não quis dizer isso.

Hugh olhou-a. Estava pensando, recordando-se, e foi quase como se uma parte dele tivesse deixado a sala, e encontrado algum canto tranquilo para refletir sobre o triste estado do seu mundo.

Iria perdê-la. Ela não iria entender. Hugh podia ver isso agora, nos seus olhos frenéticos e mãos trêmulas. Por que não podia enxergar que fez a escolha de um herói? Estava se sacrificando, ou pelo menos ameaçando, para o bem de seu amado primo. Isso não devia contar para alguma coisa?

Fez com que Daniel voltasse para a Inglaterra, havia garantido sua segurança, por isso seria punido?

— Diga alguma coisa, Hugh. — Sarah implorou. Ela olhou para Daniel e, em seguida, de volta para Hugh, sua cabeça movendo-se em movimentos fortes. — Não entendo por que você não diz alguma coisa.

— Ele assinou um contrato. — Disse Daniel calmamente. — Tenho uma cópia.

— Você deu a ele uma cópia?

Hugh não sabia como isso mudava algo, mas Sarah olhou horrorizada. A cor foi drenada da pele dela, e suas mãos, que estava tentando tão arduamente manter ainda em seus lados, tremiam. — Você tem que rasgá-lo. — Ela disse a Daniel. — Neste exato momento. É preciso rasgá-lo.

— Isto não...

— Está em Londres? — Interrompeu. — Porque se estiver, parto agora. Não me importo se perder o seu casamento, não é um problema. Só preciso voltar, pegá-lo, e...

— Sarah! — Daniel praticamente gritou. Quando teve a atenção dela, disse. — Não faria diferença. Não é a única cópia. E ele está certo... — Acenou para Hugh — ...é a única coisa que me mantém seguro.

— Mas isso pode matá-lo. — Gritou.

Daniel cruzou os braços. — Isso é inteiramente com Lorde Hugh.

— Na verdade seria com meu pai. — Disse Hugh. Porque realmente, foi onde começou a corrente da loucura.

O corpo de Sarah ficou imóvel, mas a cabeça dela tremia quase como se estivesse tentando refrescar seu cérebro em entendimento. — Por que fez isso? — Perguntou, apesar de Hugh sentir que deixou suas razões perfeitamente claras. — É errado. I... i... isso é antinatural.

— É lógico. — Disse Hugh.

— Lógico? Lógico? Você está louco? É o mais ilógico, irresponsável, egoísta...

— Sarah, pare. — Disse Daniel, colocando uma mão no ombro dela. — Você está se excedendo.

Mas ela apenas o sacudiu. — Não me ampare. — Retrucou. Voltou-se para Hugh. Ele desejou saber o que dizer. Pensou que tivesse dito a coisa certa. Aquilo que o havia convencido tinha se invertido com relação ao posicionamento deles.

— Estava pensando em si mesmo? — Perguntou.

— Eu estava pensando em seu primo. — Hugh disse calmamente.

— Mas agora é diferente. — Ela gritou. — Quando você fez essa ameaça, era apenas você. Mas agora é...

Hugh esperou, mas não terminou a frase. Não disse nada. Ela não disse, somos nós.

— Bem, você não precisa fazer isso. — Anunciou como se tivesse resolvido os seus problemas. — Se algo acontecer com Daniel, você não tem que realmente morrer com ele. Ninguém te prenderia a um contrato, ninguém. Certamente não seu pai e Daniel estaria morto.

A sala ficou quieta até que Sarah colocou a mão sobre sua boca horrorizada. — Peço desculpas. — Disse virando os olhos frenéticos para seu primo. — Sinto muito. Oh, meu Deus, sinto muito.

— Terminamos. — Daniel disse entre dentes, lançando um olhar de ódio para Hugh. Colocou o braço ao redor de Sarah e murmurou algo em seu ouvido. Hugh não pode ouvir o que disse, mas isso não fez nada para conter o fluxo de lágrimas que agora estavam caindo do rosto dela.

— Vou arrumar as minhas coisas. — Disse Hugh.

Ninguém lhe disse para não fazê-lo.

Sarah permitiu que Daniel a conduzisse para fora da sala, protestando somente quando ele se ofereceu para levá-la até as escadas.

— Por favor, não. — Disse em uma voz sufocada. — Não quero que toda as pessoas percebam como estou chateada.

Chateada. Que desculpa patética para uma palavra. Não estava chateada, ela estava destruída.

Despedaçada.

— Deixe-me levá-la de volta para seu quarto. — Disse Daniel.

Balançou a cabeça e, em seguida, deixou escapar. — Não! Harriet pode estar lá. Não quero que faça perguntas, e você sabe que ela fará.

No final, Daniel a levou para o quarto dele, como o raciocínio de era um dos únicos aposentos da casa em que poderia ser garantida sua privacidade. Perguntou uma última vez se queria a mãe dela, Honória ou qualquer um, mas Sarah balançou a cabeça e se enrolou como uma bola em cima de suas mantas. Daniel encontrou um cobertor e colocou-o sobre ela, e então, uma vez que estava certo de que realmente desejava ser deixada sozinha, saiu do quarto e calmamente, fechou a porta atrás dele.

Dez minutos mais tarde Honória chegou.

— Daniel me disse que queria ficar sozinha. — Honória disse antes que Sara pudesse fazer mais do que olhar para ela com uma expressão exausta. — Mas nós pensamos que você pode estar errada.

A própria definição de família. As pessoas que tem que decidir quando você está errado. Sarah supôs que era culpada disto como ninguém. Provavelmente até mais.

Honória sentou ao lado dela na cama e gentilmente afastou o cabelo de Sarah do rosto dela. — Como posso ajudá-la?

Sarah não levantou a cabeça do travesseiro. Nem se virou para sua prima.
— Você não pode.

— Deve haver algo que possamos fazer. — Disse Honória. — Eu me recuso a acreditar que tudo está perdido.

Sarah sentou-se um pouco e olhou-a incrédula. — Daniel lhe contou?

— Disse-me um pouco. — Respondeu Honória, não mostrando nenhuma reação ao tom grosseiro de Sarah.

— Então como você pode dizer que nem tudo está perdido? Pensei que eu o amava. Pensei que ele me amava. E agora, descobro que... — Sarah sentiu o rosto dela contorcendo com raiva que Honória não merecia, mas não podia se controlar. — Não me diga que nem tudo está perdido!

Honória pegou seu lábio inferior entre os dentes. — Talvez se você falasse com ele.

— Eu o fiz! Como você acha que acabou assim? — Sarah acenou com o braço na frente dela como se dissesse...

Como se dissesse: estou com raiva e estou magoada e não sei o que fazer.

Como dizendo: não há nada que eu possa fazer, exceto acenar meu braço estúpido.

Como se falasse: ajude-me porque não sei como pedir.

— Não estou inteiramente certa de que esteja a par de toda a história. — Honória disse em uma voz cuidadosa. — Daniel estava muito chateado, e disse que você estava chorando, e depois murmurou...

— O que disse a você? — Sarah perguntou em um tom monótono.

— Explicou que Lorde Hugh... — Honória fez uma careta, como se não pudesse acreditar no que estava dizendo. — Bem, me disse como Lorde Hugh foi capaz de finalmente convencer seu pai a deixar Daniel em paz. É... — Mais uma vez, o rosto de Honória encontrou pelo menos três diferentes expressões de incredulidade antes que fosse capaz de continuar. — Achei que foi bastante inteligente da parte dele, na verdade, embora certamente um pouco...

— Louco?

— Bem, não. — Honória disse lentamente. — Só seria louco se não houvesse nenhum raciocínio por trás disto, e não acho que Lorde Hugh faz nada

sem raciocinar antes.

— Ele disse que se suicidaria, Honória. Desculpe-me, eu não posso... Deus do céu e as pessoas me chamam dramática!

Honória conteve um pequeno sorriso. — Isto é... um pouco... irônico.

Sarah deu-lhe um olhar.

— Não estou dizendo que é engraçado. — Honória disse, muito rapidamente.

— Eu pensei que o amasse. — Sarah disse em uma voz baixa.

— Pensou?

— Não sei se ainda o faço. — Sarah virou-se, deixando a cabeça cair para trás contra a cama. Dói olhar para sua prima. Honória estava tão feliz e merecia ser feliz, mas Sarah nunca seria suficientemente pura de coração, por odiá-la só um pouquinho. Só por este momento.

Honória se manteve em silêncio por alguns segundos e, em seguida, perguntou calmamente. — Pode você se libertar do amor tão rapidamente?

— Eu entrei nisto rapidamente. — Sarah engoliu desconfortavelmente. — Talvez nunca tenha sido realmente verdade. Talvez eu só quisesse que fosse verdade. Todos estes casamentos você e Marcus e Daniel e Anne e todos parecendo tão felizes e eu só queria isso. Talvez seja só isso.

— Você realmente acha isso?

— Como poderia estar apaixonada por alguém que ameaçaria fazer tal coisa? — Sarah perguntou em uma voz quebrada.

— Ele fez isso para garantir a felicidade de outra pessoa. — Lembrou. — Meu irmão.

— Eu sei. — Respondeu Sarah. — E poderia admirá-lo por isso, honestamente, eu poderia, mas quando lhe perguntei se era apenas uma ameaça vazia, ele não disse que era. — Engoliu em seco tentando acalmar a respiração. — Não disse para mim que se... se fosse necessário... — Ela engasgou com as palavras. — ...ele não faria isso. Perguntei-lhe diretamente olhando para o rosto dele e não respondeu.

— Sarah. — Honória começou. — Você precisa...

— Entende como esta conversa é horrível? — Sarah gritou. — Estamos discutindo algo que acontecerá se seu irmão for assassinado. Como se... como se em seguida... qualquer coisa que Hugh fizesse fosse pior?

Honória colocou a mão suavemente no ombro de Sarah.

— Eu sei. — Sarah sufocou, como se o gesto de Honória tivesse sido uma pergunta. — Você me dirá que preciso perguntar-lhe novamente. Mas se eu o fizer ele falar que quis dizer exatamente isso, e que se seu pai mudar de ideia e cometer algo contra Daniel, irá pegar uma pistola e colocá-la em sua boca estúpida?

Houve um terrível momento de silêncio e, então, Sarah colocou a mão sobre sua boca, fisicamente tentando segurar um soluço.

— Respire fundo. — Honória disse calmamente, mas os olhos dela ficaram horrorizados.

— Como posso até mesmo falar sobre isso? — Sarah chorou. — Como me sentiria terrível com Hugh e como ficaria brava com ele quando, obviamente, isso significaria que Daniel já estará morto e não deveria ser o que me destrói e... Deus do céu, Honória, isso é contra a natureza do homem. Eu não posso... não posso...

Ela caiu nos braços de sua prima, ofegante através de suas lágrimas. — Não é justo. — Chorou no ombro do Honória. — Simplesmente não é justo.

— Não. Não é.

— Eu o amo.

Honória não parou de esfregar as costas dela. — Sei que sim.

— Eu me sinto como um monstro, ficando chateada por ele ter dito... — Sarah engasgou, puxando um inesperado sorvo de ar para os pulmões. — ... que iria se matar, e então lhe implorei para me dizer que não faria isso, quando não deveria estar realmente chateada já que isto significaria que algo teria acontecido a Daniel?

— Mas você pode entender por que Lorde Hugh fez aquele trato em primeiro lugar. — Honória perguntou. — Não é?

Sarah assentiu contra ela. Seus pulmões doíam. Todo o corpo doía. — Mas agora deve ser diferente. — Sussurrou. — Ele deve sentir-se de forma diferente. Eu deveria significar algo.

— E você significa. — Honória disse tranquilizadora. — Sei que significa. Vi a maneira que vocês olham um para o outro quando acha que ninguém está observando.

Sarah se afastou apenas o suficiente para olhar no rosto de sua prima. Honória estava olhando para ela com o mais ínfimo dos sorrisos, e seus olhos, seus incríveis olhos lavanda que Sarah sempre invejou, estavam claros e serenos.

Essa era a diferença entre as duas? Sarah se perguntou. Honória levava cada dia como se o mundo fosse feito de mares verdes e brisas oceânicas suaves. O mundo de Sarah era uma tempestade após a outra. Nunca teve um dia sereno em sua vida.

— Vi o jeito que a olha. — Disse Honória. — Ele é apaixonado por você.

— Ele não disse isso.

— E precisa?

Sarah deixou o silêncio ser sua resposta.

Honória estendeu sua mão e pegou a dela. — Você pode ser a mais corajosa e dizê-lo primeiro.

— Isso é fácil para você dizer. — Disse Sarah, pensando em Marcus, sempre tão honrado e reservado. — Você caiu de amor pelo homem mais fácil, mais encantador e menos complicado, da Inglaterra.

Honória deu um encolher de ombro simpático. — Nós não podemos escolher por quem nos apaixonamos. E você não é a mulher mais fácil e menos complicada da Inglaterra, sabe disso.

Sarah deu-lhe um olhar de esguelha. — Você deixou de fora a mais encantadora.

— Bem, você pode ser a mais encantadora. — Honória disse com um sorriso torto. Então cutucou Sarah com seu cotovelo. — E ousou dizer que Lorde Hugh acha que você é a mais adorável.

Sarah enterrou o rosto nas mãos. — O que vou fazer?

— Acho que você deve falar com ele.

Sarah sabia que Honória estava certa, mas não podia deixar que sua mente corresse através de todas as eventualidades de que essa conversa poderia trazer. — E se disser que manterá o acordo? — Finalmente perguntou com a voz baixa e

assustada.

Alguns segundos se passaram e Honória disse. — Então pelo menos você saberá. Mas se não lhe perguntar, nunca saberá o que ele poderia ter dito.

— Apenas acho que se Romeu e Julieta tivessem realmente conversado, seria diferente.

Sarah olhou para cima, momentaneamente boquiaberta. — Essa é uma comparação terrível.

— Sinto muito, sim, tem razão. — Honória parecia envergonhada, e depois mudou de ideia e apontou para Sarah com um dedo desenvolto. — Mas que fez você parar de chorar.

— Como se pudesse repreendê-la.

— Você pode me censurar tanto quanto desejar se isso trazer um sorriso de volta ao seu rosto. Mas tem que me prometer que irá conversar com ele. Você não quer um grande e terrível mal-entendido arruine suas chances de ser feliz.

— O que você está dizendo é, se minha vida está para ser arruinada, faço isso por mim mesma? — Sarah perguntou secamente.

— Não é bem como eu colocaria, mas sim.

Sarah ficou em silêncio por um longo momento, e então perguntou, quase distraidamente. — Sabia que ele pode calcular grandes números de cabeça?

Honória sorriu com indulgência. — Não, mas não me surpreende.

— Leva apenas um instante. Tentou me explicar uma vez, o que parece ser a cabeça dele quando faz isso, mas não consegui entender nada do que estava dizendo.

— A aritmética trabalha de maneiras misteriosas.

Sarah revirou os olhos. — Ao contrário do amor?

— O amor é totalmente incompreensível. — disse Honória. — A aritmética é meramente misteriosa. — Encolheu os ombros, levantou-se e estendeu a mão para Sarah. — Ou talvez seja o contrário. Vamos descobrir?

— Você vem comigo?

— Apenas para te ajudar a localizá-lo. — Ela deu um pequeno encolher de

ombros. — É uma casa grande.

Sarah arqueou uma sobrancelha desconfiada. — Você tem medo que perca a coragem.

— Sem dúvida. — Honória confirmou.

— Não. — Disse Sarah, e apesar das borboletas no seu estômago e o pavor no coração dela, sabia qual era a verdade. Ela não costumava desistir de seus receios. E nunca seria capaz de viver consigo mesma, se não fizesse tudo que estivesse em seu poder para garantir sua felicidade.

E de Hugh. Porque se alguém neste mundo merecia um final feliz, seria ele.

— Mas não imediatamente. — Disse Sarah. — Preciso me arrumar. Não quero ir vê-lo parecendo como se estivesse chorando.

— Ele deve saber que te fez chorar.

— Por que, Honória Smythe-Smith, isso pode ser a coisa mais insensível que já te ouvi dizer.

— Agora é Honória Holroyd. — Honória disse com insolência. — E é verdade. A única coisa pior que um homem que faz uma mulher chorar é um homem que faz uma mulher chorar e depois não se sente culpado por isso.

Sarah olhou-a com um novo tipo de respeito. — A vida de casada fez bem a você.

O sorriso de Honória tinha um toque presunção. — Fez, não é mesmo?

Sarah arrastou-se para a borda da cama e deslizou para fora. As pernas estavam duras, e esticou cada uma por sua vez, dobrando e esticando-se no joelho. — Ele já sabe que me fez chorar.

— Bom.

Sarah encostou-se contra o lado da cama e olhou para suas mãos. Os dedos dela estavam inchados. Como isso aconteceu? Quem fica com dedos de salsicha por chorar?

— Há algo de errado? — Honória perguntou.

Sarah deu-lhe um olhar triste. — Acredito que gostaria que Lorde Hugh pensasse que sou o tipo de mulher que parece encantadora quando chora, olhos brilhando e todas essas outras coisas.

— Ao contrário de olhos avermelhados e inchados?

— É esse a sua maneira de me dizer que pareço desarrumada?

— Você irá querer refazer seu cabelo. — Disse Honória, sempre uma epítome do tato.

Sarah balançou a cabeça. — Você sabe onde está Harriet? Estamos dividindo um quarto, e não quero que me veja assim.

— Ela nunca julgaria. — Honória assegurou-lhe.

— Eu sei. Mas não quero responder as perguntas dela. E você sabe que ela fará perguntas.

Honória conteve um sorriso. Conhecia Harriet. — Irei fazer uma coisa. — Ela disse. — Vou garantir que Harriet se distraia, e você poderá ir até seu quarto para... — Ela flutuou suas mãos perto do rosto, o sinal universal para arrumar sua aparência.

Sarah deu um aceno. — Obrigada e Honória... — Sarah esperou até que sua prima se virasse para encará-la. — Eu te amo.

Honória deu um sorriso vacilante. — Amo você também, Sarah. — Afastou uma lágrima inexistente de seu olho, e perguntou. — Você gostaria que enviasse uma nota para Lorde Hugh, pedindo-lhe para encontrá-la em trinta minutos?

— Talvez uma hora? — Sarah era corajosa, mas não tanto. Precisava de mais tempo para reforçar sua confiança.

— Na sala de música? — Honória sugeriu, caminhando em direção à porta. — Você terá privacidade. Não acho que alguém usou a sala por toda a semana. Imagino que todos, têm medo de que possam tropeçar em cima de nós ensaiando para um musical.

Sarah sorriu apesar de tudo. — Tudo bem. A sala de música em uma hora. Estarei...

Foi interrompida por uma batida forte na porta.

— Isso é estranho. — Disse Honória. — Daniel sabe que nós... — Deu um encolher de ombros, não se preocupando em terminar sua declaração. — Entre!

A porta se abriu, e um dos lacaios deu um passo para dentro. — Milady. — Disse para Honória, piscando com surpresa. — Eu estava procurando por sua Senhoria.

— Ele muito gentilmente nos permitiu o uso de seu quarto. — Disse.

— Há algum problema?

— Não, mas tenho uma mensagem dos estábulos.

— Dos estábulos? — Honória ecoou. — Isso é muito estranho. — Olhou para Sarah, que esperava pacientemente a troca de palavras. — O que é que poderia ser tão importante para ser dito que fez George vir aqui procurar Daniel em seu quarto?

Sarah encolheu os ombros, imaginando que George era o lacaio. Honória cresceu em Whipple Hill, claro que saberia o nome dele.

— Muito bem. — Disse Honória, voltando para o lacaio. Estendeu a mão. — Se você der a mensagem, farei com que Lorde Winstead a receba.

— Perdão, Milady. Não está escrito. Pediram-me para dizer-lhe.

— Então a retransmitirei. — Disse Honória.

O lacaio pareceu indeciso, mas só por um momento. — Obrigado, senhora. Solicitaram-me para contar a sua Senhoria que Lorde Hugh levou uma das carruagens para Thatcham.

Sarah olhou atentamente. — Lorde Hugh?

— Er, sim. — George confirmou. — Ele é o cavalheiro que manca, não é?

— Por que ele iria para Thatcham?

— Sarah. — Honória disse. — Tenho certeza de que George não sabe...

— Não. — George interrompeu. — Que dizer... desculpe-me, Milady. Não quis cortá-la.

— Por favor, vá em frente. — Sarah disse urgentemente.

— Disseram que foi para White Hart para ver o pai.

— Seu pai?

George não chegou a recuar, mas foi perto.

— Por que iria encontrar o pai dele? — Sarah exigiu.

— E-e-eu não sei, Milady. — Ele lançou um olhar um pouco desesperado

para Honória.

— Não gosto disso. — Disse Sarah.

George parecia aflito.

— Você pode ir, George. — Honória disse. Ele fez uma reverência rápida e fugiu.

— Por que seu pai está em Thatcham? — Sarah perguntou no momento que ficaram sozinhas novamente.

— Não sei. — Respondeu Honória, soando tão perplexa quanto Sarah sentia-se. — Ele certamente não foi convidado para o casamento.

— Isto não pode ser bom. — Sarah virou-se para a janela. A chuva ainda caía a cântaros. — Preciso ir para a aldeia.

— Você não pode ir com este tempo.

— Hugh o fez.

— Isso é totalmente diferente. Está indo encontrar o pai.

— Que quer matar Daniel!

— Oh, meu Deus. — Honória disse, balançando a cabeça. — Isto tudo é uma grande loucura.

Sarah ignorou-a, e em vez disso saiu correndo para fora no corredor gritando para George, que felizmente ainda não havia descido. — Preciso de uma carruagem. — Disse. — Imediatamente.

Assim que se foi, voltou-se para Honória, que estava parada na porta.

— Vou encontrá-lo no caminho.

Honória disse. — Vou com você.

— Não pode. — Sarah disse imediatamente. — Marcus nunca me perdoaria.

— Então vamos levá-lo, também. E Daniel.

— Não! — Sarah agarrou a mão de Honória e puxou-a para perto, mesmo que não tivesse dado mais do que um passo. — Sob nenhuma circunstância Daniel poder encontrar Lorde Ramsgate.

— Você não pode deixá-lo fora disso. — Insistiu Honória. — Ele está tão profundamente envolvido quanto...

— Tudo bem. — Disse Sarah, só para interrompê-la. — Chame Daniel. Não me importo.

Mas se importava. E no momento que Honória disparou para buscar os dois cavalheiros, Sarah puxou o casaco e correu para os estábulos. Ela poderia caminhar para aldeia mais rápido do que qualquer carruagem pudesse ser conduzida, mesmo... não, especialmente na chuva.

Daniel, Honória e Marcus iriam segui-la até White Hart; Sarah sabia que o fariam. Mas se chegasse lá muito à frente deles, poderia... bem, para ser sincera, não tinha certeza do que poderia ser feito, só que poderia fazer alguma coisa. Encontraria uma forma de aplacar Lorde Ramsgate antes que Daniel aparecesse, irado e coçando-se para uma briga.

Ela talvez não fosse capaz de engenhar um final feliz para todos, na verdade, estava bastante certa de que não poderia fazê-lo. Mais de três anos de ódio e amargura não poderia ser arrastados em um único dia. Mas se Sarah conseguisse de alguma forma segurar os ânimos alterados e os punhos ondeantes, e santo Deus, se ninguém fosse morto...

Poderia não haver um final feliz, mas por Deus, tudo isso deveria ter um que fosse suficientemente feliz.



Uma hora antes

Whipple Hill, num quarto diferente

Se Hugh, eventualmente, se tornasse o Marquês de Ramsgate, a primeira coisa que iria fazer era mudar o lema da família. Poderia fazer isso, não é? Porque *Com o Orgulho Vem a Bravura* não fazia sentido no contexto das atuais gerações de homens Prentice. Não, se Hugh tivesse algo a dizer sobre o assunto, mudaria a coisa inteira para *As Coisas Sempre Podem Piorar*.

O ponto principal para a troca: a missiva curta foi entregue em seu quarto em Whipple Hill, enquanto estava fora, na pequena sala de estar, partindo o coração de Sarah, fazendo-a chorar, e, aparentemente parecendo ser uma pessoa horrível.

O cartão era de seu pai.

O pai dele.

Tinha sido ruim o suficiente ter que olhar para sua caligrafia nitidamente familiar. Então em seguida leu as palavras e percebeu que Lorde Ramsgate estava ali. Em Berkshire, praticamente na estrada de Whipple Hill para White

Hart, na mais elegante das pousadas locais.

Como o Marquês conseguiu um quarto quando todas as pousadas estavam cheias de convidados para o casamento, Hugh não conseguia imaginar. Mas seu pai sempre teve um jeito de ameaçar em toda sua vida. Caso quisesse um quarto, iria ter um, e Hugh só podia ficar com pena da cascata de hóspedes que seriam movidos para o próximo melhor quarto até que uma pessoa mais pobre se encontrasse fora, no celeiro.

O que a nota de seu pai não indicava, no entanto, era o porquê viajou para Berkshire. Hugh não ficou particularmente surpreso com esta omissão; seu pai nunca acreditou em dar explicações. Estava em White Hart, queria falar com Hugh e queria fazê-lo imediatamente.

Foi tudo o que escreveu.

Hugh geralmente se afastava de seu caminho para evitar a interação com seu pai, mas não era tão estúpido para ignorar uma intimação direta. Disse a seu criado para embalar suas coisas e aguardar novas instruções, e então partiu para a aldeia. Não tinha certeza de que Daniel veria com bons olhos ele usar uma das carruagens de Winstead, mas como a chuva ainda caía sem piedade contra a terra, e Hugh era um homem com uma bengala... realmente não via como teria muita escolha neste assunto.

Sem mencionar que era seu pai, era forçado a ir vê-lo. Não importava o quão furioso, Daniel estivesse com Hugh, e suspeitava que estivesse irreversivelmente furioso, mas entenderia a necessidade da reunião com o Marquês.

— Deus, eu odeio isso. — Hugh disse a si mesmo enquanto subia desajeitadamente na carruagem. E então se perguntou se alguma da propensão de Sarah para o drama foi transmitido para ele, porque só conseguia pensar...

Estou indo cumprir o meu destino.



Dentro de White Hart

Thatcham, Berkshire

— O que faz aqui? — Hugh perguntou, as palavras jorrando de sua boca antes que tivesse subido mais que dois degraus em uma das salas de jantar privadas de White Hart.

— Nenhuma saudação? — Disse seu pai, sem se preocupar em levantar-se de seu lugar. — Nada como, “pai, o que o traz a Berkshire neste belo dia”?

— Está chovendo.

— E a terra é renovada. — Lorde Ramsgate disse em voz alegre.

Hugh lançou-lhe um olhar frio. Odiava quando seu pai fingia ser paternal.

Seu pai fez um gesto para a cadeira da mesa. — Sente-se.

Hugh talvez preferisse ficar em pé, só para contrariá-lo, mas a perna doía, e seu desejo de frustrar o pai não era grande o suficiente para sacrificar seu próprio conforto. Sentou-se.

— Vinho? — Perguntou seu pai.

— Não.

— Não é muito bom, de qualquer forma. — Disse o pai, afastando para o lado o resto de seu vidro. — Eu realmente deveria carregar o meu próprio quando viajar.

Hugh sentou-se em silêncio sepulcral, esperando que seu pai fosse direto ao ponto.

— O queijo é tolerável. — Disse o Marquês. Estendeu a mão para uma pegar uma fatia de pão na tábua de frios em cima da mesa. — Pão? Não podem realmente estragar um pedaço de...

— Que diabos se trata isso? — Hugh finalmente explodiu.

Seu pai tinha claramente esperando por esse momento. Seu rosto se esticou em um sorriso presunçoso, e se recostou na cadeira dele. — Você não pode adivinhar?

— Não ousaria tentar.

— Estou aqui para parabenizá-lo.

Hugh olhou-o com indisfarçável desconfiança. — Por quê?

Seu pai apontou o dedo para ele. — Não seja tímido. Ouvi um boato que

estava para ficar noivo.

— De quem? — Hugh só tinha beijado Sarah pela primeira vez na noite anterior. Como em nome de Deus seu pai saberia que estava planejando pedir-lhe para se casar com ele?

Lorde Ramsgate balançou sua mão. — Tenho espiões por toda parte.

Disso Hugh não tinha dúvidas. Mas ainda assim... seus olhos se estreitaram. — Quem estava espionando? — Perguntou. — Winstead ou eu?

Seu pai encolheu os ombros. — Importa?

— Intensamente.

— Ambos, eu suponho. Você tornou tão fácil matar dois coelhos com uma cajadada.

— Você faria bem em não usar tais metáforas na minha presença. — Hugh disse com uma sobrancelha levantada.

— Sempre tão literal. — Lorde Ramsgate disse com um som de tsk tsk — Você nunca pode aceitar uma piada.

Hugh olhou-o boquiaberto. Seu pai, acusando-o de não ter humor? Era impressionante.

— Não estou prestes a me casar. — Hugh lhe disse, cada palavra um dardo nítido e preciso de seus lábios. — E não irei a qualquer momento num futuro previsível. Então pode pegar suas coisas e voltar para o inferno de onde rastejou.

Seu pai riu com o insulto, o que Hugh achou enervante. Lorde Ramsgate nunca desconsiderava os insultos. Ele os agarrava em pequenas bolas apertadas, enchias de urtigas e lançava-as de volta ao remetente.

E então riu.

— Terminamos? — Hugh perguntou friamente.

— Por que tanta pressa?

Hugh deu um sorriso enojado. — Porque eu detesto você.

Novamente, seu pai riu. — Ah, Hugh, quando você vai aprender?

Hugh não disse nada.

— Não importa se me detesta. Nunca importara. Sou seu pai. — Ele se inclinou para frente com um sorriso escorregadio. — Você não pode se livrar de mim.

— Não. — disse Hugh. Nivelando um olhar franco do outro lado da mesa. — Mas você pode se livrar de mim.

A mandíbula de Lorde Ramsgate se contraiu. — Suponho que você se refere a esse documento profano que você me obrigou a assinar.

— Ninguém te forçou. — Hugh disse com um encolher de ombros insolente.

— Você realmente acredita nisso?

— Coloquei a pena na mão? — Hugh rebateu. — O contrato foi uma formalidade. Você sabe tão bem quanto eu.

— Só sei que existe tal...

— Disse-lhe o que aconteceria se você prejudicasse Lorde Winstead. — Hugh falou com calma mortal. — E isso acontecerá estando escrito ou não.

Era verdade; Hugh elaborou o contrato e colocou diante de seu pai e seu advogado, pois queria que soubessem que estava falando sério. Quis que seu pai assinasse seu nome, o nome completo e o título que significava tanto para ele, reconhecendo tudo o que perderia se não deixasse sua vingança contra Daniel.

— Mantive minha parte do acordo. — Grunhiu Lorde Ramsgate.

— Na medida em que Lorde Winstead ainda esteja vivo, sim.

— Eu...

— Devo dizer. — Hugh interrompeu, tendo grande prazer em cortar seu pai no primeiro pronome. — Que não estou pedindo muito de você. A maioria das pessoas acharia bastante fácil conduzir suas vidas sem matar outro ser humano.

— Ele fez de você um aleijado. — Seu pai silvou.

— Não. — Hugh disse suavemente, lembrando aquela noite mágica no gramado de Whipple Hill. Ele valsou. Pela primeira vez desde que a bala de Daniel rasgou sua coxa, Hugh segurou uma mulher em seus braços, e dançou.

Sarah se recusou a permitir que se denominasse um aleijado. Foi o momento que caiu de amor por ela? Ou foi um das centenas de momentos?

— Eu prefiro chamar-me coxo. — Murmurou Hugh. Com um sorriso.

— Qual diabo é a diferença?

— Se sou um aleijado, então isso é tudo o que sou. — Hugh olhou para cima. Seu pai estava vermelho, o tipo de veias tingidas de vermelho que vinha de muita raiva, ou muita bebida.

— Não importa. — Disse Hugh. — Você nunca entenderá. — Mas Hugh não entendeu, também. Precisou Lady Sarah Pleinsworth fazê-lo entender a diferença.

Sarah. Assim que era agora. Não lady Sarah Pleinsworth ou até mesmo Lady Sarah. Apenas Sarah. Ela foi dele, e a tinha perdido. E ele ainda não entendia muito bem o porquê.

— Você se subestima, filho. — Disse Lorde Ramsgate.

— Você me chamou de aleijado. — Disse Hugh. — E está me acusando de subestimá-lo?

— Não me refiro a sua capacidade atlética. — O pai dele disse. — Embora seja verdade que uma dama quer um marido que possa montar, esgrimir e caçar.

— Porque você é tão bom em tudo isso. — Disse Hugh, lançando seu olhar para o a barriga grande de seu pai.

— Fui. — Respondeu seu pai, aparentemente sem tomar ofensa pelo insulto, — E tive minha escolha na ninhada quando decidi casar-me.

Da ninhada. Era assim mesmo que seu pai via as mulheres?

Claro que sim.

— Duas filhas de duques, três de marqueses e uma de conde. Eu poderia ter tido qualquer uma delas.

— Mamãe teve sorte. — Hugh disse categoricamente.

— De fato. — Disse Lorde Ramsgate, esquecendo o sarcasmo inteiramente. — O pai dela pode ter sido o Duque de Farringdon, mas ela era uma das seis filhas, e o dote dela não era grande.

— Maior do que a filha de outro Duque, eu presumo? — Hugh falou lentamente.

— Não. Mas os Farringdons descendem dos Barões de Veuveclos, o primeiro dos quais, como você sabe...

Oh, ele sabia. Deus, como sabia.

— Lutaram ao lado de William, o Conquistador.

Hugh foi forçado a decorar as árvores genealógicas com a idade de seis anos. Felizmente, tinha um talento para essas coisas. Freddie não teve tanta sorte. As mãos dele ficaram inchadas por semanas depois da surra.

— O outro ducado. — O Marquês terminou com desdém. — Era de uma relativamente nova criação.

Hugh só podia balançar a cabeça. — Você realmente leva o esnobismo para novos níveis.

Seu pai o ignorou. — Como estava dizendo, acredito que você está se subestimando. Você pode ser um aleijado, mas tem seus encantos.

Hugh praticamente sufocou. — Meus encantos?

— Um eufemismo para seu sobrenome.

— É claro. — Como poderia ser qualquer outra coisa mais?

— Você pode não ser o primeiro da fila para o título, mas tanto quanto me repugna, qualquer pessoa que se preocupar em esmiuçar um pouco irá perceber que, mesmo se você nunca se tornar o Marquês de Ramsgate, seu filho o será.

— Freddie é mais discreto do que você pensa. — Hugh se sentiu obrigado a apontar.

Lorde Ramsgate bufou. — Se fui capaz de descobrir que você está ofegante pela filha de Pleinsworth. Acha que o pai dela não vai descobrir a verdade sobre Freddie?

Com Lorde Pleinsworth enterrado em Devon com cinquenta e três cães, Hugh pensou que não, mas entendeu o ponto de seu pai.

— Não iria tão longe a ponto de dizer que você poderia ter qualquer mulher que quisesse. — Lorde Ramsgate continuou. — Mas não vejo nenhuma razão para que não possa prender a pirralha Pleinsworth. Especialmente depois de passar a semana inteira entretendo um ao outro, no café da manhã.

Hugh mordeu sua bochecha para não responder.

— Notei que você não me contradisse.

— Seus espões, como sempre, são excelentes. — Disse Hugh.

Seu pai sentou-se na cadeira e juntou as pontas dos dedos. — Lady Sarah Pleinsworth. — Disse com admiração na voz. — Devo felicitá-lo.

— Não faça isso.

— Oh! Meu caro. Estamos sendo tímidos?

Hugh agarrou a borda da mesa. O que exatamente aconteceria se pulasse sobre a mesa e agarrasse seu pai pela garganta? Certamente, ninguém iria lamentar pelo velho.

— Eu a conheci, você sabe. — Continuou seu pai. — Nada de mais, naturalmente, apenas uma introdução num baile há alguns anos. Mas o pai dela é um Conde. Nossos caminhos se cruzam ao longo do tempo.

— Não fale sobre ela. — Advertiu Hugh.

— Ela é muito bonita de uma forma não muito convencional. A ondulação do cabelo dela, aquela adorável boca larga... — Lorde Ramsgate olhou para cima e balançou suas sobrancelhas. — Um homem poderia se acostumar com esse rosto no travesseiro ao lado dele.

Hugh sentiu seu sangue ficar quente em suas veias. — Cale a boca. Agora.

Seu pai fez uma indicação de admissão. — Vejo que você não gosta de discutir seus assuntos pessoais.

— Estou tentando lembrar quando isso o impediu antes.

— Ah, mas se você for se casar, então sua escolha de noiva seria também um assunto meu.

Hugh saltou sobre seus pés. — Seu doente filho da...

— Oh, pare. — Seu pai disse, rindo. — Não estava falando sobre isso, mas agora que penso, poderia ter sido uma maneira de contornar o problema de Freddie.

Oh, meu Deus. Hugh sentiu-se mal. Ele não duvidava que seu pai forçasse Freddie a se casar e estuprasse a esposa dele.

Tudo em nome da dinastia.

Não, não iria funcionar. Freddie, em todos seus caminhos tranquilos, nunca permitiria ser forçado a um casamento sob tais pretextos. E, mesmo que de alguma forma...

Bem, Hugh sempre poderia pôr fim a isso. Tudo o que tinha que fazer era se casar. Dar a seu pai uma razão para esperar que um herdeiro de Ramsgate fosse iminente.

O que estava finalmente feliz em fazer.

Com uma mulher que ele não teria.

Por causa de seu pai.

A ironia de tudo isso o estava matando.

— O dote dela é respeitável. — disse o Marquês, continuando como se Hugh não estivesse de pé com um olhar assassino nos olhos dele. — Por favor, sente-se. É difícil ter uma discussão racional com você inclinando-se para um lado assim.

Hugh respirou, tentando firmar-se. Estava aliviando sua perna. Ainda não tinha percebido. Lentamente, sentou-se.

— Como estava dizendo. — Seu pai continuou. — Pedi para meu advogado verificá-lo, e é mais ou menos a mesma situação que vivi com sua mãe. Os dotes de Pleinsworth não são grandes, mas é o suficiente, considerando a linhagem e conexões de Lady Sarah.

— Ela não é um cavalo.

Seu pai arqueou um sorriso. — Não é?

— Vou matar você. — Rosnou Hugh.

— Não, você não vai. — Lorde Ramsgate alcançou outra fatia de pão.

— E você realmente deveria comer algo. Há mais do que eu...

— Queria comer? — Hugh rugiu.

— Você está com o temperamento péssimo hoje.

Hugh forçou sua voz para um tom normal. — Conversas com meu pai geralmente tem esse efeito sobre mim.

— Suponho que me incluo nessa.

Novamente, Hugh olhou para seu pai em estado de choque. Ele estava admitindo que Hugh conseguia o melhor dele? Nunca fez isso, mesmo com algo tão pequeno como uma conversa defensiva.

— A partir de seus comentários. — Lorde Ramsgate continuou. — Posso apenas deduzir que, na verdade, você não propôs a Lady Sarah.

Hugh não disse nada.

— Meus espiões, como nós desfrutamos chamá-los, asseguraram-me de que ela parecer favorável a tal perspectiva.

Hugh ainda não disse nada.

— A questão é... — Lorde Ramsgate inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos na mesa. — ...o que posso fazer para ajudá-lo na sua causa?

— Fique fora da minha vida.

— Ah, mas eu não posso.

Hugh soltou um suspiro exausto. Odiava mostrar fraqueza diante de seu pai, mas estava malditamente cansado. — Por que não me deixa em paz?

— Você tem que me perguntar isso? — Retrucou seu pai, embora Hugh claramente estivesse falando sozinho.

Hugh colocou uma mão na testa e apertou em suas têmporas. — Ainda pode casar Freddie. — Disse, mas agora foi mais por hábito do que qualquer outra coisa.

— Oh, pare. — Disse seu pai. — Ele não saberia o que fazer com uma mulher, se ela puxasse seu pau para fora e...

— Pare! — Hugh rugiu, quase derrubando a mesa quando cambaleou novamente sobre seus pés. — Cale-se! Apenas cale sua maldita boca!

Seu pai parecia quase perplexo com a explosão. — É a verdade. A verdade testada, posso acrescentar. Você sabe quantas putas eu...

— Sim. — Hugh surtou. — Sei exatamente quantas prostitutas trancou no quarto com ele. É o que meu cérebro infernal faz. Não consigo parar de contar, lembra-se?

Seu pai explodiu com a risada. Hugh olhou-o, se perguntando que diabos poderia ser tão engraçado em tal momento.

— Conteí, também. — Lorde Ramsgate engasgou, quase se dobrou em contentamento.

— Eu sei. — Disse Hugh, sem emoção. Seu quarto esteve sempre ao lado de Freddie. Escutou tudo. Quando Lorde Ramsgate levou as prostitutas para Freddie, ficou para assistir.

— Fartei-me bem com tudo isso. — Continuou. — Lorde Ramsgate continuou. — Achei que poderia ajudar. Definir um ritmo, você sabe.

— Oh, Deus. — Hugh quase gemeu. — Pare. — Ainda podia ouvir. Na maioria das vezes só tinha sido seu pai, mas de vez em quando uma das outras mulheres entravam no espírito da coisa e participavam também.

Lorde Ramsgate ainda estava rindo enquanto contava. — Uma... — Disse ele, fazendo um gesto obsceno para acompanhar a contagem. — Duas...

Hugh recuou. A memória piscou através de seu cérebro.

— Três...

O duelo. A contagem. Estava tentado não se lembrar. Esforçou-se tanto para apagar da lembrança da voz de seu pai que vacilou.

E puxou o gatilho.

Nunca quis acertar o tiro em Daniel. Estava apontando para o lado. Mas então alguém começou a contagem, e de repente Hugh era um rapaz novamente, encolhido em sua cama enquanto ouvia Freddie suplicando a seu pai para deixá-lo em paz.

Freddie, que ensinou Hugh nunca interferir.

A contagem não era apenas para as prostitutas. Lorde Ramsgate era muito afeiçãoado a sua maravilhosamente polida bengala de mogno. E não via razão para poupá-la quando seus filhos não lhe agradavam.

Freddie sempre o desagradou. Lorde Ramsgate gostava de contar os golpes.

Hugh olhou para seu pai. — Eu odeio você.

Seu pai olhou de volta. — Eu sei.

— Estou indo embora.

Seu pai balançou a cabeça. — Não, você não está.

Hugh endureceu. — Peço-lhe que...

— Não queria ter que fazer isso. — Seu pai disse quase se desculpando.

Quase.

Então, golpeou com o pé a perna ruim de Hugh.

Hugh uivou em agonia enquanto caia. Sentiu seu corpo se enrolando, tentando conter a dor. — Inferno. — Engasgou. — Por que fez isso?

Lorde Ramsgate ajoelhou-se ao lado dele. — Precisava que você não fosse embora.

— Vou matar você. — Hugh disse entre dentes, ainda ofegante contra a dor.
— Vou sangrentamente matar...

— Não. — Disse seu pai, pressionando um pano úmido, com cheiro adocicado, contra o rosto dele. — Você não vai.



Suíte do Duque de York

Dentro de White House

Quando Hugh abriu os olhos, estava em uma cama. E sua perna doía como o diabo. — O que infernos? — Gemendo, estendeu a mão para massagear o músculo. Ao fazê-lo...

Mas que inferno! O bastardo o tinha amarrado.

— Oh, você está acordado. — A voz de seu pai. Suave e levemente... entediada?

— Vou matar você. — Hugh grunhiu. Contorceu-se contra suas amarras até que viu seu pai sentado numa cadeira no canto, observando-o sobre um jornal.

— É possível. — Lorde Ramsgate disse. — Mas hoje não.

Hugh puxou novamente. E de novo, mas tudo o que conseguiu foi esfolar o pulso e um caso grave de vertigem. Fechou os olhos por um momento, tentando recuperar seu equilíbrio. — Que droga é isso?

Lorde Ramsgate fingiu considerar. — Estou preocupado. — Ele finalmente

disse.

— Com o quê? — Hugh disse entre dentes.

— Temo que você esteja tomando tempo demais com a adorável Lady Sarah. Quem sabe quando encontraremos uma mulher disposta a ignorar... — O rosto de Lorde Ramsgate enrugou com aversão — ...você.

Este insulto não o atingiu. Hugh estava bem habituado com tais farpas e em algum momento começou a sentir orgulho delas. Mas o comentário de se pai sobre demorar, muito, o deixou profundamente inquieto. — Conheci Lady Sarah... — Nesta encarnação, pelo menos, acrescentou silenciosamente — ...faz quase duas semanas.

— Isso foi tudo? Pareceu um pouco mais longo. Observar e obter, isso é tudo o que precisa, supõem-se.

Hugh afundou-se. O mundo claramente virou do avesso. Seu pai, que geralmente discursava e enfurecia-se enquanto Hugh mantinha um desdém indiferente, tinha sobre ele nada mais do que as sobancelhas levantadas.

Hugh, por outro lado, estava pronto para cuspir pregos.

— Esperava que você estivesse mais adiantado com seu cortejo agora. — Disse Lorde Ramsgate, pausando para virar uma página em seu jornal. — Quando tudo começou, mesmo? Ah, sim, naquela noite em Fensmore. Com Lady Danbury. Deus, ela é uma velha morcego.

Hugh sentiu-se mal. — Como você sabe isso?

Lorde Ramsgate levantou a mão e esfregou os dedos juntos. — Tenho pessoas ao meu serviço.

— Quem?

Lorde Ramsgate inclinou a cabeça, como se debatesse a sabedoria de revelar essa informação. Então encolheu os ombros e disse. — Seu valete. Posso muito bem contar-lhe. Você teria imaginado.

Hugh olhou para o teto em choque, enjoado. — Ele está comigo há dois anos.

— Qualquer pessoa pode ser subornada. — O Marquês abaixou o jornal e olhou por cima. — Não lhe ensinei nada?

Hugh respirou fundo e tentou manter a calma. — Você precisa me soltar

agora.

— Ainda não. — Lorde Ramsgate pegou o jornal novamente. — Inferno sangrento, isto não foi passado a ferro. — E colocou o jornal de volta para baixo e irritado inspecionou suas mãos, agora manchadas com tinta preta.

— Odeio viajar.

— Tenho que regressar a Whipple Hill. — Hugh disse com a voz mais razoável que pode reunir.

— Sério? — O Marquês sorriu brandamente. — Porque ouvi que estava indo embora.

Os dedos de Hugh se curvaram em garras. Seu pai estava perturbadoramente bem informado.

— Recebi uma nota do seu criado enquanto você estava indisposto. — Continuou Lorde Ramsgate. — Escreveu que você lhe tinha dito para arrumar suas coisas. Isso me preocupa, devo dizer.

Hugh puxou contra suas amarras, mas não afrouxou nem um milímetro. Seu pai sabia claramente dar nós.

— Espero que isso não vá demorar muito. — Lorde Ramsgate levantou-se e caminhou até uma pequena bacia e mergulhou as mãos. Pegou um pequeno pano branco, em seguida, olhou por cima do ombro para Hugh para dizer. — Estamos apenas esperando a adorável Lady Sarah chegar.

Hugh olhou-o boquiaberto. — O que você disse?

Seu pai secou as mãos com meticulosa precisão, em seguida, puxou seu relógio de bolso e abriu-o. — Em breve, creio. — Ele olhou para Hugh com uma expressão irritantemente suave. — Meu homem vai informá-la agora de seu paradeiro.

— Por que diabos está tão certo de que ela virá aqui? — Hugh grunhiu. Mas pareceu desesperado. Podia ouvir em sua própria voz, e isso o aterrorizava.

— Não estou. — Respondeu seu pai. — Mas estou esperançoso. — Olhou para Hugh. — Você deve ficar também. Só Deus sabe quanto tempo ficará preso nessa cama se ela não vir.

Hugh fecha os olhos e gemeu. Inferno, como deixou seu pai superá-lo? — O que tinha naquele pano? — Perguntou. Ainda sentia-se tonto. E cansado, como se

tivesse corrido quilômetros em alta velocidade. Não, não era isso. Ele não estava sem fôlego, apenas...

Os pulmões pareciam falhar. Deflacionados. Não sabia mais como explicar isso.

Hugh repetiu sua pergunta, levantando a voz com impaciência. — O que tinha naquele pano?

— Eh? Ah, isso. Óleo de vitríolo^{4} doce. Material inteligente, não é?

Hugh piscou contra os pontos ainda flutuantes diante de seus olhos. Inteligente não era bem a palavra que teria escolhido.

— Ela não virá para White Hart. — Disse Hugh, tentando manter sua voz de desdém. Irônica. Qualquer coisa que pudesse levar seu pai a duvidar da eficácia de seu plano.

— É claro que sim. — disse Lorde Ramsgate. — Ela ama você, embora só Deus saiba por quê.

— Sua ternura paternal nunca para de espantar-me. — Hugh deu as suas amarras um pequeno puxão para ilustrar ainda mais o ponto.

— Não iria atrás dela se tivesse fugido para uma hospedaria?

— Isso é completamente diferente. — Hugh retrucou.

Lorde Ramsgate apenas sorriu.

— Você percebe que existem inúmeras razões pelas quais isso não vai funcionar. — Hugh disse tentando parecer razoável.

Seu pai olhou para ele.

— Está chovendo, por exemplo. — Hugh improvisou, tentando movimentar a cabeça num aceno para a janela. — Ela teria que ser louca para vir aqui.

— Você o fez.

— Não me deixou muita escolha. — Hugh disse com uma voz firme. — E, além disso, Lady Sarah não tem motivos para se preocupar sobre a minha vinda aqui para vê-lo.

— Ora! — seu pai zombou. — Nossa aversão mútua não é segredo. Ouso dizer que todo mundo sabe disso agora.

— Nossa mútua aversão, sim. — Disse Hugh ciente de que suas palavras saíram muito rapidamente de seus lábios. — Mas ela não sabe quão profundo chega a inimizade.

— Você não contou para Lady Sarah de nosso... — Lorde Ramsgate zombou — ...contrato?

— Claro que não. — Hugh mentiu. — Acha que ela aceitaria meu pedido se soubesse?

Seu pai pensou por um momento, então disse. — Mais uma razão para realizar meu plano.

— Qual é?

— Garantir seu casamento, claro.

— Amarrando-me a uma cama?

Seu pai sorriu presunçosamente. — Permitindo que ela seja a única a libertá-lo.

— Você está louco. — Hugh sussurrou, mas para seu horror, sentiu algo mexendo em sua virilha. O pensamento de Sarah, curvando-se sobre ele, rastejando nele para alcançar o nó ao redor da cabeceira da cama...

Fechou os olhos com força, tentando pensar em tartarugas, olhos de peixe e o gordo Vigário da aldeia onde cresceu. Qualquer coisa, menos Sarah. Qualquer coisa, menos Sarah.

— Achei que ficaria agradecido. — Disse Lorde Ramsgate. — Ela não é o que você queria?

— Não assim. — Hugh disse entre dentes.

— Deixarei os dois fechados aqui por pelo menos uma hora. — Continuou seu pai. — Ela será comprometida na íntegra se você agir ou não. — Lorde Ramsgate inclinou-se e olhou de soslaio. — Tudo ficará bem. Você obterá o que deseja, e eu vou conseguir o que quero.

— E o que ela quer?

Lorde Ramsgate arqueou as sobrancelhas, em seguida, inclinou a cabeça para o lado e encolheu os ombros. Aparentemente esse seria todo o pensamento que daria aos sonhos e esperanças de Sarah. — Ela ficará grata. — Decidiu. Começou a dizer algo mais, mas depois parou, inclinando a cabeça para

direcionar sua orelha em direção à porta. — Acredito que ela chegou. — Murmurou.

Hugh não ouviu nada, mas com certeza, um momento depois, uma insistente batida soou na porta.

Hugh puxou furiosamente contra as amarras. Desejava Sarah Pleinsworth; Deus amado queria-a com tudo o que ele era. Ansiava estar com ela, diante de Deus e dos homens, deslizar o anel no dedo dela e se comprometer com sua devoção eterna. Desejava levá-la para a cama e com seu corpo lhe mostrar tudo o que estava em seu coração, e queria acalenta-la quando ficasse pesada com seus filhos.

Mas não iria roubar essas coisas dela. Ela teria que desejá-los, também.

— Isso é tão emocionante. — Disse Lorde Ramsgate, seu tom zombeteiro perfeitamente calibrado para fazer os nervos Hugh ficarem em pé. — Meu caro, me sinto como um colegial.

— Não toque nela. — Grunhiu Hugh. — Meu Deus, se você encostar um dedo nela...

— Já, já. — Disse seu pai. — Lady Sarah vai ser a mãe de meus netos. Nunca sonharia feri-la.

— Não faça isso. — Disse Hugh, sua voz embargada, antes que pudesse acrescentar, por favor. Não queria implorar. Não pensou que teria estômago para fazê-lo, mas no momento, por Sarah, o faria. Ela não queria casar-se com ele, isto ficou muito claro depois de tudo o que aconteceu com Daniel mais cedo naquela manhã. Se entrasse no quarto, Lorde Ramsgate iria trancá-la dentro e selar seu destino. Hugh ganharia a mão da mulher que amava, mas a que custo?

— Pai. — Chamou Hugh, e seus olhos se encontraram em estado de choque. Nem se lembrava da última vez que Hugh tentou algo diferente de, senhor. — Eu imploro, não faça isso.

Mas Lorde Ramsgate apenas esfregou as mãos com satisfação e caminhou até a porta. — Quem está aí? — Perguntou.

A voz de Sarah entrou pela porta.

Hugh fechou os olhos em agonia. Isso iria acontecer. Não conseguiria impedir.

— Lady Sarah. — Lorde Ramsgate disse no momento que abriu a porta. —

Estávamos esperando por você.

Hugh virou-se e obrigou-se a olhar para a porta, mas o pai dele ainda estava bloqueando sua visão.

— Estou aqui para ver Lorde Hugh. — Sarah disse em um tom de voz tão frio, como nunca a ouviu falar. — Seu filho.

— Não entre, Sarah! — Hugh gritou.

— Hugh? — Sua voz soou com pânico.

Hugh sacudiu contra suas amarras. Sabia que não iria se libertar, mas não podia simplesmente ficar ali deitado como um nódulo sangrento.

— Oh meu Deus, o que fez com ele? — Sarah gritou, e passou por Lorde Ramsgate com força suficiente para derrubá-lo na porta. Estava toda molhada, com o cabelo grudado no rosto, a bainha de seu vestido emporcalhado e rasgado.

— Apenas o preparei para você, minha querida menina. — Disse Lorde Ramsgate com uma risada. E então, antes que Sarah pudesse proferir uma palavra, saiu do quarto e bateu a porta atrás dele.

— Hugh, o que aconteceu? — Sarah perguntou, correndo para o lado dele. — Oh meu Deus, ele te amarrou à cama. Por que faria uma coisa dessas?

— A porta. — Hugh praticamente gritou, balançando a cabeça para o lado. — Verifique a porta.

— A porta? Mas...

— Faça-o.

Os olhos dela se arregalaram, mas fez como pediu. — Está trancada. — Disse virando para encará-lo.

Hugh praguejou violentamente baixo.

— O que está acontecendo? — Correu de volta para a cama, imediatamente indo para as amarras de um de seus tornozelos. — Por que ele amarrou você na cama? Por que veio aqui para vê-lo?

— Quando meu pai emite uma intimação. — Hugh disse em voz firme.

— Eu não o ignoro.

— Mas você...

— Especialmente nas vésperas do casamento de seu primo.

Os olhos dela se inflamaram com compreensão. — É claro.

— Quanto às amarras. — Hugh adicionou em uma voz cheia de ódio. — Elas foram para o benefício dele.

— O quê? — Perguntou de boca aberta. Então. — Oh, droga, ai! — Enfiou o dedo indicador na boca. — Quebrou minha unha. — Resmungou. — Estes nós são monstruosos. Como conseguiu deixá-los tão apertados?

— Eu não fui capaz de lutar. — Disse Hugh, incapaz de afastar o ódio de sua voz.

Os olhos dela se voltaram para seu rosto.

Mas se virou incapaz de olhá-la, quando disse. — Ele fez isso enquanto estava inconsciente.

Os lábios dela formaram um sussurro, mas se fez real as palavras ou mero som, ele não sabia.

— Óleo de vitriolo doce. — Disse em uma voz sem entonação.

Ela balançou a cabeça. — Não sei...

— Embebido em um pano e pressionado contra o rosto, pode deixar inconsciente uma pessoa. — Hugh explicou. — Li sobre isso, mas é a primeira vez que tive o prazer.

A cabeça dela balançou, não achou que ela esteve ciente deste movimento. — Mas por que faria uma coisa dessas?

Teria sido uma pergunta sensata se estivesse falando sobre outra pessoa, exceto o pai dele. Hugh fechou os olhos por um momento, totalmente mortificado por ser forçado a dizer. — Meu pai acredita que, se ficarmos presos juntos neste quarto, você pode ser comprometida.

Ela não disse uma palavra.

— E, assim, forçá-la a se casar comigo. — Hugh acrescentou não porque achasse que isso ficou pouco claro.

Congelou, os olhos dela nunca deixando o nó que tão diligentemente tentava liberar. Hugh sentiu algo pesado e escuro ao redor do coração.

— Não sei por que. — Finalmente disse. Sua voz era lenta, e muito cuidadosa, como se estivesse preocupada que a palavra errada pudesse detonar uma avalanche de acontecimentos desagradáveis.

Hugh não sabia como responder a isso. Ambos sabiam as regras que limitava a sua sociedade. Eles seriam descobertos juntos, em um quarto com uma cama, e para Sarah seriam apresentadas duas escolhas: casamento ou ruína. E apesar de tudo o que ela descobriu sobre ele naquela manhã, Hugh tinha que pensar que dos dois, ainda era a melhor escolha.

— Não é como se você pudesse comprometer-me enquanto está amarrado a uma cama. — Disse ainda sem olhá-lo.

Hugh engoliu. Seus gostos nunca correram na direção de tais coisas, mas agora era impossível não pensar em todas as maneiras em que ela poderia ser comprometida enquanto amarrado a uma cama.

Ela pegou seu lábio inferior entre os dentes. — Talvez deva deixar você assim. — Disse.

— Deixar-me... assim? — Ele engasgou-se.

— Bem, sim. — Franziu a testa, levando uma mão para a boca num gesto preocupado. — Assim, quando alguém chegar, e alguém virá, Daniel está atrás de mim e não deve estar muito longe e verá que nada poderia ter acontecido.

— Seu primo sabe que está aqui?

Ela assentiu. — Honória insistiu em dizer-lhe. Mas pensei... seu pai... eu não queria... — Afastou o cabelo molhado dos olhos. — Pensei que pudesse chegar aqui primeiro, seria capaz de, não sei, acalmar tudo.

Hugh gemeu.

— Eu sei. — Disse a expressão em seus olhos combinando com sua risada precisamente severa. — Não esperava...

— ...isso? — Terminou por ela, e teria apontado para si mesmo com uma onda de escárnio de sua mão... se tais mãos não estivesse bem amarradas na cabeceira da cama.

— As coisas vão ficar feias quando Daniel chegar aqui. — Sussurrou Sarah.

Hugh não se preocupou em confirmar. Ela sabia que era verdade.

— Sei que você disse que seu pai não o machucará, mas... — Virou-se

abruptamente, os olhos dela acesos com o pensamento. — Vai adiantar alguma coisa se eu bater na porta? Poderia gritar por ajuda. Se alguém chegar antes de Daniel...

Ele balançou a cabeça. — Isso vai dar-lhe exatamente o que ele quer. Uma testemunha à sua suposta ruína.

— Mas você está amarrado na cama!

— Suponho que não lhe ocorreu que alguém pode pensar que você me amarrou.

Ela engasgou.

— Precisamente.

Ela saltou longe da cama, como se tivesse se queimado. — Mas isso é... isso é...

Ele decidiu não terminar sua frase desta vez.

— Oh, meu Deus.

Hugh tentou não notar o horror na expressão dela. Droga, se ela não tivesse completamente revoltada com ele após as revelações daquela manhã, certamente estaria agora. Soltou um suspiro irregular. — Vou encontrar alguma forma. — Disse, mesmo que não soubesse como poderia manter essa promessa. — Você não precisará... vou encontrar uma maneira.

Sarah olhou para cima. Seus olhos estavam fixos na parede, e podia ver seu rosto de perfil. Sua expressão era dura, desconfortável. — Se nós explicarmos para Daniel... — Engoliu em seco, e Hugh seguiu o leve movimento para baixo no comprimento suave do pescoço dela. Beijou-a ali uma vez. Mais de uma vez. Ela tinha sabor de limão e sal, e cheiro de mulher, e ficou tão duro por ela que acreditou que fosse envergonhar-se.

E agora ali estava ele, com cada sonho seu sendo entregue em prato cheio e tudo o que conseguia pensar era que precisava encontrar uma maneira de impedir isso. Não poderia conviver consigo mesmo se ela fosse forçada a se casar, mesmo que fosse seu desejo mais desesperado.

— Acho que ele vai entender. — Sarah disse hesitante. — E não vai forçar o assunto. Não quero... — Desviou o olhar completamente, agora, e não pode ver o rosto dela. — Não quero que ninguém se sinta obrigado...

Não terminou. Hugh assentiu decidindo a melhor maneira de interpretar as palavras dela. Estava planejando pedir-lhe para casar com ele; ela sabia disso. Esta foi sua maneira de insinuar que não deveria propor? Depois de tudo isso, ainda procurava poupá-lo da humilhação.

— Claro que não. — Ele finalmente disse. Três palavras sem sentido, faladas apenas para preencher o silêncio. Não tinha ideia do que estava preste a fazer por mais tempo.

Ela mordeu os lábios novamente, e ele pode apenas olhar sua língua saindo suavemente para fora para umedecer o local onde os dentes estiveram. E assim, seu corpo incendiou. Foi a reação mais imprópria imaginável, mas não conseguia parar de pensar em lançar sua língua e deslizá-la ao longo dos lábios dela, em todo o lugar em que estava ocupando e mais até os cantos. Em seguida, se movimentaria mais para baixo, para a curva de seu pescoço, e...

— Por favor, solte-me. — Praticamente gemeu.

— Mas...

— Não sinto as minhas mãos. — disse agarrando a primeira desculpa que pode pensar. Não estava longe da verdade, mas seu corpo estava pulando para a vida, e se não se libertasse logo, não haveria nenhuma maneira de esconder seu desejo.

Sarah hesitou, mas só por um momento. Moveu-se em direção a cabeceira da cama e começou a trabalhar sobre o nó em seu punho direito. — Acha que ele está do lado de fora na porta? — Sussurrou.

— Sem dúvida.

Seu rosto se contorceu com nojo. — Isso é...

— Doente? — Terminou por ela. — Bem-vinda à minha infância.

Lamentou as palavras no momento em que proferiu-as. Seus olhos se encheram de pena, e sentiu a bília subindo por sua garganta. Não queria a piedade dela, não para sua perna, ou a sua infância ou de quaisquer outras coisas mais que ele não poderia confiar para protegê-la. Só queria ser um homem, e queria que soubesse disso, sentisse isso. Queria pairar sobre ela na cama, com nada entre eles, além do calor, e queria que soubesse o que afirmou para si mesmo, que era dele, e nenhum outro homem jamais conheceria a seda quente de sua pele.

Mas era um tolo. Merecia alguém que pudesse protegê-la, não um aleijado

que foi tão facilmente superado. Chutado, drogado e amarrado a uma cama... como poderia respeitá-lo depois disso?

— Acho que consegui este. — Disse, puxando forte a corda. — Espere, espere... pronto!

— Um quarto do caminho. — Disse, tentando soar alegre e falhando miseravelmente.

— Hugh. — Chamou, e não poderia dizer se este foi o precursor de uma afirmação ou uma pergunta.

E nunca descobriu. Houve uma comoção no corredor, seguido de um gemido de dor e uma sequência alta de palavrões.

— Daniel. — Disse Sarah, estremecendo levemente.

E aqui estou eu, Hugh pensou miseravelmente, ainda amarrado à condenada cama.



Sarah mal teve tempo de olhar para cima antes que a porta se abrisse e o ar se enchesse pelo som de madeira rachando e se fragmentando ao redor da fechadura inútil. — Daniel! — Ela gritou, e pela vida dela, não sabia por que parecia surpresa.

— Que inferno...

Mas o grito de Daniel foi cortado pelo Marquês de Ramsgate, que correu vindo do corredor, arremessando-se através da porta e nas costas de Daniel.

— Me solte seu maldito...

Sarah tentou saltar para a briga, mas Hugh a puxou para trás com a mão recentemente libertada. Ela balançou soltando e correu em direção a seu primo, somente para ser derrubada pelo ombro de Lorde Ramsgate quando Daniel girou ao redor dele, tentando desalojá-lo de suas costas.

— Sarah! — Hugh gritou. Estava puxando tanto suas amarras restantes que a cama começou a mover-se pelo chão.

Sarah ficou de pé, mas Hugh balançou seu braço em uma reverência selvagem e pegou um punhado de sua saia encharcada.

— Solte-me. — Disse entre dentes, caindo de costas na cama.

Ele envolveu seu braço ao redor dela, os dedos ainda segurando sua saia em um aperto de morte. — Não nesta maldita vida.

Daniel, entretanto, era incapaz de desalojar Lorde Ramsgate de suas costas e estava agora o batendo contra a parede. — Maldito louco. — Ele resmungou. — Solte-me.

Sarah pegou um pedaço da saia e começou a puxar na direção oposta.

— Ele vai matar seu pai.

Os olhos de Hugh encontraram os dela com um desdém acerado. — Deixe-o.

— Oh, você gostaria disso, não é? Ele seria enforcado!

— Não com só nós dois como testemunhas. — Hugh retrucou.

Sarah ofegou e deu a saia outro puxão, mas Hugh a tinha em um abraço surpreendentemente firme. Ela tentou torcer para fora de seu alcance, e foi quando viu o rosto de Daniel terrivelmente branco. — Ele está sufocando Daniel! — Gritou, e Hugh deve ter percebido, porque soltou a saia dela tão abruptamente que Sarah foi derrapando pelo quarto, mal conseguindo manter seu equilíbrio.

— Saia de cima dele! — Gritou, agarrando a camisa de Lorde Ramsgate. Ela olhou em volta procurando alguma coisa, qualquer coisa, com a qual pudesse bater na cabeça dele. A única cadeira era muito pesada para levantar, então com uma rápida oração, ela fechou sua mão em um punho e bateu forte.

— Ai! — Ela uivou de dor e sacudiu o punho. Ninguém lhe contou que golpear um rosto machucava.

— Jesus Cristo, Sarah! — Era Daniel, ofegante e apertando o olho.

Ela socou o homem errado.

— Oh, sinto muito! — Ela gemeu. Mas pelo menos balançou a torre humana a desequilibrando. Lorde Ramsgate foi forçado a soltar o pescoço de Daniel quando os dois homens caíram no chão.

— Vou matar você. — Lorde Ramsgate grunhiu, subindo de volta em Daniel, que não estava em condições de se defender.

— Pare. — Sarah explodiu, pisando forte na mão de Lorde Ramsgate. — Se

você matá-lo, também matará Hugh.

Lorde Ramsgate olhou-a, e ela não pode dizer se estava confuso ou furioso.

— Menti. — Veio a voz de Hugh de cima da cama. — Eu lhe contei sobre o nosso acordo.

— Parou para pensar sobre isso? — Sarah demandou. Porque já tinha sofrido de tudo com aqueles homens. — E você pensou? — Gritou razoavelmente.

Lorde Ramsgate levantou a mão que ela não estava esmagando sob a bota, em súplica. Lentamente, Sarah levantou o peso dela, não tirando seus olhos dele até que tivesse se arrastado vários metros de distância de Daniel.

— Está bem? — Ela perguntou para Daniel superficialmente. A pele sob o olho dele estava ficando roxa. Ele não iria estar bonito em seu casamento.

Ele grunhiu em resposta.

— Bom. — Disse, decidindo que o grunhido soou saudável o suficiente. E então lhe ocorreu. — Onde estão Marcus e Honória?

— Em algum lugar atrás de mim em uma carruagem. — Disse furiosamente. — Vim cavalgando.

Claro, pensou Sarah. Não sabia por que não lhe ocorreu que ele insistiria em montar para ir atrás dela uma vez que descobrisse que partiram sem eles.

— Acho que você quebrou minha mão. — Lorde Ramsgate lamentou.

— Não está quebrada. — Disse Sarah com irritação. — Eu teria ouvido um estalo.

De cima da cama, Hugh soltou uma risada estrangulada. Sarah lançou lhe uma carranca. Isso não era engraçado. Não foi engraçado. E se ele não conseguia ver isso, não era o homem que pensou que fosse. Humor negro, só contava quando não acabava em forças reais.

Rapidamente, virou-se para seu primo. — Tem uma faca?

Os olhos de Daniel se arregalaram.

— Para as amarras dele.

— Ah! — Daniel enfiou a mão na bota e puxou um pequeno punhal. Ela

aceitou com alguma surpresa, nunca pensou que o receberia com sucesso.

— Adquiri o hábito de carregar uma arma na Itália. — Disse Daniel em uma voz sem emoção.

Sarah assentiu. É claro que o fez. Era quando Lorde Ramsgate tinha assassinos treinados caçando-o. — Não se mexa. — Disse virando-se para o Marquês, e caminhou através do quarto até Hugh.

— Recomendaria que você não se movesse também. — Disse, e deu a volta para o outro lado da cama para cortar a corda que imobilizava a mão esquerda. Estava na metade do caminho através das fibras quando viu Lorde Ramsgate começar levantar-se. — Ei! Ei! Ei! — Ela gritou, apontando a faca em sua direção. — No chão.

Ele obedeceu.

— Você está me aterrorizando. — Hugh murmurou. Mas soou como um elogio.

— Você poderia ter morrido. — Ela sussurrou.

— Não. — Ele disse com o olhar sério. — Sou a única pessoa que ele jamais tocaria, lembra-se?

Seus lábios se separaram, mas tudo o que ia dizer evaporou-se quando sua mente começou a girar.

— Sarah? — Hugh soou preocupado.

Não era o único, ela percebeu. Ele não era o único.

O último fio de corda estalou e Hugh puxou o braço para o lado, gemendo enquanto massageava seu ombro sobrecarregado.

— Você pode soltar seus tornozelos. — Disse Sarah, mal se lembrando de virar o punho da faca quando lhe entregou. Marchou novamente para Lorde Ramsgate. — Levante-se. — Ordenou.

— Você acabou de me mandar sentar. — Falou lentamente.

A voz dela abaixou para um grunhido ameaçador. — Você não quer discutir comigo agora.

— Sarah. — Hugh arriscou.

— Quietos. — Retrucou, não perdendo tempo para virar-se. Lorde Ramsgate levantou-se, e Sarah deu um passo adiante até que ele ficou apoiado contra a parede. — Quero que me escute com muita atenção, Lorde Ramsgate, porque só vou dizer isto vez. Vou me casar com seu filho, e em troca, você vai jurar que deixará meu primo em paz.

Lorde Ramsgate abriu a boca para falar, mas Sarah não tinha terminado. — Além disso. — Disse que antes ele pudesse falar mais do que uma sílaba. — Você não vai tentar contatar a mim ou a qualquer membro da minha família, e isso inclui Lorde Hugh e aos filhos que possamos ter.

— Agora escute aqui...

— Quer que me case com ele? — Sarah interrompeu em um tom alto.

O rosto de Lorde Ramsgate ficou vermelho de raiva. — Quem você pensa...

— Hugh? — Disse, levando sua mão para trás. — A faca?

Ele deve ter liberado seus pés, porque quando falou, estava muito mais perto do que a cama. Ela se virou para olhar; estava a poucos metros atrás dela. E disse. — Não tenho certeza que seja uma boa ideia, Sarah.

Provavelmente estava certo, bufou para ele. Não tinha ideia de que diabos aconteceu com ela, mas estava muito brava agora e metade de sua mente estava pensando em estrangular Lorde Ramsgate com as próprias mãos.

— Deseja um herdeiro? — Sarah grunhiu para o Marquês. — Tudo bem. Darei um a você ou morrerei tentando.

Hugh limpou a garganta, provavelmente tentando lembrá-la que todo o estrago começou com a iminente morte dele.

— Nem uma palavra de você, ou de qualquer um. — Ela disse furiosamente, girando com um dedo irado apontado e balançando. Estava a poucos metros de distância, a bengala levemente presa na mão dele. — Cansei de você, você e dele... — Acenou com a cabeça em direção a Daniel, que ainda estava contra a parede, segurando seu olho rapidamente enegrecimento — ...tentando resolver as coisas. Vocês são uns inúteis. Todos vocês. Já faz mais de três anos e a única maneira que conseguiu manter a paz foi ameaçando se matar. — Ela moveu-se de volta para enfrentar Hugh, e os olhos dela se estreitaram perigosamente. — O que você não fará.

Hugh olhou-a, até que percebeu que deveria falar. — Não farei. — Ele

disse.

— Lady Sarah. — Lorde Ramsgate disse. — Devo dizer-lhe...

— Cale a boca. — Ela retrucou. — Foi-me dito, Lorde Ramsgate, que está desejoso de um herdeiro. Ou devo dizer um herdeiro para além dos dois que você já possui.

O Marquês deu um aceno conciso.

— E, na verdade, está tão desejoso desse herdeiro que Lorde Hugh foi capaz de negociar a segurança do meu primo com a própria vida.

— Foi um acordo profano. — Lorde Ramsgate cuspiu.

— No que estamos de acordo. — Disse Sarah. — Mas acredito que você esqueceu um detalhe importante. Se, de fato, tudo o que importa é a procriação, a vida de Lorde Hugh é inútil sem a minha.

— Ah, agora vai me dizer que também vai ameaçar suicídio.

— Nada disso. — Sarah disse com uma risada irônica. — Mas pense por um momento, Lorde Ramsgate. A única maneira que você pode obter seu precioso neto é se seu filho e eu permanecemos em boa saúde e felicidade. E deixe-me dizer-lhe, que se você me fizer infeliz de qualquer maneira, vou impedi-lo que venha para minha cama.

Houve uma guinada altamente satisfatória de silêncio.

Lorde Ramsgate zombou. — Ele será seu senhor e mestre. Você não pode impedi-lo de ir a qualquer lugar.

Hugh limpou a garganta. — Eu nem sonharia em violar os desejos dela. — Murmurou.

— Você e seus desprezíveis pretextos...

— Você está me fazendo infeliz, Lorde Ramsgate. — Advertiu Sarah.

Lorde Ramsgate soltou um suspiro furioso, e Sarah sabia que o havia superado. — Se algum dano permanente acontecer ao meu primo. — Alertou. — Juro que vou te caçar e estraçalhá-lo com minhas próprias mãos.

— Acreditaria nas palavras dela. — Disse Daniel, apalpado ainda suavemente a pele ao redor de seu olho.

Sarah cruzou os braços. — Todos nós entendemos esses termos?

— Eu certamente entendi. — Murmurou Daniel.

Sarah o ignorou, e então, aproximou-se de Lorde Ramsgate. — Estou certa que entende que esta é a solução mais benéfica para todas as partes envolvidas. Você conseguirá o que quer, um eventual herdeiro para Ramsgate, e eu vou conseguir o que desejo: paz para minha família. E Hugh.... — As palavras dela vieram com uma parada abrupta como se forçasse para baixo a bilis que ameaçava a garganta dela. — Bem, Hugh não terá que se matar.

Lorde Ramsgate se manteve extraordinariamente parado. Finalmente, disse. — Se você concordar em se casar com meu filho e não impedi-lo de ir para sua cama, e espero que acredite em mim quando digo que terei espiões em sua casa e eu vou saber se não estão cumprindo sua parte no acordo, então vou deixar seu primo em paz.

— Para sempre. — Acrescentou Sarah.

Lorde Ramsgate deu um aceno rápido, amargo.

— E você não vai tentar entrar em contato com meus filhos.

— Não posso concordar com isso.

— Muito bem. — Ela concordou, uma vez que nunca esperou ganhar nesse ponto. — Vou permitir-lhe vê-los, mas apenas na minha presença ou não do pai deles, e no dia e lugar de nossa escolha.

Lorde Ramsgate estremeceu raiva, mas disse. — Você tem minha palavra.

Sarah virou-se e olhou para Hugh para confirmação.

— Nisso você pode confiar nele. — Hugh disse calmamente. — Mesmo com toda sua crueldade, ele não romperá suas promessas.

Então Daniel disse. — Nunca soube que ele tenha mentido.

Sarah ficou boquiaberta.

— Ele disse que tentaria me matar e o fez. — Disse Daniel. — Isto é, tentou.

A boca de Sarah se abriu. — Este é o aval de vocês?

Daniel encolheu os ombros. — Então, disse que não tentaria me matar, e até

onde sei, ele não o fez.

— Quão forte você o golpeou? — Hugh perguntou.

Sarah olhou para sua mão. Seus dedos estavam ficando roxos. Bom Deus, o casamento dele seria daqui dois dias. Anne nunca a perdoaria.

— Valeu à pena. — disse Daniel, uma de suas mãos fazendo uma onda débil próxima ao seu rosto. Sua cabeça inclinada para o lado, desequilibrada quando ele arqueou uma sobrancelha em direção a Hugh. — Ela fez isso. — Disse. — O que você e eu nunca fomos capazes de gerenciar.

— E tudo o que ela teve que fazer foi sacrificar-se. — Lorde Ramsgate disse com um sorriso escorregadio.

— Vou matar você. — Hugh grunhiu e Sarah teve que intervir dando um passo na frente dele e forçosamente o segurando.

— Vai voltar para Londres. — Sarah ordenou ao Marquês. — Verei você no batismo de nosso primeiro filho e nem um momento antes.

Lorde Ramsgate apenas riu.

— Está claro? — Exigiu.

— Como a água, minha cara Lady. — Lorde Ramsgate caminhou até a porta e, em seguida, virou-se. — Se você tivesse nascido bem antes. — Disse com um olhar intenso. — Eu teria me casado com você.

— Seu filho da puta!

Sarah foi empurrada para o lado quando Hugh lançou-se em direção ao pai. Punho encontrou carne com um estalo horrível. — Você não é digno de falar o nome dela. — Hugh sibilou, pairando ameaçadoramente sobre seu pai, que caiu no chão, com o nariz sangrando e certamente quebrado.

— E você é o melhor dos dois. — Disse Lorde Ramsgate com um pequeno arrepio de repulsa. — Deus do céu! Não sei o que fiz para merecer tais filhos.

— Nem eu. — Hugh explodiu.

— Hugh. — Disse Sarah, colocando a mão no seu braço. — Levante-se. Ele não vale à pena.

Mas Hugh não parecia ele mesmo. Não puxou o braço para trás, nem deu alguma indicação de que a escutou falar. Inclinou-se e pegou sua bengala, que

tinha caído no chão durante a briga, sem jamais tirar os olhos do rosto de seu pai.

— Se você tocá-la. — Disse Hugh, sua voz terrivelmente firme e uniforme. — Eu te mato. Se você disser uma palavra desagradável, mato você. Se mesmo respirar na direção errada, eu...

— Mata-me. — Seu pai disse com desprezo. Ele balançou a cabeça em direção a perna de Hugh. — Você apenas pensa que é capaz, você um pequeno e estúpido cr...

Hugh se moveu como um raio e formou um arco com a bengala diante dele como uma espada. Ele fez um lindo movimento, pensou. Era assim que tinha sido... antes?

— Importa-se de repetir? — Hugh disse, pressionando a ponta de sua bengala contra a garganta de seu pai.

Sarah parou de respirar.

— Por favor. — Disse Hugh, num tom calmo que era muito mais devastador. — Fale mais. — Moveu a bengala ao longo da traqueia de Lorde Ramsgate, aliviando a pressão sem romper o contato. — Alguma coisa? — Ele murmurou.

Sarah molhou os lábios, observando-o com cautela. Não poderia dizer se ele era o epitome do controle ou se aquilo foi uma respiração para controlar-se. Viu seu peito subir e descer com o batimento cardíaco, e ficou hipnotizada. Hugh Prentice era mais do que um homem naquele momento. Era uma força da natureza.

— Deixe-o ir. — Daniel, disse em uma voz cansada, levantando-se finalmente. — Ele não vale uma viagem para força.

Sarah olhou para a ponta da bengala, ainda nivelada com a garganta de Lorde Ramsgate. Pareceu pressionar para frente, e pensou, não, ele não o faria... e então, rápido como Mercúrio, a bengala voou para trás, aliviando o aperto de Hugh por uma fração de segundos antes de firmá-la novamente e se afastar. Ele favorecia a perna lesionada, mas havia algo de arrojado em sua marcha irregular, algo quase gracioso.

E ainda era lindo durante o caminhar. Bastava qualquer um olhar.

Sarah sentiu-se expirar. Não estava certa de quando deu sua última respiração. Observou em silêncio Lorde Ramsgate erguer-se e retirar-se do quarto. Então olhou para a porta aberta, meio que esperando ele voltar.

— Sarah?

Vagamente, assimilou a voz de Hugh. Mas não conseguia desviar os olhos da porta, e ela estava trêmula... suas mãos tremiam e talvez seu corpo tremesse.

— Sarah, está bem?

Não. Ela não estava.

— Deixe-me ajudá-la.

Sentiu o braço de Hugh no ombro dela e de repente o tremor se intensificou e suas pernas... o que estava acontecendo com as pernas dela? Houve um barulho horrível, doloroso, e quando recuperou o fôlego, percebeu que desmaiou e então de repente estava nos braços dele, e ele a levava para cama.

— Está tudo bem. — Disse ele. — Tudo vai dar ficar bem.

Mas Sarah não era tola. E ela não se sentia bem.



Whipple Hill

Mais tarde naquela noite

A mão de Hugh pairou no ar por um longo momento antes de conectar-se com a porta em uma batida nítida. Não tinha certeza que tipo de confusão ocorreu entre alguns hóspedes, mas Sarah foi transferida para um quarto unicamente seu após regressarem de Whipple Hill. Honória, que chegou a White Hart com Marcus logo após Lorde Ramsgate ter partido, determinou que Sarah teria forçado o tornozelo e precisava descansar. Se alguém ficou curioso para saber por que não poderia fazer isso no quarto que compartilhava com Harriet, não disseram nada. Provavelmente ninguém nem percebeu.

Hugh também não tinha ideia de como Daniel estava explicando o olho roxo.

— Entre! — Era a voz de Honória. Isto não foi uma surpresa, não deixou o lado de Sarah, desde que eles retornaram.

— Estou interrompendo? — Hugh perguntou, tendo dado apenas dois passos para dentro do quarto.

— Não. — Honória disse, mas não viu se ela se virou para encará-lo. Só conseguia olhar para Sarah, que estava sentada na cama, uma montanha de travesseiros, apoiados nas costas. Estava vestindo a mesma camisola branca que... Deus amado! Foi apenas na noite anterior?

— Você não deveria estar aqui. — Disse Honória.

— Eu sei. — Mas não fez nenhum movimento para sair.

A língua de Sarah se lançou para fora, umedecendo os lábios dela. — Nós estamos noivos agora, Honória.

As sobrancelhas de Honória ergueram-se. — Sei tão bem quanto qualquer um que isso não significa que possa estar no seu quarto.

Hugh segurou o olhar de Sarah. Isto teria que ser decisão dela. Não iria forçá-la.

— Foi um dia incomum. — Sarah disse em voz baixa. — Esse dificilmente seria o momento mais escandaloso dele.

Ela parecia exausta. Hugh a segurou toda a volta para casa, até que seus soluços deram lugar a uma quietude angustiante. Quando olhou nos olhos dela, eles estavam em branco.

Choque. Ele conhecia bem.

Mas parecia mais com si mesma agora. Se não melhor, pelo menos havia melhorado.

— Por favor. — Disse ele, dirigindo a palavra à prima dela.

Honória hesitou por um momento e, em seguida, ficou de pé. — Muito bem. — Concordeu. — Mas voltarei em dez minutos.

— Uma hora. — Disse Sarah.

— Mas...

— O que de pior poderia acontecer? — Sarah perguntou com uma expressão incrédula. — Nós poderíamos ser forçados a nos casar? Isso já foi resolvido.

— Esse não é o ponto.

— Então, qual é o ponto?

A boca de Honória se abriu e fechou, enquanto olhava de Sarah para Hugh e para trás. — Eu deveria ser sua acompanhante.

— Não acredito que foi exatamente essa palavra que cruzou os lábios de minha mãe quando esteve aqui mais cedo.

— Onde está sua mãe? — Hugh perguntou. Não que estivesse planejando fazer qualquer avanço indesejável, mas como iria ficar sozinho com Sarah na próxima hora, parecia uma boa ideia saber.

— Jantando. — Respondeu Sarah.

Hugh beliscou a ponte de seu nariz. — Nossa, é tão tarde assim?

— Daniel nos disse que você dormiu, também. — Honória, disse com um sorriso gentil.

Hugh deu um pequeno aceno. Ou talvez fosse um chacoalhar de cabeça. Ou um revirar de olhos. Deve ter sido virado do avesso para que não pudesse sequer ter certeza. Quis ficar junto a Sarah quando voltaram de Whipple Hill, mas mesmo ele sabia que tal liberdade não seria tolerada pelos primos dela. E indo direto ao ponto, ficou tão exausto que tudo que pode fazer foi subir as escadas e rastejar em sua própria cama.

— Eles não estão esperando você. — Acrescentou Honória. — Daniel disse... er, não sei ao certo o que ele disse, mas sempre foi bom com desculpas críveis nestes assuntos.

— E o olho dele? — Hugh perguntou.

— Cotou que tinha um olho roxo quando conheceu Anne, então, apenas achou apropriado que estivesse com um novamente quando se casasse com ela.

Hugh piscou. — E Anne aceitou isso bem?

— Posso dizer honestamente que não tenho ideia. — Honória disse em uma voz afetada.

Sarah bufou e revirou os olhos.

— Mas... — Continuou Honória, seu sorriso furtivo de volta no rosto enquanto se levantava. — ...também posso dizer honestamente que estou muito feliz, de não estar presente quando o viu.

Hugh moveu-se para o lado quando Honória caminhou até a porta. — Uma hora. — Disse. Ela parou antes de entrar no corredor. — Você deveria trancar a

porta.

Hugh ficou surpreso. — Perdão?

Honória engoliu desconfortavelmente, e suas bochechas assumiram um rubor denunciador. — Sarah está descansando e não deseja ser incomodada.

Hugh pode apenas olhá-la em estado de choque. Estava lhe dando permissão para violar sua prima?

Demorou apenas um instante para que Honória percebesse onde os pensamentos dele o levaram. — Eu não quis dizer... oh, pelo amor de Deus. Não que qualquer um de vocês esteja em condições de fazer alguma coisa.

Hugh olhou de relance para Sarah. A boca dela estava aberta.

— Você não quer que alguém entre de repente enquanto vocês estão sozinhos. — Disse Honória, a pele dela agora num matiz de um morango levemente maduro. Ela estreitou os olhos para Hugh. — Ficará sentado na cadeira, entretanto.

Hugh limpou a garganta. — Entretanto.

— Seria altamente impróprio. — Disse ela, seguido por. — Vou embora agora. — E saiu apressadamente do quarto.

Hugh voltou-se para Sarah. — Foi embaraçoso.

— Seria melhor trancar a porta. — Disse Sarah. — Depois de tudo isso.

Ele estendeu a mão e virou a chave. — De fato.

Com Honória saindo, no entanto, ficaram sozinhos, sem alguém que pudessem confiar para imprimir um senso de normalidade, e Hugh encontrou-se em pé perto da porta, como uma estátua mal colocada, incapaz de decidir para onde levar seus pés.

— O que quis dizer. — Sarah deixou escapar. — Quando você disse “há homens que machucam mulheres”?

Ele sentiu sua testa se franzir. — Desculpe-me. Não sei...

— Ontem à noite. — Ela interrompeu. — Quando me encontrou, estava tão chateado e disse algo sobre homens que ferem as pessoas, homens que ferem as mulheres.

Seus lábios se separaram e sua garganta se fechou, sufocando quaisquer palavras que pudessem ter se formado ali. Como não poderia ter entendido o significado? Certamente ela não era tão inocente. Levou uma vida protegida, mas tinha que saber o que se passava entre um homem e uma mulher.

— Às vezes... — Começou lentamente, esta não era uma conversa que havia previsto. — ...um homem pode...

— Por favor. — Ela cortou. — Sei que os homens maltratam mulheres, o faz todos os dias.

Hugh quis recuar. Desejou que a declaração dela tivesse sido chocante, mas não foi. Era apenas a verdade.

— Você não estava generalizando. — Disse. — Pode ter pensado que sim, mas não estava. Sobre quem falava?

Hugh ficou muito quieto, e quando finalmente falou, não olhou para Sarah. — Minha mãe. — Disse, muito calmamente. — Certamente você já percebeu que meu pai não é um homem bondoso.

— Sinto muito. — Ela disse.

— Machucou-a na cama. — Disse Hugh, e de repente não se sentia muito bem. Sentiu câimbras no pescoço, e inclinou-se para um lado, tentando livrar-se do peso das suas lembranças. — Ele nunca a machucou fora da cama. Apenas nela. — Engoliu em seco. Tomou fôlego. — À noite podia ouvir seus gritos.

Sarah não falou. Era muito grato por isso.

— Nunca vi nada. — disse Hugh. — Se a marcou, foi sempre cuidadoso para fazê-lo onde não ficaria visível. Nunca mancou, não tinha contusões. Mas... — Olhou para Sarah; finalmente olhou para Sarah — ...eu podia ver nos olhos dela.

— Sinto muito. — Sarah disse outra vez, mas havia algo cauteloso em sua expressão, e depois de um momento ela desviou o olhar.

Hugh observou quando ela escondeu o queixo contra o ombro, as sombras bruxuleantes na garganta enquanto engolia em seco. Ele nunca a viu tão desconfortável, e por isso, tão pouco à vontade.

— Sarah. — Começou, e então se amaldiçoou por ser um idiota, porque ela olhou para cima, à espera de mais, e não fazia ideia do que deveria dizer. Sua boca ficou aberta sem palavras e os olhos dela caíram de volta para seu colo,

onde suas mãos estavam nervosamente amassando os lençóis.

— Sarah, gostaria... — Deixou escapar. E o quê? O quê? Por que não conseguia acabar uma maldita frase?

Ela olhou para cima novamente, esperando que continuasse.

— Eu nunca... faria isso. — As palavras se engasgaram em sua garganta, mas tinha que dizê-las. Precisava ter certeza de que ela entendeu. Ele não era seu pai. Nunca seria aquele homem.

Ela assentiu, um movimento tão leve que quase o perdeu.

— Feri-la. — Disse. — Nunca a machucaria. Eu nunca poderia...

— Eu sei. — disse abençoadamente, interrompendo suas confissões embaraçosas. — Você nunca faria isso... não precisava dizê-lo.

Balançou a cabeça, e se virou bruscamente afastando-se quando ouviu a si mesmo dar um suspiro curto e torturado. Era o tipo de som produzido logo antes de perder-se inteiramente, e ele não podia depois de tudo o que aconteceu naquele dia...

Ele não podia ir lá. Agora não. Então encolheu os ombros, como se um movimento despreocupado pudesse lançar tudo fora. Mas tudo isso só fez intensificar o silêncio. E Hugh encontrou-se na mesma posição que estava antes dela perguntar sobre sua mãe, congelado perto da porta, sem saber o que fazer.

— Você dormiu? — Sarah finalmente perguntou.

Ele assentiu e encontrou o momento para seguir em frente e se sentar na cadeira que Honória ocupou. Enganchou sua bengala sobre o braço e se virou para olhar para ela. — E você?

— Dormi. Estava acabada. Não, estava desfeita. — Ela tentou sorrir, e podia ver que estava envergonhada.

— Está tudo bem. — Ele começou a dizer.

— Não. — Deixou escapar. — Não está, realmente. Quer dizer, vai ficar, mas... — Ela piscou como um coelho encurralado, então disse. — Estava tão cansada. Acho que nunca estive tão cansada.

— É compreensível.

Ela olhou fixamente por um longo instante, então disse. — Não sei o que deu

em mim.

— Nem eu. — Admitiu. — Mas estou feliz que o fez.

Ela não falou durante alguns segundos. — Você terá que se casar comigo agora.

— Eu estava planejando perguntar. — Lembrou-a.

— Sei... — Virou a bainha do seu lençol. — ...mas ninguém gosta de ser forçado.

Ele estendeu a mão e agarrou a mão dela. — Eu sei.

— Eu...

— Você foi forçada. — Disse com veemência. — Não é justo, e se você quiser desistir...

— Não! — Ela recuou, parecendo surpresa com sua própria explosão.

— Quer dizer, não, não quero desistir. Eu realmente não posso.

— Você não pode. — Ele repetiu, com voz monótona.

— Bem, não. — Ela disse com os olhos faiscando de impaciência. — Você estava mesmo escutando hoje?

— O que escutei. — Ele disse com o que esperava fosse a paciência adequada. — Foi uma mulher, sacrificando-se.

— E isso não foi o que você fez? — Retrucou. — Quando você foi até seu pai e ameaçou se matar?

— Você não pode comparar os dois. Eu causei toda essa confusão maldita. Cabia a mim corrigi-la.

— Está com raiva porque você foi usurpado?

— Não! Pelo amor de... — Ele passou a mão pelo cabelo. — Não ponha palavras na minha boca.

— Não sonharia com isso. Você está fazendo é um bom trabalho por conta própria.

— Você não deveria ter ido para White Hart. — Ele disse em voz muito baixa.

— Nem sequer vou dignar uma resposta.

— Não sabia que tipo de perigos estava esperado por você.

Ela bufou. — Aparentemente, nem você!

— Meu Deus, mulher, por que é tão teimosa? Você não entende? Não posso te proteger!

— Não pedi para fazê-lo.

— Vou ser seu marido. — Disse com cada palavra cortando sua garganta no caminho para seus lábios. — É meu dever.

Os dentes dela estavam cerrados tão fortemente que o queixo tremia. — Você sabe. — Grunhiu. — Que desde esta tarde, ninguém, nem você, nem seu pai, nem mesmo meu primo me agradeceu?

Os olhos de Hugh voaram para os delas.

— Não, não diga isso agora. — Retrucou. — Acha que poderia acreditar em você? Fui para a pousada, porque estava muito assustada, porque você e Daniel tinham pintado um retrato de um louco, e tudo o que conseguia pensar era que ele iria te machucar...

— Mas...

— Não diga que nunca faria mal a você. Aquele homem é completamente louco. Ele cortaria seu braço, enquanto estivesse certo de que ainda poderia gerar crianças.

Hugh empalideceu. Sabia que era verdade, mas odiava que ela ainda tivesse que pensar nisso. — Sarah, eu...

— Não. — Apontou seu dedo indicador em direção dele. — Esta é a minha vez. Estou falando. Você fique quieto.

— Perdoe-me. — Disse ele, tão baixinho que as palavras eram apenas um sussurro nos lábios.

— Não. — disse ela, balançando cabeça como se tivesse acabado de ver um fantasma. — Não tem que ser bom agora. Você não pode implorar o meu perdão e espera que eu pare... pare... — A garganta dela convulsionou com um soluço de asfixia. — Entende o que me fez passar? Em um único dia?

As lágrimas corriam livremente por suas bochechas, e Hugh usou toda sua

força de vontade para não se inclinar para frente e beijá-las. Queria implorar-lhe para não chorar, pedir desculpas por este momento, e pelo futuro, porque sabia que isso aconteceria novamente. Ele poderia dedicar a vida a um dos seus sorrisos, mas em algum momento iria falhar e iria fazê-la chorar novamente e isso iria destruí-lo.

Pegou sua mão e apertou-a contra os lábios dele. — Por favor, não chore. — Ele implorou.

— Não estou. — Ela suspirou, limpando suas lágrimas com a manga da camisola.

— Sarah...

— Eu não estou chorando! — Soluçava.

Não discutiu. Em vez disso, se sentou ao lado da cama, e a abraçou e acariciou seus cabelos e murmurou sons sem sentido de conforto, até que cedeu ao seu lado, totalmente exausta.

— Não posso imaginar o que você acha de mim. — Finalmente sussurrou.

— Eu acho... — Ele disse com toda sua alma. — ...que você é magnífica. E que não a merecia.

Ela chegou e salvou o dia, tinha feito malditamente bem o que ele e Daniel não conseguiram em quase quatro anos, e fez isso enquanto Hugh estava amarrado a uma maldita cama. Talvez não no exato momento de seu triunfo, mas se foi liberado, era só porque foi a única a fazê-lo.

Ela salvou-o. E quando entendeu que as circunstâncias desta situação em particular eram únicas, entendeu que nunca seria capaz de protegê-la como um marido deveria proteger sua esposa.

Este era o momento onde qualquer homem que se preze iria afastar-se e permitir que ela se casasse com outra pessoa, alguém melhor.

Alguém inteiro.

Exceto que qualquer homem que se preze não teria entrado nesta situação, para começar. Hugh causou esse descalabro. Foi o único a ficar bêbado e desafiar um homem inocente para um duelo. Era o único com um pai louco espancador que precisava de uma ameaça de suicídio para deixar Daniel em paz. Mas era Sarah quem estava pagando o preço. E Hugh, mesmo se fosse aquele homem que se preze, não poderia afastar-se. Porque se o fizesse

colocaria Daniel em perigo. E Sarah ficaria mortificada.

E Hugh a amava demais para deixá-la partir.

Sou um bastardo egoísta.

— O quê? — Sarah murmurou, não movendo a cabeça do aconchego de seu peito.

Ele disse isso em voz alta?

— Hugh? — Ela mudou sua posição, seu queixo subindo para que pudesse ver seu rosto.

— Não posso deixar você partir. — Ele sussurrou.

— O que você está falando? — Ela se moveu novamente, se afastando, apenas o suficiente para que pudesse olhá-lo nos olhos.

Ela estava franzindo a testa. Não queria fazê-la a franzir a testa.

— Não posso deixar você partir. — Disse novamente, balançando a cabeça em um movimento minúsculo e lento.

— Vamos nos casar. — Disse. Cautelosamente, como se não tivesse certeza do por que estava dizendo. — Não tem que me deixar partir.

— Eu deveria. Não posso ser o homem que você precisa.

Tocou o rosto dele. — Isso não é para eu decidir?

Ele puxou um fôlego profundo, estremeando, fechando os olhos contra o horror da lembrança. — Eu odeio que você tenha visto meu pai hoje.

— Odeio isso, também, mas acabou.

Ele olhou-a com espanto. Quando se tornou tão calma? Cinco minutos antes, esteve soluçando e agora ela estava de olhos límpidos, observando-o com tanta paz e sabedoria que poderia quase acreditar que seu futuro seria brilhante e sem complicações.

— Obrigado. — Ele disse.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Por hoje. Por muito mais do que hoje, mas por enquanto vou ficar com hoje.

— Eu... — A boca dela se abriu em um oval indeciso, e então disse. — Parece uma coisa muito estranha o que você disse, mas... de nada.

Procurou o rosto dela, apesar de que aquilo não estivesse certo. Talvez só quisesse olhá-la, no calor profundo do chocolate de seus olhos e sua boca larga, exuberante que se estendia tão bem ao sorrir. Olhou-a com assombro e maravilhado, quando se lembrou da guerreira feroz daquela tarde. Se o defendeu tão bem, não podia imaginar como ela poderia ser como uma mãe, com sua própria carne e sangue para proteger.

— Eu te amo. — Disse com as palavras saindo de seus lábios. Não estava certo sobre dizê-las, mas agora não podia parar. — Não mereço você, mas eu te amo, e sei que nunca pensou em se casar com alguém sob tais circunstâncias, mas prometo que vou dedicar o resto da minha vida a sua felicidade.

Ele levou suas mãos à boca e beijou fervorosamente, quase desfeito pela força das suas emoções. — Sarah Pleinsworth. — Disse. — Você quer se casar comigo?

Lágrimas brilhavam em seus cílios, e os lábios dela tremiam quando disse. — Nós já...

— Mas eu não pedi. — Ele cortou. — Você merece ser consultada. Não tenho um anel, mas posso conseguir um mais tarde, e...

— Não preciso de um anel. — Ela deixou escapar. — Só preciso de você.

Tocou as bochechas dela, sua mão suavemente acariciando sua pele e então...

Beijou-a. Ele chegou sem pensar, esse desejo, essa fome. A mão dele afundou na grossa cascata de seus cabelos enquanto seus lábios devoravam o dela.

— Espere! — Ela ofegou.

Ele se afastou, mas apenas alguns centímetros.

— Amo você, também. — Ela sussurrou. — Você não me deu a chance de dizer-lhe isso.

Se tivesse alguma esperança de controlar seu desejo, foi perdida nesse momento. Ele beijou sua boca, orelha, garganta, e quando ela estava de costas e estava em cima dela, ele pegou o laço delicado que segurava a camisola dela unida entre os dentes e puxou soltando o nó.

Ela riu, um som gutural, maravilhoso que, no entanto, surpreendeu-o o tanto que o aqueceu naquele momento.

— Foi tão facilmente desfeito. — Ela disse com um sorriso desamparado. — Não pude deixar de compará-lo com os nós de seu pai nesta manhã. E estamos na cama, também!

Ele não pode deixar de sorrir, mesmo que a cama fosse o último lugar que sempre quis pensar sobre seu pai.

— Sinto muito. — Ela disse com uma risada. — Não pude evitar.

— Não a amaria tanto se você pudesse fazê-lo. — Ele brincou.

— O que isso significa?

— Só que você tem uma habilidade maravilhosa para achar graça nos lugares mais inesperados.

Tocou o nariz dele. — Achei graça em você.

— Precisamente.

Seus lábios se uniram em um sorriso bastante satisfeito. — Acho que... oh!

Claramente, ela notou a mão dele deslizando por sua perna.

— Você estava dizendo? — Ele murmurou.

Ela fez um pequeno e delicioso ruído quando ele encontrou a carne macia de sua coxa e, em seguida, disse em uma voz entrecortada. — Eu ia dizer que acho que não deveríamos ter um longo noivado.

Sua mão se arrastou mais para o alto. — Sério?

— Por causa de... Daniel... naturalmente, e... Hugh!

— Definitivamente por minha causa. — Disse, tomando seu lóbulo da orelha levemente entre os dentes. Mas pensando bem achou que sua exclamação tinha um pouco mais a ver com o calor suave que acabou de descobrir entre as pernas dela.

— Precisamos mostrar que desejamos cumprir nossa parte do acordo. — Ela disse, suas palavras pontuadas por gemidos e gritos suaves.

— Mmmm... hmmm... — Deixou um rastro suave pelo pescoço dela com seus lábios enquanto ponderava a sabedoria de deslizar um dedo dentro dela. Ele

tinha presença de espírito suficiente para estimar que tinham cerca de trinta minutos antes de sua prima retornar, certamente não haveria tempo suficiente para fazer amor com ela adequadamente.

Mas era tempo mais do que suficiente para dar-lhe prazer.

— Sarah? — Murmurou.

— Sim?

Tocou seus dedos no núcleo dela.

— Hugh!

Sorriu contra a pele dela quando deslizou um dedo em seu calor. Seu corpo estremeceu, mas não se afastou dele, e mesmo quando começou a mover-se dentro dela, seu polegar encontrou seu ponto mais sensível, pressionando levemente o nó antes de iniciar uma lenta e espiral pressão.

— O que é isso... eu não...

Ela não fazia qualquer sentido, e ele não queria que fizesse mesmo. Só queria que sentisse o prazer de seu toque, para saber que a idolatrava. — Relaxe. — Ele murmurou.

— Impossível.

Ele riu. Não tinha ideia de como estava mantendo seus próprios impulsos sob controle. Estava uma rocha dura, mas ainda no controle. Talvez fosse porque sua calça estava fazendo um bom trabalho em segurá-lo, talvez fosse porque soubesse que esse não era o momento nem o lugar.

Mas pensou... não, sabia que era porque ele só queria agradá-la.

Sarah.

Sua Sarah.

Queria ver o rosto dela quando chegasse ao clímax. Ele queria abraçá-la quando descesse tremendo do céu. Qualquer coisa que estivesse desejando poderia esperar. Este era para ela.

Mas quando isso aconteceu, e viu seu rosto e segurou-a enquanto o corpo dela cantou com felicidade, percebeu que foi para ele, também.

— Sua prima estará de volta em breve. — Disse uma vez que a respiração

dela voltara ao normal.

— Mas você trancou a porta. — Ela disse, sem se preocupar em abrir os olhos.

Ele lhe sorriu. Era adorável, quando estava com sono. — Você sabe que tenho que sair.

— Eu sei. — Ela abriu um olho. — Mas não tenho que gostar.

— Eu ficaria gravemente magoado se o fizesse. — Saiu da cama, grato que ainda estivesse totalmente vestido e pegou sua bengala. — Vejo você amanhã. — Disse, inclinando-se para soltar um último beijo na bochecha dela.

Então, antes que pudesse cair em tentação, atravessou o quarto até a porta.

— Ah! Hugh?

Virou-se para vê-la sorrindo como um gato para o leite. — Sim, meu amor?

— Disse que não precisava de um anel.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu preciso. — Mexeu os dedos dela. — Preciso de um anel. Só pra você saber.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.



Mais tarde naquela mesma noite.

Técnicamente, o dia seguinte

No entanto agora mesmo

A casa estava muito quieta enquanto Sarah andava na ponta dos pés pelos corredores no escuro da noite. Não cresceu em Whipple Hill, mas se somasse todas suas visitas certamente resultariam em mais de um ano.

Não seria exagero dizer que conhecia a casa como a palma de sua mão.

Nunca poderia conhecer uma casa como a que você percorria quando criança. Esconde-esconde foi o que assegurou que ela conhecesse cada porta de comunicação e cada escada traseira. Mas o mais importante foi quando alguém mencionou há vários dias que para Lorde Hugh Prentice foi dado o quarto verde da ala norte, sabia exatamente o que isso significava.

E a melhor forma de chegar lá.

Quando Hugh deixou o quarto naquela noite, apenas cinco minutos antes de Honória retornar, Sarah pensou que cairia num sono preguiçoso, luxurioso. Não

estava certa se entendeu o que exatamente ele fez com o corpo dela, mas achou quase impossível levantar até mesmo um dedo por algum tempo, depois que saiu. Ela se sentiu tão... saciada.

Mas apesar de seu contentamento físico absoluto, não dormiu. Talvez fosse devido a todos os cochilos que deu mais cedo, talvez tenha sido uma vítima de sua mente hiperativa (tinha muito em que pensar, afinal de contas), mas quando o relógio na lareira bateu uma da manhã, teve que aceitar que não conseguiria dormir naquela noite.

Isto deveria tê-la frustrado, não era alguém de bom humor quando muito cansada, e não queria estar rabugenta no café da manhã. Mas em vez disso, tudo o que conseguia pensar era que este período extra de vigília foi um presente, ou pelo menos devia considerá-lo como tal.

E presentes nunca devem ser desperdiçados.

Envolveu os dedos ao redor da maçaneta da porta do quarto verde da ala norte, cuidadosamente aplicou pressão até que sentiu o mecanismo dar um clique, e permitisse que a porta se abrisse em suas, felizmente dobradiças silenciosas.

Com movimentos muito cuidadosos, fechou a porta atrás de si, virou a chave na fechadura e na ponta dos pés andou em direção a cama. Um feixe de luz da luz pálida esparramava-se sobre o tapete, fornecendo luz suficiente para ver a forma adormecida de Hugh.

Ela sorriu. Não era uma cama grande, mas grande o suficiente.

Estava espalhado mais para o lado direito do colchão, ela apenas teria que dar a volta e se aconchegar no lado esquerdo, tomou um pequeno fôlego de coragem, e subiu devagar, com cuidado, avançou em direção a ele, até que estava perto o suficiente para sentir o calor que emanava de seu corpo. Chegou ainda mais perto, colocando suavemente a mão nas costas dele, que ficou encantada por descobrir que estavam nuas...

Ele acordou assustado, fazendo um som engraçado, de ronco, que não pode evitar deixar de rir.

— Sarah?

Ela sorriu flertando, mesmo que provavelmente não conseguisse vê-la na escuridão. — Boa noite.

— O que faz aqui? — Perguntou meio grogue.

— Você está reclamando?

Houve um momento de silêncio. E então, em um timbre rouco que ela reconheceu de mais cedo naquela noite. — Não.

— Senti sua falta. — Ela sussurrou.

— Aparentemente.

Ela cutucou o peito dele, mesmo tendo ouvido o sorriso em sua voz. — Você deveria dizer que sentiu minha falta também.

Seus braços a rodearam, e antes que pudesse dizer uma palavra, ele a puxou para cima dele, com as mãos levemente pressionadas no traseiro dela através da camisola. — Senti sua falta, também. — Disse.

Suavemente, beijou os lábios dele. — Vou me casar com você. — Ela disse com um sorriso bobo.

Ele retornou a expressão dela e, em seguida, rolou a ambos para que ficassem de lado, frente a frente.

— Vou me casar com você. — Ela disse novamente. — Eu realmente gosto de dizer isso, sabe.

— Eu poderia ouvir isso todos os dias.

— Mas a coisa é que... — Ela apoiou a cabeça no braço e lentamente estendeu seu pé, deixando seus dedos correr levemente ao longo de uma das pernas dele, que, encantou-a ao notar, que também estavam completamente nuas. — Apenas não consigo invocar a retidão moral necessária para uma mulher na minha posição.

— Uma escolha interessante de palavras, considerando sua posição atual na minha cama.

— Como eu estava dizendo, vou me casar com você.

A mão dele encontrou a curva de seus quadris, e a bainha da camisola começou a viajar através da perna dela enquanto seus dedos lentamente juntavam o tecido.

— E será um noivado curto.

— Muito curto. — Ele concordou.

— Tão curto, aliás, que... — Ofegou, ele conseguiu erguer a camisola dela até a cintura, e agora a mão dele estava apertando seu traseiro de uma maneira muito agradável.

— Você estava dizendo? — Murmurou, um de seus dedos se afastaram perversamente para o mesmo lugar que tinha lhe dado prazer mais cedo naquela noite.

— Apenas isso... talvez... — Tentou respirar, mas com tudo o que ele estava fazendo com ela, não tinha tanta certeza de que se lembrasse de como fazê-lo. — Não fosse tão impróprio se nos adiantássemos um pouco à frente de nossos votos.

Ele puxou-a mais perto. — Oh, será impróprio. Vai ser muito impróprio.

Ela sorriu. — Você é terrível.

— Posso lembrá-la que foi você que se esgueirou para a minha cama?

— Posso lembrá-lo que sou um monstro criado por você?

— Um monstro, é?

— Uma figura de linguagem. — Ela o beijou, suavemente, no canto de sua boca. — Não sabia que poderia me sentir assim.

— Nem eu. — Ele admitiu.

Ela se calou. Certamente não estava dizendo que nunca fez isso antes. — Hugh? Isto não é... é sua primeira vez?

Sorriu quando a puxou para seus braços e rolou ficando de costas. — Não. — Disse em voz baixa. — Mas bem que poderia ser. Com você, tudo é novo. — E então, enquanto ainda estava embriagada com a beleza dessa afirmação, ele a beijou profundamente.

— Eu amo você. — Disse e suas palavras quase se perderam contra a boca dela. — Te amo tanto.

Ela quis retornar o sentimento, queria sussurrar seu próprio amor contra a pele dele, mas sua camisola parecia ter derretido, e no momento em que seu corpo tocou o dela, pele contra pele, totalmente, ficou quase sem sentidos.

— Pode sentir o quanto te desejo? — Ele disse, seus lábios se movendo ao longo de sua face para sua têmpora. Empurrou seus quadris contra o dela, o comprimento duro dele pressionando implacavelmente contra seu ventre. —

Todas as noites. — Gemeu. — Todas as noites eu sonhei com você, e todas as noites tem sido assim, sem liberação. Mas esta noite... — Sua boca fez uma trilha lenta e perversa pelo pescoço dela — ...será diferente.

— Sim. — Suspirou, se arqueando embaixo dele. Estava tomando os seios dela, segurando-os nas mãos dele. Então ele lambeu os lábios...

Quase caiu da cama quando a levou em sua boca. — Oh meu... Oh meu... Oh meu... Oh meu... — Ofegou, segurando os lençóis debaixo dela puxando-os. Mal deu atenção para aquela parte de seu corpo antes. Eles pareciam ficar bonitos em um vestido, e foi avisada que os homens gostavam de olhar para eles, mas Deus do céu, ninguém lhe disse que seus seios poderiam lhe dar tanto prazer.

— Tive um pressentimento de que você gostaria disso. — Ele disse com um sorriso satisfeito.

— Por que sinto isso... em todos os lugares?

— Em todos os lugares? — Ele murmurou. Os dedos dele moveram-se entre as pernas dela. — Ou aqui?

— Em todos os lugares. — Ela disse sem fôlego. — Mas aí, acima de tudo.

— Realmente não consigo ter certeza. — Disse com uma voz provocante. — Temos que investigar o assunto, não acha?

— Espere. — Disse ela colocando uma mão no braço dele. Ele olhou-a, suas sobrancelhas subindo interrogativamente.

— Quero tocar em você. — Ela disse timidamente.

Viu o instante que ele entendeu o que ela quis dizer. — Sarah. — Disse com a voz rouca. — Isso pode não ser uma boa ideia.

— Por favor.

Ele puxou uma respiração irregular, enquanto pegava a mão dela e a levava lentamente para baixo de seu corpo. Ela observou seu rosto quando a desceu passando por suas costelas, abdômen... parecia que estava quase sentindo dor. Seus olhos fechados, e quando os dedos dela chegaram à pele suave e firme de sua masculinidade, ele gemeu audivelmente, sua respiração chegando a pequenos e quentes suspiros.

— Estou machucando você? — Ela sussurrou. Não foi o que esperava. Sabia o que se passava entre um homem e uma mulher, tinha primas mais velhas, e

mais do que poderia contar, e várias delas foram muito indiscretas. Mas não esperava que ele fosse assim tão... sólido. Sua pele era macia e suave como o veludo, mas por baixo...

Fechou a mão ao redor dele, estava tão compenetrada em sua exploração que nem percebeu a respiração suspensa que sacudiu o corpo dele. Por baixo, estava duro como pedra.

— É sempre assim? — Perguntou. Porque ele não parecia confortável, e não podia imaginar como os homens se encaixariam em suas calças.

— Não. — Respondeu asperamente. — Isso... muda. Com o desejo.

Pensando sobre isso, os dedos dela continuaram a acariciá-lo até que a mão dele fechou-se sobre a sua e a afastou.

Olhou-o apreensiva. Teria lhe desagradou de alguma forma?

— É demais. — Disse asperamente. — Não posso aguentar...

— Então não continuarei. — Ela sussurrou.

Ele estremeceu quando seus lábios voltaram para os dela, beliscando e provocando. Seus movimentos, uma vez lânguidos e sedutores, tornaram-se quentes e necessitados, e ela ofegou enquanto as mãos dele se espalmaram sobre suas coxas e empurraram as separadas.

— Não posso esperar mais. — Grunhiu, e ela sentiu-o na sua entrada.

— Por favor, me diga que está pronta.

— E... Eu acho que sim. — Sussurrou. Ela sabia que desejava algo. Quando tinha pressionado os dedos nela, anteriormente, foi a sensação mais incrivelmente íntima, mas o membro dele era muito maior.

A mão dele serpenteava entre seus corpos e a tocou da mesma forma que fez antes, embora não tão profundamente. — Meu Deus, você está tão molhada. — Ele gemeu, e então puxou sua mão, apoiando-se em cima dela. — Vou tentar ser gentil. — Prometeu, e então sua masculinidade estava de volta, empurrando lentamente para frente.

A respiração de Sarah ficou suspensa, e ficou tensa quando o atrito aumentou. Doe. Não muito, mas o suficiente para amenizar o fogo que vinha queimando dentro dela.

— Você está bem? — Perguntou ansioso.

Ela assentiu.

— Não minta.

— Estou quase bem. — Ela deu-lhe um sorriso fraco. — Verdade.

Começou a retirar-se. — Não deveríamos ter...

— Não! — Pôs seus braços firmemente ao redor dele. — Não vá.

— Mas você...

— Todo mundo me disse que dói a primeira vez. — Disse tranquilizadamente.

— Todo mundo? — Ele conseguiu dar um sorriso trêmulo. — De quem você está falando?

Um borbulhar nervoso de riso cruzou seus lábios. — Tenho um grande número de primas. Não Honória. — disse rapidamente, porque podia ver que era o que estava pensando. — Algumas das mais velhas que gostam de falar. Um pouco.

Ajeitou-se em cima dela, apoiando-se em seus antebraços para não esmagá-la com seu peso. Mas ele não disse nada. A partir do olhar de intensa concentração em seu rosto, ela não tinha certeza de que poderia falar.

— Mas depois fica melhor. — Murmurou. — Isso é o que elas disseram. Se o marido for gentil, fica muito melhor.

— Não sou seu marido. — Disse com voz rouca.

Afundou uma de suas mãos no cabelo grosso dele e puxou os lábios dele para baixo até os seus, sussurrando. — Você vai ser.

Foi sua ruína. Toda sua intenção de interromper foi posta de lado quando a capturou num beijo ardente. Ele moveu-se lentamente, mas com grande deliberação, até que de alguma forma, ela não tinha certeza de como conseguiram isso, seus quadris se encontraram, e foi totalmente revestido pelo interior dela.

— Eu te amo. — Ela disse, antes que pudesse perguntar se estava bem. Não queria mais perguntas, apenas paixão. Ele começou a se mover novamente, e eles caíram num ritmo que os levou para a borda do precipício.

E então, num momento de ofuscante beleza, ela estremeceu e apertou-se ao

redor dele. Ele enterrou o rosto no pescoço dela para abafar seu grito, e empurrou para frente uma última vez, derramando-se dentro dela.

Eles respiraram. Era tudo o que eles podiam fazer. Respiraram, e então dormiram.

Hugh despertou primeiro, e uma vez que se assegurou que ainda havia várias horas até o amanhecer, se permitiu simplesmente dar-se ao luxo de deitar ao lado de Sarah e assisti-la dormir. Depois de alguns minutos, no entanto, não pode mais ignorar as câibras na perna. Fazia algum tempo desde que usou seus músculos dessa forma, mas enquanto os esforços se provaram maravilhosos, as consequências não foram.

Movendo-se lentamente, para não acordar Sarah, deslizou para a posição sentada, esticando sua perna lesionada diante dele. Estremecendo, cravou os dedos no músculo, massageando-o com rigidez. Havia feito isso inúmeras vezes e sabia exatamente como localizar um nó e firmar o dedo nele, forte, até o músculo estremecer e relaxar. Doía como o diabo, mas era estranhamente um tipo de dor benigna.

Quando seus dedos se cansaram, mudou para a base de sua mão, movendo-a contra a perna num movimento circular, forte. Este foi seguido por um movimento, firme e abrangente, então...

— Hugh?

Virou-se ao som da voz sonolenta de Sarah. — Está tudo bem. — Disse com um sorriso. — Você pode voltar a dormir.

— Mas... — Ela bocejou.

— Faltam muitas horas ainda até o amanhecer. — Inclinou-se e beijou o topo da cabeça dela, em seguida, retornou para sua lenta e relaxante massagem muscular, voltando a usar os polegares contra os nós.

— O que você está fazendo? — Ela bocejou novamente, puxando-se em uma posição mais vertical.

— Não é nada.

— Sua perna dói?

— Só um pouco. — Ele mentiu. — Mas está muito melhor agora. — O que não era mentira. Sentia-se quase bem o suficiente para considerar a exercitar-se exatamente da mesma maneira que o colocou nesta situação.

— Posso tentar? — Ela perguntou em voz baixa.

Virou-se surpreso. Nunca lhe ocorreu que ela pudesse desejar aplicar lhe tal massagem. A perna dele não era bonita, entre a fratura e a bala (devido à deslealça sondagem do médico para remover a bala), sua pele ficou enrugada e com cicatrizes, repuxada firmemente ao longo de um músculo que não tinha mais a forma longa e lisa, com o qual havia nascido.

— Eu poderia ser capaz de ajudá-lo. — Disse em voz baixa.

Seus lábios se separaram, mas as palavras não surgiram. As mãos dele estavam cobrindo o pior de suas cicatrizes, e não conseguia levantá-las de sua perna. Estava escuro, e sabia que ela não seria capaz de ver os feios e repuxados vergões, pelo menos não muito bem.

Mas eram repulsivos. E era um lembrete desagradável do erro mais egoísta de sua vida.

— Diga-me o que fazer. — Disse, colocando suas mãos perto da dele.

Ele assentiu bruscamente e cobriu uma de suas mãos com a dela. — Aqui. — Disse, dirigindo-a para o mais intransigentes dos nós.

Ela pressionou os dedos para baixo, mas não com a pressão suficiente.

— Está certo?

Usou a mão para empurrar a dela com mais força. — Assim.

Ela capturou o lábio inferior entre os dentes e tentou novamente, desta vez atingindo profundamente aquele ponto terrível no qual restava seu músculo. Ele gemeu, e ela imediatamente desistiu. — Eu fiz...

— Não. — Ele disse. — Foi bom.

— Tudo bem. — Ela lhe deu um olhar hesitante e voltou ao trabalho, parando por poucos segundos para esticar seus dedos.

— Às vezes uso meu cotovelo. — Disse para ela, que ainda se sentia um pouco insegura.

Olhou-o com curiosidade, depois encolheu os ombros e tentou sua sugestão.

— Oh, meu Deus. — Ele gemeu, caindo sobre os travesseiros. Por que o músculo sentia-se muito melhor quando outra pessoa fazia aquilo?

— Eu tenho uma ideia. — Ela disse. — Deite-se de lado.

Honestamente, não achou que pudesse se mover. Ele conseguiu levantar uma mão, mas só por um segundo. Parecia desossado. Não poderia haver outra explicação.

Ela riu e o virou sobre ele mesmo, afastando-o dela, para que sua perna ferida estivesse por cima. — Você deve esticá-la. — Ela disse segurando o joelho dele no lugar, enquanto dobrava sua perna, trazendo o tornozelo para suas nádegas.

Ou melhor, a meio caminho de lá.

— Você está bem? — Perguntou.

Ele assentiu, sacudindo de dor. Mas era... bem, talvez não uma dor boa, mas muito útil. Podia sentir algo afrouxando em sua carne, e quando se deitou novamente sobre suas costas e ela gentilmente massageou o músculo dolorido, era quase como se algo preso estivesse deixando-o, e subindo através de sua pele e se afastando de sua alma. Sua perna latejava, mas seu coração estava mais leve, e pela primeira vez em anos, o mundo parecia estar cheio de possibilidades.

— Eu te amo. — Ele disse. E pensou consigo mesmo: com essa já foram cinco. Havia dito isso cinco vezes. Não era o suficiente.

— E eu amo você. — Ela inclinou-se e beijou-lhe a perna.

Ele tocou o próprio rosto e sentiu as lágrimas. Não percebeu que estava chorando. — Eu te amo. — Disse novamente.

Seis.

— Eu te amo.

Sete.

Ela olhou para cima com um sorriso perplexo.

Ele tocou-lhe seu nariz. — Eu te amo.

— O que está fazendo?

— Oito. — Ele disse em voz alta.

— O quê?

— Com essa são oito vezes que já disse isso. Eu te amo.

— Você está contando?

— Agora, são nove e... — Ele encolheu os ombros — ...sempre conto. Você deveria saber disso agora.

— Não acha que deve terminar a noite com pelo menos dez?

— Já era manhã antes de você chegar aqui, mas sim, tem razão. E eu te amo.

— Você já disse isso dez vezes. — Disse, aproximando-se para um beijo suave e lento. — Mas o que quero saber é, quantas vezes você já pensou?

— Impossível contar. — Disse contra os lábios dela.

— Até mesmo para você?

— Infinito. — Ele murmurou, deslizando de costas para o colchão. — Ou talvez..

Infinito mais um.

Epílogo



Pleinsworth House

Londres

Na primavera seguinte.

Casamento ou morte: as únicas duas maneiras de evitar o recrutamento para o Quarteto Smythe-Smith. Ou talvez, mais precisamente: as únicas duas maneiras de desvencilhar-se de suas garras.

Era por isso que ninguém conseguia entender (exceto Íris, mas será acrescentado algo a respeito disso posteriormente) como isso transcorria durante três horas, tempo que o Quarteto Smythe-Smith levaria no palco em sua noite musical anual, e Lady Sarah Prentice, recentemente casada e muito feliz, iria ter que se sentar no piano, cerrar os dentes e tocar.

A ironia, Honória disse à Sarah, era primorosa.

Não, Sarah disse a Hugh, a ironia não era primorosa. A ironia deveria ter sido espancada com um taco de críquete e selada dentro do chão.

Se a ironia tivesse uma forma corpórea, é claro. O que não aconteceu, para

grande desapontamento de Sarah. A possibilidade de balançar um taco de críquete em algo diferente de uma bola de críquete positivamente alteraria sua vida.

Mas não havia nenhum taco disponível na sala de música de Pleinsworth, então em vez disso apropriou-se do arco de violino de Harriet e foi usá-lo da maneira que Deus certamente tencionaria fazer.

Para ameaçar Daisy.

— Sarah! — Daisy gritou.

Sarah grunhiu. Ela na verdade rosnou.

Daisy correu para se esconder atrás do piano. — Íris, faça-a parar!

Íris levantou uma sobrancelha, como se dissesse: — Você realmente acha que me levantaria desta cadeira para ajudar você, minha irmã mais nova, extremamente irritante, hoje ou qualquer outro dia?

E sim, Íris sabia como dizer tudo isso com um sarcástico e peculiar levantar de sobrancelha. Era um talento notável, realmente.

— Tudo o que fiz. — Daisy fez beicinho. — Foi dizer que ela poderia melhorar sua postura. Quis dizer, verdadeiramente.

— Precedentemente. — Íris disse em uma voz muito seca. — Pode não ter sido a melhor escolha de palavras.

— Ela vai nos fazer parecer ruins!

— Ela. — Sarah disse ameaçadoramente. — É a única razão pela qual você tem um quarteto.

— Ainda acho difícil de acreditar que não tinha ninguém disponível para tomar o lugar de Sarah no piano. — disse Daisy.

Íris ficou boquiaberta. — Você diz isso como se suspeitasse que Sarah tivesse jogado sujo.

— Oh, ela tem boa razão para suspeitar de jogo sujo. — Disse Sarah, avançando com o arco.

— Estamos ficando sem primas. — Disse Harriet, brevemente, olhando para cima a partir de suas anotações. Passou toda a alteração escrevendo. — Depois de mim há apenas Elizabeth e Frances antes que tenhamos de entregar

para uma nova geração.

Sarah deu um último olhar penetrante em Daisy, um antes de devolver o arco de Harriet. — Não farei isso novamente. — Avisou. — Não me importo se tiverem que reduzir para um trio. A única razão pela qual estou tocando esse ano é...

— Porque você se sentiu culpada. — Disse Íris. — Bem, você se sente. — Acrescentou quando seu comentário foi recebido com nada mais que silêncio. — Ainda se sente culpada por abandonar-nos no ano passado.

Sarah abriu a boca. Era sua inclinação natural discutir quando acusada de algo, erroneamente ou não (e neste caso, não). Mas então viu seu marido, em pé na soleira da porta com um sorriso no rosto e uma rosa na mão, e então disse. — Sim. Sim, eu me sinto.

— Sente? — Íris perguntou.

— Sim. Peço desculpas a você, e você... — Acenou com a cabeça em direção a Daisy — ...e provavelmente a você também, Harriet.

— Ela nem sequer tocou ano passado. — Disse Daisy.

— Sou a irmã mais velha dela. Com certeza, devo-lhe desculpas por alguma coisa. E se vocês me dão licença, estou saindo com Hugh.

— Mas estamos praticando! — Daisy protestou.

Sarah deu-lhe um aceno jovial. — Adeusinho!

— “Adeusinho?” — Hugh murmurou no ouvido dela enquanto caminhavam para sala de música. — Você disse “adeusinho?” — Somente para Daisy.

— Você é realmente uma excelente provocadora. — Ele disse. — Não precisa tocar este ano.

— Não, acho que devo. — Ela nunca iria admitir isso em voz alta, mas quando percebeu que era a única pessoa capaz de salvar o musical anual... bem, não podia deixá-lo morrer. — A tradição é importante. — Disse, mal conseguindo acreditar nas palavras que saíram de sua boca. Mas mudou desde que se apaixonou. E, além disso...

Pegou a mão de Hugh e colocou em seu ventre. — Pode ser uma menina.

Demorou um instante. E então. — Sarah?

Ela assentiu.

— Um bebê?

Assentiu novamente.

— Quando?

— Novembro, eu acho.

— Um bebê. — Ele disse novamente, como se não pudesse acreditar.

— Você não deveria estar tão surpreso. — Brincou. — Afinal de contas...

— Ela precisará tocar um instrumento. — Ele interrompeu.

— Ela pode ser um menino.

Hugh olhou-a com humor seco. — Isso seria muito incomum.

Ela riu. Só Hugh faria tal brincadeira. — Eu te amo, Hugh Prentice.

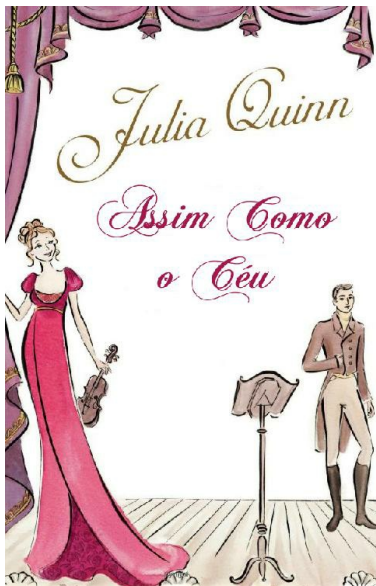
— E eu te amo, Sarah Prentice.

Eles retomaram a caminhada em direção a porta, mas depois de apenas dois passos, Hugh se inclinou e sussurrou em seu ouvido. — Duas mil.

E Sarah, porque era Sarah, riu e disse. — Só isso?

A Série – Quarteto Smythe-Smith

Livro 1 – Assim Como o Céu



Honorina Smythe-Smith é parte do famoso quarteto musical Smythe-Smith, embora não se engane e saiba que o dito quarteto carece sequer do menor sentido musical e tem esperanças postas que esta seja a última vez que se submeta a semelhante humilhação. Esta será sua temporada e com um pouco de sorte conseguirá um marido.

Durante um jantar, põe seus olhos em Gregory Bridgerton, um dos mais

jovens da família Bridgerton. Sabe que não está apaixonada, mas ele parece uma opção mais que válida.

Marcus Holroyd é o melhor amigo do irmão de Honoria, Daniel, que vive exilado na Itália. Ele prometeu olhar por ela e leva suas responsabilidades muito seriamente. Odeia Londres e durante toda a temporada, permaneceu vigilante e intermediou quando acreditava que o pretendente não era o adequado.

Honoria e Marcus compartilham uma amizade, pouco atípica, fruto dos anos que se conhecem e que o torna parte da família. Entretanto, um desafortunado acidente faz que ambos repensem sua relação e encontrem a maneira de confrontar o que surge entre eles, se tiverem coragem suficiente.

HONORIA SMYTHE-SMITH

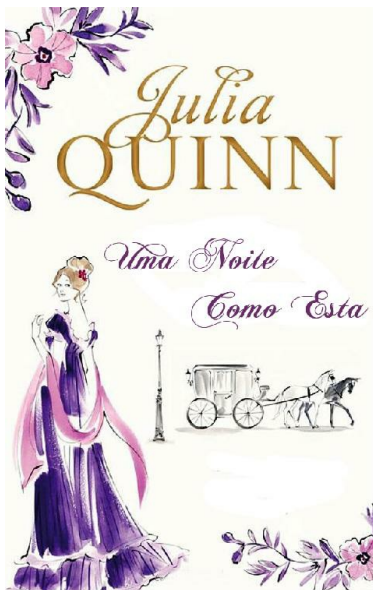
- a) É verdadeiramente uma má violinista.
- b) Ainda se incomoda de que a chamassem de Percevejo quando era uma menina.
- c) NÃO está apaixonada pelo melhor amigo de seu irmão mais velho.
- d) Todas as alternativas anteriores.

MARCUS HOLROYD

- a) É o Conde de Chatteris.
- b) É infelizmente propenso a torcer um tornozelo.
- c) NÃO está apaixonado pela irmã mais nova de seu melhor amigo.
- d) Todas as alternativas anteriores.

JUNTOS ELES:

- a) Comem enormes porções de bolo de chocolate.
- b) Sobrevivem a uma febre mortal e a pior noite musical do mundo.
- c) Apaixonam-se desesperadamente.



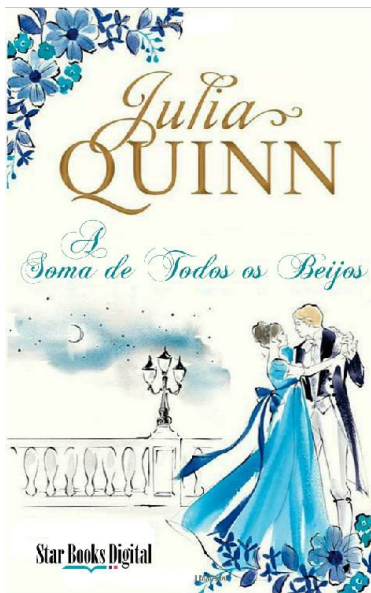
ANNE WYNTER PODE NÃO SER QUEM ELA DIZ QUE É...

Mas ela está se saindo muito bem como governanta de três bem nascidas jovens damas. Seu trabalho pode ser um desafio; em uma única semana ela se encontra escondida em um armário cheio de tubas, brincando de rainha má em um jogo que poderia ser uma tragédia (ou poderia ser uma comédia, ninguém sabe), e com tendência a ferir o oh-tão-arrojado Conde de Winstead. Depois de anos se esquivando de avanços indesejados, ele é o primeiro homem que verdadeiramente a tenta, e está ficando cada vez mais difícil se lembrar de que uma governanta não tem nada que flertar com um nobre.

DANIEL SMYTHE-SMITH PODE ESTAR EM PERIGO MORTAL...

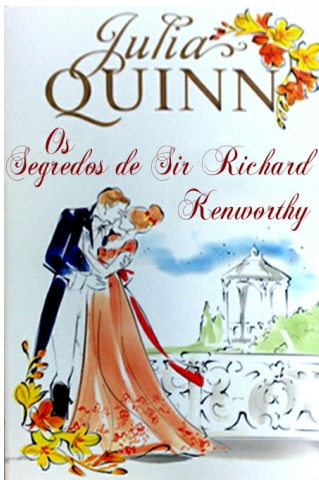
Mas isso não vai impedir o jovem conde de se apaixonar. E enquanto ele espia uma mulher misteriosa no musical anual de sua família, ele promete persegui-la, mesmo que isso signifique passar seus dias com um menino de dez anos de idade que pensa que ela é um unicórnio.

Porém, Daniel tem um inimigo, aquele que jurou vê-lo morto. E quando Anne fica em perigo, nada irá detê-lo até que garanta o seu final feliz.



Sarah Pleinsworth não consegue perdoar Hugh Prentice pelo duelo que travou há três anos e que quase destruiu sua família, resultando na fuga de seu primo e deixando o próprio Hugh com uma perna gravemente ferida.

Tudo bem que Hugh não podia tolerar as maneiras dramáticas de Sarah. Mas quando os dois são forçados a passar uma semana juntos, acham que os beijos inesperados e a paixão mútua, poderiam fazê-los mudar de ideia...



Sir Richard Kenworthy tem menos de um mês para encontrar uma noiva. Ele sabe que não pode ser muito exigente, mas quando vê Iris Smythe-Smith que se esconde atrás de seu violoncelo no musical infame de sua família, ele acha que poderia ser a noiva perfeita. Ela é o tipo de garota que você não percebe até a segunda ou terceira olhada, mas há algo sobre ela, algo fervendo sob a superfície, e ele sabe que ela é a única.

Iris Smythe-Smith está acostumado a ser subestimada. Com seu cabelo claro e tranquilo, sagacidade tende a misturar, e ela gosta desse jeito. Richard Kenworthy exige por isso, quando uma introdução, ela é suspeita. Ele flerta, ele encanta, ele dá a cada impressão de um homem se apaixonar, mas ela não consegue acreditar que é tudo verdade. Quando sua proposta de casamento transforma-se em uma posição comprometedoras fez força o problema, ela não pode deixar de pensar que ele está escondendo alguma coisa fez....mesmo que seu coração lhe diz para dizer sim.

A Autora



Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 8 milhões de exemplares vendidos, sendo 3,5 milhões da série Os Bridgertons. É formada pelas universidades Harvard e Radcliffe. Seus livros já entraram na lista de mais vendidos do The New York Times e foram traduzidos para 26 idiomas. Foi a autora mais jovem a entrar para o Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos, e atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.



Mais Livros Digitais em

<http://starbooksdigital.blogspot.com.br>

{1} Vinho de excelente qualidade da Ilha da Madeira, situada no Oceano Atlântico a sudoeste da costa portuguesa.

{2} O significado é de acontecer ou passar pelo mesmo momento, ou seja, ter a impressão de algo que já aconteceu quando está acontecendo.

{3} Flores conhecidas também como Sinos Dourados.

{4} Antigo nome do ácido sulfúrico concentrado,

Table of Contents

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[A Série - Quarteto Smythe-Smith](#)

[A Autora](#)

[Star Books Digital](#)